**RAÇA, CULTURA E DISPUTA TERRITORIAL:
O CASO DO PRÍNCIPE NEGRO DA CIDADE TIRADENTES**

Gleuson Pinheiro Silva
Orientadora: Ana Barone

São Paulo
Março de 2020

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO

Gleuson Pinheiro Silva

**RAÇA, CULTURA E DISPUTA TERRITORIAL:
O CASO DO PRÍNCIPE NEGRO DA CIDADE TIRADENTES**

Dissertação apresentada à Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em Arquitetura e Urbanismo na área de concentração Projeto, Espaço e Cultura.

Orientadora: Ana Cláudia Castilho Barone

EXEMPLAR REVISADO E ALTERADO EM RELAÇÃO À VERSÃO ORIGINAL,
SOB RESPONSABILIDADE DO AUTOR E ANUÊNCIA DA ORIENTADORA.

A versão original, em formato digital, ficará arquivada na Biblioteca da Faculdade

São Paulo, 31 de agosto de 2020

Resumo

Esse trabalho trata da história da Escola de Samba Príncipe Negro, uma agremiação atualmente sediada no bairro de Cidade Tiradentes e que disputa a quinta divisão do carnaval paulistano. A Escola foi fundada no bairro de Vila Prudente, na década de 1960, e devido a saída de boa parte dos moradores negros do bairro, não pode permanecer nele. No decorrer da década de 1980, a agremiação mudou-se para Cidade Tiradentes, acompanhando parte de seus componentes que, desalojados da Vila Prudente, foram se estabelecer no bairro da extrema periferia leste da cidade.

O processo de construção da Avenida Professor Luís Ignácio de Anhaia Mello, na Vila Prudente, foi identificado como um episódio bastante significativo para a transformação do bairro e para a consequente saída dos componentes da agremiação daquela localidade.

A história da agremiação não estava documentada e esse trabalho apoia-se em história oral e no levantamento de documentos produzidos durante a trajetória da Escola no carnaval da cidade, e também em registros realizados pela imprensa. Da mesma maneira, o processo de construção da Avenida Anhaia Mello, não estava registrado e recorreremos aos Anais da Câmara e a imprensa para compreender as origens do projeto, e também aos arquivos de processos do Departamento de Desapropriações da prefeitura para conhecimento do contexto de implantação.

A fundação do Príncipe Negro na Vila Prudente se apresenta como um importante indicio da presença da população negra na constituição de diversos bairros. Esta presença é omitida pela historiografia oficial e pelas narrativas dominantes sobre a formação da cidade. Além disso, a trajetória da agremiação de Vila Prudente para Cidade Tiradentes nos permite observar uma relação entre a localização das agremiações na hierarquia dos espaços da cidade e sua posição na hierarquia do carnaval.

Palavras chave: Escolas de Samba, Periferia, Urbanização, Raça, Negro, Vila Prudente, Cidade Tiradentes.

Abstract

This research deals with the history of the Príncipe Negro Samba School, an association currently based in the neighborhood of Cidade Tiradentes and disputing the fifth division of the São Paulo carnival. The School was founded in the neighborhood of Vila Prudente, in the 1960s, and due to the departure of a large part of the black residents of the neighborhood, it cannot remain in it. During the 1980s, an association moved to Cidade Tiradentes, accompanied part of its components, displaced from Vila Prudente, and was created in the extreme eastern suburb of the city.

The construction process of Avenida Professor Luís Ignácio de Anhaia Mello, in Vila Prudente, was identified as a very significant episode for the transformation of the neighborhood and for the consequent departure of the components of the local economic association.

The history of the association was not documented and this work was based on oral history and the collection of documents used during a trajectory at the city's carnival school and also on records recorded by the press. In the same way, the construction process of Avenida Anhaia Mello, was not registered and returned to the Annals of the Chamber and a press to understand how the project originated, and also to file files of the Municipal Expropriation Department for Knowledge of the Implementation Context .

The Príncipe Negro Foundation in Vila Prudente presents as an important indicator of the presence of the black population in the constitution of several neighborhoods. This presence is omitted by the official historiography and the dominant narratives about the formation of the city. In addition, a trajectory from the Vila Prudente association to the city of Tiradentes allows us to observe a relationship between the location of the associations in the hierarchy of city spaces and their position in the carnival hierarchy.

Keywords: Samba Schools, Periphery, Urbanization, Race, Negro, Vila Prudente, Cidade Tiradentes.

Esse trabalho só foi possível com apoio, ajuda e orientação fraterna dos companheiros de pesquisa do Laboratório Raça e Espaço Urbano, LabRaça, da FAU USP.

Agradeço à Ana Barone por ter aceitado orientar essa dissertação, pela paciência, e entusiasmo inspirador.

A Amailton Magno Azevedo e Marcos Virgílio pelas contribuições na Banca de Qualificação.

Às Escolas de Samba onde estudei, especialmente à minha família do samba, os Rodrigues. André Maranhão, meu irmão do samba, sempre com observações precisas.

Ao Abílio Ferreira, pelo interesse, disposição e ajuda fraterna.

Ao Marcio Coelho pelas leituras e ajudas nas correções.

Ao Rodrigo Dias do SASP, sempre prestativo quando precisei desse acervo fundamental do samba paulistano – e não foram poucas vezes.

Minha família que dá o suporte fundamental.

Agradeço à CAPES pelo apoio financeiro através de bolsa de mestrado.

SUMÁRIO

ABRE ALAS	13
1. COMISSÃO DE FRENTE: O PRÍNCIPE NEGRO DA VILA PRUDENTE (1964-1983)	27
1.1. Negros bonitos, príncipes negros: contexto de fundação e tensões identitárias	30
2. QUESITO EVOLUÇÃO: EMBRANQUECIMENTO DO FOLGUEDO NEGRO	55
2.1. Escola de Samba e a cidade	59
2.2. A oficialização e o embranquecimento do carnaval paulista (1968-1984)	75
3. ALEGORIAS E ADEREÇOS: AVENIDA ANHAIA MELLO E A EXPULSÃO DOS NEGROS (1958-1975)	85
3.1. A presença do Príncipe Negro na Vila Prudente	88
3.2. Avenida Professor Luís Ignácio de Anhaia Mello: do projeto à implantação	111
4. DESTAQUES DE LUXO: PERÍODO DE DISPUTA (1983-1994)	153
4.1. A TV e o carnaval espetáculo (1985-1990)	157
4.2. A união e a desestruturação: União Independente da Vila Prudente (1983-1994)	166
5. DISPERSÃO: SAMBÓDROMO – ‘TÚMULO DO SAMBA’?	181
5.1. O Sambódromo do Anhembi	185
5.2. Cidade Tiradentes como Cidade Negra	196
APURAÇÃO	225
REFERÊNCIAS	235

ABRE ALAS

"Onde a crise vivida e a crise sistêmica se juntam, o marxismo atribui prioridade à última, ao passo que a memória da escravidão insiste na prioridade da primeira. Sua convergência também é solapada pelo simples fato de que, no pensamento crítico dos negros no Ocidente, a autocriação social por meio do trabalho não é peça central das esperanças de emancipação. Para os descendentes de escravos, o trabalho significa apenas servidão, miséria e subordinação. A expressão artística, expandida para além do reconhecimento oriundo dos rancorosos presentes oferecidos pelos senhores como substituto simbólico para a liberdade da sujeição torna-se, dessa forma, o meio tanto para a automodelagem individual como para a libertação comunal".

PAUL GILROY

"Moduladas pelo sentimento de comunidade carnavalesca, pelo samba, saberes orais-acústicos, relações familiares e de amizade, os grupos populares negros instituíram uma narrativa histórica multicêntrica; que se difundiu em vários espaços geográficos – do centro à margem, de norte a sul, de oeste a leste. Por toda São Paulo há vestígios dessa memória, apesar da tragédia urbana brasileira no século XX que promoveu segregações sócio espacial do negro e do pobre empurrando-os para os morros, periferias e franjas da cidade".

AMAILTON MAGNO AZEVEDO

Nesta dissertação, estudamos a Escola de Samba Príncipe Negro, fundada na Vila Prudente, mas atualmente sediada na Cidade Tiradentes, no extremo leste da cidade. A agremiação disputa as últimas divisões do carnaval. A história do Príncipe Negro, como a de diversas agremiações da cidade que não figuram nas primeiras divisões do carnaval, não está registrada. Assim, a esse projeto impõe-se, entre outros, o desafio de construir uma história da Escola.

O trabalho parte da hipótese de que a fundação da Príncipe Negro era uma importante evidência da significativa presença negra na Vila Prudente, dado que nos leva a um questionamento em relação ao uso do termo 'território negro' pela bibliografia que trata da história da população negra na cidade.

Nossa inquietação procede de observar que a população negra não esteve circunscrita aos territórios negros da cidade indicados com insistência recorrente pela bibliografia consolidada, a exemplo do Bixiga, da Barra Funda, do Glicério e da Casa Verde. A bibliografia que trata desse tema (BRITTO, 1986; ROLNIK, 1989 e 1997; SIMSON, 2007; OLIVEIRA, 2008) buscou definir 'território negro' – ou utilizou essa definição – como uma maneira de discutir a questão do negro “de um ponto de vista físico-territorial” (ROLNIK, 1989, p.1):

Nossa intenção, ao delinear grosseiramente esse quadro, é demonstrar que existe um território negro específico nessas cidades, território que tem uma história, uma tradição. Embora tal quadro careça ainda de um trabalho empírico mais profundo e detalhado para se consolidar, é perfeitamente plausível falar-se em segregação racial, discriminação e dominação branca nessas sociedades: a história do Rio e de São Paulo é marcada pela marginalização e estigmatização do território negro (ROLNIK, 1989, p1).

Pesquisas que se sucederam puderam demonstrar que a segregação, marginalização e estigmatização marcaram os espaços ocupados pelo negro em São Paulo após a abolição. Entretanto, conforme argumenta Maria Cristina Wissenbach, o “processo de afastamento dessas populações do âmbito citadino antecedeu a organização burguesa do espaço urbano”. Às vésperas da abolição, em São Paulo, a autosegregação da população negra apresentava-se como uma maneira de evitar, principalmente no caso dos libertos, ser confundido com um escravizado fugitivo. Para o estabelecimento nessas localidades no

entorno da cidade, era fundamental a constituição de “redes de solidariedade, parentesco e vizinhança” (WISSENBACH, 1998, p.152). Se no fim do século XIX essas estratégias de pulverização pelo território visavam preservar a alforria conquistada, após a abolição, nas primeiras décadas do século XX, a manutenção dessas redes apresentava-se como alternativa de enfrentamento do racismo, marginalização e estigmatização apontados por Rolnik.

Retomando o excerto anterior, parece-nos também que as pesquisas posteriores fizeram uma interpretação da afirmação de que “existe um território negro específico nessas cidades” em um sentido exclusivamente espacial. Dessa maneira, buscaram localizar e, principalmente, delimitar esses espaços na cidade. Além disso, ao apresentarem a expulsão e deslocamento da população negra para outros núcleos nas novas periferias, reafirmaram essas delimitações¹.

Esse modelo de análise, ao delimitar um território negro, subentende que toda a cidade fora dessa fronteira é “cidade branca”, conforme argumenta Stella Paterniani (2018, p.24). Dessa maneira, essa interpretação tem contribuído para a invisibilização da presença negra em diversos bairros da cidade, à mediada que ela se expandiu – como pudemos observar no caso da Vila Prudente. Além disso, segundo Paterniani, essa narrativa endossa a “ficção” da construção da cidade pelo “trabalhador branco”²:

Mas essa divisão da cidade em operária e burguesa endossa a grande narrativa da São Paulo cidade industrial-branca, que ora a) desconsidera a vida não-branca que acontece não só nos terreiros e nas ruas, mas que de fato move e constrói a cidade, ora b) considera a vida não-branca como extraordinária, quase folclórica, à margem da urbanização e da cidade oficial (Idem, 87).

A classificação das atividades ou organizações características da população negra como “extraordinárias” referenda o trabalho como atividade branca e perpetua os conhecidos estigmas de malandragem e vadiagem associados as outras atividades, que não sejam o trabalho, que os negros venham a desenvolver.

A significativa presença negra na Vila Prudente não foi registrada pela historiografia dos bairros da cidade e nem é mencionada nas narrativas oficiais. Porém, aparece documentada nas notícias de jornal sobre a Escola de Samba Príncipe Negro, por exemplo. Assim, a história de uma instituição caracteristicamente negra permanece como uma importante

1. Rolnik (2007) e Oliveira (2008) utilizam os dados dos Censos de 1989 a 2001 para determinar bairros que constituiriam os novos territórios negros da cidade no final do século XX, dada a alta concentração da população negra nessas localidades.

2. Dessa forma, o trabalho da população negra, presente em todo o território da cidade, não é considerado “presença”. É, portanto, uma maneira de invisibilização.

forma de encontrar registros da presença negra em um conjunto de espaços muito maior do que os registrados nas mencionadas pesquisas.

A presença do Príncipe Negro na Vila Prudente também nos permite questionar a historiografia oficial dos bairros da cidade. Uma importante referência é o trabalho de Nestor Goulart Reis Filho (1991) no qual a Vila Prudente é apresentada como bairro de imigrantes italianos ou operário – devido à presença de fábricas desde o loteamento original. Narrativas mais recentes tem se referido à região como local de grande presença de imigrantes provenientes do leste da Europa e, como veremos, esse tem sido o discurso adotado inclusive pelo mercado imobiliário para vender imóveis no local.

O que nos interessa não é apontar a Vila Prudente como a descoberta de um novo território negro da cidade, mas defender que essa história ainda não contada do bairro indica que a cidade, ou melhor, a metrópole de São Paulo pode ser analisada em sua totalidade, como uma metrópole negra (AZEVEDO, 2006, p.51). Dessa forma, é possível contribuir para o estabelecimento do conceito de metrópole negra.

Neste trabalho, nos propusemos também o desafio de escrever sobre Escolas de Samba como um tema relevante da constituição da sociedade brasileira moderna e contemporânea, no âmbito cultural. A década de 1930 é um importante marco na fundamentação desse processo, e os seus desdobramentos ainda hoje apresentam importantes questões.

Durante esse período, as Escolas de Samba passam a figurar como um importante símbolo da brasilidade, a partir da institucionalização do carnaval na cidade do Rio de Janeiro. Tal acontecimento reflete uma mudança significativa na produção da identidade nacional, a qual, até então, estava baseada na exclusão dos negros e no projeto de embranquecimento da sociedade brasileira (ALBERTO, 2011; MUNANGA, 2019).

Para tratar das disputas decorrentes da institucionalização das Escolas de Samba, e o consequente ingresso significativo dos contingentes brancos nesse tipo de folguedo, mobilizamos o conceito de raça conforme tem sido tratado pelos autores pós-coloniais, mais especificamente, por Stuart Hall e Paul Gilroy.

Segundo Hall, etnicidade e raça, são conceitos “perturbados” pelo multiculturalismo³. Raça é definida como uma construção política e social que organiza o sistema de poder, exploração e exclusão (embora apresente-se como um simulacro de diferença biológica, enquanto etnicidade trata de diferença cultural e/ou religiosa). Apesar de serem definições

3. O Multiculturalismo é apresentado por Stuart Hall como um termo com significado e possibilidade de mobilização oscilante e sem fixação, podendo assim ser articulado à variadas e até opostas ideologias. Enquanto o conceito de Modernidade tem a Europa e, por conseguinte, o ocidente como referencial cultural, a perspectiva Multicultural permite questionar tal hegemonia eurocêntrica podendo servir para a construção de uma narrativa alternativa, que permita reposicionar elementos não europeus, tirando-os de uma posição subalterna e reconhecendo sua agência na história moderna (HALL, 2003).

diferentes, normalmente são aplicadas combinadas. Discursos racistas costumam combinar a mobilização de ambos os conceitos. Etnicidade é mais comumente utilizada para complementar o discurso racista, a partir da inferiorização cultural e/ou religiosa (HALL, 2003, p.69-70).

Gilroy interpreta a obra do sociólogo estadunidense Du Bois para afirmar raça como uma concepção dinâmica. Para o autor, “é significativo que, antes da consolidação do racismo científico no século XIX, o termo “raça” fosse empregado quase no mesmo sentido em que a palavra “cultura” é empregada hoje”. Ao longo do século XX, o conceito ganhou um caráter político de luta pela superação do racismo. No caso dos negros distribuídos pela Europa e América, raça passou a reunir diversas culturas, etnias ou procedências territoriais. Assim, o autor rejeita a utilização de raça com um conceito fixo, pois assim teria um caráter essencialista, que nega ou relativiza as diferenças culturais e étnicas. No seu entender, a raça constitui uma “comunidade imaginária” (Gilroy, 2001, p.73).

O autor retoma a síntese de Ralph Ellison sobre a distinção entre os conceitos de raça e de cultura:

Não é a cultura que vincula os povos com origens parcialmente africanas agora dispersos pelo mundo inteiro, mas uma identidade de paixões. Nós compartilhamos um ódio pela alienação imposta a nós pelos europeus durante o processo colonial e imperial e somos vinculados mais por nosso sofrimento comum do que por nossa pigmentação (ELLISON *apud* GILROY, 2001, p.223)

Raymond Williams conceitua cultura como a “convergência de interesses”, os quais se referem tanto a aspectos globais de uma sociedade – linguagem, produção artística e intelectual, identidade nacional – como também aspectos de diferenciação dentro de uma mesma sociedade, a saber, cultura popular e cultura de massa, por exemplo (WILLIAMS, 1992, p.10-13).

Assim, a definição de raça vai ao encontro da proposta de Hall de “construção política”, e ganha ainda uma perspectiva mais forte, ao “vincular” os diversos negros distribuídos pelo mundo não a partir do enraizamento ou da herança cultural, mas a partir da opressão sofrida.

Um importante aspecto do racismo na modernidade tem sido a limitação ou negação da capacidade cognitiva e da história intelectual dos povos negros (GILROY, 2001, p.40).

Nesse contexto, a cultura europeia assume o papel de cultura universal e as manifestações culturais dos povos colonizados são subalternizadas.

A modernidade estabelece a compreensão da cultura de modo binário, na oposição entre “tradição” e “modernidade”. Nesse sentido, há uma tensão entre culturas tradicionais – definidas como “distintas, homogênea, autossuficientes” – e a cultura moderna – “aberta, racional, universalista e individualista”. As sociedades tradicionais afetadas pela modernidade ocidental tornaram-se sistemas “híbridos” (HALL, 2003, p.73-74).

A partir desse marco referencial podemos compreender o conceito de identidade como tributário de um caráter “híbrido”. Hall define hibridismo como um processo de tradução cultural, comum às sociedades diaspóricas. É o processo segundo o qual torna-se possível a construção de identidades “hifenizadas” ou múltiplas.

Segundo Hall, a questão da identidade está relacionada ao estabelecimento de uma comunidade. Embora a comunidade, comumente, seja vista de fora como algo homogêneo, sob o entendimento do multiculturalismo ela contém variadas nuances: em seu interior abriga diversos níveis de compromisso e prática de seus membros, bem como variadas escalas de redefinição das identidades que a compõem (HALL, 2003, p.66).

As variações de escala e redefinições da identidade vão ao encontro do que propõe Gilroy, que é a compreensão de identidade como um processo de mediação. Para o autor isso pode ser observado à medida que pensadores negros em “trânsito no Atlântico” problematizam as definições fixas de identidades nacionais, ou mesmo duplas, tais como “caribenho” ou “africano-americano”.

A partir dessas perspectivas, a Identidade Negra pode ser interpretada como variável, condicional e de mobilização circunstancial. Nesse contexto, ela pode ser apropriada pelas escolas de samba ou mesmo ser definida externamente.

A definição de Escola de Samba negra adotada neste trabalho não está restrita à sua vinculação aos territórios negros tradicionalmente identificados. Também, não se limita a uma análise quantitativa do número de integrantes negros e nem tampouco à tematização da identidade negra em sua produção artística. A Escola de Samba Negra é uma possível identificação para as agremiações que ainda se encontram estruturadas pelo sentimento de comunidade, e que puderam se organizar ou podem se manter como lugar de vivência e sociabilidade em suas respectivas localidades. Elas se contrapõem às Escolas de Samba

fundadas sob a égide da institucionalização do carnaval⁴, a partir do final da década de 1960, do fomento público do folguedo por meio da distribuição de recursos e da veiculação feita pela televisão, a partir de meados da década de 1980.

A partir da oficialização do carnaval paulistano e o significativo ingresso dos contingentes brancos, passam a surgir agremiações organizadas em torno de aproveitar principalmente dos processos oficiais e da visibilidade na mídia. O foco dessas agremiações é a sua ascensão dentro da hierarquia do carnaval. Muitas dessas Escolas, porque foram organizadas por sujeitos que possuem interlocuções privilegiadas com o poder público, conseguem fixar-se em regiões mais próximas do centro e melhor dotadas de infraestrutura. Dessa maneira, alcançam maior visibilidade, por conta da facilidade de acesso aos seus ensaios – quando comparadas às escolas da extrema periferia – e, dessa forma, podem arrecadar ainda mais recursos para disputar o carnaval. Esses fatores têm sido preponderantes para que essas agremiações passassem a dominar as primeiras divisões. Assim, nossa hipótese é que existe uma correlação estreita entre a localização das Escolas de Samba na cidade, sua origem histórica e seu desempenho na hierarquia do carnaval.

No âmbito dessa pesquisa não é possível apresentar uma classificação racial das agremiações enquanto negras e brancas. Uma pesquisa desse tipo demandaria analisar a história de cada uma das Escolas. Por outro lado, as fontes aqui reunidas dão indícios dessa diferenciação e permitem recorrer a essa classificação, se considerarmos a periodização das escolas como critério.

É preciso solicitar aqui dois pontos. Primeiro que o ingresso dos contingentes brancos, não apenas participando da festa, mas também assumindo posições de direção, e fundando novas agremiações, não eliminou a visão estigmatizada das Escolas de Samba. Embora reconhecidas institucionalmente, diversas agremiações permaneceram sem espaços para sediar suas atividades, ocupando terrenos ou imóveis de maneira ilegal ou precária (CENSO DO SAMBA PAULISTANO, 2014). Sob essa perspectiva, as Escolas de Samba negras, tanto antigas quanto novas, tem encontrado dificuldades de permanecer na primeira divisão. As agremiações novas, em sua maioria, estão sediadas em bairros distantes do centro, o que as coloca em situação duplamente periférica.

O segundo ponto que merece destaque é que há algumas Escolas negras (cujas origens remontam ao período histórico em que o folguedo não era subsidiado) que conseguiram resistir e se manter em localidades centrais. A resistência dessas escolas, defendemos, é

4. Embora, como veremos, a luta pela oficialização foi uma pauta dos sambistas e das Escolas de Samba negras.

o que permite justamente permanecerem nos bairros de origem e disputarem o primeiro grupo do carnaval.

O desenvolvimento das agremiações carnavalescas na cidade de São Paulo guarda importante relação com os acontecimentos do carnaval na cidade do Rio de Janeiro. No contexto de um estado centralizador, durante o governo Vargas, o fato do samba e do carnaval terem se tornado importantes constituintes da identidade nacional, teve reflexos no carnaval paulistano. Desde a década de 1930, quando os desfiles na cidade do Rio de Janeiro foram oficializados, existe um esforço de transformar os desfiles das Escolas de Samba cariocas, no modelo hegemônico para os folguedos de carnaval, a ser seguido por todo o país. Por isso, ao tratarmos do processo de transformação do carnaval paulistano é necessário, em muitos momentos, nos reportarmos ao contexto do carnaval carioca no mesmo período.

A partir de uma entrevista realizada com Rossimara Vieira Isaias, atual presidente da agremiação, ainda para a elaboração do projeto de pesquisa, foi possível identificar o processo de construção da Avenida Professor Luís Ignácio de Anhaia Mello, na Vila Prudente, como um episódio bastante significativo para a mudança da agremiação para Cidade Tiradentes. Sobre a construção da avenida também não havia bibliografia específica disponível. Assim, isso também aparecia como uma história que precisava ser recuperada.

Dessa forma, foi proposta uma pesquisa estruturada por entrevistas a membros da agremiação e pelo levantamento de fontes primárias, tanto para constituição da história do Príncipe Negro, como também da construção da Avenida Anhaia Mello.

Para a reconstituição da história da Príncipe Negro, foram realizadas entrevistas com componentes e ex-componentes da Escola, os quais identificamos a seguir, por ordem cronológica de entrevista. Do núcleo familiar que forma a atual direção da Escola foram entrevistados:

- ROSSIMARA VIEIRA ISAIAS: Atual presidente do Príncipe Negro. Entrevistas realizadas em 10-12-2016 e 26-01-2019, na sede da agremiação, na Cidade Tiradentes.
- ROSINÉIA VIEIRA RODRIGUES: Componente do Príncipe Negro, e irmã de Rossimara Isaias. Entrevistas realizadas em 31-03-2019 e 20-07-2019, em sua residência na Cidade Tiradentes.
- ADEMIR GOMES DA SILVA: Componente da Príncipe Negro, tio por parte de mãe de

Rossimara e Rosinéia. Entrevista realizada em 18-05-2019, em sua residência na Vila Ema.

A partir de uma visita de campo à Rua Coelho Barradas – local que sediou os ensaios da Príncipe Negro enquanto esteve na Vila Prudente - foi possível conhecer o casal Rita da Silva e Vanderlei da Silva, os quais indicaram também outros ex-componentes, que permaneceram residindo no bairro, a serem entrevistados:

- RITA MARIA ACÁCIO DA SILVA: Ex componente do Príncipe Negro e residente desde o nascimento no mesmo endereço, na Rua Coelho Barradas, Vila Prudente. Entrevista realizada em 18-08-2019, na sua residência.

- VANDERLEI DA SILVA: Ex componente do Príncipe Negro, marido de Rita da Silva e residente na rua Coelho Barradas. Entrevista realizada em 18-08-2019, na sua residência.

- MEIRE ACÁCIO: Ex componente do Príncipe Negro, prima de Rita da Silva e residente desde o nascimento no endereço, na Rua Coelho Barradas, Vila Prudente. Entrevista realizada em 18-08-2019, no Bar do Tônico, próximo de sua residência.

- SANDRA REGINA DE SALES: Ex componente do Príncipe Negro e residente desde o nascimento no mesmo endereço, na Rua Francisco Polito, Vila Prudente. Entrevista realizada em 24-08-2019, na sua residência.

Outras entrevistas se fizeram necessárias para tratar tanto da Vila Prudente como da Cidade Tiradentes fora do contexto da Príncipe Negro. Foram entrevistados:

- JAIR CARDOSO NETO: Componente do Príncipe Negro. Pai de Santo fundador da Casa Cultural e Religiosa Afro Brasileira Ilê Axé Omo Odé. Entrevista realizada em 21-12-2019, em sua loja no Mercado Municipal de Cidade Tiradentes.

- DEMÉTRIO DIMITROV: Membro da Associação de Moradores da Vila Zelina – AMOVIZA. Entrevista realizada em 10-01-2020, na Padaria 'A Praça', na Praça da República Lituana.

Além das entrevistas, foram realizadas pesquisas no Centro de Memória e Documentação da UESP⁵. A UESP reúne um acervo de documentos entregues pelas Escolas para participação no concurso de carnaval da cidade. No local, foi possível encontrar alguns enredos, letras de samba, cédulas de avaliação dos desfiles, atas de posse de diretoria e croquis de alegorias da Príncipe Negro.

Outra frente de pesquisa foram as notícias de jornal procuradas em acervos digitais que tratassem do Príncipe Negro, da Vila Prudente e do carnaval. Essas pesquisas

5. UESP: União das Escolas de Samba Paulistas, entidade fundada em 1973 para reunir e representar junto ao poder público as agremiações do carnaval paulistano.

foram orientadas segundo três temas: a) menções à Escola de Samba Príncipe Negro, b) transformações do carnaval relacionadas aos marcos temporais da história da agremiação e da história do carnaval, c) o bairro da Vila Prudente e o contexto da construção da Avenida Anhaia Mello.

Sobre o Príncipe Negro, a possibilidade de fazer pesquisas digitais limitou as buscas ao acervo do jornal Folha de São Paulo, único veículo de grande circulação da cidade que disponibiliza, gratuitamente, o acesso ao seu acervo digital, para o período tratado. A partir do levantamento das edições de interesse, foram acessadas também as versões físicas dos jornais, quando a qualidade da versão digital não permitia a leitura. As imagens também foram retiradas das versões físicas dos periódicos. Esses jornais puderam ser acessados nas hemerotecas da Biblioteca Municipal Mario de Andrade e do Arquivo Histórico do Estado.

Notícias mais antigas referentes à Vila Prudente – anteriores a fundação da Escola – também puderam ser encontradas por meio da hemeroteca digital da Biblioteca Nacional Digital, disponível para pesquisa na sua página eletrônica.

Para a reconstituição do processo de construção da Avenida Anhaia Mello, foi fundamental o acesso à tramitação do projeto na Câmara Municipal, a partir das atas e anais disponíveis na página digital da instituição. Além disso, foi possível acessar alguns processos de desapropriação disponibilizados pelo Departamento de Desapropriação da Prefeitura Municipal de São Paulo.

A história do Príncipe Negro pode ser organizada em três períodos. O primeiro vai da fundação da agremiação em 1964 até a crise da permanência da Escola na Vila Prudente, no início dos anos 1980. O segundo, compreende a tentativa de junção com outra agremiação do bairro, como forma de se manter na Vila Prudente, até a mudança oficial para o bairro de Cidade Tiradentes, no decorrer da década de 1980. O terceiro, se refere à fixação oficial da agremiação em Cidade Tiradentes, após o ano de 1994.

Dessa maneira, este trabalho foi estruturado, a partir dessa periodização, sendo organizado em cinco capítulos aos quais somam-se a introdução e as conclusões. Os capítulos estão articulados à referida periodização da história da Escola. Essa periodização, por sua vez, se articula a importantes marcos do carnaval paulistano, a saber, a oficialização, o início das transmissões de televisão e a inauguração do sambódromo.

O capítulo 1 trata da fundação da Escola de Samba Príncipe Negro e de seu estabelecimento na Vila Prudente até o início da década de 1980.

No capítulo 2 analisamos o histórico da localização das agremiações na cidade, visando demonstrar a importância do lugar que ocupam na cidade para a hierarquia do carnaval. Em seguida, retomamos a história da oficialização do carnaval paulistano para mostrar como, no período da fundação do Príncipe Negro, a institucionalização das Escolas de Samba é acompanhada do significativo ingresso de segmentos brancos, inclusive em posições de direção, nesse que, até então, era um folguedo típico da população negra.

O capítulo 3 aborda a presença da escola na Vila Prudente, identificando a omissão da presença negra na história oficial do bairro. Também recupera a história do processo de construção da Avenida Professor Luís Ignácio de Anhaia Mello, como um fator determinante para que parte dos componentes da Príncipe Negro deixassem o bairro em direção à periferia mais distantes da metrópole.

O capítulo 4 se refere à crise de fixação da Escola na Vila Prudente, à tentativa de fusão e à decisão pela mudança para Cidade Tiradentes. O contexto em que se dá esse processo também é considerado como importante marco para as agremiações carnavalescas, a saber, o início das transmissões de televisão dos desfiles das Escola de Samba de São Paulo. Esse acontecimento foi importante na história do carnaval da cidade, haja vista ter sido determinante para o estabelecimento de uma grande desigualdade – do ponto de vista da visibilidade e da reunião de recursos – entre as agremiações do primeiro grupo e as das demais divisões.

O capítulo 5 trata da fixação do Príncipe Negro na Cidade Tiradentes, na extrema periferia da cidade, no contexto do acirramento das desigualdades entre as divisões do carnaval paulistano. É nesse período também que é inaugurado o Sambódromo do Anhembi, importante marco no carnaval da cidade, na medida em que consolida o confinamento dos desfiles dos primeiros grupos, até então realizados na região central. Ao mesmo tempo, as escolas que tem maior dificuldade de ocuparem as primeiras divisões, muitas das quais, representantes dos novos bairros periféricos da cidade, realizam os seus desfiles no denominado carnaval de bairro, também realizado nas periferias da cidade.

Por fim, a última parte visa apresentar as conclusões dessa pesquisa, na qual destacamos dois temas principais: o processo de periferação da população negra e as relações entre a hierarquia urbana ou hierarquia das localizações e a hierarquia do carnaval da cidade.

1. COMISSÃO DE FRENTE:
O Príncipe Negro da Vila Prudente (1964-1982)

Durante a década de 1960, a cidade expandia-se e uma série de agremiações carnavalescas eram fundadas nas periferias por pessoas que saíam da região central. Dessa maneira, esses grupos deixavam de fazer parte das agremiações tradicionais, ligadas às regiões centrais da cidade, com significativa presença de instituições negras (SIMSON, 2007; DOZENA, 2009; SILVA, 2011).

Nesse contexto, foram fundadas agremiações na Casa Verde, Parque Peruche, Tatuapé, Vila Maria Ipiranga e Vila Prudente. Como veremos a seguir, muitos dos sambistas que vieram a criar o Príncipe Negro eram provenientes do Bixiga e participavam da Escola daquele bairro, o Vai-Vai. Na Vila Prudente, a fundação do Príncipe Negro representa a recriação da sociabilidade, lazer e produção artística a partir de uma instituição criada por habitantes, principalmente negros, do bairro.

Assim, a Escola foi uma instituição criada no contexto do que Azevedo (2017) chama de redes culturais negras¹. Desse modo, o Príncipe Negro nos permite questionar a narrativa fornecida pela história oficial e pelas narrativas hegemônicas sobre o bairro de Vila Prudente como constituído por imigrantes europeus e seus descendentes.

A história da agremiação, assim como a dos negros que residiram (e ainda residem) na Vila Prudente, não está documentada. Fizemos um esforço de construí-la a partir dos registros da atuação da Escola de Samba e também das memórias de seus componentes e ex componentes.

O Príncipe Negro não conseguiu se manter na Vila Prudente e durante a década de 1990 foi transferido para o bairro de Cidade Tiradentes, no extremo leste da cidade. A família que estava na direção da Escola naquele momento deixou o bairro por conta do processo de construção da Avenida Professor Luís Ignácio de Anhaia Mello².

Neste capítulo trataremos da história do Príncipe Negro enquanto esteve sediado na Vila Prudente, ou seja, entre os anos de 1964 e o início da década de 1980.

1. Segundo Azevedo, "as redes culturais negras [estavam] ancoradas em laços de amizade, associações carnavalescas, família, práticas religiosas e festas se transformaram numa estratégia para manter saberes e fazeres no espaço urbano, já que a base de sustentação sócio cultural da população negra foi bastante instável em virtude do confronto com outras experiências culturais em virtude da discriminação racial, social e musical". (AZEVEDO, 2017, p.2)

2. Tratamos da construção da avenida Anhaia Mello e da expulsão dos negros da Vila Prudente no Capítulo 3 deste trabalho.

1.1. Negros bonitos, príncipes negros: contexto de fundação e tensões identitárias.

O Grêmio Recreativo Cultural e Escola de Samba Príncipe Negro da Vila Prudente foi fundado em fevereiro de 1964, por moradores do bairro da zona leste da cidade de São Paulo que costumavam fazer festas e batucadas à beira de campo, acompanhando partidas de times de futebol amador.

A presença do futebol de várzea é uma constante na história de diversas agremiações carnavalescas paulistanas. A prática do futebol também era uma importante alternativa de lazer e conagração dos negros (DOMINGUES, 2015, p.6) e as rodas de samba à beira dos campos de várzea também se constituíam em formadoras dos “batuques” das agremiações. É bastante conhecida, por exemplo, a origem do Vai-Vai – cordão do Bixiga que se tornou Escola de Samba – relacionada ao time de futebol Cai-Cai (CUÍCA & DOMINGUES, 2009, p.56).

A história da Príncipe Negro está relacionada a um time de futebol de várzea. A fundação da agremiação na Vila Prudente é um exemplo da permanência da constituição de organizações e também da sociabilidade entre esses moradores do bairro. Assim, foi uma forma dessa população negra se apresentar como idealizadora e organizadora cultural.

Segundo a versão relatada por Rossimara Vieira Isaías, atual presidente e filha de fundadores da Escola, o nome Príncipe Negro era uma referência aos homens negros do bairro que praticavam futebol:

Então, porque era isso: era um time de futebol e a maioria dos jogadores eram negros, negros bonitos, de boa aparência. Aí falavam: Olha! Parece um príncipe jogando, parece um príncipe jogando.... E ficou Príncipe Negro. Essa é a versão que me passaram e eu achei legal. Continuo mantendo essa daí. (ROSSIMARA VIEIRA ISAIAS, 26-01-2019)

Rossimara justifica de maneira orgulhosa a reprodução dessa versão da história do nome da agremiação. A associação dos negros esportistas a príncipes, “de boa aparência”, “bonitos”, expressa o desejo de positivar a imagem do negro e também de exaltar o seu protagonismo. Da mesma forma, as atividades da agremiação eram uma maneira importante de manutenção da sociabilidade entre as diversas famílias da vizinhança:

Tinham componentes da minha família também. Meus tios, a minha

mãe, meu pai, meu avô por parte de mãe, alguns tios por parte de pai. Tanto que, no primeiro ano que o Príncipe Negro desfilou - é história de família - minha mãe conta que o vestido que ela casou (antigamente tinha corte³, as Escola de Samba levavam a corte), e ela teve que ceder o vestido para Príncipe Negro, porque tinha as damas da corte e ela cedeu o vestido de noiva (ROSSIMARA VIEIRA ISAIS, 10-12-2016).

Minha mãe foi a primeira Porta Bandeira da Príncipe Negro, desde quando foi fundada. A primeira fundação foi em 1964 ou 1963? Não me lembro. E ela usou o vestido de noiva dela, ela transformou em vestido de porta bandeira. Inclusive tem uma foto dela com meu pai, mas eu não sei com quem tá essa foto, de 1964. O primeiro desfile que eles fizeram, foi ali na esquina, na ponta da rua e que fizeram essa foto que tá ela e meu pai. Foi o primeiro desfile da Príncipe Negro. Na época eu não era nascida ainda. Eu nasci depois, em 1965 (RITA MARIA ACÁCIO DA SILVA, 18-08-2019).

Assim, a participação do núcleo familiar e as relações de vizinhança foram importantes para a consolidação da agremiação. Disso dependia, principalmente nos primeiros anos, a viabilização dos ensaios e confecção das fantasias e adereços. Portanto, essa estrutura de organização revela uma progressão institucional. A agremiação surge em um ambiente doméstico familiar e em seguida ganha uma dimensão comunitária com os laços de vizinhança, passando a ser uma possibilidade de identificação com um bairro. Conforme avançam na hierarquia do carnaval, alcançam a escala da cidade.

Exemplo semelhante de progressão da escala doméstica para a da cidade pode ser observado no caso da Escola de Samba Vai-Vai. A identificação da Vai-Vai com o bairro do Bexiga acontece sob muitas tensões, posto que é disputada com a identidade italiana atribuída ao bairro, apesar da história deixar evidente que os negros estavam na região muito antes da chegada dos italianos (NASCIMENTO, 2015).

Por alguns anos, o Príncipe Negro manteve além da atividade carnavalesca, o time de futebol, o qual, inclusive, chegou a participar de campeonatos promovidos pelos sambistas das Escolas de Samba. Nesse sentido, Rita Maria Acácio da Silva e seu marido Vanderlei

3. A *corte* eram destaques do desfile ricamente vestidos, originários dos Cordões carnavalescos, mas que constituíam também as Escolas de Samba até a década de 1970: "o reinado ou corte, o grupo visualmente mais elaborado, cuja formação, quando completa, incluía rei e rainha, príncipe e princesinhas, duque e duquesa, conde e condessa e seus respectivos pajens. Todos se vestiam com trajes à Luís XV" (SIMSON, 2003, P.138).

da Silva – ex componentes da Príncipe Negro, residentes na Vila Prudente – recordam da força do time do Príncipe Negro:

VANDERLEI: O time de futebol do Príncipe Negro, não tinha pra ninguém. Era o melhor. Os caras armavam aquele negócio de festival, o Camisa Verde. Jogava lá na Barra Funda. O Príncipe Negro, enquanto existiu, foi três vezes, foram três anos. O Príncipe Negro ganhou três anos e acabou, depois que lançou a brincadeira. O Vai-Vai fazia uns times, fazia aquelas coisas toda, o Camisa Verde.... E o Príncipe Negro foi lá os três anos e ganhou os três. Acabou.

RITA: Vou te falar, o futebol daqui, não tinha pra ninguém. Meus tios.... Tudo gente boa de bola.

VANDERLEI: O meio campo eu lembro de Darcos, Titi, Jurandir e Ditão...

RITA: É, que é o Assis⁴, que jogou no Fluminense.

VANDERLEI: Eles batiam de 5x1 no Vai-Vai, que vinha com aquele monte de história, 6 no Camisa Verde, aquela coisa toda. Eles ganharam três anos seguidos e acabaram com a brincadeira. (RITA MARIA ACÁCIO DA SILVA; VANDERLEI DA SILVA, 18-08-2019)

Havia uma prática de futebol relacionada aos sambistas. Nesse contexto, o time do Príncipe Negro era respeitado, conforme os relatos acima. Tradicionalmente, a região era um local de surgimento de bons jogadores de futebol, que, como no caso de Assis, alcançaram sucesso até mesmo no futebol profissional. Esse contexto do futebol também permitia uma inserção diferente do Príncipe Negro. Enquanto os concursos de carnaval eram dominados pelas agremiações mais antigas citadas no relato – Vai-Vai e Camisa Verde e Branco – nos campeonatos de futebol entre sambistas, o Príncipe Negro conseguia superá-las.

Da Vila Prudente para o carnaval paulistano.

O Príncipe Negro participou desde o início dos concursos oficiais de carnaval, no ano de 1968. No início da década de 1970, a Escola fazia parte do segundo grupo do carnaval de São Paulo.

O envolvimento dos sambistas na agremiação começava desde a infância, participando

4. Benedito de Assis da Silva (1952-2014), conhecido também como Ditão, ficou famoso como Assis no ataque do Fluminense durante a década de 1980.

dos ensaios e dos desfiles. Na edição de 16-02-1972, a Folha de São Paulo estampou em sua capa fotografias de 20 mulheres, em sua maioria crianças e adolescentes, com idades entre 5 e 18 anos, além de uma senhora de 63 anos, todas componentes do Príncipe Negro, durante a apresentação da Escola no Vale do Anhangabaú:

As crianças foram a atração do desfile do Anhangabaú, e pertencem à Escola de Samba Príncipe Negro – uma das favoritas para passar ao grupo das grandes escolas (FOLHA DE SÃO PAULO, 16-02-1972, p.1).

Dentre as fotografias que ilustram a matéria, pudemos entrevistar **(1)** Rosinéia Vieira Rodrigues, com cinco anos, **(2)** Rita Maria Acácio da Silva, com seis anos de idade e **(3)** Sandra Regina de Sales, com nove anos. Sobre a infância na Escola de Samba, recordam:

E a família da parte da minha mãe começou a ir, porque até então, quando ela começou a ir, as mulheres nem iam. Tinha primeiro que casar para estar indo. Aí ela pegou e foi participar. Aí logo depois, que eu sou a primeira filha, né, também já nasci e meu pai já levou também. Na verdade, eu comecei a desfilar, eu vi aquela foto com 5, mas eu comecei a desfilar com 4 anos (ROSINÉIA VIEIRA RODRIGUES, 31-03-2019).

[Desde criança eu] participava. E minha mãe saía de baiana e meu pai era reco-reco, e ele saía com aquele negócio de bater assim... Prato, também cuíca, nossa! Era muito 'dahora' (SANDRA REGINA SALES, 24-08-2019).

O depoimento de Rosinéia Rodrigues menciona as restrições enfrentadas pelas mulheres nas escolas de samba, naquela época, ainda que, por outro lado, seja bastante conhecido o papel das matriarcas do samba para a consolidação das Escolas, cedendo espaços de sua casa para a realização dos ensaios e confecção das fantasias ou adereços. Além disso, muitas dessas mulheres eram fundamentais para a arrecadação de recursos para os desfiles, fazendo festas e trabalhando para financiar as Escolas. São exemplos bastantes conhecidos a atuação de Tia Ciata, no Rio de Janeiro, e Madrinha Eunice⁵ em São Paulo. Na fala de Sandra Sales, podemos perceber que toda a família acabava por participar da Escola. Com pai e mãe participando, as crianças eram levadas desde muito cedo para os ensaios e desfiles.

5. Madrinha Eunice durante muitas décadas foi a única mulher dirigente de Escola de Samba em São Paulo. Fundou a Escola de Samba Lavapés, do bairro do Glicério, em 1937. Além disso, também foi a primeira mulher dirigente de um clube de futebol paulistano, o Lavapés Futebol Clube. ANDRÉ, C. M.; FRANZOLIN, C.; REICHERT, C.; RIOS, D.; VALENTIN, M.. *Lavapés: ancestralidade e permanência*. Grupo de Pesquisa Performatividades e Pedagogias - IA Unesp e Coletivo Mapa Xilográfico. 59:32min. São Paulo, 2017.

IMAGEM 2 : Mulheres fotografadas no desfile do príncipe negro em 1972, no Anhangabaú. Fonte: Folha de São Paulo, 16-02-1972, p.6.

Príncipe Negro e Lavapés

Em cadência de samba, o poeta Casemiro da Abreu foi lembrado e cantado no Anhangabaú, segunda-feira à noite, durante o desfile das escolas de samba do grupo II: a Imperatriz do Ipiranga baseou seu samba-enredo na estrofe de uma de suas poesias — os versos ensinados em todas as escolas: "Oh, que saudade que eu tenho/ Da aurora da minha vida/ Da minha infância querida/ que os anos não trazem mais".

Durante 40 minutos o público que assistia o desfile das escolas do grupo II, viu o Vale do Anhangabaú se transformar num parque infantil, onde todos recordaram o velho corrugado, o jogo de amarelinha, o passapasso três vezes, o velho pipoqueiro, o algodoeiro, o estilingue, o pião, o carrinho de roleta, a boneca e o quadrado.

Com o enredo "Brincando na passarela do Samba", o Imperador do Ipiranga, com posto por 200 passistas — em sua maioria crianças — teve seu ponto alto na portabandeira mirim, que sambava com uma bandeira azul onde foram fixadas duas bonecas. Balões, ventarolas, estilingue gigante, batinas com tubuleros, deram ao desfile um toque diferente, pois fugiram do tradicional fême e brocado sempre explorados na confecção das fantasias, para a utilização de roupas simples onde o colorido era bem dosado.

Após o desfile do Imperador do Ipiranga, iniciado pontualmente às 9 horas, sob uma fina garoa que caía no Vale, o público começou a se

impacientiar com a demora da apresentação da Escola de Samba Garotos da Chacara Santo Antônio, que começou a desfilar às 11h45. "O amor de Castro Alves", samba enredo dos Garotos da Chacara Santo Antônio, foi a forma encontrada pela escola para comemorar o centenário de morte do poeta abolicionista.

Além dos Garotos da Chacara Santo Antônio, Castro Alves comparaceu também na apresentação da Escola de Samba Príncipe Negro. "Com anos de Poesia" foi o samba-enredo escolhido. A Príncipe Negro, apresentou em suas alas dois travestis que requerearam animados durante toda a apresentação. "Sandra", que puxava a ala das sambistas e "Kaila", representando Carmen Miranda e puxando a ala das beladitas, resolveram quinta-feira participar do desfile, e para isso escolheram fantasias que eles mesmos confeccionaram.

Achando o público "maravilhoso", que os acolheu muito bem, "Sandra" e "Kaila", pretendem este ano se dedicar exclusivamente à escola: "trabalhar em boate já era", segundo eles. "Lá não temos o respeito que merecemos. Aqui na escola de samba, o ambiente é familiar, e recebemos todo o apoio. Se por acaso precisamos de agulha, linha e complementos para dor de cabeça, imediatamente somos atendidos pelos membros da comissão".

Com cerca de 500 elementos e participando

pela terceira vez do desfile do grupo II, a Príncipe Negro, segundo os diretores, espera que este ano, com a força total dada por sua escola, passem para o grupo I.

A ala dos escravos foi o ponto alto da apresentação dos Acadêmicos do Ipiranga, cujo samba-enredo — "Zumbi dos Palmares" — era baseado na fuga dos escravos dos engenhos de Pernambuco.

"Meu Brasil Contente, agora segue, cantando e sambando, independente" foi o enredo da Escola de Samba Cabeções, que apresentou em sua comissão de frente cabeções de vultos importantes como Olavo Bilac e José do Patrocínio. Com seu enredo de fácil assimilação, Cabeções conseguiu que o público esquecesse um pouco o frio e cantasse.

Lavapés foi a escola de samba do Grupo II que teve maior torcida, e fechou com chave de ouro o desfile do Anhangabaú. Com 85 anos de existência, a mais antiga de São Paulo, a Escola de Samba Lavapés conseguiu emocionar o público quando após a ala das sambistas passou um menino moreninho de 2 anos, com roupa vermelha e branca, que aquela hora já não sambava, mas andava devagarinho atrás de sua mãe — era o filho de Telvêrinha, sambista e diretor da escola, assassinado semanas antes do carnaval de 1970.

Com 450 figuras e 15 títulos consecutivos, a Lavapés espera retornar a seu lugar no grupo I.

A sambista mirim acompanha a evolução dos adultos

IMAGEM 3: Reportagem sobre os desfiles do Grupo II do carnaval de 1972 na qual o Príncipe Negro era aponhado como favorito. Fonte: Folha de São Paulo, 16-02-1972.

As aparições do Príncipe Negro na imprensa permitem constatar uma mudança flagrante na cobertura jornalística do carnaval de escolas de samba. Durante a década de 1970, a imprensa paulistana fazia uma cobertura jornalística do carnaval dando nomes aos personagens populares da festa, como é possível observar na menção ao sambista Gaguinho. Na edição do dia 24-02-1971, uma reportagem tratava dos desfiles no Vale do Anhangabaú e, inclusive, apontava a agremiação da Vila Prudente como favorita:

A Escola de Samba Príncipe Negro, da Vila Prudente, a penúltima escola do segundo grupo a desfilar no vale do Anhangabaú na madrugada de ontem, estava sendo apontada por boa parte dos 20.000 assistentes como a provável vencedora na categoria. A grande atração da Príncipe Negro foi o passista e ritmista Gaguinho, que com a marcação e evoluções de samba no seu pandeiro acabou sendo grande destaque do desfile (FOLHA DE SÃO PAULO, 24-02-1971).

No ano de 1972, em outra reportagem (imagem ao lado), Príncipe Negro e Lavapés eram apontadas como favoritas. A reportagem mencionava a “força da apresentação” da Escola e a expectativa de seus diretores para a ascensão ao primeiro grupo. Apesar de ser apontada como favorita pela Folha de São Paulo, naquele ano a Escola foi desclassificada e caiu para o terceiro grupo (ACERVO SASP: <http://www.carnavalpaulistano.com.br>).

Em uma reportagem do ano de 1976, sobre a expectativa da apresentação das Escolas do primeiro grupo, comparavam-se as possibilidades de vitória tanto das agremiações com mais recursos financeiros, como também das que acabavam por utilizar quase que exclusivamente a subvenção pública:

Algumas dessas escolas de samba funcionam como verdadeiras empresas. Desde o início de todo ano promovem rodas de samba em suas quadras para arrecadar fundos. Neste ano, por exemplo, afirma-se que a Camisa Verde e Branco já gastou mais de quinhentos mil cruzeiros. (As verbas da Prefeitura não passam dos 77 mil cruzeiros)⁶.

[...] As favoritas são justamente as que apresentam um poder econômico maior, e que também foram as campeãs do ano passado: Camisa Verde e Branco, Rosas de Ouro e Mocidade Alegre. Uma quarta força fica entre Nenê de Vila Matilde e Vai-

6. Cr\$77.000,00, o valor da subvenção corresponderia a cerca de R\$158.000,00 (cento e cinquenta e oito mil reais) e Cr\$500.00, valor investido pelo Camisa Verde e Branco, equivale a R\$1.029.373,00 (cerca de 1 milhão de reais) em valores atualizados. Fonte: valores corrigidos a partir do índice IGP-DI (FGV) através da Calculadora do Cidadão do Banco Central do Brasil.

Vai. Mas carnaval é surpresa, e mesmo as escolas que não contam com muito dinheiro para vestir os seus figurantes e preparar as alegorias, são capazes de sair vencedoras: Pérola Negra, Príncipe Negro (campeãs e vice-campeã do Grupo II, no último ano), Império do Cambuci, Morro da Casa Verde e Unidos do Peruche. Isso porque nem sempre o luxo define uma vitória. Ao adotar um esquema empresarial, uma escola de samba corre o risco de perder sua autenticidade. Já as iniciantes são mais autênticas, seus membros expressam um pouco da arte popular em tudo que fazem (FOLHA DE SÃO PAULO, 29-02-1976, p.12).

O redator da reportagem, muito provavelmente informado pelos debates que se faziam no meio carnavalesco sobre o crescimento das Escolas de Samba⁷, apontava a “autenticidade” como uma maneira das agremiações com menores recursos conseguirem enfrentar as agremiações submetidas a uma organização “empresarial”. Além disso, entre as três favoritas, duas Escolas – Mocidade Alegre e Rosas de Ouro - eram representantes de um novo tipo de agremiação que surgiu a partir da oficialização dos desfiles, em 1968. Essas agremiações conseguiram ascender rapidamente ao primeiro grupo, e nele se manter disputando as primeiras posições, graças ao aproveitamento dos recursos oficiais e de interlocuções privilegiadas com o poder público, e também com setores privados para a obtenção de apoio e patrocínio patrocínios⁸.

No decorrer das décadas de 1980 e 1990, o impacto visual do espetáculo e seus autores oficiais, os compositores de samba (que progressivamente vão se profissionalizando) e, também, os carnavalescos⁹ recebem destaque. Essa mudança de enfoque, está associada às transformações pelas quais passaram os desfiles das escolas de samba em dois momentos: as transmissões televisivas a partir de 1984 e a inauguração do sambódromo em 1991.

Apesar da chuva já ter cessado, o clima só começou a esquentar na Tiradentes à 0h5m, quando foi anunciada a presença do Camisa Verde e Branco. O samba “Fantasia, Sonho Sem Fim” levantou a plateia. Mulheres bonitas, alegorias e destaques luxuosos, além de personagens conhecidos, como Trio Los Angeles e João Carlos de Oliveira (ex-recordista mundial de salto triplo, que sofreu um acidente automobilístico em 22/12/81 e, por isso, teve amputada a

7. Durante a década de 1970, os rumos do carnaval de Escolas de Samba eram debatidos pelos sambistas principalmente no Simpósios do Samba, os quais reuniam membros de Escolas de Samba de São Paulo e do Rio de Janeiro. Analisaremos essa questão no capítulo 2, ao tratar da oficialização e do embranquecimento do carnaval paulistano.

8. Tratamos da oficialização e do embranquecimento do carnaval paulistano no capítulo 3.

9. O Carnavalesco, originalmente um artista anônimo da comunidade, responsável pelo desenvolvimento do tema e concepção visual do desfile (fantasias, alegorias e adereços), passa a ser um profissional contratado e com autoridade para submeter todo o desfile a priorização dos aspectos visuais.

perna direita, no lugar da qual usa hoje uma prótese) completaram a animação (FOLHA DE SÃO PAULO, 11-02-1986, p.18).

A matéria da Folha de São Paulo do ano de 1986 – quando os desfiles paulistanos já eram transmitidos pela televisão - destacou a luxuosidade da apresentação da Escola e a presença de celebridades alheias ao carnaval, como o grupo musical e um ex-esportista¹⁰. Não foi feita nenhuma menção ao desempenho dos sambistas da agremiação.

Além disso, durante a década de 1980, a imprensa passa a se referir as agremiações de maneira hierarquizada, como Escolas “grandes”, “médias” e “pequenas”. As Escolas do primeiro grupo são constantemente apresentadas como grandes e favoritas, enquanto as agremiações que sobem na divisão recebem críticas mais rigorosas:

Homenageando Piracicaba e o rio que deu nome à cidade, a escola de samba Príncipe Negro, de Vila Prudente, abre hoje às 21 horas, o desfile do grupo I na avenida Tiradentes. Não se pode dizer que seja exatamente um bom começo de Carnaval. O enredo é fraco e o samba soa falso quando fala do “clarão da lua sobre o rio/espetáculo que fascina”... O Piracicaba, no passado um rio de águas límpidas e piscosas, é hoje um imenso esgoto a céu aberto. As indústrias, as usinas de álcool com suas cargas letais de vinhoto e a estúpida negligência dos responsáveis pela qualidade do meio ambiente mataram o rio.

A Príncipe Negro desfilou no grupo 2 ano passado, e só subiu de posição pelo deslize de outras escolas como Pérola Negra, de Pinheiros e a Cabeções de Vila Prudente, sua vizinha e maior rival. Sem a infraestrutura das grandes e mesmo das médias escolas, ela dificilmente escapará de um retorno ao grupo 2 e isso já pela terceira vez (FOLHA DE SÃO PAULO, 21-02-1982).

A reportagem definia a Príncipe Negro como Escola pequena e, portanto, candidata ao rebaixamento. Os aspectos negativos da realidade do Rio Piracicaba, homenageado pela agremiação, são associados à previsão da apresentação da Escola suscitando uma expectativa negativa. Além disso, a ascensão de grupo no desfile anterior não era atribuída aos possíveis méritos da agremiação, mas sim aos ‘deslizes’ de outras Escolas.

O caráter dessas matérias jornalísticas permite questionar acerca da interferência da

10. Analisamos os impactos do início das transmissões de televisão no capítulo 4.

cobertura da imprensa no julgamento dos desfiles e no resultado do concurso de carnaval. A partir dessa breve menção à cobertura da participação da Escola no carnaval pela Folha de São Paulo, é possível vislumbrar uma relação entre o sucesso do Príncipe Negro e o aparecimento em matérias jornalísticas enquanto a Escola se localizava na Vila Prudente, e as subsequentes dificuldades quando a presença da agremiação no bairro entra em crise, no início da década de 1980. Quando ela se muda para a Cidade Tiradentes e passa afigurar nas últimas divisões, deixa de ser mencionada na cobertura de carnaval realizada pelo jornal.

Apesar das menções positivas na imprensa durante a década de 1970, e da conquista de ascensões ao primeiro grupo nos anos de 1975 e 1979, a Escola não conseguiu instalar-se numa quadra de ensaios definitiva. Os ensaios se davam nas ruas do bairro, mais especificamente na praça que fica na confluência da rua Coelho Barradas com a rua Dr. Armando Tarantino e em outros locais como a Praça Santa Helena – no outro extremo da rua Coelho Barradas¹¹.

Trajetória e enredos do Príncipe Negro

A década de 1970 é o período de melhores resultados no concurso de carnaval para o Príncipe Negro. Suas três únicas ascensões ao grupo de elite das escolas de samba foram conquistadas nos desfiles de 1975, 1979 e 1981. Entretanto, nas três oportunidades no grupo principal – 1976, 1980 e 1982 – a escola não conseguiu se firmar, sendo rebaixada ao grupo anterior.

Em 1976, a Escola não conseguiu se manter no primeiro grupo e ficou na última colocação. O favoritismo mencionado na reportagem citada anteriormente se confirmou e a Camisa Verde e Branco, com um dos maiores investimentos daquele carnaval, se consagrou campeã. Não encontramos as cédulas de avaliação do carnaval de 1976. Entretanto, além de não conseguir o mesmo patrocínio que as agremiações favoritas, o fato de não possuir uma quadra de ensaios e espaço para confecção das alegorias devem ter se refletido na qualidade da apresentação da Escola no desfile daquele ano. Segundo reportagem da Folha de São Paulo, a agremiação perdeu uma de suas alegorias e, assim, teve sua apresentação prejudicada (FOLHA DE SÃO PAULO, 02-03-1976, p.9).

No carnaval de 1979, na avaliação dos jurados, a Escola conquistou a nota máxima nos quesitos Harmonia, Bateria, Melodia e Enredo¹², sendo que em Harmonia e Enredo, foi a

11. Voltamos ao tema dos lugares de ensaio da Príncipe Negro e de sua territorialidade na Vila Prudente no Capítulo 3.

única a tirar nota máxima. A bateria da Escola foi a única elogiada pelo avaliador com o comentário “com louvor” (imagem ao lado).

Já no carnaval de 1980, pelo primeiro grupo, a agremiação não foi bem avaliada pelo júri. Ela não conseguiu nota máxima em nenhum quesito e obteve as piores notas em Fantasias e Alegorias. Isso é um indicio de dificuldades financeiras e de infraestrutura para a construção das peças para o desfile, enfrentadas constantemente pela Escola. Em 1980, venceu a Mocidade Alegre, apesar do samba apontado como “fraco”:

Já a Mocidade Alegre, que desfilou quando recomeçava a chover, chocou o público de outra maneira: depois de horas de tons sobre tons e de degrados, ela trouxe profusão de cores, bem no estilo afro. Essas cores iam num crescendo, quebrando de vez em quando por tons mais leves. Mas veio também com uma grave falha – o samba fraco, que a boa organização da escola não conseguiu disfarçar (FOLHA DE SÃO PAULO, 19-02-1980, p.10).

Na reportagem, não é possível aferir quais os critérios para classificação de um samba como “fraco” e também não é feita uma análise comparativa entre os sambas apresentados pelas escolas. O samba da Mocidade é comparado apenas ao da Camisa Verde e Branco, sendo que o redator julga este último como de melhor qualidade. Sobre a apresentação da Príncipe Negro, não há o mesmo espaço para avaliação na matéria, a qual se limita a incluir a Escola no grupo das prováveis rebaixadas, “como punição pelo mau desempenho ou por falta de figurantes” (FOLHA DE SÃO PAULO, 19-02-1980, p.10)

Em 1981, a escola conseguiu novamente a ascensão ao grupo I, obtendo as maiores notas nos quesitos Bateria, Comissão de Frente e Evolução¹³. Novamente a bateria da escola foi elogiada com o comentário da jurada: “Já era para estar no 1º grupo. Muita emoção no ritmo”, conforme imagem ao lado.

No ano de 1982 a Escola fez a seu último desfile pelo primeiro grupo. A escola tirou notas baixas na maioria dos quesitos. Até mesmo a Bateria que era um quesito forte da Escola tirou uma das menores notas – obteve uma nota 5. O único quesito em que a agremiação tirou uma nota 10 foi “samba no pé”¹⁴, ou seja, o que menos dependia do investimento financeiro e de infraestrutura. Uma matéria da Folha de São Paulo, às vésperas da apresentação da Escola naquele ano, se referia à melhoria da situação da agremiação para captar recursos em seus ensaios realizados em uma quadra fechada: a conquista de

12. No concurso de carnaval o desfile das Escolas de Samba normalmente é avaliado por uma comissão julgadora dividida por quesitos de avaliação. No grupo II do carnaval 1979 havia 10 quesitos a serem avaliados: Alegoria, Fantasia, Letra do Samba, Harmonia, Bateria, Melodia, Evolução, Mestre-sala e Porta-bandeira, Comissão de frente e Enredo.

13. Informações das notas atribuídas pelos jurados do Grupo II no carnaval de 1981. Fonte: Centro de Memória e documentação da UESP.

14. Informações das notas atribuídas pelos jurados do Grupo I no carnaval de 1982. Fonte: Centro de Memória e documentação da UESP.

CARNAVAL DE 1979
DEFILE DO DIA 26.02.79
ESCOLAS DE SANKA

GRUPO II

CÉDULA DE VOTAÇÃO

ITEM DE JULGAMENTO: BATERIA

Nº DE ORDEM	NOME DA ESCOLA	NOTA POR EXTENSO	OBSERVAÇÕES
1	FILHOTES DA X 9	(7) SETE	
2	RENASCENÇA DA LAPA	(10) DEZ	
3	IMPÉRIO LAPEANO	(10) DEZ	
4	FLOR DE VILA DALILA	(8) OITO	
5	FOLHA AZUL DOS MARUJOS	(7) SETE	
6	TOM MAIOR	(9) NOVE	
7	PRÍNCIPE NEGRO	(10) DEZ	COM LOUVOR
8	ACADEMICOS DO TATUAPÉ	(8) OITO	
9	UNIDOS DE VILA MARIA	(9) NOVE	
10	ACADEMICOS DO IPIRANGA	(10) DEZ	
11	MORRO DA CASA VERDE	(7) SETE	
12	FALCÃO DO MORRO ITAQUERENSE	(9) NOVE	

OBS: Nota de um a dez, sem critério de meio ponto.

NOME DO JURADO: Francisco Antonio Frijão Neto
 Assinatura: [Assinatura]

IMAGEM 4: Cédula de avaliação do jurado do quesito bateria no Grupo II do carnaval 1979. Fonte: Centro de Memória e Documentação da UESP.

UNIÃO DAS ESCOLAS DE SAMBA PAULISTANAS

Fundada em 10 de Setembro de 1973

01318 - Avenida Brigadeiro Luiz Antonio, 1564 - 2º Piso - Loja 21 - São Paulo
C.G.C. (M.F.) 43.837.319/0001-58 - I.M. 8023.712-1

FILIA DA CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DAS ESCOLAS DE SAMBA

U.E.S.P.	FICHA DE VOTAÇÃO		CARNAVAL 1981
NOME DA ESCOLA			GRUPO
AMARELO - AZUL - VERDE		HOJE TEM FEIJOCADA	
CORES		ENREDO	
ITEM EM JULGAMENTO	NOME DO JURADO		
10	dez		
NOTA	NOTA POR EXTENSO		
já era para estar no 2º grupo Muito enredo no ritmo			
JUSTIFICATIVA DA NOTA			
RESERVADO PARA RASCUNHO (sem validade)			
U.E.S.P. (ASSINATURA)		JURADO (ASSINATURA)	

IMAGEM 5: Cédula de avaliação do jurado do quesito bateria no Grupo II do carnaval 1981. Fonte: Centro de Memória e Documentação da UESP.

patrocínio de comerciantes do bairro e o espaço para confecção das alegorias. Entretanto, essa melhoria de recursos e infraestrutura não foram suficientes para que a agremiação conseguisse permanecer no primeiro grupo.

A partir desses resultados obtidos pela agremiação no decorrer da década de 1970 e início dos anos 1980, é possível observar que a Príncipe Negro era uma Escola que sempre disputava as primeiras posições no segundo grupo, mas que não conseguiu reunir a mesma força nas vezes em que desfilou no primeiro grupo. Analisando o julgamento dos jurados e as reportagens sobre os desfiles, é possível perceber que o investimento financeiro na constituição do desfile era um fator determinante para o sucesso segundo a avaliação tanto da imprensa como do júri oficial no primeiro grupo. Por sua vez, no segundo grupo, outros aspectos parecem ser mais importantes que o dinheiro, como demonstram os elogios à bateria da Príncipe Negro. Assim, nos demais grupos nos quais as escolas tinham menos visibilidade e menor possibilidade de conquista de patrocínios, aspectos musicais e de dança – qualidade do samba, bateria e “samba no pé” – eram preponderantes para o sucesso no concurso de carnaval.

Enredos apresentados pelo Príncipe Negro

Embora a agremiação tenha sido fundada em 1964, ela só aparece em registros do carnaval a partir da oficialização, em 1968. Desses quinze carnavais oficiais do Príncipe Negro, enquanto esteve sediado na Vila Prudente, entre 1968 e 1982, encontramos somente dois textos de enredo – dos carnavais de 1978 e 1982 – no Centro de Documentação e Memória da UESP. Além disso, algumas letras de samba constam somente no acervo digital da página da SASP (Sociedade Amantes do Samba Paulistano) que possui, inclusive, alguns áudios dos sambas.

A falta de textos explicativos de todos os enredos analisados dificulta a avaliação das intenções da Escola para cada um dos temas abordados, posto que as letras dos sambas são bastante sintéticas.

A seguir, listamos todos os enredos apresentados pela escola no período:

1968: Castro Alves, Poeta dos Escravos

1969: (não identificado)

1970: O Guarani

1971: Coisas lindas do meu País

1972: Cem anos de poesia

1973: Sinhá Moça

1974: Brasil, ontem, hoje e sempre

1975: Epopeia Negra

1976: Tributo a Gonçalves Dias

1977: Tobias de Aguiar

1978: Apoteose ao Samba

1979: O Ajuricaba filho da Amazônia

1980: Culturas, divindades e tradições de um povo

1981: Hoje tem feijoada

1982: Maravilhosa cidade

A partir de uma breve análise dos temas elencados, pode-se dizer que, nesse período, a escola apresentou quatro linhas de enredos:

1) os de homenagem a heróis e artistas nacionais, entre eles, *Cem anos de Poesia* (1972), as homenagens a *Gonçalves Dias* (1976) e *Tobias de Aguiar* (1977);

2) exaltações ao Brasil, às lendas e à cultura brasileira como "*Coisas lindas do meu país*" (1971), *Brasil, ontem, hoje e sempre* (1974), *Apoteose ao Samba* (1978), *O Ajuricaba filho da Amazônia* (1979) e *Culturas, divindades e tradições de um povo* (1980);

3) obras literárias famosas, como *O Guarani* (1970) e *Sinhá Moça* (1973)

4) temas que se referem ao negro brasileiro, questões étnicas e raciais, presentes em *Epopeia Negra* (1975), *Apoteose ao Samba* (1978) e *Hoje tem feijoada* (1981).

Aparece ainda, de forma isolada, a homenagem à cidade de Piracicaba, com *Maravilhosa Cidade* (1982).

Durante esse período, no qual o Brasil vivia uma ditadura militar (1964-1985), os enredos e os sambas a serem apresentados pelas Escolas de Samba eram submetidos à avaliação da censura, só podendo serem apresentados nos desfiles se obtivessem a liberação do DOPS

(Departamento de Ordem Política e Social). Nesse contexto, *Brasil, ontem hoje e sempre* de 1974, é carregada de tom ufanista:

Brasil, tu nasceste gigante
E até este instante não paraste de crescer
Ontem teus heróis nos deixaram
Um exemplo de glória para o orgulho da
história
Alguns heróis partiram, vítimas dos anos fatais
Outros por nós tombaram, dando a vida pela
paz
Hoje teu saber é profundo
O teu solo é fecundo, nobre é teu coração
O teu ideal é o progresso alcançando o sucesso
Com justiça e com razão
O coração repica no peito do humilde brasileiro
Pela alegria total da operação MOBRAL
Desbravando florestas caminhando triunfante
O homem transamazônico é o moderno
Bandeirante
Ontem hoje e sempre teu glorioso perfil
Sorrindo, cantando e sambando...
Segue em frente meu Brasil

A letra do samba faz alusões à grandiosidade e qualidade das terras do país presentes no Hino Nacional brasileiro. Assim, há correspondência entre termos do samba e versos do Hino, como no caso de “nasceste gigante” e “gigante pela própria natureza”. Segue exaltando as qualidades do solo fecundo e do povo do país, em “teu saber é profundo” e “humilde brasileiro”. Na parte final, passa a exaltar feitos do governo ditatorial brasileiro de então, como o “MOBRAL” e a “Transamazônica”¹⁵. O desbravamento que o projeto da Transamazônica visava efetuar é comparado, no samba, ao desbravamento do território promovido pelos Bandeirantes no período colonial, reiterando a poética ufanista.

No carnaval seguinte, 1975, a Escola voltou-se para a temática do negro. *Epopéia negra* exalta a contribuição do negro para a cultura brasileira:

A semente dessa raça tão valiosa
Trouxeram do outro lado do mar
A brisa soprada por Deus espalhou esse pólen
E essa beleza se encontra em todo lugar
Narrando uma epopeia gloriosa
Seus contos, suas lendas e seus amores
Vieram violar a paz alheia
Num turbilhão de ritmos e cores
Tem muito negro aí

15. O MOBRL foi um programa de alfabetização de adultos instituído durante o governo Médice, em 1968. Já a Transamazônica, foi uma obra também iniciada pelo governo Médice em 1969, porém jamais concluída, que atravessaria as regiões nordeste e norte transversalmente, ligando o litoral da Paraíba à cidade de Benjamin Constant, na fronteira do Estado do Amazonas com o Peru.

Olha o nego campeão
Olha o crioulo, grã-fino
Olha a neguinha, João

Trouxeram capoeira pra lutar
Jongo, congada e reisado pra festa
Geração feliz lá lá lá... Sempre a cantar
Olha quanto samba minha gente
Cobrindo meu Brasil de alegria
Mostrando para todos os presentes
A beleza dessa nobre dinastia.

O samba aborda de maneira poética a diáspora, “soprada por deus, espalhou esse pólen”, e, dessa forma, o negro se encontra nos mais variados lugares do mundo, conforme o verso “e essa beleza se encontra em todo lugar”. A segunda parte do samba enumera as contribuições do negro como a Capoeira, expressões como Jongo e Congada, e também o Samba para a cultura nacional. O refrão chama atenção para o protagonismo do negro em relação a sua própria história, principalmente no verso “olha o nego campeão”.

Para o carnaval 1976, a Escola escolheu homenagear o poeta Gonçalves Dias. A letra do samba exaltava também o folclore do Maranhão, estado de origem do personagem:

É boi bumbá oi
A grande tradição
É bumba meu boi
Das terras do Maranhão

Foi lá que se viu
Foi lá que nasceu
O grande literato brasileiro
Poeta indianista, historiador
Foi ele que mostrou
O canto primeiro do meu sabiá
[Refrão]
Lá na mata do Jatobá
No lugar que vou falar
Foi lá onde nasceu
Boa Vista sua terra natal
Entre os poetas ele foi um magistral
Gonçalves Dias suas obras sensacionais
Contribuíram para a cultura universal
I-Juca Pirama bravo guerreiro
Foi grande maestro do maculelê
O índio mais nobre que a terra já viu
Varão derradeiro da raça Tupi.

O refrão do samba exalta a mais conhecida manifestação cultural do Estado do Maranhão, a festa do Bumba Meu Boi. Embora esteja documentado que Gonçalves Dias provém da região do atual município de Caxias, o compositor optou por indicar o nascimento do poeta em Boa Vista – que é um município de outra região do Maranhão, bastante distante de Caxias. A letra do samba foca na obra indianista do literato, embora não identifiquemos nenhuma alusão ao fato de Gonçalves Dias ser mestiço – filho de pai português e mãe indígena.

Em 1977 a agremiação homenageou um herói nacional militar Tobias de Aguiar:

Neste colorido carnaval
Príncipe Negro na avenida a recordar
Um nome glorioso e imortal
Rafael Tobias de Aguiar
O mestre patrono criador
De uma perpétua corporação
Que brilhará para sempre
Mantendo a ordem no progresso da nação

Sorocaba foi o berço
Do herói da nossa história
O Príncipe Negro canta
Relembrando a sua memória
Foi um vassalo real
Súdito de imperadores
Liberdade no ideal
Também teve seus amores
Dona Marquesa de Santos
Sublime dama de beleza divinal
Com todos os seus encantos
Na passarela vai florir o carnaval
Oh! Oh! Oh!
O ilustre brigadeiro
Exaltamos com louvor

A letra do samba, em homenagem ao patrono da Polícia Militar do estado de São Paulo suscita a questão de como o DOPS recebeu a homenagem a um herói militar feita por um desfile de Escola de Samba. Essa é uma questão pouco abordada por pesquisas sobre a atuação da censura durante a ditadura militar, uma vez que os casos mais explorados são os de manifestações de questionamento ou oposição ao regime. A composição se baseava em dados conhecidos da biografia de Tobias Aguiar e também fazia referência ao fato dele ser patrono da “perpétua corporação”, a qual seguia “mantendo a ordem no progresso da nação”.

No carnaval seguinte, 1978, a Escola fez uma homenagem a sambistas consagrados com o enredo *Apoteose ao Samba*. O texto do enredo informava a origem do samba na Bahia e a sua propagação, com variados nomes por todo o país. Mencionava também a origem das Escolas de Samba no Rio de Janeiro e, em seguida, listava alguns sambistas consagrados, começando por Donga, interprete do primeiro samba gravado, a música *Pelo Telefone* (1917). Os demais sambistas mencionados receberam títulos de acordo com setores dentro do desfile. Assim, Sinhô (o sambista José Barbosa da Silva, 1888-1930) era denominado o *Rei do Samba*, Noel Rosa (1910-1937) era a *Alma do Samba*, Mário Reis (1907-1981) figurava como o *Fixador do Samba* e Ataulfo Alves era *O Passista*. No final, juntavam-se Ari Barroso e Heitor Villa Lobos sob a denominação de *Aquarela do Brasil*. A letra do samba mesclava os dados do texto do enredo com versos ou passagens das obras dos sambistas mencionados:

O Príncipe está na passarela
Com sua máxima expressão
Numa apoteose tão singela
Oh! Que beleza de exaltação
A quem veio com os africanos
Atravessou oceanos
Para a alegria universal
De menção festiva, prazenteiro e jovial
É típico do nosso carnaval

Ele é o samba, só traz alegria
Ele tem o tempero dos quindins lá da Bahia
Dedicamos honras meritórias
Neste cenário de ilustrações
A Donga, Mario reis, que outrora
Através do samba fascinaram multidões
Ataulfo Alves fez de Amélia seu amor
Heitor Villa-Lobos musicou para o universo
Nossa homenagem carinhosa a Noel e Sinhô
Ari Barroso vou cantar-te nos meus versos

Olha o samba de roda lê lê
Batido na mão
Lá na tia Ciata, Oh! Como o samba era bom
A capoeira, candomblé, maculelê
O maracatu, congada, batuque e cateretê

O samba-enredo se referia ao homenageado, no caso, o gênero musical *Samba*, como a um personagem. O refrão mencionava variações estilísticas do samba – maculelê, batuque, cateretê – e manifestações nas quais ele se fazia presente, a saber, a Capoeira, o

Candomblé, a Congada e o Maracatu.

Com *Ajuricaba, Filho da Amazônia*, em 1979, o Príncipe Negro trazia pela primeira vez a temática indígena. Ajuricaba foi um líder da tribo Manaos, da região do atual Estado do Amazonas, que se revoltou contra o domínio português. O episódio, ocorrido no início do século XVIII envolvendo os índios Manaos e colonizadores portugueses e holandeses, é cercado de mitos e lendas¹⁶.

Ao transformar em aquarela
Um maravilhoso cenário
Príncipe Negro traz a passarela
Ajuricaba, o índio lendário
Ainda se ouve
Pela mata ecoar
Seu brado repelindo o homem branco
Que queria seus irmãos escravizar

Seu tacape era certoiro
Seu arco era fiel
Sua flecha venenosa
Como a cobra cascavel

Ó guerreiro forte
Em luta pela igualdade
Viu selada sua sorte
Ao ser réu de sua majestade
Escotado, rumo ao cadafalso sombrio
Antes que a força encontrasse
O bravo atirou-se nas águas do rio

E nesse instante ouviu-se um conto de magia
A água do rio se transfigurou
Ajuricaba filho da Amazônia
Em uma lenda virou ô ô ô

A letra do samba começa anunciando o caráter mítico que envolve a história de Ajuricaba no verso “um maravilhoso cenário”. Em seguida é mencionado o problema do “homem branco” que deseja “escravizar” os indígenas. Ajuricaba é apresentado como um “lendário” guerreiro cujas armas - tacape, arco e flecha – são muito poderosos e letais: a “sua flecha venenosa como a cobra cascavel”. O seu caráter heroico aparece no verso “em luta pela igualdade”, em oposição às intenções do “homem branco” de escravizar. É apresentada a versão mais popular da morte de Ajuricaba: o suicídio como representação da não sujeição ao colonizador português. Assim, o “bravo atirou-se nas águas do rio” e virou um símbolo de luta e resistência, tornando-se uma “lenda”.

16. Guzmán, Décio Marco Antônio de Alencar. *Histórias de branco: memória e etno-história dos índios Manao do rio Negro (Sécs. XVIII-XX)*. Dissertação (mestrado): Instituto de Filosofia e Ciências Humanas – Unicamp, Campinas, 1997.

Em 1980 a Escola trouxe um tema que costuma ser bastante explorado pelas Escolas de Samba: o positivo convívio das raças no Brasil. Com o enredo *Cultura, Divindades e Tradições de um Povo*, eram enumeradas as contribuições do branco, do índio e do negro para a cultura brasileira:

O branco com instinto aventureiro
Trouxe danças, fantasias, sedução
Mas viu no índio brasileiro
Ecoar Tupã, o Deus do Trovão
O negro com seu misticismo
Seus orixás e devoções
É o Príncipe Negro a cantar com romantismo
Cultura, divindades e tradições

Sarava... xangô
Ogum, Oxóssi e oxalá
Oxum na cachoeira
Zambi, Inhaçã, Yemanjá

História do mundo infantil o canto da sereia
alucina
Ponteio em uma viola
Cantiga de roda e festa junina
Missa do Galo, ladainha
Ao bater o sino do natal
Janeiro se louva o Divino
Fevereiro a alegria é geral

É folclore
Nesta festa colossal
Relíquias de um povo
No presente musical

A primeira parte do samba enumera as contribuições de cada um dos elementos formadores do povo brasileiro, começando pelo branco, seguido do índio e do negro, cada um com dois versos. Os negros ganham destaque no refrão, que trata dos Orixás mencionados na estrofe anterior como importante legado proveniente dos negros. Na segunda, parte são mencionadas manifestações populares e eventos do catolicismo. As contribuições de cada uma das raças aparecem sincretizadas, em alusão às cantigas de criança, "histórias do mundo infantil", e também nas versões que a festa católica do Divino Espírito Santo assumiu no Brasil, a partir da integração dos negros, passando a incorporar manifestações como as Congadas.

No carnaval de 1981 a Escola novamente abordou a contribuição cultural do negro com

o enredo *Hoje tem Feijoada*. O texto do enredo justificava a invenção da feijoada pelos negros escravizados a partir da identificação de semelhanças naturais entre a África e o Brasil, encontrando por aqui vegetais também semelhantes, e que permitiu a adaptação da utilização de miúdos de boi e de porco, tradicionais na culinária africana. O enredo falava também que os escravos enfraqueciam “trabalhando muito e comendo pouco” e que os “senhores de engenho pouco se importavam com isso”. Uma passagem do texto enfatiza que os negros em África desconheciam a fome e os índios na América também não conheciam “da forma como era conhecida pelos povos europeus”. Dessa maneira, a fome aparece como um legado dos europeus, e a invenção da feijoada pelos negros, como uma maneira de enfrentar a fome e a escassez da produção de alimentos devido ao sistema de *plantation*. Nesse sentido, foi o enredo do Príncipe Negro que apresentou a contribuição do negro na sociedade brasileira de maneira mais original:

A feijoada foi uma das conquistas do escravo, não só para lhe garantir a sobrevivência (...) e essa foi, provavelmente, grande demonstração de amor que o escravo deixou, mesmo aqueles que o massacravam. Mas poderia ter concebido que eles, europeus, sobreviveram graças a imaginação e a inteligência do escravo, lado a lado com a sabedoria natural do índio [?]

(HOJE TEM FEIJOADA, 02-01-1981, fl.02).

O texto era finalizado enfatizando o cunho “político” do enredo:

Basicamente, este tema é simples, mas nesta simplicidade existe um cunho político e social, envolvendo valores afro-brasileiro, como a origem, na cultura e no folclore, em suma os grandes valores são banidos e apagados, onde o negro de hoje está sem raízes e bases, seus antepassados e seu orgulho foram descaracterizados e dentro desta simplicidade levamos uma mensagem, relembrar alguma coisa como a feijoada, é para todos nós de fundamental importância (HOJE TEM FEIJOADA, 02-01-1981, fl.03).

Esse enredo foi elaborado com a participação do ativista negro Valter Hylário¹⁷ que, no carnaval 1981, passava a fazer parte da Escola. O samba era curto para o padrão de samba enredo, com apenas 21 linhas – enquanto o padrão costumava ser de cerca de 25 linhas:

Revivendo nesta noite
Príncipe Negro a recordar
Vem mostrar para o Brasil

17. Valter Hylário participou da Príncipe Negro durante a década de 1980 e início dos anos 1990, antes da escola se mudar para a Cidade Tiradentes. Atualmente ele também mora em Cidade Tiradentes, porém, não participou mais do Príncipe Negro depois que a Escola saiu oficialmente da Vila Prudente. Hylário não concedeu uma entrevista formal e algumas informações foram adquiridas de maneira informal durante uma visita em que ele se dispôs a nos acompanhar até região onde fora sediado o Príncipe Negro na Vila Prudente.

Como a feijoada surgiu

Neste carnaval
A nossa feijoada
Como não existe igual
Origem de um cativoiro
Típica do povo brasileiro

Coisas dadas às senzalas
Para sua alimentação
Dava força de viver
Ao negro seguir sua missão
E hoje demonstramos na avenida
Como feijoada preparar
Nesta nossa mesa que fascina
A todos que a vem saborear

Minha Sinhá
O Meu Senhô
Eis um prato feito
Com amor

Na primeira parte o samba assume o tom de demonstração da contribuição do negro, presente no texto do enredo, principalmente no verso “vem mostrar para o Brasil”. Neste caso, será mostrada uma história omitida ou pouco destacada pela historiografia oficial, de “como a feijoada surgiu”. Em seguida, é abordada a origem do prato no “cativoiro”, a partir de “coisas dadas às senzalas”. Os versos “para sua alimentação / dava força de viver” se referem ao papel de solução para a fome que o escravizado enfrentava. Na parte final é mencionado o sucesso da feijoada “que fascina a todos que a vem saborear”. O samba termina com uma alusão ao argumento defendido no texto do enredo de que a feijoada é uma “demonstração de amor”.

Em 1982, a escola realiza pela primeira vez homenagem a uma cidade. O enredo *Maravilhosa Cidade* tratava da cidade de Piracicaba.

O clarão da lua sobre o rio
Espetáculo que fascina
Parece vir do céu um lindo véu
Pra noiva da colina
O sol realçando suas cores
Faz seu clima alegre e tropical
E apesar do seu progresso
Mantém acesa a chama do folclore nacional

Piracicaba é natureza paz e amor

Num sonho de beleza

É marcante a presença da cultura em sua vida
Esperança de alegres estudantes
Oh terra querida
O verde dos seus canaviais
Parece um grande mar em sua imensidão
E a faculdade Luiz de Queiroz
Orientando o Brasil na plantação
Já vem tambu e caruru
Pra São Benedito festejar
Esse Príncipe Negro genial
Mostra esta beleza no carnaval
O rio Piracicaba traz a festa do Divino
E anunciando a festa na capela bate o sino

Din don, din don é poesia
Corações em alegria.

A letra do samba iniciava-se com uma abordagem romântica em relação aos aspectos naturais e paisagísticos da cidade, a saber, o reflexo da lua sobre o Rio Piracicaba. Também mencionava o apelido da cidade de “Noiva da Colina”¹⁸. Em seguida, são listados aspectos econômicos e sociais, como a cultura da cana de açúcar e a presença estudantil por conta das faculdades existentes na cidade, das quais se destaca a mencionada Luiz de Queiroz (ESALQ-USP), a qual vem “orientando o Brasil na plantação”. Depois são abordados elementos da cultura e do folclore da cidade como o *tambu* (batuque produzido em tambor de origem açoriana) o caruru (prato típico de origem atribuída tanto aos africanos como aos indígenas). Por fim, o samba termina mencionando as festas religiosas mais importantes da cidade.

A partir dos documentos analisados é possível observar que o Príncipe Negro não tinha uma temática predominante nesse período e que houve expressiva variedade de enredos e abordagens quem vão desde as mais alinhadas com o momento político que o país vivia – como nos enredos de homenagem a heróis oficiais ou de abordagens ufanistas – até os mais questionadores, principalmente os que abordavam questões raciais, no contexto da ditadura militar, em que as organizações políticas negras eram combatidas (ALBERTO, 2017, p.337).

Nessa pesquisa, não foi possível aferir como os componentes da agremiação se relacionavam com essas diversas temáticas escolhida pela escola. Da mesma maneira não foi possível determinar o nível de imposição ou participação da comunidade em relação

18. O apelido é atribuído a um poema de Brazílio Machado publicado em 1886 na Gazeta de Piracicaba. (<https://www.aprovincia.com.br/memorial-piracicaba/almanaque/a-noiva-da-colina-e-o-veu-2182/>)

a essas escolhas.

Do ponto de vista dos resultados, a escola conquistou três ascensões ao primeiro grupo, nesse período, com dois enredos que tratavam da contribuição do negro à cultura nacional, *Epopéia Negra* (1975) e *Hoje tem Feijoada* (1981) e com um enredo sobre a causa indígena, *Ajuricaba filho da Amazônia* (1979). Portanto, é possível afirmar que a escola obteve resultados positivos com temas que tratavam de relações raciais de maneira questionadora.

2. QUESITO EVOLUÇÃO:
Embranquecimento do folgado negro

A penetração deles [brancos] começou exatamente a partir de 68. Com a oficialização. Eles começaram a sentir.... Os estudantes começaram a frequentar samba, começaram a frequentar uma roda de samba, uma quadra (...). Lá no Peruche, na época, eu sempre trabalhei com o Plínio Marcos, (...) então os estudantes já iam tudo lá para o Peruche.

GERALDO FILME, ACERVO MIS, 1981

Na cidade do Rio de Janeiro, desde a década de 1950, havia um ingresso significativo de artistas e intelectuais, principalmente provenientes do Teatro Municipal e da Escola de Belas Artes, nas Escolas de Samba. Esse movimento era liderado pela Escola de Samba Acadêmicos do Salgueiro, na qual cenógrafos do Teatro Municipal passaram a exercer a função de carnavalescos. Ao mesmo tempo, no Salgueiro, introduzia-se uma temática que dava novo enfoque à história do negro nos temas apresentados pela escola.

Quando questionado a respeito da aproximação e incorporação de elementos brancos nas agremiações, de maneira significativa, ou de quando o negro passou a deixar de ser necessariamente, o contingente predominante, o sambista paulista Geraldo Filme¹ aponta a oficialização do carnaval paulistano, em 1968, como um importante marco.

A oficialização tem significados ambíguos. De um lado, representou o reconhecimento da atividade dos sambistas por parte do estado. Desse modo, a destinação da subvenção retirava as agremiações de uma condição marginal e, ao mesmo tempo, atraiu outros segmentos da sociedade para o carnaval de escolas de samba. Ou seja, as Escolas de Samba, que até a década de 1960 eram consideradas instituições típicas de negros, passaram a ser atraentes para a população branca. Assim, após a conquista da oficialização, foram fundadas diversas novas agremiações, muitas delas sem, necessariamente, guardar algum tipo de relação com comunidades negras ou localidades onde a presença negra era significativa.

A cidade se expandia e a população negra era expulsa para as novas periferias – situação que marcará a história da Príncipe Negro. Paralelamente, era diminuída a importância da participação dos negros nas agremiações carnavalescas. Os novos contingentes brancos que passaram muitas vezes a dirigir as Escolas existentes ou fundar novas, atraídos pela perenidade da subvenção, passaram a associar a sua presença à profissionalização da gestão das agremiações.

1. Geraldo Filme (1927-1995) foi um sambista paulista. Em suas composições e depoimentos registrou sua passagem pelos diversos espaços do samba da cidade. “Suas letras permitem compreender a cultura popular de matriz afro-descendente como parte intrínseca da vida cotidiana” (SIQUEIRA, 2019, p.15)

As transformações pelas quais passava o carnaval irão se refletir nas dificuldades da Príncipe Negro de se manter nas primeiras divisões do carnaval paulistano, enquanto as agremiações relacionadas aos novos contingentes brancos começaram a ter rápida ascensão dentro da hierarquia do carnaval.

Para a compreensão do significado da oficialização do carnaval de São Paulo, a seguir, apresentamos um panorama da fundação de agremiações carnavalescas ao longo da expansão da cidade. Assim, é possível verificar que a institucionalização foi um importante marco para a multiplicação de Escolas, porém isso está relacionado também ao vertiginoso crescimento pelo qual a metrópole passou – principalmente durante as décadas de 1960 e 1970 – e que darão um caráter específico às novas agremiações sediadas nos novos bairros periféricos.

2.1. Escola de Samba e a cidade

A Biografia do Samba é linda
Não vou narrar, porque o tempo
Não me favorece
Simplesmente por alto eu digo
Ela veio dos lamentos
Dos escravos, ao fazerem suas preces
Ô ô ô ô, são suplicas que o Brasil
Jamais esquece
O samba tomou seu feitio no morro
Está na sociedade, não ficou só por aqui
Eu sei que há de aparecer
Alguém que faça pelo samba
Como Carlos Gomes, fez por Guarani
Laia, Laia, Laia, Laia
Laia, Laia, Laia, Laia
A BIOGRAFIA DO SAMBA. CORDÃO CAMISA VERDE E
BRANCO, 1969

Originado nos “lamentos dos escravos”, logo, nos apartados da sociedade, o samba não ficou restrito à senzala ou ao “morro”, ganhou a “sociedade” e foi alçado à condição de símbolo da identidade nacional, apesar de ainda não ter conquistado o respeito que tem a ópera, ou outras expressões culturais europeias. Lançando essa ideia para ser cantada no desfile de carnaval, a marcha sambada com a qual o Cordão Camisa Verde desfilou no ano de 1969 nos permite refletir sobre a história do samba na sociedade brasileira.

A origem das escolas de samba paulistanas está relacionada aos territórios que abrigavam, predominantemente, a população negra desde antes da abolição².

Depois de 1888, essas localidades no entorno do centro da cidade abrigavam a força de trabalho que servia aos bairros da elite. Assim, a localização das agremiações carnavalescas foi um importante indício da presença negra e, ao longo do tempo, tanto as comunidades negras quanto suas instituições sofreram expulsão para áreas mais distantes do centro. Esse processo de expulsão dos negros das áreas mais centrais denota um caráter racial ao processo de formação das periferias da cidade, sendo que este é um aspecto pouco explorado pela bibliografia sobre urbanização em São Paulo.

Pode-se dizer que a gênese do samba paulistano remonta aos ritmos praticados pelos negros escravizados que vieram de outras partes do país para as lavouras de café do interior do estado de São Paulo, principalmente a partir de meados do século XIX³. Tais ritmos foram trazidos para a cidade de São Paulo com a significativa migração dos negros para os

2. Segundo ROLNIK (1997) havia na cidade uma rede de territórios de serviços e apoio às atividades dos escravos domésticos e também, áreas de trabalho dos negros forros: “o espaço das fontes, bicas d’água e rios, onde os escravos domésticos iam buscar água e as escravas e forras iam lavar roupa, constituía também núcleos de um território feito de múltiplos pontos de conexão, que acabavam por desenhar um fio invisível ao redor do espaço das casas senhoriais: sul da Sé, Largo da Forca, Várzea do Carmo, Mercado do Acu, Largo do Rosário, Tanque do Zunega” (ROLNIK, 1997, p.63)

3. Para fornecer mão de obra para a economia cafeeira em expansão por São Paulo foram trazidos escravos principalmente provenientes dos engenhos de cana de açúcar, em processo de decadência, na região que hoje reconhecemos como Nordeste (MARTINS, 2010).

4. Em “Organizações Negras”, Clóvis Moura combate o suposto casuísmo como interpretação do surgimento de organizações negras: “Essa tendência do negro se organizar não surge por acaso. Os grupos que se identificam na sociedade de classes por um estigma que essa sociedade lhes impôs podem, ao invés de procurarem fugir a essa marca [grifo do autor], transformá-la em herança positiva e organizar-se através de um ethos criado a partir da tomada de consciência da diferença que as camadas privilegiadas em uma sociedade etnicamente diferenciada estabelecem” (MOURA In: SINGER & BRANT, 1980, p.144).

5. Olga Von Simson aponta o *Caiapó* como um dos principais precursores do cortejo carnavalesco do negro paulista. Tratava-se de “um auto dramático, em forma de dança, que narrava a história da morte de um pequeno cacique indígena, atingido pelo homem branco, que conseguia voltar a vida graças às artes do pajé, para alegria e regozijo da tribo”. Ainda, segundo a autora, “a própria palavra “caiapó” era usada na São Paulo colonial como sinônimo de “bárbaro”, “inculto”, “teimoso”. Haveria, então, nesse auto dramático uma homenagem dos negros à tribo indígena mais resistente a repressão portuguesa. Notar, ainda, a indiscriminação entre negros e índios na São Paulo colonial (SIMSON, 2007).

6. Os Cacumbis também se constituíam num auto dramático no qual um Pajé ressuscitava o filho do Rei do Congo (BRA-

centros urbanos no fim do século XIX – devido à progressiva substituição da mão de obra negra na lavoura cafeeira. Durante as primeiras décadas do século XX foram preservados intercâmbios entre os sambistas da capital e os do interior, especialmente nos festejos de Pirapora (MANZATTI, 2005, p.57). Essa significativa chegada de migrantes negros à capital paulista na virada do século XIX para o XX, contribuiu para a incremento populacional e étnico tanto dos tradicionais territórios afro-brasileiros como também da futura metrópole como um todo.

Enquanto na Festa de Pirapora manteve-se a celebração da tradição rítmica do Estado de São Paulo, ou das manifestações musicais que ainda guardavam relações com o ambiente rural, na capital, introduziam-se transformações decorrentes dos novos referenciais constituintes do ambiente urbano (SILVA, 2011, p.78). Além disso, assimilavam-se influências das manifestações culturais dos negros da cidade do Rio de Janeiro, especialmente dos cordões que surgiam na capital federal, principalmente nas duas primeiras décadas do século XX. O relato de visitas ao Rio de Janeiro e acompanhamento das atividades carnavalescas da cidade é recorrente em depoimentos de sambistas paulistas pioneiros como Dionísio Barbosa e Madrinha Eunice, conforme veremos a frente ao tratar a fundação das primeiras agremiações carnavalescas.

Mesmo após a abolição da escravidão, em 1888, e com o significativo contingente de negros forros nos grandes centros urbanos, as diversas manifestações lúdicas-recreativas da população negra sofriam repressão⁴. Muitas delas só encontravam um momento menos hostil para sua apresentação no período carnavalesco, convertendo-se eventualmente em manifestações que denunciavam essa situação opressora, como no caso dos Caiapós⁵ em São Paulo, ou dos Cacumbis⁶, dos Zé Pereiras e, mais tarde, dos Cordões no Rio de Janeiro.

Na cidade de São Paulo no início do século XX, para manutenção da integração comunitária ou de parentesco entre os negros recém-chegados do interior, era comum a organização de reuniões, festas e eventos, com destaque para a organização da Romaria a Pirapora do Bom Jesus (BRITTO, 1986; SIMSON, 2007). Geralmente, esses eventos aconteciam na rua, a qual, além de espaço das atividades de trabalho⁷ de parte significativa da comunidade negra, era também um importante espaço de conagração. Assim, a fundação das primeiras agremiações carnavalescas também está ligada a esses eventos festivos e teve importante papel desenvolvido pelas matriarcas negras (SIMSON, 2007, p.101). Essas mulheres, geralmente responsáveis pelo sustento de suas famílias⁸, constituíam-se em elementos fundamentais para a organização das primeiras agremiações, posto que, mui-

tas vezes, delas dependia parte considerável do financiamento⁹, cediam o espaço de suas residências para as reuniões e ensaios, ou mesmo organizavam as festas nas ruas de suas casas.

(...) a tática de penetração coletiva (espacial, temporária) no território urbano é afirmar, através da música e da dança, um aspecto da identidade cultural negra. Nos cordões essa afirmação não se definia por meras representações (gestos, sinais, emblemas, cantos etc.), pois incluía também um movimento “selvagem” de reterritorialização (rompimento dos limites topográficos impostos pela divisão social do espaço urbano aos negros), de busca de uma livre circulação das intensidades de sentido da cultura negra (SODRÉ, 1998, p.36).

É importante mencionar também a relação entre a prática do futebol e a fundação das primeiras agremiações, relação essa que perdurará ao longo da história do samba de São Paulo. A prática do futebol também era uma importante alternativa de lazer e conagração dos negros (DOMINGUES, 2015, p.6) e as rodas de samba à beira dos campos de várzea também se constituíam em formadoras dos “batuques” das agremiações.

Em São Paulo, a partir de 1930 os cordões tiveram um rápido crescimento, considerando que a atividade carnavalesca dos negros na capital federal, estava em evidência, o que se refletia nos meios de comunicação, especialmente o rádio (CABRAL, 1998; SIMSON, 2007). Ainda nessa década houve, por três anos, um apoio da administração municipal à organização do concurso de agremiações carnavalescas paulistanas. As edições de fim de janeiro e de fevereiro de 1935 do Correio Paulistano apresentavam a convocação para inscrições de um concurso de “blocos, cordões e ranchos” com premiação, promovido pelo jornal e pela “Comissão Oficial”. A edição de 25-01-1937 fala no “patrocínio” da municipalidade pelo seu Departamento de Cultura” (CORREIO PAULISTANO, 25-01-1937). Nesse período também ocorrem importantes mudanças de espaços ocupados pelos desfiles carnavalescos. Zélia Lopes da Silva (2012), afirma:

Em 1935, o Prefeito Fábio Prado [1934 - 1938] “oficializa” os folguedos praticados pelos ranchos, blocos e cordões, ao definir um lugar específico para sua exibição. Certamente, o intelectual modernista Mário de Andrade foi partícipe dessa decisão, na qualidade de Diretor do Departamento de Cultura da Prefeitura na oca-

SIL, 2014).

7. A esse respeito, Florestan Fernandes aponta as dificuldades enfrentadas pelos negros em São Paulo, quando comparadas à outras capitais: “Em regra, nas cidades mencionadas [Recife, Salvador e Rio de Janeiro], foram os serviços associados ao artesanato urbano que deram ao liberto condições de ascensão econômica e social. (...) [Em São Paulo] Quando se acelera o crescimento econômico da cidade, ainda nos fins do século XIX, todas as posições estratégicas da economia artesanal e do comércio urbano eram monopolizadas pelos brancos e serviam de trampolim para as mudanças bruscas de fortuna que abrilhantam a crônica de muitas famílias estrangeiras” (FERNANDES, 2008, e-book).

8. No pós-abolição era comum famílias negras lideradas por mulheres que tinham mais facilidade de empregar-se nos trabalhos domésticos com maior segurança de remuneração quando comparadas à disponibilidade de trabalhos para os homens, para os quais estavam disponíveis os “biscates, pequenos serviços de carregamentos, concertar telhado, de raspar taco, concertar calha, de fazer essas coisas como um trabalho esporádico”. Olga Von Simson, em depoimento presente no documentário *Samba à Paulista: fragmentos de uma história esquecida*. Parte 1, 48:12min., TV Cultura – Fundação Padre Anchieta, São Paulo, 2007. Ver também Fernandes (2008).

9. Madrinha Eunice relata trabalhar a partir de ja-

neiro até o carnaval, nas quatro bancas de fruta que possuía na Praça da Sé, apenas para o financiamento da Escola de Samba. Documentário Samba à Paulista: fragmentos de uma história esquecida. Parte 2, 48:35min., TV Cultura – Fundação Padre Anchieta, São Paulo, 2007.

sião. Também era sabido o seu contato com o reduto negro mais inacessível da Barra Funda, devido ao seu interesse pela música e demais expressões culturais do grupo. Assim, foi nesse contexto que, nos carnavais de 1935 a 1938, as diversas agremiações dos negros e as das classes populares brancas participaram dos desfiles organizados pela Prefeitura da capital, que definiu como palco para suas apresentações a rua Líbero Badaró, distinto do espaço cenográfico oficial montado na Av. S. João, destinado às exhibições das grandes sociedades carnavalescas provenientes das elites ou por elas apoiadas, qualificadas de o “grande carnaval” ou “carnaval burguês”. (SILVA, 2012, p.62)

Embora durante a década de 1930 tenha havido esse crescimento dos cordões carnavalescos, ocorrendo inclusive apoio institucional em alguns anos, em São Paulo também é muito antiga a tentativa de confinamento dos folguedos carnavalescos. Essa é uma divergência em relação à situação do carnaval da cidade do Rio de Janeiro, o qual conquistou a institucionalização e a realização nas ruas nas proximidades do centro da cidade. As experiências de realização de concursos de carnaval em locais fechados remontam ao fim da década de 1930 na Cidade da Folia, e depois, na década seguinte, no Parque Shangai. No final da década de 1930 a Companhia Antarctica passou a promover concursos e celebrações carnavalescas na denominada Cidade da Folia, instalada dentro do parque de sua propriedade inaugurado em 1902, o Parque Antarctica, no bairro da Água Branca. Já o Parque Shangai era um parque de diversões instalado no Parque D. Pedro II em 1945 e que sediava diversos eventos culturais e de entretenimento (GESSI, 2016, p.8).

De 1914, quando foi fundado o primeiro cordão carnavalesco que conseguiu se consolidar – o Grupo da Barra Funda, que daria origem à Escola de Samba Camisa Verde e Branco – até a década de 1930, surgiram agremiações principalmente ligadas aos antigos territórios que concentravam a população negra nas proximidades do centro da cidade. A partir da década de 1940, com a expansão da cidade, nos então bairros periféricos da zona norte e da zona leste, foram criadas agremiações carnavalescas relacionadas à população negra que saía da região central, em direção a essas localidades. Mesmo com essa dispersão no território, permaneciam contatos da comunidade negra através das festas comunitárias (especialmente as de celebração do 13 de maio), encontros nos Salões de Raça e através das agremiações carnavalescas, até meados da década de 1950, conforme aponta Simson

(2007):

“Desde a década de 20, os rapazes e moças negros dos vários bairros da cidade travavam amizades nos bailes dos salões de raça do centro da cidade, e acabavam formando pequenos grupos para se divertir na Cidade da Folia ou no Parque Shangai, para organizar romarias a Pirapora do Bom Jesus, ou, ainda, por ocasião do Carnaval, (...). Esse lazer mais comum, realizado na zona mais central da cidade de São Paulo, propiciava aos jovens negros, não importando o bairro ou subúrbio em que residissem, o sentimento de pertencer a algo mais amplo do que a própria família ou comunidade de origem. Permitia-lhes construir laços sólidos de amizade e cooperação, além de um certo conhecimento e domínio do espaço central da cidade, tornando-os menos suburbanos do que muitos dos seus vizinhos de origem imigrante” (SIMSON, 2007, p.211).

A situação de comunicação entre os novos núcleos periféricos e os tradicionais territórios negros centrais se estende até a década de 1960, quando, a partir da oficialização, há um aumento significativo no número de agremiações carnavalescas criadas e que deixam de manter essa relação. Quando apontamos a oficialização como determinante para esse aumento significativo do número de Escolas e Blocos, não podemos deixar de considerar a intensificação da expansão da cidade, explosão demográfica e migração (FERRARI, 2005 e FONTES, 2008) que também demandaram a fundação de diversas novas instituições de lazer e sociabilidade nesses novos bairros.

As novas agremiações, inclusive, se relacionam com a intensificação da chegada de migrantes, provenientes principalmente do Nordeste. Entre 1940 e o fim da década de 1960, esses grandes contingentes populacionais que chegavam a São Paulo passaram também a ocupar os novos loteamentos periféricos a Norte, Leste e Sudeste da cidade, fazendo com que constituíssem em alternativa de sociabilidade para a população negra expulsa das áreas centrais e também para esses migrantes. Além disso, o estabelecimento desses migrantes possibilitou, especialmente a partir da década de 1960, a interlocução com o samba produzidos em outras regiões do país, além do Rio de Janeiro, modificando os referenciais da cultura afro brasileira paulistana (SILVA, 2011, p.87).

A partir do marco da oficialização em 1968, grande parte das novas agremiações surgidas

se caracterizam por não estarem relacionadas a locais onde a população negra se fazia presente. Nesse contexto, surgiram agremiações dirigidas por segmentos brancos com maior interlocução com o poder público e com maior capacidade de atração de recursos extras por meio de patrocinadores privados. Essas Escolas tiveram inclusive facilidades na conquista de espaços e localizações privilegiadas, o que permite explorar de maneira mais lucrativa os seus ensaios.

A seguir, apresentamos uma linha do tempo da fundação das agremiações, de acordo com alguns marcos temporais do carnaval paulistano, sobreposta a expansão urbana da metrópole de São Paulo. Esses marcos temporais serão melhor detalhados no desenvolvimento dos capítulos. Entretanto, essa síntese prévia tem como objetivo apresentar os precedentes do carnaval até a fundação da Príncipe Negro, bem como a relação da periodização adotada para a contar a história da Escola, com esses marcos do carnaval paulistano.

Considerando que diversas agremiações carnavalescas foram criadas mas tiveram uma duração efêmera, esses mapas contemplam as agremiações fundadas e que permaneceram até os dias atuais. A exceção são algumas agremiações que marcaram época, como o Cordão Campos Elyseos – que durante sua existência, pela sua importância, dividiu o protagonismo do período com o Grupo da Barra Funda (futuro Camisa Verde e Barco), e também, a Escola de Samba Primeira de São Paulo – primeira agremiação fundada como Escola de Samba na cidade.

Além disso, esse mapeamento considerou os Cordões (precursores das Escolas de Samba), as próprias Escolas de Samba e também os atualmente denominados Blocos de Fantasia, que são agremiações semelhantes às Escolas de Samba, porém menores e com regras diferenciadas de avaliação no concurso de carnaval. Do ponto de vista do interesse dessa pesquisa, os Blocos de Fantasia têm o mesmo tipo de ligação com as localidades na qual estão sediados e também enfrentam as mesmas dificuldades que as Escolas de Samba localizadas nas periferias da cidade.

Em 1930, no início do período no qual os cordões carnavalescos começariam a serem mais reconhecidos no contexto do carnaval da cidade, o Grupo da Barra Funda (Camisa Verde e Branco) e Campos Elyseos dividiam o protagonismo (CUÍCA & DOMINGUES, 2009; DOMINGUES, 2013). Nesse ano foi fundado o Cordão Vai-Vai, o qual também passaria a rivalizar com os dois mencionados cordões. Essas agremiações estavam ligadas às regiões da cidade onde havia significativa presença negra: Barra Funda e Bixiga.

Em 1952 a cidade expandia-se em novos bairros periféricos, principalmente a norte, leste e sul. Já estavam estabelecidas as primeiras conurbações do município de São Paulo com os vizinhos a oeste, nordeste e sudeste.

Como vimos na citação de Olga Simson, nessa época ainda existia importante relação entre os negros que ocupavam essas novas periferias e os que permaneciam habitando a região central. Essas relações se davam principalmente nos Salões de Raça, em festas tradicionais (13 de Maio, principalmente) e durante o carnaval, posto que os desfiles principais ainda eram realizados na região central (SIMSON, 2007). Nesse contexto, foram fundadas as primeiras escolas de samba propriamente ditas da cidade: Primeira de São Paulo, Lavapés e Nenê de Vila Matilde.

A Nenê de Vila Matilde é a precursora de uma mudança que marcará a fundação das novas agremiações a partir de então. Fundada por um grupo de amigos sambistas liderados por Alberto Alves da Silva, Seu Nenê - um migrante proveniente de Minas Gerais - a agremiação surge ligada aos encontros dos sambistas no Largo do Peixe (Vila Matilde) e ao carnaval da Vila Esperança (SIMISON, 2007; CUÍCA & DOMINGUES, 2009), o qual se tornaria um dos mais tradicionais da cidade. Assim, a agremiação surge fundamentalmente ligada ao estabelecimento da territorialidade negra nas periferias da cidade, e não mais ligada somente à ida dos sambistas dos territórios negros centrais para as periferias.

Em 1972 já aparece estabelecida a mancha metropolitana com a conurbação do município de São Paulo com os vizinhos em todas as direções, exceto a norte – devido a barreira natural da Serra da Cantareira – e a sul devido às barreiras naturais constituídas pela Serra do Mar¹⁰.

Novas agremiações foram fundadas nas periferias norte, leste e sudoeste, indicando a pulverização da população negra nas diversas regiões da cidade. Agremiações da região norte como Vila Maria, Morro da Casa Verde, Unidos do Peruche e Acadêmicos do Tatuapé representam a consolidação dessas áreas da cidade, que deixam de serem periferias e convertem-se em centros regionais. Também, durante a década de 1960, consolidavam-se as ocupações do Ipiranga e da Vila Prudente, principalmente nas proximidades do Rio Tamanduateí e seus afluentes. Além disso, o mapa mostra que novas agremiações foram fundadas além do anel constituído pelos bairros do Cambuci, Belém e Brás, bairros que nesse período ainda possuíam muitas fábricas. Por sua vez, nenhuma agremiação estava sediada na região oeste e sudoeste, vetores de expansão ocupados principalmente pelas

10. A região do extremo sul onde atualmente se encontram os distritos de Parelheiros e Masilac – de mais baixa urbanização do município – estão protegidas pela legislação ambiental desde 1975 (<http://dobuscadireta.imprensaoficial.com.br/default.aspx?DataPublicacao=19751219&Caderno=Poder%20Executivo&NumeroPagina=1>). Ao longo da intensa expansão da cidade nas demais direções, é possível tecer algumas considerações sobre a não expansão no sentido sul. A) A expansão baseada no transporte sobre pneus se deu nas direções nas quais estabelecia comunicação com um município vizinho e a Serra do Mar impedia a viabilização dessa comunicação com os vizinhos da Baixada Santista. B) O estabelecimento de Interlagos como bairro balneário para as elites, por um período, bloqueou a ocupação da região pelas camadas populares.

IMAGEM 6: Mancha Urbana de São Paulo em 1930. Edição sobre base do CESAD FAUUSP.

IMAGEM 7: Mancha Urbana de São Paulo em 1952. Edição sobre base do CESAD FAUUSP.

IMAGEM 8: Mancha Urbana de São Paulo em 1972. Edição sobre base do CESAD FAUUSP.

IMAGEM 9: Mancha Urbana de São Paulo em 1983. Edição sobre base do CESAD FAUUSP.

IMAGEM 10: Mancha Urbana de São Paulo em 1995. Edição sobre base do CESAD FAUUSP.

IMAGEM 11: Mancha Urbana de São Paulo em 2012. Edição sobre base do CESAD FAUUSP.

01 Camisa Verde e Branco	1914	15 Cabeções de Vila Prudente	1972	43 Bloco Mocidade Amazonense	1983	66 Amizade Zona Leste	1995
02 Campos Elyseos	1917	16 Sociedade Rosas de Ouro	1972	44 Bloco Unidos do Pé Grande	1983	67 Estação Invernada	1995
03 Vai - Vai	1930	17 Bloco Chorões da Tia Gê	1973	45 Combinados de Sapopemba	1984	68 Mancha Verde	1995
		18 Flor de Vila Dalila	1973	46 Bloco Unidos do Guaraú	1984	69 Camisa 12	1996
		19 Pérola Negra	1973	47 Bloco Vovó Bolão	1984	70 Tradição da Zona Leste	1996
		20 Tom Maior	1973	48 União Indep. da Zona Sul	1984	71 União da Vila Albertina	1998
		21 Barroca Zona Sul	1974	49 Bloco Caprichosos da Zona Sul	1985	72 Em Cima da Hora Paulistana	1998
		22 Império Lapeano	1974	50 Bloco Não Empurra Que É Pior	1985	73 Estrela do Terceiro Milênio	1998
04 Primeira de São Paulo	1935-1941	23 Passo de Ouro	1974	51 Bloco Caprichosos do Piqueri	1985	74 Dom Bosco de Itaquera	1999
05 Lavapés	1937	24 Prova de Fogo	1974	52 Mocidade Unida da Mooca	1987	75 Dragões da Real	2000
06 Nenê de Vila Matilde	1949	25 Colorado do Brás	1975	53 Unidos do Vale Encantado	1987	76 Independente	2000
		26 Gaviões da Fiel Torcida	1975	54 Brinco da Marquesa	1988	77 Explosão da Zona Norte	2001
		27 X9 Paulistana	1975	55 Unidos de Santa Bárbara	1988	78 Portela da Zona Sul	2001
		28 Águia de Ouro	1976	56 Boêmios da Vila	1989	79 Mocidade Robruense	2001
		29 Flor de Liz	1976	57 Iracema Meu Grande Amor	1989	80 Tradição Albertinense	2001
07 Acadêmicos do Tatuapé	1952	30 Acadêmicos do Tucuruvi	1976	58 T.U.P	1989	81 Bloco Inajar de Souza	2005
08 Unidos de Vila Maria	1954	31 Uirapuru da Mooca	1976	59 Bloco União da Trindade	1990	82 Acadêmicos de São Jorge	2005
09 Unidos do Peruche	1956	32 Dragões de Vila Alpina	1977	60 Bloco Pavilhão 9	1992	83 Raízes de Vila Prudente	2005
10 Morro da Casa Verde	1962	33 Mocidade Ind. da Zona Leste	1977	61 Bloco Garotos de V. Santa Maria	1993	84 Isso Memo	2007
		34 Unidos de São Miguel	1977	62 Valença Perus Samba	1993	85 Cacique do Parque	2011
12 Acadêmicos do Ipiranga	1967	35 Os Bambas	1979	63 Império de Casa Verde	1994	86 Imperatriz da Sul	2011
13 Imperador do Ipiranga	1968	36 Primeira da Aclimação	1980	64 Locomotiva Piritubana	1994	87 Filhos do Zaire	2012
14 Mocidade Alegre	1968	37 Unidos de Guaianases	1980	11 Príncipe Negro da C. Tiradentes	1994		
		38 Imperatriz da Paulicéia	1980				
		39 Unidos de São Lucas	1980				
		40 Folha Verde	1982				
		41 União Imperial	1982				
		42 Leandro de Itaquera	1982				

classes médias e alta da cidade.

Em 1983, já havia se verificado uma intensa ocupação das periferias, as quais haviam expandido fortemente a partir da década de 1970. A mancha urbana chegava muito próxima da ocupação atual dentro do município de São Paulo e passaria então a sofrer um grande adensamento. É nesse período que são inaugurados os conjuntos habitacionais em Cidade Tiradentes induzindo a urbanização de uma das últimas áreas de ocupação semi-rural na região leste da cidade. Assim, a região leste atingia todos os limites do município e completava a conurbação com todos vizinhos desse lado da metrópole.

Devido ao marco da oficialização, em 1968, o número de Escolas de Samba dobra com a criação de novas agremiações inclusive nas longínquas periferias da cidade. Nesse contexto, essas Escolas são importantes instituições de sociabilidade em meio à grande carência de instituições culturais, de lazer e esportivas nessas localidades, somada as deficiências de infraestrutura. Os principais vetores de surgimento de agremiações são o leste, no eixo da ferrovia e a sudeste, no eixo do Tamanduateí, ramificando em direção a Vila Prudente e ao Jabaquara. Porém, surgem agremiações inclusive na direção oeste, o que dá a dimensão da mudança de contexto de criação de novas agremiações. Bairros como Vila Madalena (onde havia uma significativa concentração negra na Vila Ida) e Sumaré passam a sediar Escolas de Samba. Também, em 1979, surge uma primeira agremiação na periferia da região sudoeste.

A mancha urbana já havia atingido os limites municipais a leste e oeste, restando apenas norte e sul como possibilidade de expansão. Surgia uma complexa rede de organizações populares, provenientes das conquistas dos Movimentos de Base, bem como as respostas do Estado aos questionamentos acerca do padrão de expansão periférico (BARONE, 2013). Era um momento em que se identificava também a acentuação das desigualdades dentro da própria periferia – até então, vista como desigual em relação à cidade servida por infraestrutura, de maneira mais ou menos hegemônica. Essa desigualdade periférica caracteriza o que Torres e Marques (2001) denominaram Hiperperiferia.

Nesse contexto, multiplicaram-se as agremiações nas periferias da cidade, evidenciando o contínuo crescimento do carnaval desde a oficialização. Em meados da década de 1980, os desfiles de carnaval do primeiro grupo passaram a ser transmitidos pela televisão. Com isso, a partir da entrada do recurso da televisão, acentuaram-se as desigualdades entre o primeiro grupo e as demais divisões do carnaval. Acentuavam-se também as dificuldades

das agremiações da extrema periferia de conquistarem ascensão aos primeiros grupos, indicando a relação entre a localização periférica e a permanência nas últimas divisões do carnaval. Há uma concentração de novas agremiações nas periferias noroeste e sul (na região do Jabaquara), de acordo com os dois vetores de expansão urbana nos dois sentidos ainda disponíveis para expansão no Município de São Paulo.

Há uma estabilização da mancha urbana enquanto continua o adensamento. Há uma reordenação no modo de crescimento da cidade, sendo que até a década de 2000 os distritos periféricos lideravam o crescimento populacional da cidade. A partir da década de 2000, distritos mais próximos do centro, e que até então apresentavam índice negativo de crescimento demográfico, passam a figurar também nas primeiras posições de crescimento (CENSOS DEMOGRÁFICOS 1990 e 2001).

A maioria das novas agremiações são criadas nos bairros periféricos, principalmente a norte, leste e sudeste. Há uma grande concentração de Escolas e Blocos na região da Casa Verde, Limão e Freguesia do Ó, muitas delas como dissidências de agremiações tradicionais, indicando a força da cultura negra baseada no samba nessa região da cidade. Na região leste, as poucas agremiações que surgiram continuaram a se localizar, principalmente, ao longo do mais antigo eixo de expansão da região, os dois ramais ferroviários. A sudeste, as agremiações se distribuíram próximas ao eixo do Rio Tamanduateí, penetrando a partir da Vila Prudente. Para o sul, seguem o vetor a partir do Ipiranga em direção ao Jabaquara.

Assim, é possível verificar que a distribuição de agremiações carnavalescas na cidade não se dá de maneira pulverizada, mas sim, concentrada em alguns vetores. A leste, seguem o mais antigo vetor de expansão dessa região, constituído pelas ferrovias. O vetor sudeste aparece como secundário, a partir do Brás, em direção à Mooca e Vila Prudente. Em direção ao sul, concentra-se principalmente no eixo Ipiranga-Jabaquara. Essa região, principalmente nas proximidades do município vizinho de Diadema, caracteriza-se por bairros populares e com bastante carências de infraestrutura. Nos últimos anos, surgiram algumas agremiações no extremo sul e sudoeste. Por fim, a região norte é a que possui maior adensamento de agremiações carnavalescas e, por não ter um grande eixo que tenha ordenado a ocupação – como a ferrovia a leste, o Rio Tamanduateí e o complexo viário de ligação à rodovia Anchieta a sul – tem as agremiações concentradas na região da Casa Verde e Limão, em direção à Brasilândia, mas, ainda assim, possui diversas agremiações distribuídas por todos os distritos da região.

2.2. A oficialização dos desfiles e o embranquecimento do folguedo negro (1968–1984).

Ô ô ô ô
Liberdade, Senhor,
Passava a noite, vinha dia
O sangue do negro corria
Dia a dia
De lamento em lamento
De agonia em agonia
Ele pedia
O fim da tirania
Lá em Vila Rica
Junto ao Largo da Bica
Local da opressão
A fiel maçonaria
Com sabedoria
Deu sua decisão lá, rá, rá
Com flores e alegria veio a abolição
A Independência laureando o seu brasão
Ao longe soldados e tambores
Alunos e professores
Acompanhados de clarim
Cantavam assim:
Já raiou a liberdade
A liberdade já raiou
Esta brisa que a juventude afaga
Esta chama que o ódio não apaga
Pelo Universo
É a evolução em sua legítima razão
Samba, oh samba
Tem a sua primazia
De gozar da felicidade
Samba, meu samba
Presta esta homenagem
Aos "Heróis da Liberdade"
Ô ô ô

HERÓIS DA LIBERDADE. MANO DÉCIO DA VIOLA, MANUEL FERREIRA E SILAS DE OLIVEIRA, G.R..E.S. IMPÉRIO SERRANO, 1969.

Com este samba enredo no carnaval de 1969, a Escola de Samba carioca Império Serrano adentrava a Av. Presidente Vargas, desafiando o AI-5, decretado no ano anterior. O regulamento dos desfiles das Escolas de Samba do Rio de Janeiro para aquele ano ameaçava com a desclassificação as Escolas que trouxessem travestis para a avenida, o que refletia

o acirramento da ditadura instituída em 1964, e da censura as agremiações carnavalescas (MOURA, 1986, p.27-8).

O novo regime, a partir do golpe militar de 1964, procurou cessar os debates a respeito da ideia de democracia racial brasileira, convertendo o conceito em uma afirmação ou “certeza” solicitada para compor os ideais do Golpe. Isso serviu como justificativa de combate às organizações políticas negras (ALBERTO, 2017, p.337).

Na cidade de São Paulo, a distância proveniente do espraiamento urbano e as dificuldades de transporte, característicos do seu padrão de crescimento urbano, fez com que fossem fundadas um grande número de novas agremiações, proporcionais à explosão demográfica no período e visando cumprir, nessas periferias, o papel de alternativas de lazer e sociabilidade para esses referidos contingentes populacionais. Porém, essas instituições estavam distantes das agremiações pioneiras, tanto fisicamente, como também do ponto de vista dos referenciais culturais:

O afluxo populacional para a cidade de São Paulo, notoriamente intenso nas décadas de 1950 e 1960, fez crescer novos bairros e aglutinou neles novos moradores das mais diversas procedências: desde aqueles que se movimentavam pela própria cidade, dentre os quais tantos expulsos das áreas centrais em processo de verticalização, quanto migrantes (do interior de São Paulo, dos estados vizinhos, do Norte e Nordeste). Da mesma maneira que no caso anterior, nessa rearticulação nas periferias da cidade há uma intensificação de contatos e um “intercâmbio”, mesmo que involuntário, entre diversas formas musicais: os sambistas entram em contato direto com os cocos, baiões, emboladas e outras criações do Norte e Nordeste; e vice-versa. (SILVA, 2011, p.87).

O carnaval da cidade do Rio de Janeiro contava desde a década de 1930 com um concurso de Escolas de Samba organizado pelo Estado. Durante as décadas de 1950 e 1960 o desfile das Escolas de Samba adquiriam importância cada vez maior na economia da cidade. Assim, as escolas de samba passaram a atrair cada vez mais a população branca e a classe média.

A maior presença das agremiações nos meios de comunicação, o início das transmissões de TV e o consequente aumento do investimento nos desfiles, fizeram com que o carnaval

de Escolas de Samba passasse por adequações comerciais visando incrementar a comercialização do LP de sambas de enredo, bem como de fantasias e participação de contingentes alheios às agremiações, nos desfiles. Nesse contexto, também surgiria a figura do carnavalesco como o profissional responsável pela concepção dos desfiles.

As transformações pelas quais passava o carnaval carioca refletiam nas diversas localidades do país onde havia carnaval de Escolas de Samba. Em São Paulo, ao mesmo tempo em que os sambistas estavam engajados na luta pela oficialização dos desfiles, manifestavam posições críticas aos rumos que os desfiles de Escolas de Samba tomavam.

A partir da década de 1960, foram realizados os Simpósios do Samba. Nesses eventos, iniciados em 1962 por meio do Primeiro Congresso do Samba¹¹, eram debatidos os rumos que o carnaval de Escolas de Samba deveria tomar, em meio ao crescimento, popularização e relacionamento com os meios de comunicação e com a indústria cultural (FARIA, 2013, p.3-4). A Carta do Samba¹², redigida pelo etnólogo Edison Carneiro, abria-se no seguinte tom de alerta:

O Congresso do Samba valeu por uma tomada de consciência: aceitamos a evolução normal do samba como expressão das alegrias e das tristezas populares; desejamos criar condições para que essa evolução se processe com naturalidade, como reflexo real de nossa vida e dos nossos costumes; mas também reconhecemos os perigos que cercam essa evolução, tentando encontrar modos e maneiras de neutralizá-los. (CARNEIRO, 02-12-1962).

A realização desses eventos revela o engajamento dos sambistas nos debates sobre os rumos do carnaval de Escola de Samba no período em que se deu a institucionalização na cidade de São Paulo. Dessa maneira é possível afirmar que a oficialização não foi nem simplesmente imposta de cima pra baixo, através de um desejo da prefeitura, e muito menos uma simples adequação ao modelo de concursos de Escolas de Samba da Cidade do Rio de Janeiro.

A década de 1960 marca também um momento em que as Escolas de Samba do Rio de Janeiro, além das mudanças estéticas, caminhavam para a introdução de mudanças no próprio ritmo que embalava os desfiles. Dessa maneira, o samba de enredo assimilava critérios externos ao universo dos compositores, visando a formatação para o consumo¹³. O caso paradigmático desse processo foi o sucesso de *Pega no ganzê*, de 1971¹⁴. Esse samba

11. Nesse Congresso, realizado na cidade do Rio de Janeiro em 1962, instituiu-se a celebração do Dia Nacional do Samba no dia 2 de dezembro.

12. Disponível em <https://spiritosanto.wordpress.com/2012/11/28/a-carta-do-samba-e-o-i-congresso-nacional-do-samba-de-1962/>.

13. Em 1968 acontece o primeiro carnaval acompanhado do LP de sambas enredos das Escolas de Samba do Rio de Janeiro, fruto de um acordo celebrado entre a Associação das escolas de Samba da Guanabara e a gravadora Top Tape (MOURA, 1986, p.26).

14. *Pega no ganzê* era um verso que passou a apelidar o samba *Festa para um Rei Negro*, do Acadêmicos do Salgueiro, 1971. O samba ganhou projeção internacional tornando-se, inclusive, hino de torcidas de futebol mundo afora.

de enredo caracteriza-se por versos curtos, ritmo marchado e considerado “animado” para o padrão característico dos sambas de enredo até aquele momento¹⁵. Ser mais “animado” e mais “acelerado” passou a ser importante para o novo formato de desfile que, além de conquistar os turistas da plateia (já nessa época bastante importante para a economia da cidade do Rio de Janeiro durante o carnaval), precisava adequar-se comercialmente, alavancando a recém instituída venda dos LPs de samba enredo (MOURA, 1986).

O II Simpósio do Samba, realizado na cidade paulista de Santos em 1967, e o III Simpósio, realizado no Rio de Janeiro, em 1968, reuniram delegações de sambistas de diversos Estados do País. Sobre o intercâmbio estabelecidos nesses simpósios, Geraldo Filme comentou:

Nós perdemos as características nossas de samba, de tudo, desde o Simpósio de 1968, no Rio. Então a gente tinha as escolas, Peruche... tinha umas escolas que ainda se mantinham naquela linha nossa. Aí voltaram de lá querendo balançar o samba. O samba é pesado, não tem nada de balanço (FILME, ACERVO MIS, 27-05-1981).

Entretanto, nesses eventos contrastava-se a situação das Escolas de Samba cariocas, que já vivenciavam e discutiam questões de direitos autorais e inserção na televisão, com a situação paulista, na qual as agremiações ainda disputavam diversos concursos não oficiais em diferentes locais da cidade. Havia desde apresentações na região central, como também no Parque do Ibirapuera, na Lapa e na Vila Esperança (SIMSON, 2007; BARONETTI, 2013).

Além disso, enquanto no Rio de Janeiro o estado subvencionava as agremiações desde a década de 1930, em São Paulo, somente em algumas ocasiões especiais, a prefeitura forneceu algum apoio financeiro, como por exemplo em 1954, ano dos festejos do IV Centenário Paulista. Segundo Evaristo de Carvalho¹⁶, também houve subvenção em 1967:

Em 1967, o Estado deu uma verba para se fazer o carnaval, para as Escolas fazerem o carnaval. Aí, esse dinheiro foi entregue a uma emissora de rádio aqui em São Paulo, posso até citar: a Rádio Record. Os sambistas, os dirigentes da ocasião, os papas do samba, ficaram indignados: “a verba vem, fizemos o CD [sic], foi para uma emissora de rádio? A gente ficou a ver navios”. Alguém comen-

15. Segundo o jornal EXTRA, em entrevista com Zuzuca – compositor de *Festa para um Rei Negro*, “Na época, eram comuns os sambas conhecidos como lençóis, ou seja, de letras extensas, palavras complicadas e sem um refrão marcante”. Fonte: <https://extra.globo.com/noticias/carnaval/carnaval-historico/autor-depega-no-ganze-salgueiro-1971-zuzuca-counta-que-seu-samba-foi-muito-criticado-na-epoca-7289134.htm>, 26/09/2015.

16. Evaristo de Carvalho (1932-2014), foi jornalista e radialista com uma trajetória profissional dedicada ao samba. Participou das negociações para oficialização do carnaval paulistano.

tou: “olha, se vocês se organizarem, vocês vão ter subsidio oficial” (EVARISTO DE CARVALHO, ‘SAMBA À PAULISTA: FRAGMENTOS DE UMA HISTÓRIA ESQUECIDA’, 2007).

Foi nesse contexto que, no ano de 1967, diversos dirigentes de agremiações uniram-se a radialistas simpáticos e militantes das Escolas de Samba para construir uma proposta de solicitação de patrocínio a ser entregue ao então prefeito, José Vicente de Faria Lima. Às Escolas, além da subvenção perene, interessava a concentração do concurso num único local, evitando deslocamentos e variadas apresentações pela cidade (BARONETTI, 2015, p.43).

O prefeito recebeu de maneira positiva a proposta de oficialização do carnaval paulista. A Câmara Municipal recusou o projeto na primeira apresentação, alegando não estar informada a procedência da verba para abertura do crédito suplementar a ser concedido¹⁷. O projeto foi aprovado em 29-12-1967 e, com investimento da prefeitura de NC\$480.000,00¹⁸ (quatrocentos e oitenta mil cruzados novos), foi realizado o primeiro concurso oficial de Escolas de samba da Cidade de São Paulo, em 1968 (BARONETTI, 2015, p.43).

Faria Lima, que era carioca e admirador das Escolas de Samba de sua cidade (CUÍCA & DOMINGUES, 2009), acompanhava a maneira como o Estado, principalmente via Secretaria de Turismo, revertia o crescente sucesso das Escolas em receita para a municipalidade, no Rio de Janeiro. Em sua gestão em São Paulo, procurou implementar alguns eventos no carnaval conforme o modelo carioca. Houve, em 1968, por exemplo, além da oficialização dos desfiles, a organização de um Concurso de Fantasias no Teatro Municipal de São Paulo, nos moldes do já bastante famoso concurso do Teatro Municipal do Rio de Janeiro, conforme anunciou a Folha de São Paulo, com a manchete: “Prefeitura tenta reanimar o Carnaval”:

A Prefeitura e sua Secretaria de Turismo estão empenhadas em proporcionar à cidade um carnaval movimentado. O prefeito conseguiu da Câmara a aprovação de verba de 480 mil cruzeiros novos para que São Paulo tenha “um grande Carnaval”, e o secretário municipal de Turismo, sr. Tibiriçá Botelho, que é homem de propaganda, já entrou em entendimentos com o secretário de Turismo da Guanabara, a fim de trazer para São Paulo “a beleza e a vibração do Carnaval Carioca” (FOLHA DE SÃO PAULO, 22-02-1968).

17. Diário Oficial Estado de São Paulo. Ano LXXVII – nº 235 – 12/12/1967. <http://www.saopaulo.sp.leg.br/memoria/atas-e-anais-da-camara-municipal-2/>.

18. Corrigidos pelo IGP-DI, o valor corresponderia a pouco mais que R\$5 milhões. Para o carnaval 2018, o aporte foi de R\$39,3 milhões (D. O. Cidade de São Paulo, 01/11/2017).

Desse primeiro concurso de carnaval oficial da cidade, participaram 15 Escolas de Samba, divididas em três grupos e também participaram três cordões carnavalescos¹⁹. O regulamento adotado foi copiado do concurso de Escolas de Samba do Rio de Janeiro, sendo que os cordões carnavalescos fizeram parte do carnaval oficial até o ano de 1971, quando os três remanescentes, Vai-Vai, Camisa Verde e Branco e Fio de Ouro se converteram em Escolas de Samba (ACERVO SASP).

Segundo Geraldo Filme, após a oficialização, aumentou a frequência dos brancos às Escolas de Samba: “os estudantes começaram a frequentar samba, começaram a frequentar uma roda de samba, uma quadra” (FILME, ACERVO MIS, 1981). Esses estudantes universitários compunham, “uma nova classe-média que se inseria no sistema de ensino superior brasileiro em expansão”, interessada em “manifestações artísticas populares” em um comportamento de contraponto ao imperialismo estadunidense, comum à “grande parte do espectro esquerdista” (FERNANDES, 2010, p.155).

Em São Paulo, diversas novas agremiações foram fundadas após a oficialização, demonstrando que, além do interesse da juventude universitária, as Escolas de Samba se tornavam mais atraentes devido a instituição da subvenção estatal. Nesse contexto, é representativo o caso da Escola de Samba Mocidade Alegre, oriunda de um bloco de sujos²⁰ organizado por Juarez da Cruz²¹ ainda na década de 50. Branco, carioca, residente em São Paulo desde 1948, Juarez estruturou o seu grupo a partir de um convite feito pelo dono de uma rede de supermercados para um show em uma festa (HTTP://WWW.MOCIDADEALEGRE.COM.BR/HISTORIA/, 2019). Fundada em 1967, a Escola iniciou seus ensaios no bairro de Vila Mariana, porém, devido às reclamações de moradores, ela deixou esse bairro. Juarez conseguiu um espaço para ensaios no bairro do Limão, onde permanece até hoje. Com um espaço para ensaios e patrocínios, a Mocidade obteve ascensão muito rápida ao grupo de elite do carnaval paulista, graças principalmente à habilidade de Juarez da Cruz na administração da agremiação e na atração de recursos junto a comerciantes do bairro para o custeio do seu desfile. A escola ingressou no primeiro grupo com um tricampeonato: 1971, 72 e 73.

Outra agremiação bastante representativa desse período, surgiu da aproximação do advogado branco Eduardo Basílio a uma roda de samba fundada pelo Pai de Santo Zelão da Tenda, na Brasilândia (CUÍCA & DOMINGUES, 2009, p.76-7). Basílio, que estava inserido nos meandros da política municipal, pode oferecer aos sambistas da Brasilândia fácil inserção na estrutura oficial do carnaval paulistano. Assim, valendo-se de sua influência e

19. Fonte: Acervo SASP, <http://www.sasp.com.br/>. Consultado em 2016.

20. Blocos de Sujos são grupos populares de foliões desprovidos de caráter institucional, caracterizados pelo improviso musical, instrumental e de fantasias (sendo comum inclusive, a ausência destas últimas).

21. Juarez da Cruz (1930-2009) era natural de Campos dos Goytacazes (RJ) e mudou-se para São Paulo em 1948. Branco, sempre contava sua trajetória pessoal e também de estruturação da Mocidade, a partir de seus empregos no comércio.

contatos no meio político, levou alguns dos sambistas para o bairro da Freguesia do Ó e fundou a Rosas de Ouro, em 1971, a qual também teve rápida ascensão dentro das divisões do carnaval paulistano. A Escola alcançou o primeiro grupo já em 1975. Desde então, ficou sempre entre as seis primeiras colocadas, até alcançar um bicampeonato nos anos de 1983 e 1984, respectivamente.

Na contramão dessas novas Escolas fundadas a partir de lideranças brancas, pertencentes às classes médias da cidade, uma das mais antigas agremiações da cidade, a Escola de Samba Lavapés entrou em decadência a partir da década de 1970. Madrinha Eunice, que dirigiu a Escola desde sua fundação até próximo de sua morte, no ano de 1997, resistiu em introduzir as “inovações” administrativas e organizacionais, correntes nas escolas de samba após 1968. A atual presidente da Lavapés, Rosimeire Marcondes (neta de Madrinha Eunice), atribui essas dificuldades de ascensão dentro da estrutura do carnaval da cidade, entre outras coisas, às dificuldades de inserção em um modelo de carnaval no qual o trabalho comunitário²² não era mais valorizado em decorrência da valorização da profissionalização:

Ela [Madrinha Eunice] falava muito assim: ‘os brancos vão tomar conta do samba e vocês vão perder o espaço de vocês’ (‘LAVAPÉS, A RESISTÊNCIA DO SAMBA’, 29’03”, 2012)

A construção do desfile passava a estar submetida às imposições do carnavalesco e a um espetáculo ajustado às demandas dos meios de comunicação:

Mas não é carnavalesco, é sambeiro. Esses aí eu classifico como sambeiro. Não temos e nem posso, não temos condições pra isso. Na Lavapés, o que ela sai, é montado por mim mesma. Eu vejo o enredo e digo: ‘olha, vamos sair com tal enredo, vocês acham de acordo, e tal? Um enredo mais fácil e mais barato pra nós’. Se o pessoal acha de acordo, nós fazemos isso. Se aparece alguém com negócio de querer fazer isso, fazer aquilo pra ganhar, eu digo: ‘Aqui, a nossa Escola não é profissional. A nossa Escola é amadora’ (MADRINHA EUNICE, ACERVO MIS, 1981 *apud* LAVAPÉS: ANCESTRALIDADE E PERMANÊNCIA, 2017).

Os Simpósios do Samba continuaram acontecendo no início da década de 1970, pelo que se depreende tanto dos relatos de Geraldo Filme quanto das colunas de Hiram Araújo²³ nos jornais cariocas, ambos importantes nomes que frequentavam esses eventos. Consti-

22. Madrinha Eunice se orgulhava de produzir todas as peças do desfile dentro de suas possibilidades numa estrutura comunitária, sem contratação de profissionais externos a comunidade. Essa estrutura ainda é preservada, na medida do possível pela atual administração da Escola.

23. Hiram da Costa Araújo (Rio de Janeiro 1929-2017) era branco e foi médico, carnavalesco e pesquisador de carnaval. Integrou o Departamento Cultural da Escolas de Samba Imperatriz Leopoldinense entre 1966 e 1969, representando-a nos Simpósios do período. Em 1968 apresentou a tese “Escolas de Samba versus comercialização” no III Simpósio do Samba e passou a escrever sobre carnaval no Jornal de Sports do Rio de Janeiro.

tuíam-se no principal espaço de reflexão e debate sobre os rumos que o carnaval de Escolas de Samba tomava no Rio de Janeiro e em São Paulo. No artigo “Descaminho é o mal maior”, publicado no Jornal dos Sports, em 1968, Hiram Araújo apontava as contradições do consumo, que ele chamava de profissionalização do carnaval:

Desta forma, as Escolas de Samba contribuem para a satisfação da vaidade de alguns elementos, inclusive criando recalques em seus verdadeiros sambistas – menos aplaudidos, menos citados pelos jornais, rádios e televisões. Nesta história toda de profissionalismo, aos poucos alguns véus vão sendo levantados. O profissionalismo dos destaques é muito mais pernicioso do que o dos sambistas, o primeiro, por vaidade, o segundo, por necessidade (JORNAL DOS SPORTS, 20-01-1968).

E prosseguia sobre a aproximação elementos das classes médias ou acadêmicas:

Reconheço ser um intruso dentro do samba. Mas acho que é impossível, atualmente, o samba se manter impermeável as pessoas estranhas, dada a invasão que ele sofreu a partir de 1960, com a entrada de Pamplona, Arlindo Rodrigues, etc., nas Escolas de Samba. Com a invasão de pessoas estranhas, a afluência de aventureiros foi muito grande, criando vícios e distorções, que podemos chamar de descaminhos do samba (JORNAL DOS SPORTS, 20-01-1968).

Araújo definia a si mesmo e a outros carnavalescos brancos, que passaram a fazer parte das Escolas de samba cariocas, como “intrusos” que trouxeram problemas para uma manifestação típica dos contingentes negros, “criando vícios e distorções” e “descaminhos do samba”. Nesse contexto, Araújo também argumenta que os problemas se davam não só a partir dos carnavalescos, mas também por conta de outros setores que os brancos passaram a ocupar, como os “destaques”, também responsáveis pelo “profissionalismo”, prejudicial às Escolas.

Geraldo Filme, referindo-se às contendas travadas nos simpósios comenta o entendimento de que em São Paulo ainda haveria uma resistência frente as incursões do consumo:

Se eu te contar você não vai acreditar: o Simpósio de Campos, embora mal organizado, São Paulo deu um banho lá. Porque os verdadeiros sambistas que foram simposistas, eles estão jogando

com São Paulo, estão achando que o Rio está descaracterizado em termos de samba, de tudo. E que São Paulo, já naquele simpósio, foi colocado, pelos cariocas mesmo, sambistas como Hiram [Araújo], como outros mais, que São Paulo está mantendo as raízes, que São Paulo é a salvação da coisa toda.

Teve dois paulistas defendendo, principalmente Joãozinho Trinta e aquelas coisas tal: foram massacrados, tanto pelos daqui quanto pelos de lá. Teve Amauri Jório participando, Seu Hiram, aquela turma mesmo de sambistas de tradição. E o pouco que conseguiu de debate, São Paulo deu um banho defendendo as tradições e as raízes (GERALDO FILME, ACERVO MIS, 1981).

Da fala de Geraldo Filme, podemos observar um conflito entre tradição – que remeteria às origens das agremiações em núcleos populares negros – e a evolução – caracterizada pela inserção de demandas do consumo, dos meios de comunicação de massa, que apareciam junto com os novos contingentes predominantemente brancos. Essa oposição é recorrente nos discursos registrados de Geraldo Filme e também pauta muito da análise da obra do sambista, como podemos observar nos trabalhos de Silva (2011), Azevedo (2006, 2017 e 2018) e Siqueira (2018 e 2019).

Esse conflito entre tradição e evolução pode ser interpretado como existente entre agremiações, com as mais antigas, as quais tinham em sua história o predomínio de negros, em oposição às novas Escolas, fundadas com predomínio dos segmentos brancos. Além disso, os embates poderiam ser observados no interior das próprias agremiações, em que os novos elementos que chegavam procuravam assumir cargos de direção e “modernizar” as estruturas administrativas e organizacionais.

No decorrer da década de 1970, consolidam-se as novas agremiações ligadas aos segmentos brancos, conquistando posições importantes na hierarquia do carnaval – caso das mencionadas Mocidade Alegre e Rosas de Ouro. Por sua vez, as agremiações tradicionais, Camisa Verde e Branco, Vai-Vai e Nenê de Vila Matilde conseguiram manter-se disputando as primeiras colocações com essas novas agremiações. Isso nos permite especular que o prestígio construído por essas agremiações nos anos anteriores à oficialização, mas também, a sua localização em bairros com maior visibilidade da população negra – casos do Camisa Verde e Branco, na Barra Funda, e do Vai-Vai, no Bixiga permitiram que essas agremiações participassem das disputas em pé de igualdade nas décadas subsequentes de

1980 e 1990.

Nesse contexto, a Príncipe Negro era uma agremiação de um bairro onde a presença negra era omitida das narrativas oficiais. Associado a isso, a agremiação foi fundada às vésperas desse período em que as novas agremiações brancas obtiveram rápida ascensão dentro da hierarquia do carnaval, por conta da oficialização. A limitada visibilidade e associação a um bairro onde a presença negra não era reconhecida, contribuía para que a Escola tivesse dificuldades de permanecer no primeiro grupo e, conseqüentemente, conquistar prestígio dentro do carnaval da cidade.

3. ALEGORIAS E ADEREÇOS:
Avenida Anhaia Mello e a expulsão dos negros
(1958-1975)

O samba não levanta mais poeira
Asfalto hoje cobriu o nosso chão
Lembrança eu tenho da Saracura
Saudade tenho do nosso cordão
Bexiga hoje é só arranha-céu
E não se vê mais a luz da Lua
Mas o Vai-Vai está firme no pedaço
É tradição e o samba continua
GERALDO FILME, 1975.

Os projetos urbanos têm servido para reproduzir um modelo de cidade que se considera universal. Entretanto, quando soterram ou apagam formas de cidade divergentes, evidencia-se que esses planos representam um modo específico de fazer e viver na cidade. Assim, há uma racialização nos planos urbanos hegemônicos que busca condenar, estigmatizar, ocultar a cidade que é construída com agência do negro, com outras relações e interações com os espaços públicos, sociabilidade e mediações (ROLNIK, 1997; PATERNIANI, 2018).

Em outra perspectiva, que abrange as relações raciais no âmbito da luta de classes, tem sido privilegiada a análise de ocupações precárias, processos de favelização, tendo como possibilidade evidenciar as desigualdades raciais, a saber, trabalhos que enfocam processos de expulsão dos negros de áreas centrais para periferias distantes – no caso de São Paulo. Nesse sentido, são exemplos os trabalhos de Carril (2006) e Oliveira (2008).

O caso do Príncipe Negro da Vila Prudente nos permite observar que os processos racializados não se dão apenas associados às grandes desigualdades de classe. As margens do Córrego da Mooca foram ocupadas de maneira regular por famílias negras que compraram os lotes e lá construíram suas vidas, conforme pudemos apurar nas entrevistas realizadas. A construção de uma avenida, a qual faria a conexão entre o Bairro do Ipiranga e São Mateus, no extremo leste da cidade, e as consequentes transformações imobiliárias, concorreram para a saída dessas pessoas do bairro de Vila Prudente. A memória do futebol de várzea e a fundação de uma agremiação carnavalesca negra dão pistas sobre o significado da presença negra no bairro, a qual é omitida nas narrativas predominantes que se referem à sua formação. Essas narrativas atribuem a ocupação da Vila Prudente a grupos imigrantes de origem europeia (REIS FILHO, 1991).

A história da construção da Avenida Anhaia Mello nos permite evidenciar a atualização e continuidade das disputas raciais ao longo da urbanização da cidade de São Paulo, mesmo onde a presença negra não está documentada, identificada, ou é silenciada, como no caso do bairro da Vila Prudente.

3.1. A presença do Príncipe Negro na Vila Prudente.

E quando era Príncipe Negro, essa época, setembro, outubro, o pessoal já começava a correr atrás de tecidos. A casa da minha avó ficava com quatro ou cinco máquinas. Do lado de fora, na sala, no quarto.

Tira roupa, põe roupa.

Era uma folia, mas era bem gostoso. Era muito bom!

Desse pedacinho pra lá (esse trecho da rua pra lá, não). Desse trecho da rua pra lá, era o fervor. Eles falavam que era a rua da negrada.

O lado de lá que ainda tinha uns dois ou três italianos, mas o resto - de ponta a ponta - parecia um quilombo. Muita, muita, muita gente. E nas esquinas também, tinha a casa do Nori ali, do Jacó que era mais pra frente, do Assis que era ali na frente. Da praça pra cá, era só alegria (RITA MARIA ACÁCIO DA SILVA, 18-08-2019).

A Vila Prudente figura na historiografia que trata dos bairros de São Paulo como bairro industrial e de imigrantes de origem europeia. Entretanto, o depoimento acima contraria essa narrativa ao indicar uma significativa presença de população negra, com laços de vizinhança e sociabilidade, inclusive com a fundação de instituições como uma escola de samba.

Desde a década de 1940, a Favela da Vila Prudente encontra-se instalada em área que vai do desague do Córrego das Vacas no Tamanduateí, em direção à Mooca. Mas a presença negra na Vila Prudente não se resumia às ocupações da favela existente na região - o que poderia servir de justificativa para a omissão sobre a população negra nas narrativas predominantes, por desejarem omitir a presença da favela no bairro. Famílias negras adquiriram terrenos, ou alugavam casas, principalmente nas proximidades do Córrego da Mooca e lá se instalaram em residências legais até a construção da Avenida Professor Luís Ignácio de Anhaia Mello. Os consequentes processos de desapropriações e valorização imobiliária vieram abalar a sua presença no local.

O depoimento de Rita da Silva com o qual abrimos esse texto também menciona a Escola de Samba Príncipe Negro, dando indícios da organização e sociabilidade entre os negros moradores das proximidades do Córrego da Mooca. Entretanto, o projeto da avenida

sobre o córrego foi um importante fator de expulsão dessa população negra bem como da Escola de Samba lá fundada. Na década de 1990, a agremiação acabou mudando-se para a Cidade Tiradentes, acompanhando componentes que lá foram morar.

Dessa maneira, a construção da Avenida Anhaia Mello serviu também ao apagamento ou silenciamento da presença negra na Vila Prudente, reforçando a narrativa hegemônica sobre a formação do bairro. Tais narrativas, quando mencionam a presença negra, limitam-na à ocupação de favelas ou loteamentos ilegais, reforçando a associação do negro à ilegalidade.

Narrativas sobre a Vila Prudente

O loteamento original da Vila Prudente data do final do século XIX, com a ocupação de terras pertencentes a imigrantes italianos conhecidos como irmãos Falchi, que lá instalaram uma indústria de confeitos. Nestor Goulart Reis Filho (1991), em artigo publicado no *Jornal da Tarde*, no contexto das comemorações do centenário do bairro, refere-se à formação de diversos bairros da cidade devido ao surto industrial do final do século XIX. Porém, o autor chama atenção para a excepcionalidade da Vila Prudente que, diferente da demais localidades industriais, era afastada da ferrovia:

Os primeiros bairros industriais de São Paulo começaram a se formar em 1890, imediatamente após a proclamação da República: a Lapa com as oficinas de S.P.R., a Água Branca com o curtume e a segunda fase da Antártica, o Brás com a Fábrica Santana e o Moinho Matarazzo [...] e a Vila Prudente com as fábricas dos irmãos Falchi. As indústrias estavam todas instaladas ao redor das ferrovias, que haviam sido construídas nas décadas anteriores. A única exceção era a Vila Prudente. Por isso mesmo, suas empresas tiveram sempre um caráter mais acentuadamente familiar (REIS FILHO, 1991, p.07).

O caráter periférico e apartado da cidade pela linha férrea e pelo Rio Tamanduateí, possivelmente contribuiu para que o bairro demorasse a ter suas terras valorizadas. Os Falchi não conseguiram da Light & Power a extensão de uma linha de bonde ao bairro, contribuindo para que a região permanecesse bastante vazia (ROLNIK, 1997, p.117). Até as primeiras décadas do século XX, o bairro manteve-se circunscrito ao loteamento original, alcançando a margem norte do Córrego da Mooca e Córrego das Vacas, os quais

conformavam os limites da expansão em direção ao sul, pelo menos até a década de 1920, conforme é possível observar na Planta de S. Paulo da Comissão Geographica e Geologica de São Paulo, de 1924. Dada a ocupação das áreas ao sul dos Córrego das Vacas e da Mooca, registradas como Parque Vila Prudente e Vila Zelina no Mappa Topographico do Municipio de São Paulo – SARA Brasil, de 1930, é possível observar a intensificação da ocupação do bairro no decorrer das décadas de 1940 e 1950. Fotos aéreas desse período confirmam essa hipótese.

Ao norte do Córrego da Mooca, a ocupação se expandiu em direção ao leste ao longo do eixo constituído pela Estrada de Vila Ema e Estrada do Rio Claro, em direção ao bairro de São Mateus. Do lado sul do córrego, a expansão se dava em direção ao município vizinho de São Caetano do Sul, a sudeste, enquanto em direção a leste, até a década de 1970, a ocupação era interrompida por um extenso descampado que ia de um córrego que desaguava no Córrego da Mooca, onde hoje é a Rua Pinheiro Guimarães, até a Avenida Jacinto Menezes Palhares. Essa área desenvolveu-se com predomínio de ocupação não residencial, e atualmente estão localizados nela o Parque Ecológico da Vila Prudente e o Cemitério da Vila Alpina, além de um Clube Municipal e uma Escola Estadual.

Como dito anteriormente, a narrativa oficial que prevalece a respeito da Vila Prudente é a do bairro constituído por imigrantes italianos, num primeiro momento, e depois, provenientes do leste europeu. Essa é a versão explorada em publicações que se propõem a contar a história do bairro. Essa versão é também reproduzida pelo mercado imobiliário. Nesse sentido, a página SPBairros reproduz um trecho do livro 450 Bairros São Paulo 450 Anos:

Como a maioria dos imigrantes italianos que aqui chegaram os irmãos Falchi: Panfilio, Emídio e Bernardino, vieram com toda a disposição de ficar e ter um trabalho digno. E assim, juntamente com Serafim Corso, adquiriram, de Maria do Carmo Cipariza Rodrigues, uma gleba denominada Campo Grande, em 20 de outubro de 1890.

Enquanto Serafim Corso apenas loteou as terras, os irmãos Falchi mudaram-se para o bairro, construindo residências e uma fábrica de chocolates. Era a Fábrica de Chocolates Falchi, a primeira indústria do bairro, que empregava principalmente imigrantes italianos. Os chocolates Falchi perduraram até por volta de 1950,

IMAGEM 12: Planta Geral de São Paulo organizada por Gomes Cardim, 1897, com indicação do loteamento da Vila Prudente. Fonte: CESAD FAUUSP.

IMAGEM 13: Ampliação da Vila Prudente na Planta de 1897.

IMAGEM 14: Planta Geral da Cidade de São Paulo da Comissão Geographica e Geologica de São Paulo, 1924, com indicação da Vila Prudente. Fonte: CE-SAD FAUUSP.

IMAGEM 15: Ampliação da Vila Prudente na Planta de 1924.

IMAGEM 16: Mappa Topographico do Município de São Paulo - Sara Brasil, 1930, com indicação da Vil Prudente. Fonte: CESAD FAUUSP.

IMAGEM 17: Ampliação da Vila Prudente com destaque do arruamento do bairro em amarelo.

IMAGEM 18: Foto aérea da Vila Prudente em 1940 com indicação do Córrego da Mooca e do Rio Tamanduateí, ambos não retificados. Fonte: Geosampa - Prefeitura Municipal de São Paulo.

quando a fábrica foi desativada. (...)

O nome do bairro vem da admiração que os proprietários tinham pelo presidente da República Prudente de Moraes, que havia sido o primeiro governador do estado de São Paulo (de 14 de dezembro de 1889 à 18 de outubro de 1890) logo após a proclamação da República (WWW.SPBAIRROS.COM.BR/VILA-PRUDENTE/).

Na página da construtora Tecnisa, optaram por essa mesma narrativa que exalta a presença de imigrantes europeus como determinantes para as características do bairro:

Vila Prudente começou a existir, oficialmente, em 1890. Vila Zelina, a partir de 1930 e, curiosamente, desde seu início tornou-se abrigo de imigrantes do leste europeu, principalmente da Rússia, Lituânia, Polônia e Ucrânia. Mas foi principalmente após o fim da Segunda Guerra Mundial que essa imigração cresceu. (...)

Vila Zelina desenvolveu-se ao redor de uma colina. Em seu topo fica a Praça da República Lituana, coração do bairro. Nela estão a Igreja, dedicada a São José, e alguns pontos comerciais importantes: farmácias, a padaria, farmácias (sic), uma loja de ótica e foto. Supermercados, bancos, lava-rápido, pets-shop, veterinários, médicos, dentistas, despachantes, contadores, locadoras, restaurantes, lan-houses, armarinhos, mercearias, Rotisserie, bares, docerias, lavanderias - enfim, tudo que é necessário para se viver uma vida com qualidade.

Os imigrantes que povoam Vila Zelina trouxeram tradições, danças típicas, rostos diferentes, e, principalmente, boa comida. A Rotisserie do Victor é um exemplo disso - lá se pode experimentar alimentos como Koseijena e Krienai, entre outras delícias. Ou experimentar uma tradição lituana, o licor de mel, que "esquenta a alma e alimenta o corpo".

Assim é Vila Zelina. Um excelente lugar para morar, e onde já moram pessoas ótimas (WWW.TECNISA.COM.BR/BAIRROS/VILA-PRUDENTE/69).

No trecho citado percebe-se a intensão de atribuir exclusivamente aos imigrantes europeus todo o legado cultural do bairro. A referência a presença do "rosto diferente",

apesar da intenção de exaltar a diversidade do bairro, se restringe às variações dentro do grupo imigrante europeu. Essas tentativas de construção de cenários para os bairros aos quais se atribui uma identidade de imigrantes europeus têm focado em aspectos da culinária e festas específicas, nas quais é possível ver as apresentações de “danças típicas”. Fica subentendido que a presença dos negros no bairro não trouxe nenhum legado que se encaixe no entendimento do que é “necessário para se viver [no bairro] uma vida com qualidade”.

A chegada de imigrantes do leste europeu – principalmente russos e lituanos – a região bairro de Vila Zelina também remonta às primeiras décadas do século XX, no contexto das políticas de incentivo à entrada de imigrantes europeus promovidas pelo estado brasileiro. As transformações sociais pelas quais passava a Rússia e a perseguição religiosa a alguns grupos estimulavam a saída de significativos contingentes da região. Esses imigrantes que vieram para o Brasil, tiveram como destino diversas colônias agrícolas, muitas das quais no oeste do estado de São Paulo e no Mato Grosso do Sul (VOROBIEFF, 2006).

Essa é a história da família de Demétrio Dimitrov, que atualmente é membro da Associação de moradores, comerciantes, empresários e amigos da Vila Zelina, a AMOVIZA.

Eu nasci no Brasil, numa colônia russa, na divisa com o Mato Grosso. Era uma colônia de 400 imigrantes, mais ou menos. E eu nasci nessa região, divisa com o Mato Grosso. A cidade que eu nasci chama Santo Anastácio.

E lá, na época que estava sendo construída a Estrada de Ferro Sorocabana, o meu tio, ele trabalhou na Rússia, ele fez curso de estrada de ferro e não sei o que, e então ele veio trabalhar nessa aqui, e levou bastante gente. Tanto é que ele que trouxe a maioria das famílias dessa comunidade para o Brasil. Trazendo da Rússia pra cá.

Eu nasci lá, mas o meu avô já estava aqui [Vila Zelina] na década de final de 30, 40. Ele comprou um lote de terra aqui e deixou meu pai cuidando do sítio. Aí eu vim para São Paulo em 1967, vim pra cá, no bairro já estou aqui a 52 anos (DEMÉTRIO DIMITROV, 10-01-2020).

Assim, esses imigrantes estabeleceram-se no bairro no início do século XX, mesma época em que as famílias negras também chegavam a região do Parque Vila Prudente, às

margens do Córrego da Mooca, conforme apurado nas entrevistas realizadas com esses moradores negros.

A seguir, reproduzimos trecho do texto que declara os objetivos da AMOVIZA em seu site:

Entidade registrada oficialmente em 2008, objetiva além de mobilizar a comunidade local e adjacências para o bem comum, a pedido da própria comunidade local, lançou oficialmente em Novembro de 2008 durante os festejos de seu aniversário de fundação na Festa do Aniversário de Vila Zelina a iniciativa cultural regional, não étnica, aberta ao público paulistano, de sustentabilidade social, econômica, cultural, turística e ambiental visando a valorização desta região de São Paulo que possui este aspecto cultural forte. Valorizando a história dos imigrantes do centro e leste europeu, em especial dos lituanos que foram um dos grandes pioneiros e empreendedores juntamente com destaque também os russos, búlgaros, ucranianos e os poloneses, letos, estonianos, eslovenos, croatas, húngaros, bielorrussos, tchecos e romenos que fizeram e fazem parte desta história. Nesta época já haviam Portugueses (Família Monteiro Soares proprietária das terras), Italianos, Espanhóis, Gregos, Africanos, Japoneses, Israelitas e Brasileiros natos (<http://www.amoviza.org.br/objetivo.asp>, acessado em janeiro de 2020).

Esse excerto se refere à chegada dos imigrantes do leste europeu à região da Vila Prudente quando esta já era ocupada por diversos grupos de diferentes países e origens étnicas. Apesar disso, principalmente a partir do final do século XX, a presença russa e lituana conquistou notoriedade, tanto que a partir da década de 1980, houve diversas disputas em torno da identificação do bairro de Vila Zelina entre os dois grupos¹.

Chama atenção a referência à “Africanos” no texto. Nesta pesquisa não pudemos tomar conhecimento de nenhum registro da presença de imigrantes africanos no bairro, no século XX. Assim, entende-se que o termo ‘africanos’ é empregado em referência aos negros.

Segundo Demétrio, os imigrantes russos estão distribuídos por toda a região sudeste da metrópole:

1. Na década de 1980, houve um projeto por parte da comunidade lituana para mudança do nome do bairro de Vila Zelina para Parque Lituânia, mas não foi aprovado em uma consulta popular realizada. Em 2013, a comunidade russa queria transformar o bairro com alguns elementos e mobiliário urbano que remetessem à Rússia, e a comunidade lituana protestou (www.amoviza.org.br; Folha da Vila Prudente).

Na Vila Prudente tem bastante descendentes [de russos] também. Na Mooca também tem bastante descendentes, e também bastante croatas na Mooca. Iugoslavos, búlgaros tem bastante. Se você ir um pouquinho mais pra lá, São Caetano, você vai ver que tem bastante também, aqui na divisa. Temos igrejas católicas ucranianas em São Caetano, temos igrejas evangélicas ucranianas, temos igreja ortodoxa ucraniana, em São Caetano. Todo esse pedaço aqui, se você for um pouquinho mais pra frente, em Santo André também tem uma comunidade grande lá também. O russo tem bastante, mas também está tudo meio separação, distribuído na região (DEMÉTRIO DIMITROV, 10-01-2020).

A fala de Demétrio Dimitrov afirma a existência de uma distribuição de imigrantes do leste europeu e seus descendentes pulverizada nessa região da metrópole. Entretanto, as narrativas de identidade dos bairros acabam escolhendo algum grupo para privilegiar. É o caso dos próprios russos, em disputa com os lituanos na Vila Zelina, ou mesmo dos italianos, com os quais se identifica o bairro da Mooca.

Demétrio recorda das travessias do Córrego da Mooca para visitar parentes e amigos do outro lado, na Vila Prudente:

Minha mãe era costureira, e eu atravessava a rua Ibitirama, era uma pontinha de madeira, não sei se você já ouviu falar, dava medo de atravessar. Quando chovia, nossa! Dava medo porque você olhava pro chão aquelas madeiras vazadas, podre, você tinha que atravessar.

E eu lembro muito bem que eu atravessava, lembro das chácaras que tinha. Então quando você vê lá em baixo no Arthur Friedenreich², um pouco mais pra frente, onde é a prefeitura, ali era uma chácara. Ali era tudo chácara de verduras, né? Então via o pessoal plantando. Era bonito de se ver. Onde é a prefeitura, subprefeitura, era uma sede de uma chácara. E eu lembro que era moleque, tinha umas árvores frutíferas, a gente pulava o muro lá pra pegar umas frutinhas (DEMÉTRIO DIMITROV, 10-01-2020).

Sobre as escolas de samba da região, Demétrio conhece apenas a Cabeções de Vila Prudente³ e recorda ter visto alguns desfiles realizados no bairro:

2. CEE Arthur Friedenreich, ou Clube Escola da Vila Alpina é um clube municipal as margens da Av. Anhaia Mello.

3. A Cabeções de Vila Prudente é uma Escola de Samba fundada em 1968, que tem sua origem em um rancho carnavalesco criado pelos funcionários de uma indústria de papel da Vila Prudente. Voltaremos a tratar da Cabeções no capítulo 4 deste trabalho.

Tinha aqui embaixo uma escola de samba e tinha os Cabeções da Vila Prudente. O Cabeções da Vila Prudente ainda tem ali embaixo do viaduto.

Eles chegaram a desfilar aqui embaixo, tinha aquelas escolas de samba antigas, a muitos anos atrás se fazia um desfilezinho aqui embaixo. Eu já não vejo mais isso há vários anos.

Na [rua] Pinheiro Guimarães, eles faziam [os *desfiles*]. Depois fizeram umas vezes lá embaixo, do outro lado, perto lá da subprefeitura. Mas depois, nunca mais vi. Isso demanda recurso, né? É caro. Mesmo que seja uma coisa simples, demanda.... (DEMÉTRIO DIMITROV, 10-01-2020).

A partir do depoimento de Demétrio Dimitrov é possível aferir que na Vila Prudente não aconteceram interações significativas entre os imigrantes europeus e os negros, como aconteceu em outros bairros, como por exemplo, o Bixiga, onde há referências às relações entre a colônia Italiana e os negros (NASCIMENTO, 2015). Apesar da visibilidade que o carnaval de escolas de samba possuía mesmo entre a população que não participava dele, as Escolas de Samba não conseguiram consolidar a associação de sua imagem a do bairro, como o fazem as organizações culturais ou étnicas, ligadas aos imigrantes europeus, ou mesmo como as instituições comerciais o fazem, inclusive, valendo-se das identidades étnicas desses imigrantes.

Como vimos, a chegada dos imigrantes proveniente do leste europeu remonta às primeiras décadas do século XX. A igreja ortodoxa russa e a lituana foram construídas durante a década de 1930, o que indica a organização dessas colônias no bairro neste período. A última leva significativa de imigração se deu após o término da Segunda Guerra Mundial (VOROBIEFF, 2006). Assim, o fortalecimento dessas colônias se deu durante as décadas de 1950 e 1960. No final da década de 1980, ocorreram disputas entre a colônia Russa e Lituana pela identidade do bairro, inclusive com uma proposta de mudança de nome para Parque Lituânia (O ESTADO DE SÃO PAULO, 12-05-1988 *in*: <http://www.amoviza.org.br>).

Até as comemorações do centenário da Vila Prudente, no início da década de 1990, a identificação do bairro como constituído por imigrantes italianos, a partir do loteamento original, ao norte do Córrego da Mooca, ainda era a predominante. A vinculação à imigração do leste europeu tem sido explorada mais recentemente pelas propagandas do mercado imobiliário, possivelmente, articuladas às transformações mais recentes do

bairro, como a chegada de uma linha de metrô. Nesse contexto, a denominação Vila Prudente é deslocada do loteamento original e incorpora de maneira preponderante a região ao sul do córrego, com ênfase na Vila Zelina.

Príncipe Negro na Vila Prudente

Enquanto na margem norte do Córrego da Mooca os terrenos mais baixos eram ocupados por galpões, na margem sul, de ocupação mais recente – a partir da década de 1920 – concentrou-se uma ocupação predominantemente residencial. Essas áreas, mais sujeitas a enchentes e alagamentos, provavelmente ofereciam terrenos a preços mais baixos. Muitas famílias negras recém-formadas adquiriram propriedades na região conforme recordam alguns moradores:

Meu pai morava nesse quintal que a gente tá agora e a minha mãe no outro quarteirão ali na frente.

A minha avó, que eu me lembre, quando eu vim.... ela estava aqui desde quando não era nem [rua] Coelho Barradas, era outro nome. Três ou quatro nomes já teve essa rua aqui.

Mas foi desde o início, sempre, sempre a vida toda [que morou neste endereço] (RITA DA SILVA, 18-08-2019).

Rita da Silva é negra e mora no mesmo terreno adquirido por sua avó no início do século XX (ela não sabe informar ao certo, mas estima que na década 1920). O lote, antes da construção da avenida, ia da Rua Coelho Barradas até as margens do córrego. Outra moradora negra, Sandra Regina de Sales, reside também na mesma propriedade constituída por seus avós, em área mais alta em relação a várzea do córrego, na Rua Francisco Polito:

Minha avó veio do Rio de Janeiro, o meu avô, veio do Rio de Janeiro também.

Minha mãe sempre morou aqui. Meu pai morava em Franco da Rocha, aí casou com a minha mãe e veio morar aqui.

Aí embaixo era rio, era morro, não era nada. Minha avó, acho que foi um dos primeiros moradores daqui (SANDRA REGINA DE SALES, 24-08-2019).

Essas lembranças evidenciam a fixação dessas famílias negras no bairro, de maneira pioneira, nas primeiras décadas do século XX, mesma época da chegada dos imigrantes

provenientes do leste europeu.

Ademir Gomes da Silva é tio por parte de mãe de Rossimara Vieira Isaias e atualmente mora na Vila Ema. Participou da Príncipe Negro desde a fundação e ainda desfila pela escola sediada na Cidade Tiradentes. Suas memórias associam o Parque Vila Prudente e a Vila Zelina como um continuo constituindo um mesmo bairro:

Eu morava aqui. Nós nascemos aqui. Eu nasci na Vila Prudente.

Eu morava na Rua Madri. Mas, o restante [dos componentes da Escola], morava tudo ali na Vila Zelina mesmo.

Nós nascemos tudo lá, fomos criados ali na Vila Zelina. Não dava nem dez minutinhos da nossa casa quando era lá.

Era na Vila Zelina. O ensaio ficava na praça [pergunta para o irmão] praça Santa Helena. Quando era o primeiro Príncipe, depois que eles arrumaram, durante muitos anos eles ficaram ensaiando na rua (ADEMIR GOMES DA SILVA, 18-05-2019).

A Rua Madri fica próxima da atual avenida Salim Farah Maluf, na Vila Prudente, enquanto a Praça Santa Helena fica no encontro das Ruas Coelho Barradas e José dos Reis, no Parque Vila Prudente, lado sul da Avenida Anhaia Mello.

Na cobertura do carnaval de 1971 pela Folha de São Paulo a Príncipe Negro ganhou destaque em duas matérias. A primeira tratava do falecimento de uma componente da Escola às vésperas do desfile, com a manchete “O carnaval acabou em V. Prudente: Geraldina morreu”:

Era uma hora da manhã de ontem quando o samba parou em Vila Prudente. Na avenida José dos Reis, 420, figuras da Escola de Samba Príncipe Negro interromperam de súbito o seu desfile de bairro, e no batuque o crioulo Agenor deu a ordem de silêncio: caída no asfalto, a sambista Geraldina de Oliveira, sua mãe, estava morrendo.

“A Sociedade Príncipe Negro nasceu com ela, que foi sua grande inspiradora”, disse ontem Roberto de Souza, presidente da Escola.

“Desde pequenos, eu, seus filhos e grande parte da turma do Príncipe Negro, a “tia” falava muito em samba e carnaval: tinha loucura pelas batucadas, pelas músicas que nasciam, assim, sem nenhuma pretensão, docemente. Mas ela nunca havia feito parte

IMAGEM 19: Ruas citadas nos depoimentos e principais ruas da Vila Prudente. Edição sobre foto aérea de 1972. Fonte: Laboratório de Aerofotogeografia e Sensoriamento Remoto FFLCH USP.

das rodas de samba, até o dia em que, em 1967, resolvemos fundar a Príncipe Negro”.

Daí por diante, Geraldina de Oliveira passou a dividir sua vida entre a escola e o lar. Entretanto, sua função na Príncipe Negro era a costura e o bordado das fantasias, quase que exclusivamente. O samba, ela vivia nas evoluções dos cinco filhos e nos passes “quase mágicos de Antônio, o marido”, disse Roberto de Souza.

De 1967 para cá, a Escola firmou-se nas rodas de samba de São Paulo. O número de integrantes foi aumentando e chegou a 420. Em seu primeiro desfile de Carnaval, no Vale do Anhangabaú, sagrou-se campeã do terceiro grupo. Nos outros dois anos, foi vice-campeã do segundo grupo. Este ano, com um samba enredo que relata “as coisas lindas do Brasil”, a Sociedade Príncipe Negro, pretende chegar ao primeiro grupo, “mesmo sem Geraldina, que faz todas as fantasias e que, pela primeira vez, ia desfilar conosco”.

O SAMBA CAIU

Era uma hora da manhã de ontem quando o samba parou em Vila Prudente. Na avenida José dos Reis, 420, figuras da escola de samba Príncipe Negro esperavam em silêncio a confirmação da morte de Geraldina.

“No ano passado, a ala das baianas tinha apenas 12 figuras”, segundo Roberto de Souza. “Este ano, porém, passou a contar com 42 sambistas. Quem incrementou a idéia foi a “Tia” (FOLHA DE SÃO PAULO, 23-02-1971, p.05)

A matéria acima reforça a ideia do vínculo da Escola de Samba com o bairro da Vila Prudente, ao dizer que “o carnaval acabou em V. Prudente”, também, ao mencionar o desfile na rua José dos Reis. Também, a fala do presidente da agremiação na época, Roberto de Souza, reproduzida na matéria, menciona a intenção desses moradores negros da Vila Prudente de inserir o bairro nas “rodas de samba” da cidade, através da criação de uma Escola de Samba.

Essa matéria teve continuidade na edição do dia seguinte do jornal, com fotografias do velório e do enterro de Dona Geraldina. A imagem a seguir parece ser uma tomada na rua Francisco Polito em direção ao vale do Córrego da Mooca. A reportagem informava

o endereço de Dona Geraldina naquela rua, de onde saiu o cortejo para o Cemitério São Pedro, na Vila Alpina.

Na imagem 20 é possível identificar a presença de pessoas brancas, embora a mulher fantasiada de baiana em primeiro plano seja negra. Isso sugere que, apesar de ser uma agremiação caracteristicamente negra, o Príncipe Negro reunia participantes e simpatizantes brancos e negros.

Conforme os relatos, parece que, por um período, a escola ainda conseguia realizar seus ensaios na rua sem grandes problemas:

Nenhum, nunca teve. E eles faziam aquele negócio de alvará, pra tal hora. Porque tinha muitas crianças também que ficava andando pra lá e pra cá na rua aqui. Mas, problema de polícia não. E nem briga, também não tinha muito não. Nunca teve, era uma coisa bem família mesmo. Vinha o pessoal de fora, curtia, tudo, mas, briga, também, essas coisas assim, nunca teve. Não lembro também de briga feia, de tiro (RITA DA SILVA, 18-08-2019).

E sobre eventuais novos moradores que chegavam ao bairro, Rita afirma que, no geral, se integravam às atividades dos sambistas:

Sim, participavam. Que, antigamente, dava 6h o pessoal estava tudo no portão, até tantas horas da noite. Aí começava o samba ali, ficava todo mundo: cervejinha, carrinho de pipoca por ali, vinha gente, vinha gente (RITA DA SILVA, 18-08-2019).

Isso pode indicar que, enquanto a agremiação obtinha sucesso no concurso de carnaval e figurava na imprensa positivamente, ela atraía pessoas para os seus ensaios e era aceita no bairro. Entretanto, depois da construção da avenida Anhaia Mello, no final da década de 1970, quando se intensificou a vinda de novos moradores, a escola começou a ter problemas para realizar seus ensaios na rua e sofreu inclusive, com o preconceito, conforme relata Rossimara Vieira Isaias:

Ali onde ficava a Escola de Samba nos últimos anos a vizinhança, nossa! Não respeitava enquanto cultura, achava que a grande maioria negros, maloqueiros, que estavam fazendo bagunça ali. Eles não tinham aquela visão de saber da história, quantos anos estava no bairro, que eles estavam chegando lá, o bairro teve todo

IMAGEM 20: Baianas do Príncipe Negro, ainda fantasiadas, se dirigem ao enterro de Dona Geraldina com arranjos de flores. Fonte: Folha de São Paulo, 24-02-1971, p.7.

esse crescimento socioeconômico, mas a Escola estava ali... era muito nítido isso. Muito nítido.

Então, o pessoal fazia muita denuncia⁴, entendeu? Aí o policiamento batia muito em cima, sabe? De querer constranger aí a gente...A maioria do pessoal mais antigo não tinha aquilo de saber dos direitos e era, a maioria, tratada como marginal: 'a negrada que fazia samba, que era tudo...' E não era bem isso. Mas eles não tinham nem como...

E lá na Vila Prudente, eles achavam: "Como você vai achar que isso é cultura? Jamais! Isso daqui é uma coisa que nos incomoda. A gente não quer isso como referência para o nosso bairro"!

Era bem assim. Era uma coisa que dava para ver: Passava aqueles carros: "Aff, quando vai acabar isso"? (ROSSIMARA VIEIRA ISAIAS, 10-12-2016)

Assim, o "crescimento socioeconômico" apontado por Rossimara concorreu para que a Escola encontrasse dificuldades de alcançar prestígio no bairro. Associado a isso, no decorrer da década de 1980, a imprensa começava a deixar de dar o mesmo destaque às agremiações do demais grupos do carnaval, priorizando a cobertura do primeiro grupo, conforme já comentamos nos capítulos 1 e 2.

A Escola aparece associada a aspectos negativos do bairro em uma reportagem da folha de São Paulo às vésperas do carnaval de 1982:

A Príncipe Negro, no entanto, não se abate. Atingida pelas águas fétidas do rio das Vacas (um riacho), que corta a Vila Prudente próximo à sua quadra, a escola já caiu do Grupo I em 78⁵. Com a inundação, boa parte das fantasias ficou imprestável. O que sobrou, a pesada chuva que desabou sobre a avenida enquanto a escola desfilava se encarregou de destruir. [...]

Independentemente de fidelidade histórica [do enredo sobre a cidade de Piracicaba, escolhido para o carnaval daquele ano], organização e outros requisitos mais comuns nas grandes escolas, que contratam por boas somas disputadíssimos carnavalescos, a verdade é que a Príncipe Negro é uma forma de lazer e diversão para uma pobre e sofrida parcela de moradores da cidade.

4. Nesta pesquisa não conseguimos acessar boletins de ocorrência que ajudariam a conhecer em detalhes o caráter dessas denúncias.

5. Há um equívoco na matéria posto que a Escola desfilou pelo Grupo II em 1978, conforme documentos presentes no Centro de Memória e Documentação da UESP e registro de resultados no acervo digital da Sociedade Amantes do samba paulistano – SASP.

IMAGEM 21: Baianas do Príncipe Negro no desfile de 1982 na Avenida Tiradentes. Fonte: Folha de São Paulo, 23-02-1982, p.11.

IMAGEM 22: Trabalhadores no barracão do Príncipe Negro em 1982. Fonte Derly Marques, Folha de São Paulo, 18-02-1982.

Reunindo habitantes de uma grande favela das proximidades, operários metalúrgicos e trabalhadores ditos não-qualificados, a escola conseguiu os Cr\$6 milhões que gastará com o desfile nas festas que promoveu na sua modesta quadra à Avenida Anhaia Melo (sic), coletas (sic) entre a população e, pela primeira vez desde que foi criada (em 1964, a partir de um time de futebol organizado por Arcílio⁶), alguma ajuda de empresas locais. Uma grande metalúrgica, a Pazini, chegou a remover pesadas prensas e serras para abrir espaço à confecção dos carros alegóricos. Mesmo assim, ao contrário das grandes escolas que trancafiavam seus carros e adereços, vedando a entrada de fotógrafos e estranhos até o momento de ir para a avenida, quem quisesse saber como a Príncipe Negro vai sair, basta passar em frente à indústria que lhe serve de barracão. Membros da escola pintam e colam peças e enfeites à beira da rua e fogem apressados da chuva, quando ela ameaça engrossar (FOLHA DE SÃO PAULO, 18-02-1982, p.12).

Além das dificuldades de não possuir um espaço fixo na Vila Prudente, a escola também sofria com as constantes enchentes da região. Na reportagem é apontado como as enchentes prejudicam a apresentação e desempenho da escola no desfile oficial. O carnaval de 1982 foi um dos poucos nos quais a Escola pode dispor de uma quadra de ensaios e de um espaço específico para construir suas alegorias, conforme mencionado na reportagem. Entretanto, isso não foi suficiente para que a escola conseguisse competir em pé de igualdade com as agremiações que já contavam com essa infraestrutura há vários carnavais. Dessa maneira, a escola também não conseguiu permanecer no primeiro grupo naquele ano.

A partir dessas aparições do Príncipe Negro em reportagens da Folha de São Paulo no início da década de 1970, é possível afirmar que havia uma associação da imagem da agremiação ao bairro de Vila Prudente e a população negra. A matéria sobre o falecimento da componente da Escola, Dona Geraldina, faz menção aos “crioulos” e também apresenta diversas fotografias de componentes negros da agremiação. Além disso, a manchete e o texto, sobre esse episódio, noticiam que “o samba parou em Vila Prudente”.

6. Arcílio Antunes era o presidente da Escola em 1982.

Podemos observar que, enquanto a Vila Prudente era considerada um bairro periférico, “operário”, ou popular, essa associação entre a imagem de uma escola de samba e a

identidade do bairro era possível e permitida. Conforme a cidade expandia-se em bairros cada vez mais distantes, e a condição da Vila Prudente passava a ser de bairro mais próximo do centro, inclusive com o incremento do sistema viário, a Príncipe Negro viu-se em dificuldades de permanecer nesse lugar.

Houve ainda uma tentativa de fusão com outra agremiação do bairro, a Cabeções da Vila Prudente. Porém, isso não foi suficiente para a permanência da Escola no bairro⁷.

Ainda durante a década de 1970, em alguns momentos, a Escola chegou a utilizar espaços alugados para ensaios. Entretanto, era difícil mantê-los nos períodos mais distantes do carnaval, quando havia menos ensaios e, conseqüentemente, menos geração de renda. Assim, o aluguel era efetuado quando já se intensificavam os ensaios rumo ao próximo carnaval, como exemplifica o anúncio da inauguração da quadra na Rua Cavour, centro da Vila Prudente, noticiada na Folha de São Paulo:

A Escola de Samba Príncipe Negro inaugura hoje sua nova sede, na rua Cavour, 708, em Vila Prudente. Para comemorar o acontecimento, haverá uma roda de samba que começará às 22 horas. Será lançado o enredo "Brasil antes, hoje e sempre", para o carnaval 74 (FOLHA DE SÃO PAULO, 03-11-1973, p.03).

Mesmo os resultados positivos da Escola, e o destaque que recebeu na imprensa principalmente na década de 1970 não foram suficientes para a conquista de um espaço regular. Tal situação era compartilhada por diversas agremiações, conforme anúncio das comemorações dos resultados do carnaval 1975, naquela época, após a quaresma, no sábado de aleluia:

As escolas de samba do Grupo II não darão nenhuma festa no dia de hoje: Pérola Negra (campeã) e Príncipe Negro, (vice), já festejaram a vitória. Elas ainda não têm quadras (FOLHA DE SÃO PAULO, 29-03-1975, p.7).

O Príncipe Negro saiu da Vila Prudente no decorrer da década de 1980, como veremos no capítulo 4 deste trabalho, acompanhando os componentes que deixavam o bairro em direção às periferias mais distantes da cidade. A saída da Escola não impediu que as pessoas que conseguiram permanecer, continuassem tentando consolidar uma Escola de Samba no bairro, a Raízes da Vila Prudente:

[A Raízes da Vila Prudente é constituída por] filhos e netos. Filhos

7. Trataremos dessa fusão a seguir, na parte 3 deste trabalho, no texto sobre a União Independente da Vila Prudente, escola surgida da fusão do Príncipe Negro com a Cabeções de Vila Prudente.

de quem era da Príncipe Negro, da Cabeções e do próprio Raízes mesmo. Mas eles vêm só ensaiar aqui [na rua Coelho Barradas]. Não ficam aqui. Eles vêm da [região da] padaria Amália, da Vila Ema, traz os instrumentos e faz o samba aqui. Faz um catado aqui, um catado ali. Chega fevereiro, no carnaval, todo mundo se junta e vamo pra folia (RITA DA SILVA, 18-08-2019).

A Raízes da Vila Prudente, assim como a Príncipe Negro na maior parte do tempo em que esteve na Vila Prudente, não dispõe de quadra de ensaios. Ela ainda sobrevive, e encontra-se na última divisão (sétimo grupo) do carnaval paulistano. A Cabeções da Vila Prudente – que permaneceu inativa desde a fusão com a Príncipe Negro em 1982 – retomou as atividades em 2013 e, atualmente, encontra-se na sexta divisão.

A situação das agremiações do bairro com dificuldades de ascender dentro da hierarquia do carnaval e, portanto, de se tornar mais visíveis, é mais um indício de como a presença negra na Vila Prudente permanece invisibilizada. Assim, apesar da saída de grande parte dos moradores negros, os que conseguiram permanecer em suas residências nessa região seguem tentando reconstruir a sociabilidade atacada pelo “desenvolvimento” do bairro e, portanto, resistindo.

3.2. Avenida Professor Luís Ignácio de Anhaia Mello: do projeto à implantação

A construção da Avenida Anhaia Mello é apontada por alguns moradores e ex moradores como fator determinante para a saída de boa parte da população negra que residia às margens do Córrego Mooca, principalmente na margem sul, na região da rua Coelho Barradas. Essa também foi a região onde foi fundada a Escola de Samba Príncipe Negro, e que viu-se também em dificuldades de permanecer no bairro.

O projeto da avenida nasceu de propostas de retificação e aprofundamento do canal do Córrego da Mooca visando solucionar o problema das recorrentes enchentes e do acúmulo de lixo ao longo de seus meandros. Essas propostas, que aparecem na Câmara Municipal a partir da década de 1940, até o ano de 1958, quando se converteram em lei, transformaram-se em um projeto de avenida de fundo de vale.

A história da construção da avenida foi marcada por preceitos sanitaristas, em sua origem; e rodoviaristas, em sua consolidação. O projeto da avenida determinou desapropriações e desalojamento de muitos contingentes negros e a desestruturação da Escola de Samba Príncipe Negro na Vila Prudente. Assim, a abertura da avenida Luís Ignácio de Anhaia Mello é um exemplo da atualização e continuidade das disputas raciais e expulsão da população negra e suas instituições, ao longo da urbanização da cidade de São Paulo.

Formulação do projeto da avenida: do “malfadado córrego da Mooca” ao “alívio do trânsito”

A implementação de avenidas de fundo de vale marca um período de busca de controle do regime dos cursos d’água e também da incorporação das margens e várzeas à urbanização e desenvolvimento imobiliário da cidade de São Paulo. A Avenida Professor Luís Ignácio de Anhaia Melo, construída junto com a canalização e tamponamento do Córrego da Mooca, é mais um exemplo desse tipo de projeto, o qual determinou a desapropriação, principalmente de residências, instaladas às margens do canal.

No fim da década de 1940, aparecem na Câmara Municipal solicitações clamando a necessidade de tratamento do córrego, propondo a sua retificação e ampliação do canal como solução para os problemas das enchentes e acúmulo de lixo e esgoto. A tramitação do projeto segue até o ano de 1958, quando é publicada a lei que determina a canalização do córrego e abertura de uma avenida de fundo de vale.

Assim, temos o caso de um projeto que surge visando resolver problemas de drenagem, esgoto e controle das águas de um córrego que, em cerca de dez anos, converte-se também em um projeto visando complementar ou melhorar o sistema viário da cidade. No intervalo de tempo entre a tramitação e aprovação do projeto, durante as décadas de 1940-50, e o início das obras na década de 1970, os discursos também transitam entre preceitos sanitaristas e argumentos rodoviaristas.

A seguir expomos uma Indicação⁸ por parte do vereador Lopes Gianini, lida no plenário da Câmara em 1948, e um requerimento apresentado em 1949 pelo vereador José Cyrillo, ambos exemplares de como o Córrego da Mooca era tratado pelos vereadores.

Indicação nº 157-48:

Considerando que o córrego da Mooca – que passa pela Vila Prudente, atravessando a parte baixa da rua Ibitirama e cortando as terras do bairro chamado Quinta Paineira – corre num leito acanhado, sinuoso, entre o capim crescido e o mato abundante; (...)

Considerando que a situação sanitária do córrego da Mooca e ruas circunvizinhas tomou tal proporção miasmática que o Serviço Sanitário do Estado está promovendo o saneamento desse córrego, no sentido de extinguir focos endêmicos, e procedendo à limpeza do mesmo e das valetas das ruas Ibitirama e Limeira; (...)

INDICO ao Sr. Prefeito da Capital a necessidade de ser urgentemente alargado, no mínimo com dois metros, e mais afundado o CÓRREGO DA MOOCA, desde a rua Francisco Polito até o ponto onde suas águas desaguam no rio Tamanduateí (ATAS E ANAIS DA CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO, 23-02-1948, p.404-406).

Requerimento nº 1.081-49:

O córrego da Mooca, no trecho que passa pela Vila Prudente, atenta contra a saúde pública, não só pelo seu volume insignificante de água, como por formar ali um depósito de resíduos fecais despejados nas margens (...) por não haver correnteza e nem serviço de higiene por parte da Prefeitura.

Esta, pela sua secção de Obras Públicas é a única responsável por ser aquele local um armazém de lixo, de toda espécie, atração para

8. "Indicação", segundo o Instituto Legislativo Brasileiro, é um instrumento legislativo com a finalidade de sugerir que outro órgão do estado tome as devidas providências sobre determinado tema.

pernilongos e moscas propagadoras das moléstias mais perigosas aos seres humanos. (...)

A retificação desse riacho, resolveria o problema, para a população de Vila Prudente, principalmente no trecho compreendido entre a rua Francisco Ponto⁹ (sic) e Tamanduateí. É necessário que o citado curso d'água seja alargado, no mínimo de dois metros e aprofundado outro tanto, provocando o escoamento das águas pluviais, intensas no tempo de chuvas (ATAS E ANAIS DA CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO, 28-09-1949, p.6457-6458).

Das abordagens dos vereadores é possível perceber como a questão dos cursos d'água na cidade ainda era tratada, no fim da década de 1940, como um problema sob a perspectiva sanitária, conforme o uso de termos como "miasmas" e focos "endêmicos". Além disso, nesse período, pelo que é dito no Requerimento nº1.081-49, parecia natural que os córregos funcionassem como meio de escoamento de esgoto na cidade, haja vista que uma das razões para a proposta de retificação era favorecer a drenagem do esgoto, não sendo considerada, por exemplo, a construção de uma rede de esgotos independente do córrego.

Na imprensa, a questão do Córrego da Mooca era tratada de maneira semelhante à Câmara Municipal, figurando como um "problema" em diversas notícias de jornal. A chamada da Folha de São Paulo para uma série de reportagens intitulada "Bairros em revista", na edição de 12-04-1948, realizada na Vila Prudente, narra a seguinte situação:

Ruas intransitáveis, devido à erosão e às águas poluídas – Monturos em cada terreno vago – Espetáculo contristador em pleno populoso bairro da capital paulista: crianças, jovens e mulheres revirando montes de imundícies – O córrego da Mooca e seus problemas – Deficiência de água encanada (FOLHA DE SÃO PAULO, 09-12-1948, p.23).

A reportagem apontava a falta de rede de esgotos no bairro e ruas com valas que desciam em direção à várzea do Córrego da Mooca, mas que acumulavam detritos nas áreas de menor inclinação.

Ainda, na sessão de reclamações do Correio Paulistano, em 1950, aparece uma carta de um leitor, "residente à rua Ituverava, em Vila Prudente", mencionando a visita de vereadores¹⁰

9. Rua Francisco Polito, provavelmente com grafia errada.

ao bairro, porém, sem passar pela região do córrego:

Recentemente foi o bairro de VILA PRUDENTE visitado por um grupo de Vereadores, os quais percorrendo diversas ruas, fizeram muitas promessas, enchendo, como não poderia deixar de ser, de esperanças aos seus moradores. (...)

É imprescindível, entre outras providências, a retificação, principalmente, do malfadado CÓRREGO DA MOOCA, que impudentemente invade ruas e casas, derrubando muros, etc., ocasionando males de consequência imprevisíveis (CORREIO PAULISTANO, 15-01-1950, p.05).

Em outra edição, uma nova carta a respeito da visita dos vereadores, provavelmente uma reedição da citada acima, se refere a um Projeto de Lei “esquecido” na câmara municipal:

O esquecimento por parte do poder executivo municipal parece que encontrou a mesma disposição na câmara, pois exatamente na Câmara Municipal existe o projeto-lei nº 222-48, que dispõe sobre a retificação do malfadado córrego da Mooca. Aonde estará o tal projeto? Apresentado em 23-06-1948 não apareceu. (...) Como morador da Quinta da Paineira, venho apelar para os edis para que aprovem o projeto nº 222-48, a fim de terminar com o martírio que aquele córrego ocasiona aos que ali residem (CORREIO PAULISTANO, 20-07-1950, p.12).

Nesses dois excertos foi empregada o adjetivo “malfadado” ao córrego. É possível perceber que se atribui uma ideia de eliminação, supressão do córrego como resolução de seus problemas, dado o seu caráter “malfadado” ou desgraçado. Assim, não haveria a intensão de salvar o curso d’água, interrompendo o despejo de esgotos, mas sim, de transformá-lo, definitivamente, em parte da rede de esgoto, executando obras e transformando a sua vazão para atender a tal finalidade.

Pelo que foi possível verificar nos Anais da Câmara Municipal, o Projeto nº 222-48 previa o tratamento do Córrego da Mooca e de suas margens¹¹, conforme menção do vereador José Cyrillo:

Sei que existe um estudo sobre a retificação do córrego da Mooca. Sei que se trata de um projeto de grande alcance, mas enquanto esse projeto não se ultima, é de toda conveniência que a Prefeitura

10. A fala do vereador Lopes Gianini, na seção de 23-02-1948, faz menção a uma visita realizada à região do córrego por parte dos vereadores (ANAIS DA CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO, 23-02-1948, p.404). Também, a fala do vereador José Cyrillo, em 28-09-1949, menciona uma visita dos vereadores ao bairro, indicando que eram constantes essas visitas, especialmente próximo aos períodos eleitorais, conforme afirma o redator da carta (ANAIS DA CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO, 28-09-1949, p.6457).

11. Na seção de 21-01-1949 o Projeto 222-48 é listado entre outros de “vital importância para a vida do município” (ATAS E ANAIS DA CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO, 21-01-1949, p.374).

autorize o alargamento e afundamento do córrego de que me venho ocupando (ATAS E ANAIS DA CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO, 23-02-1948, p.405).

Tanto na Câmara quanto na imprensa já estava consolidada a ideia de incorporação das várzeas ao desenvolvimento imobiliário, a qual vinha sendo instituída desde a última década do século XIX, com a criação da Comissão de Saneamento e a determinação da retificação dos rios Tietê e Tamanduateí (MOROZ-CACCIA GOUVEIA, 2016, p.14). A manutenção da associação dos cursos d'água da cidade à problemas (enchentes e doenças) e a resposta técnica de banimento das águas, em sua forma natural, da paisagem da cidade eram convenientes para esse ideal de aproveitamento das áreas alagáveis.

Pesquisando os anais da Câmara Municipal e a Imprensa, não foi possível determinar em que momento o projeto de retificação e ampliação do canal do Córrego da Mooca, segundo uma perspectiva sanitaria, transformou-se num projeto de avenida de fundo de vale. Tal mudança, pode indicar o predomínio dos preceitos rodoviaristas, a partir da década de 1950, nos projetos urbanos em curso.

Na ordem do dia da Câmara municipal de 16-02-1951, o vereador Brasil Bandecchi leu uma manifestação do presidente da Comissão de Urbanismo, Obras e Serviços Públicos, na qual era solicitada a execução de obras emergenciais enquanto não era possível realizar o projeto nº222-48, que aguardava recursos financeiros. Segundo esse parecer, já havia sido incorporado ao projeto a construção de uma avenida marginal ao córrego:

Com as informações do Departamento de Obras, em atenção ao solicitado pela Egrégia Câmara Municipal, esclarecendo que o problema geral do córrego da Mooca só poderá ser resolvido de maneira definitiva, com a construção de um canal de dimensões suficientes, conforme estudos que estão sendo realizados pelo processo n.45.352-46, não estando ainda aprovadas as diretrizes dessa canalização. O custo do canal desde a rua Francisco Polito até o seu despejo no rio Tamanduateí, está estimado em Cr\$2.500.000,00 (dois milhões e quinhentos mil cruzeiros), além das despesas com as desapropriações necessárias à abertura da via de fundo de vale, dentro da qual seria executado o canal.

Por se tratar de obra de elevado custo, ainda não aprovada, haveria grande oportunidade em ser adotada solução de emergência,

sem caráter definitivo, que consiste no rebaixamento do córrego, o que melhoraria o escoamento respectivo e atenuaria os atuais problemas de alargamento, importando em cerca de Cr\$ 60.000,00 (sessenta mil cruzeiros).

A execução dessa obra de emergência está, entretanto, aguardando a suplementação de verbas já solicitada à Egrégia Câmara, pois as verbas normais já se acham quase totalmente esgotadas” (ATAS E ANAIS DA CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO, 16-02-1951, p.245).

Cabe observar que na década de 1950 já estava consolidado o modelo de avenida de fundo de vale sobre córrego canalizado e enterrado, conforme o exemplo bem-sucedido para o mercado imobiliário da avenida Nove de Julho (SILVA, 2014, p.281), inaugurada no início da década de 1940. Logo, a incorporação de um projeto de avenida ao projeto de “melhoramento” do Córrego da Mooca, muito provavelmente, se deu sem maiores questionamentos, debates ou oposições¹², inclusive à necessidade de desapropriações.

Aliás, a questão das desapropriações só aparece nos anais da câmara relacionada a discussões do orçamento da obra e em nenhum momento é comentada a situação da população afetada. Entendia-se, portanto, que as indenizações eram suficientes para resolver o desalojamento ocasionado, independentemente do bairro de destino que a indenização permitia adquirir uma nova moradia.

Tramitando nesse contexto, o projeto foi consolidado e em 25 de abril de 1958, quando foi publicada a Lei nº. 5.494 na qual o prefeito Adhemar Pereira de Barros (1957-1961) sancionava a lei aprovada na Câmara Municipal referente ao “Plano de abertura de avenida ao longo do Córrego da Mooca e outros melhoramentos no 27º subdistrito – Vila Prudente”:

Art. 1º - De acordo com as plantas anexas ns. 13.834, 13.835, 13.836 e 13.837, que, rubricadas pelo Presidente da Câmara e pelo Prefeito, passam a fazer parte integrante desta lei, ficam aprovados os seguintes melhoramentos, no 27º subdistrito - Vila Prudente.

I - Abertura de uma viela de fundo de vale, ao longo do Córrego da Mooca, com a largura mínima de 42,00 metros, desde a avenida projetada ao longo do Rio Tamanduateí até a Estrada de Rio Claro, na extensão aproximada de 9.100 metros.

12. Nos anais da Câmara Municipal, há menções a pareceres favoráveis ao projeto original de melhoramento do córrego, de nº222-48 (e seus complementares e substitutivos), nas diversas comissões da câmara (Justiça, Finanças, Urbanismo), sempre favoráveis ou com solicitações de pequenas correções, demonstrando o consenso de que o projeto usufruía.

II - Retificação de alinhamentos da Rua Quartim Barbosa no trecho compreendido entre a projetada avenida mencionada no item anterior e 104 metros aquém da Rua Capitão Pacheco Chaves.

III - Abertura de uma praça delimitada pelas ruas Quartim Barbosa, B e Ibitirama e pela avenida citada no item I.

IV - Ampliação da praça existente entre as ruas Limeira, Ituverava e Pindamonhangaba. (LEI Nº5494, 25-04-1958)

Os argumentos em defesa do projeto se deslocam do sanitarismo para o rodoviarismo. Na década de 1970, quando se iniciam as obras de construção da avenida, a defesa da necessidade de aliviar o trânsito de automóveis no centro da Vila Prudente, bem como facilitar a ligação com a região de São Caetano e Santo André, passaram a integrar os discursos acerca do projeto. Dessa maneira, durante a gestão Figueiredo Ferraz (1971-1973), o projeto passa a fazer parte de um plano viário que previa a construção de “vias arteriais”, conforme matérias publicadas a esse respeito:

Avenida córrego da Mooca – ligará o Ipiranga à Mooca, permitindo um novo acesso ao cemitério da Vila Formosa, à estrada do Oratório e à estrada de Vila Ema, deslocando todo o tráfego que hoje passa pela praça Padre Damião – centro de Vila Prudente – onde há um razoável congestionamento (FOLHA DE SÃO PAULO, 17-07-1972, p.01).

As novas avenidas são as primeiras que, após longos anos, serão implantadas nessas regiões. As desapropriações já estavam sendo realizadas, e não apresentarão maior problema, porque as áreas por onde passarão em sua maior parte já haviam sido reservadas por antigas leis municipais, que agora serão finalmente executadas (FOLHA DE SÃO PAULO, 17-07-1972, p.01).

Considerando o grande crescimento populacional da cidade desde a década de 1940, intensificado durante as décadas de 1960 e 1970, as leis que previam a intervenção ao longo do Córrego da Mooca provavelmente desestimularam que as margens do córrego fossem mais intensamente ocupadas até o início das obras, na década de 1970. Assim, a região possivelmente ficou “reservada”, conforme sugere o segundo trecho da reportagem da Folha de São Paulo, acima.

A proposição da avenida ao longo do córrego da Mooca também demonstra a permanência e desdobramentos do Plano de Avenidas (1930), formando um novo eixo de ligação radial com o bairro de São Mateus. Até então, o bairro do sudeste da capital era acessado pelo corredor constituído pela transposição do Tamanduateí através da ponte da Rua dos Patriotas, prosseguindo pela avenida Capitão Pacheco Chaves (que até meados da década de 1960, cruzava a via férrea em nível, sendo substituída pelo viaduto de mesmo nome), chegava a Praça Damião no centro da Vila Prudente e de lá seguia pela Rua do Orfanato, Estrada da Vila Ema e, por fim, pelas estradas do Sapopemba e do Rio Claro.

O modelo de avenida de fundo de vale, principalmente a partir da década de 1970, se torna um tipo de obra pública capaz de reunir grandes recursos, graças a possibilidade de utilização de verbas estaduais e federais destinadas ao saneamento básico (MEYER, 2004, p.86). Um exemplo da importância dessa destinação de recursos de saneamento para obra viária aparece na publicação oficial que faz um balanço da gestão Olavo Setúbal (1975-1979):

As vantagens tornaram-se evidentes. Além de desafogar o tráfego nas tradicionais vias radiais – aquelas que ligam o Centro aos bairros, – as novas avenidas de fundo de vale permitiram a canalização de rios e córregos e a construção concomitante de interceptores de esgotos, saneando extensas regiões e propiciando sua ocupação em condições adequadas. A economia de recursos, tempo e distúrbios na vida da população ensejada por essas obras simultâneas é imensurável, mas, sem dúvida, atinge altos valores. Esta política da Prefeitura propiciou também o aporte de recursos estaduais e federais para obras, dentro de programas de financiamento do saneamento básico (SÃO PAULO, 1979, p.27).

Além, disso, a referência da matéria da Folha de São Paulo às desapropriações demonstra que esse tipo de intervenção, e as consequentes remoções, normalmente não eram debatidas nem na Câmara Municipal e nem na grande imprensa. É possível observar nas entrelinhas a reiteração do caráter autoritário do estado brasileiro. Historicamente, intervenções urbanas no Brasil não consideram a realização de consultas à população afetada ou estudos sobre os impactos, conforme observa Silva (2018):

(...) o rigor e a riqueza metodológica das análises ou a complexidade dos dados, gráficos e mapas substituíram a consulta à população

afetada ou a identificação das práticas do cotidiano para determinar as melhores soluções para cada intervenção urbana (SILVA, 2018, p.17).

Portanto, a avenida sobre o Córrego da Mooca exemplifica a transição, entre as décadas de 1940 e 1970, do pensamento sanitaria (de condenação das águas urbanas) para o pensamento rodoviário de “eficiência” de transporte sobre pneus. O retorno de Prestes Maia a prefeitura da cidade, de 1961 a 1965 representou a consolidação e o trunfo do rodoviário, nos moldes por ele defendido, como orientador da expansão da cidade. Obras desse tipo serviam também a política de exploração imobiliária das várzeas, muitas vezes acompanhada de desapropriações e expulsões (ANELLI, 2007).

Memória e apagamento do Córrego da Mooca

Na fala dos vereadores e na imprensa que vimos anteriormente, são mencionados transtornos que o córrego causava. Porém, não encontramos registros da opinião ou consulta aos moradores da região em relação as perspectivas de transformação do córrego. Conforme o que está documentado nestas fontes – imprensa e discursos dos vereadores – as opiniões e perspectivas dos habitantes não foram consideradas.

Entretanto, quando recorremos às memórias de moradores que conviveram com o Córrego da Mooca, embora também se constatem alguns dos problemas apontados pelos vereadores e pela imprensa, aparecem também outras perspectivas. Rosinéia Vieira Rodrigues, cuja família morou na região do córrego, recorda relatos de seu pai a respeito das enchentes:

Porque inclusive lá enchia muito d’água. Meu pai contava que teve uma vez que a cama, encheu tanto que quando ele acordou a cama estava boiando. Aí eles saíram para morar mais para cá, na Anhaia Mello, mas, bem já pertencendo a Vila Ema (ROSINÉIA VIEIRA RODRIGUES, 31-03-2019).

Existem outras recordações a respeito do convívio com o córrego. Rita Maria Acácio da Silva, que sempre residiu no mesmo endereço em um lote entre a rua Coelho Barradas e a margem do córrego, tem outras lembranças:

Tinha um rio aí em baixo, que a gente pegava doce. Tinha uma fábrica de doce, que eles não davam pra gente, preferia jogar no

rio, aí a gente ia lá buscar, atravessava a ponte. Mas era tranquilo. Tinha umas chácaras aqui pro fundo, era bem legal. Não tinha asfalto, era tipo chácara, tudo aberto (RITA MARIA ACÁCIO DA SILVA, 18-08-2019).

A memória de Rita da Silva revela ainda o caráter da ocupação das margens do córrego, em grandes terrenos sem muros, “tudo aberto”. A relação dos moradores com as águas também era bem diferente da prevista nos projetos para os cursos d’água, especialmente as que previam o aprofundamento dos canais ou o tamponamento. O modelo de cidade projetado não previa muita interação ou acesso às águas por parte da população, condenando as atividades que esses moradores já haviam estabelecido, como as que aparecem no relato de Rita da Silva e de seu marido, Vanderlei da Silva:

VANDERLEI: Tinha nascente...

RITA: Tinha nascente, ali na Pinheiro Guimarães que a gente ia pegar água...

VANDERLEI: ...que ainda passa o rio até hoje...

RITA: É, mas fizeram um prédio em cima lá... aí acabou. Mas a gente ia lá.... Cortava a água, a gente corria lá pegar água pra tomar banho, pra se alimentar, era tudo lá na nascente. E no riozinho também... tinha uma época que tinha peixe também, viu?

VANDERLEI: Uns guaruzinho...

RITA: Era uns guaruzinho, mas a gente pegava. Era bem gostoso. Muita rã também. Rã tinha de montão. Mas era bom essa época (RITA ACÁCIO DA SILVA e VANDERLEI DA SILVA, 18-08-2019).

O Córrego da Mooca, foi encoberto pela construção da avenida e muitos de seus afluentes também tiveram destino semelhante. Conforme o relatado de Rita da Silva, houve o soterramento de um afluente pela construção de uma via, a Pinheiro Guimarães, travessa da Anhaia Mello. Considerando que a construção do edifício mencionado se deu no decorrer da década de 1980, muito provavelmente houve desrespeito à legislação de então, que previa um raio de 50 metros de proteção às nascentes¹³.

As desapropriações para construção da avenida são apontadas como o principal motivo para que a família de Rossimara Vieira Isaias deixasse a Vila Prudente. Seus pais haviam estabelecido residência na Vila Prudente e participaram da fundação da Escola de Samba Príncipe Negro em 1964. Rossimara Isaias, que também mudou de bairro acompanhando

13. Lei nº 4.771 de 15-09-1965, revista pela Lei nº 7.803 de 18-07-1989.

a sua família, é a atual presidente e reside na Cidade Tiradentes. Ela recorda a dificuldade de manter residência na região depois da construção da avenida:

A família da minha mãe tem casa até hoje ali na Vila Ema que é bem pertinho dali. E a família do meu pai tinha casa na Anhaia Mello, quando ainda não existia a avenida. E aí desapropriou. E a casa da minha avó materna era bem onde passou a Avenida Anhaia Mello. Então desapropriou e eles receberam o valor e se mudaram para Mauá, porque na época o valor eles não conseguiam comprar ali na região. Aí se mudaram para Mauá. Mas, a família da minha mãe, até hoje, ainda mora lá. Tem alguns que moram ali na Coelho Barradas nas ruas próximas ali. E na Vila Ema também (ROSSIMARA VIEIRA ISAIS, 02-10-2016).

O tio de Rossimara Isaias, o sr. Ademir Gomes da Silva menciona a retirada das casas ao longo da faixa da futura avenida:

Aí, quando chegou essa avenida, muita gente perdeu, precisou abrir rua, tirar casa. Aí foi que eles mudaram daqui. Mas eles foram criados... esse meu cunhado, antes dele casar, ele morava bem lá no miolinho onde era o Príncipe Negro, a primeira Escola. Muita gente saiu... [a obra] pegou desde lá da Vila Prudente e foi arrastando. Muita gente perdeu casa (ADEMIR GOMES DA SILVA, 18-05-2019).

As obras da avenida e as consequentes desapropriações vieram acompanhadas da valorização da região. Assim, muitos dos que não foram diretamente afetados pelas desapropriações, possivelmente sofreram com a valorização dos terrenos e imóveis do entorno, e o consequente aumento de IPTU, o que também era determinante para forçar a saída dos moradores para bairros mais distantes. Como vimos acima, esse foi o caso da família de Rossimara, que se mudou para Mauá, enquanto ela só conseguiu adquirir uma casa própria no distante bairro de Cidade Tiradentes:

Dentro dessa história tem várias histórias assim: perderam casa por não conseguir pagar IPTU, porque você ficava na família ali, o terreno era grande, moravam várias famílias. Parou de pagar o IPTU, não conseguia porque o IPTU da Vila Prudente é muito caro. Aqui na Cidade Tiradentes, por ser um bairro considerado

de classe média baixa, aqui a gente já não paga IPTU, e você tem a condição de adquirir sua casa própria, né? (ROSSIMARA VIEIRA ISAIAS, 02-10-2016).

Além das desapropriações e valorização dos imóveis, os transtornos por conta das obras de construção da avenida também motivaram a saída de alguns moradores. Rita da Silva recorda também que, durante as obras de construção da avenida, houve um agravamento da situação das enchentes na área em que ela morava:

E dava muita enchente também uma época. Eles começaram a mexer em várias partes e a água vinha e parava tudo aqui no fundo e ficava dias parada. Aí o pessoal foi saindo fora, foi comprando em outros lugares, foi saindo. Aqui ainda enche, lá no fundo, no quintal da Meire¹⁵, ainda enche. Quando vem chuva forte mesmo, ainda lá no fundo enche. Mas, fora isso, o bairro é tranquilo (RITA ACÁCIO DA SILVA, 18-08-2019).

As obras de “melhoramentos” com objetivo de “resolver os problemas da população” nem sempre significavam melhores condições de moradia de fato. Neste caso, a população mais afetada pelas enchentes e demais problemas é justamente a parcela expulsa pelas obras e impedida de desfrutar dos benefícios e do investimento municipal, haja vista que, como relata Rossimara, os preços subiram e quem sofreu desapropriação tinha dificuldades de adquirir outra residência no bairro.

Assim, o projeto da Avenida Luís Ignácio de Anhaia Mello, para além dos discursos, primeiro apoiado em intenções sanitarista, depois na resolução da mobilidade, apresenta-se como um instrumento de expulsão de uma população e de instituições (no caso, uma Escola de Samba), não condizentes com a imagem de desenvolvimento pretendida pela exploração imobiliária. Nesse contexto, um significativo contingente que não chegou a ser sequer associado à história do bairro, foi expulso sem qualquer registro tanto da sua presença como do processo de expulsão.

O traçado da avenida

A análise das plantas anexas do Departamento de Urbanismo às quais se refere a Lei nº.5.494 nos permite tecer algumas considerações não perceptíveis nos textos e secções

15. No lote em que Rita reside há outras casas de parentes. Meire é prima de Rita e também foi entrevistada. Ela reside no mesmo lote, nos fundos. A frente do lote e o acesso é pela rua Coelho Barradas

da Câmara Municipal que tratam do projeto. O documento é constituído de 2 folhas, com desenho na escala 1:1000, sendo que a Folha 1 (correspondente as folhas nº. 13.835 e 13.836) cobre um trecho entre a foz do córrego no Rio Tamanduateí e a Rua Behmer (atual Taberoé), e a Folha 2 (correspondente a folha nº. 13.834) cobre um trecho maior, entre a Rua Américo Vespucci e o cruzamento com a Estrada do Oratório – onde terminava o primeiro projeto da avenida.

Na Folha 2, há um croqui de uma secção típica da avenida com o córrego a céu aberto, diferente da versão executada, com córrego tamponado, dezessete anos depois. Assim, a ideia de disciplinamento do córrego evolui para a exclusão dele da paisagem. Zmitrowicz (2009), quando comenta a orientação dos projetos de avenidas de fundo de vale aponta que “para se “eliminar” o córrego do local e os malefícios dele oriundos, procurava-se, sempre que possível, fazer a canalização através de galerias fechadas” (ZMITROWICZ, 2009, p.153).

Comparando os desenhos registrados com data de 1958, e a foto aérea da cidade de São Paulo do mesmo ano, disponível no site Geoportal Memória Paulista, chama atenção a representação nas plantas do córrego com diversos meandros, enquanto na foto, o Córrego da Mooca já se apresenta com diversos trechos retificados. Isso pode indicar que o traçado da planta se baseou em um levantamento fotográfico anterior. Entretanto, a fotografia anterior de 1954, também apresenta o córrego retificado nessa região. Da mesma forma, a base VASP-Cruzeiro de 1954 tem o traçado do córrego retificado. O traçado do córrego guarda semelhanças com o registrado na foto aérea de 1940.

Por sua vez, o registro dos lotes e edificações nas plantas anexas à Lei também aparece desatualizado em relação à base VASP-Cruzeiro de 1954, porém, diferente do traçado do córrego, as edificações estão mais atualizadas em relação ao registro de 1940. Assim, provavelmente, essas plantas foram produzidas para o projeto de lei n. 222 de 1948, e não foram atualizadas até a criação da lei que determinava a obra da avenida, em 1958.

Outra questão importante é que o traçado da avenida e da área de desapropriação incide principalmente sobre a margem sul do córrego, área com ocupação predominantemente residencial, enquanto a margem norte, pelo menos no que é possível observar nas fotos aéreas até 1958, tinha uma ocupação predominante de galpões. A faixa de desapropriação não foi indicada no eixo do córrego retificado e incidiu principalmente sobre a margem sul. Isso indica que a prefeitura preferia realizar desapropriações de imóveis residenciais.

IMAGEM 23: Folha 1 n° 13.835-13.836. Fonte: Prefeitura Municipal de São Paulo, acervo PROJ III.

IMAGEM 24: Folha 2 n° 13.834. Fonte: Prefeitura Municipal de São Paulo, acervo PROJ III.

IMAGEM 25: Folhas 1 e 2 com faixa de desapropriação destacada em magenta e o traçado do córrego em azul.

IMAGEM 26: Foto aérea de 1940 com realce no Córrego da Mooca. Fonte: Prefeitura Municipal de São Paulo, Geosampa.

IMAGEM 27: Planta VASP Cruzeiro de 1954 com córrego retificado. Fonte: Prefeitura Municipal de São Paulo, Geosampa.

IMAGEM 28: Foto aérea de 1958 com realce no Córrego da Mooca já retificado. Fonte: Geportal Mmória Paulistana.

IMAGEM 29: Indicação dos trechos ampliados.

IMAGEM 30: Sobreposição da faixa de desapropriação na foto aérea de 1958 - trecho 1.

IMAGEM 31: Sobreposição da faixa de desapropriação na foto aérea de 1958 - trecho 2.

IMAGEM 32: Sobreposição da faixa de desapropriação na foto aérea de 1958 - trecho 3.

A faixa de desapropriação incide em área da favela da vila prudente deslocada do eixo do canal **(a)**. Também, a desapropriação incide sobre quadra residencial **(b)**. A faixa de desapropriação prossegue deslocada para a margem sul, incidindo sobre a ocupação residencial **(c)** e preservando terrenos e grandes galpões da margem norte **(d)**.

No trecho menos ocupado e que não sofreu retificação do canal (entre a atual tomada da avenida Salim Farah Maluf e a Estrada do Oratório), apesar da grande disponibilidade de áreas desocupadas na margem sul **(e)**, e mesmo uma considerável faixa desocupada na margem norte, ainda assim, a faixa de desapropriação incluía alguns imóveis que poderiam ser preservados com um deslocamento da faixa para o sul, sem edificações. Isso sugere que os critérios adotados para definição da faixa de projeto e desapropriação não tinha como premissa preservar o maior número possível de imóveis e, ao mesmo tempo, havia algum interesse de não incorporar essas áreas ainda bastante desocupadas.

Outras questões são suscitadas quando comparamos as fotos aéreas de 1958 e de 1972, anterior à execução das obras do primeiro trecho da avenida – entre o Rio Tamanduateí e a Avenida Oratório.

No trecho entre o Tamanduateí e a Favela da Vila Prudente, o eixo do córrego é deslocado, havendo remoção de parte significativa da favela (imagem 33). Percebe-se também a remoção de algumas edificações dentro da faixa de desapropriação, na margem sul do córrego. Isso indica que apesar da aprovação do projeto no fim da década de 1950, e transcorrida toda a década de 1960, as remoções foram efetivadas somente às vésperas da obra. Essa demora para início das obras demonstra as dificuldades de viabilização de recursos tanto para o projeto quanto para as desapropriações. Entre outras coisas, como vimos acima, parece que o traçado definido no projeto não tinha como premissa evitar desapropriações, procurando instalar a avenida nas áreas menos ocupadas.

A área onde residia a maior parte das pessoas que fundaram a Escola de Samba Príncipe Negro em 1964 (imagem 34), margem sul do córrego, na rua Coelho Barradas **(f)** aparece como a que sofreu menos remoções as vésperas da obra em 1972. Segunda Rita da Silva, na quadra onde residem, entre a rua Coelho Barradas e a Avenida Luís Ignácio de Anhaia Mello, não houve desapropriações.

A grande área desocupada na altura da tomada da atual Av. Salim Farah Maluf **(g)** aparece com o traçado das ruas já implantados em 1972. Nessa área localizava-se um curso d'água, onde Rita da Silva e Vanderlei da Silva recordam-se de buscar água, quando essa faltava,

IMAGEM 33: Comparação entre as fotos aéreas de 1958 e 1972 - trecho 1.

IMAGEM 34: Comparação entre as fotos aéreas de 1958 e 1972 - trecho 2.

IMAGEM 35: Comparação entre as fotos aéreas de 1958 e 1972 - trecho 3.

e de pescarem.

A área da imagem 35 atualmente tem a ocupação residencial mais verticalizada e de mais alto padrão, as margens da Av. Prof. Luís Ignácio de Anhaia Mello. Como observou Rita da Silva, muitos empreendimentos foram construídos em cima dos pequenos cursos d'água que desaguavam no Córrego da Mooca.

Também em 1972 aparecem em construção três importantes equipamentos a serem acessados pela nova avenida: o atual Clube Municipal da Vila Alpina **(h)**, a Escola SENAI Vila Alpina **(i)** e o atual Parque Ecológico da Vila Prudente **(j)**. Vale observar que as áreas residenciais de melhor padrão na Vila Prudente estão localizadas junto a esses equipamentos.

Apesar da previsão de abertura da grande avenida, mesmo na década de 1970, as margens não haviam ainda sido ocupadas intensamente o que indica que o projeto não respondeu a possível expectativa de deslocamento do eixo comercial da Avenida Vila Ema. Por outro lado, parece que o longo processo de projeto, tramitação, revisões e desapropriações funcionaram como um impedimento da intensificação da ocupação das margens do córrego da Mooca. E isso ocorreu em uma época – décadas de 1960 e 1970 – em que a cidade de São Paulo via suas periferias crescerem vertiginosamente. Assim, mesmo no fim da década de 1978, as margens da avenida ainda possuíam diversos terrenos desocupados como é possível observar na fotografia a seguir:

Nas últimas décadas tem se intensificado a verticalização da Vila Prudente, ao longo da Avenida Luís Ignácio de Anhaia Mello, sendo que nos últimos anos foi implantada a linha de metrô no eixo da avenida. Os grandes galpões às margens da avenida que abrigavam principalmente concessionárias de automóveis, vêm dando lugar a novos empreendimentos residenciais e universidades privadas.

IMAGEM 36: Tomada aérea da Av. Prof. Luís Ignácio de Anhaia olhando em direção ao Clube Municipal da Vila Alpina, em 1978. Fonte: Prefeitura Municipal de São Paulo, Administração Olavo Egydio Setúbal, 1979, p.36.

Desapropriações

As avenidas de thalweg representam o aproveitamento de grandes áreas centrais, a correção dos bairros mal formados de rincão, a possibilidade da circulação rápida em pleno coração da cidade.

PRESTES MAIA, ESTUDO DE UM PLANO DE AVENIDAS PARA A CIDADE DE SÃO PAULO., 1930, P.X

O excerto acima faz parte do prefácio do Plano de Avenidas e, além do já mencionado ideal de aproveitamento e incorporação das várzeas da cidade, também indica a estigmatização da população que ocupa as margens dos cursos d'água antes de eles se tornarem alvo dos projetos urbanos, os tais "bairros mal formados de rincão".

Paterniani (2018) chama atenção para o fato da associação entre as águas da cidade e doenças ou sujeira – presente na literatura sanitária – se estender também para a população, muitas vezes negra que reside nessas áreas:

São abundantes os registros que vinculam as áreas de baixios dos rios com sujeira, falta de higiene, focos de doença a ser debelados, mau cheiro, estorvos sanitários e promiscuidade. E a tônica da literatura dos estudos urbanos paulistana é incorporar como inquestionáveis os problemas da higiene e da qualidade sanitária das águas, bem como a necessidade de políticas sanitárias intervencionistas para sanar esses problemas. [...]

Assim, não nos deve passar despercebido que os primeiros alvos das intervenções sanitárias foram os territórios esquadrihados como os territórios negros (PATERNIANI, 2018, p.128-129).

No final do século XIX as intervenções urbanas visavam suprimir a principalmente a presença negra nas ruas que se apresentava através do trabalho, como a coleta de água, lavagem de roupas e quitanda. Ao longo do século XX os projetos passam a afetar principalmente os locais de moradia, as atividades de sociabilidade, e instituições negras.

A obra da Avenida Professor Luís Ignácio de Anhaia Mello provocou o desalojamento de pessoas que residiam legalmente às margens do córrego, ao mesmo tempo em que abriu um novo eixo de valorização imobiliária. Tal processo estava inserido no contexto da abertura de várias novas avenidas de fundo de vale, construídas conforme a cidade se expandia. Podemos fazer uma comparação da construção da avenida Anhaia Mello com

a abertura da Avenida Nove de Julho, na região central da cidade, no que diz respeito a questão racial envolvida. Segundo Silva, a construção da Avenida Nove de Julho contribuiu para o apagamento dos “vestígios do reduto negro” do Bixiga (SILVA, 2014, p.282).

Na imprensa, as desapropriações necessárias para a viabilização da construção da avenida eram dadas como indiscutíveis, posto que as obras visariam a saúde do conjunto da população da região. Além disso, proporcionariam a melhoria do transporte sobre pneus¹⁶. O trecho a seguir é de uma matéria sobre grandes enchentes ocorridas em fevereiro de 1971:

A Favela da Vila Prudente foi atingida pelo transbordamento do Córrego da Mooca, onde 10 famílias ficaram desamparadas. Aliás, esse córrego é considerado como o problema mais grave da Regional do Ipiranga, pois precisa ser canalizado, havendo desapropriações de centenas de casas para retificação das galerias. As obras são de vulto e só agora foram iniciadas as desapropriações entre a rua Barão de Rezende até a Divinópolis, em 600 metros. Ela atinge a Vila Prudente, Vila Alpina e Vila Industrial. Com a abertura da avenida ao longo Córrego da Mooca, um novo sistema viário beneficiaria vasta região estimada em 700 mil habitantes, incluindo parte do ABC e livraria de inundações toda aquela parte da cidade (FOLHA DE SÃO PAULO, 26-02-1971).

A questão suscitada por essa matéria é se os moradores das “centenas de casas” desapropriadas, os quais conviveram com as enchentes até então, não mereceriam usufruir dos benefícios dessa “obra de vulto”. Retirados do local, certamente não estariam

16. Cabe a observação de que a melhoria dos transportes sobre pneus era entendida também como uma melhoria para todo o conjunto da população. Entretanto, embora a política de transporte coletivo passasse a privilegiar também a rede de ônibus, essas obras acabavam por incentivar o transporte individual via automóveis particulares. E não era o conjunto da sociedade que podia se locomover por automóveis.

incluídos nos “700 mil habitantes” beneficiados.

No departamento de desapropriações da prefeitura de São Paulo, foi possível obter acesso a alguns processos de desapropriação. Analisando os processos de desapropriação foi possível aferir alguns dos valores pagos em indenizações e algumas características dos imóveis desapropriados. A seguir passaremos à análise de alguns processos.

O traçado da avenida indicava a desapropriação de um conjunto de lotes de propriedade da Companhia Industrial Paulista de Papel e Papelão¹⁷. A indústria era de 1924 e, provavelmente, loteou e construiu os imóveis para aluguel em parte do terreno adquirido.

Esses imóveis constituíam-se por seis terrenos vazios (**A, B, C, D, E e F**) e três casas que eram alugadas (**G, H e I**). As fotos a seguir são dos terrenos no ano de 1969, quando foi feito o levantamento para o processo de desapropriação.

As imagens ilustram a situação descrita nos processos, com os terrenos vagos sem cercamentos, com mato crescido e com lixo e entulhos neles depositados.

A imagem 38 é uma fotografia tirada a partir da rua Correia Barros. Nela é possível ver o muro dos limites da Cia. Ind. Paulista de Papéis e Papelões, que ficava nas margens do córrego. Ao fundo, a Igreja Batista Vila Prudente, edificação ainda existente na rua Cavour.

A imagem 39 também é tomada a partir da rua Correia Barros e nela é possível ver ao fundo, depois do muro na margem do córrego, as edificações do conjunto da indústria de papel. Nesse lote, havia uma pequena edificação descrita como “resto de uma antiga construção parcialmente demolida. Um cômodo e cozinha. Em mau estado de conservação” (PROCESSO Nº 045.591/69, DESAP/G – PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO).

IMAGEM 37: Mapa dos Imóveis desapropriados cujos processos puderam ser analisados.

17. A Companhia Industrial Paulista de Papéis e Papelão foi fundada em 1924 na Vila Prudente e manteve suas atividades até a década de 1960. Os funcionários da indústria fundaram um bloco carnavalesco em 1949, o Rancho Carnavalesco dos Cabeções, que deu origem à Escola de Samba Cabeções de Vila Prudente. Em 1952, fundaram o clube de futebol Búfalo A.C., em atividade até atualmente.

IMAGEM 38: Fotografia do terreno vago A. Fonte: Prefeitura Municipal de São Paulo. DESAP/G.

IMAGEM 39: Fotografia terreno vago B. Fonte: Prefeitura Municipal de São Paulo. DESAP/G.

IMAGEM 40: Fotografia do terreno vago C. Fonte: Prefeitura Municipal de São Paulo. DESAP/G.

IMAGEM 41: Fotografia do terreno vago F. Fonte: Prefeitura Municipal de São Paulo. DESAP/G.

Na imagem 40, na qual também aparece ao fundo o conjunto da indústria de papel, é possível ver que não havia muro de divisa entre as residências e esses terrenos, parecem que eram usados como quintal das residências.

O terreno da imagem 41 parece de alguma maneira servir às residências vizinhas posto que se encontrava livre do mato. É possível visualizar alguns montes de terra que podem ter sido gerados em alguma obra vizinha ou retirados de alguma intervenção no córrego.

A seguir, a tabela indica as áreas, valores venais e indenizações para os terrenos vagos registradas no processo de 1969:

imóvel	área	indenização valor venal	(atual*)
A	369,80m ²	NCr\$ 7.047,00	R\$ 48.978,88
B	212,40m ²	NCr\$ 2.713,00	R\$ 18.856,21
C	206,20m ²	NCr\$ 2.607,00	R\$ 18.119,47
D	184,10m ²	NCr\$ 3.423,00	R\$ 23.790,93
E	299,00m ²	NCr\$ 4.018,00	R\$ 27.926,37
F	273,50m ²	NCr\$ 4.108,00	R\$ 28.551,00

*corrigido conforme índice IGP-DI (FGV), Banco Central do Brasil.

Também foi desapropriada uma faixa no terreno utilizado pela Cia. Ind. Paulista de Papéis e Papelão, indicada na planta a seguir.

O valor calculado para o trecho desapropriado da indústria foi de NCr\$ 8.438,27 (R\$ 58.648,64), correspondente a uma área de 97,90m². O valor de metro quadrado para o terreno foi de cerca de quatro vezes maior que o dos terrenos residenciais. Na imagem 24 é possível ver o leito do Córrego da Mooca e o muro da indústria em sua margem. Nesse trecho, o traçado da avenida praticamente coincidia com o leito do córrego.

A Cia. Ind. Paulista de Papéis e Papelões também era proprietária de casas de aluguel na rua Correia Barros. Os relatórios indicam idade de 40 anos para as edificações, ou seja, construção por volta do ano de 1929.

Nas fotografias é possível observar que as casas tinham o mesmo princípio construtivo, e os lotes não possuíam cercamentos completos. Elas foram classificadas como mau estado de conservação.

A seguir, a tabela apresenta áreas, os valores estimados para as casas registradas no processo de 1969:

IMAGEM 42: Planta com indicação da área desapropriada do terreno da Cia. Industrial Paulista de Papel e Papelões. Fonte: Prefeitura Municipal de São Paulo. DESAP/G.

IMAGEM 43: Fotografia tomada a partir do lado externo da Cia. Ind. Paulista de Papéis e Papelões. Fonte: Prefeitura Municipal de São Paulo. DESAP/G.

IMAGEM 44: Fotografia casa G. Fonte: Prefeitura Municipal de São Paulo. DESAP/G.

IMAGEM 45: Fotografia casa H. Fonte: Prefeitura Municipal de São Paulo. DESAP/G.

IMAGEM 46: Fotografia casa I. Fonte: Prefeitura Municipal de São Paulo. DESAP/G.

imóvel	área	indenização cálculo*	(atual**)
G	41,20m ²	NCr\$ 6.279,00	R\$ 43.641,04
H	35,50m ²	NCr\$ 4.450,00	R\$ 30.928,41
I	34,00m ²	NCr\$ 6.214,00	R\$ 43.189,26

* calculado a partir do valor locativo anual

**corrigido conforme índice IGP-DI (FGV), Banco Central do Brasil.

Observa-se que o valor dos imóveis estimado era muito próximo do valor venal dos terrenos vagos. O valor mensal do aluguel desses imóveis era de cerca de R\$200 em valores atualizados. O valor total das indenizações para os imóveis da Cia Industrial Paulista de Papéis e Papelão foi de NCr\$49.297,27 – correspondente a cerca de R\$342.000,00 em valores atualizados.

A Sociedade Civil Parque Vila Prudente era a proprietária dos imóveis de nº291, da Rua Ibitirama e de nº35 e nº37 da Rua Coreia Barros (**J**, **L** e **M**).

Os imóveis **J** e **L** tinham idade estimada de 20 anos, segundo o processo, datando, portanto de 1949. Foram avaliados como em mau estado de conservação. O relatório considerava que os terrenos haviam sido ampliados por invasão de parte da área pública do loteamento, e solicitava a retificação das áreas levantadas. A planta do processo sobrepunha, em tracejado, o arruamento original do loteamento e os lotes levantados. Conforme essa sobreposição, todo o imóvel N°37 estava construído sobre área invadida do arruamento.

Na imagem 48 é possível ver que a casa **L** encontrava-se em precário estado de conservação. Também é possível ver que ambos os imóveis não possuíam cercamentos. O valor estimado pela prefeitura para os dois imóveis foi de NCr\$ 3.011,92, correspondente a R\$ 20.933,80 em valores atuais. Os proprietários – João Mori, Oswaldo Mori, Thereza Mori e Paulina Petrigioni - recorreram à justiça solicitando a revisão da indenização e contestando a alegação da prefeitura de invasão de área pública. Em 1974 a justiça determinou o pagamento do valor de Cr.\$ 190.464,80 – R\$ 559.961,47, em valores atualizados.

Outros imóveis da região do Parque Vila Prudente encontravam-se em área pública do loteamento oficial. Eram os casos dos imóveis pertencentes a Francisco Falcone, Armindo da Costa Martim, Ewalda Schirrmeiter e Domingos Brucci.

O imóvel de Francisco Falcone (**N**), segundo o levantamento constante no processo, tinha área de 30m² e idade de 20 anos. Foi desapropriado com indenização apenas para

IMAGEM 47: Arruamento proposto no loteamento oficial em tracejado sobre os lotes reais. Fonte: Prefeitura Municipal de São Paulo. DESAP/G.

IMAGEM 48: Fotografia do imóvel L. Fonte: Prefeitura Municipal de São Paulo. DESAP/G.

as benfeitorias (edificação construída) no valor de Cr\$ 2.700,00 (correspondente à R\$ 14.285,98 em valores atualizados¹⁸). Não há registro de recurso por parte do expropriado.

A casa de propriedade de Armindo da Costa Martim (**O**) foi demolida antes da efetivação da desapropriação, que previa também indenização apenas para a benfeitoria, posto que o terreno se tratava de área pública. O processo menciona apenas que a casa foi encontrada demolida quando foi feita a vistoria para avaliação do valor do imóvel, em 1971.

Na imagem 49 é possível ver que a residência **O** se encontrava bastante deteriorada, quando foi fotografada em 1969 (na ficha de avaliação do imóvel, era informada a idade de 40 anos). Não aparece acesso no muro o que indica que o imóvel era acessado pelo lado do córrego. Na fotografia também é possível ver um pequeno trecho do imóvel **N**, o qual era acessado pelo lado da Rua Virgílio. Nesse acesso (limite esquerdo da fotografia), também aparece uma mureta de proteção contra alagamento.

O imóvel pertencente a Ewalda Schirrmeiter **P** não foi vistoriado porque, segundo relatório constante no processo, “a proprietária não permitiu”¹⁹. Foi oferecida a indenização de Cr\$ 1.120,00 (correspondente à R\$ 6.172,68 em valores atuais²⁰) para a edificação construída. A proprietária recorreu pedindo o valor de Cr\$ 20.124,00 (R\$ 83.507,08, atual²¹). A proprietária contratou uma avaliação técnica na qual o engenheiro que assinava o laudo argumentava:

“Esse valor justifica-se, plenamente, pela situação privilegiada do local, pelo bom estado de conservação da construção e pelo valor locativo mensal proporcionável pela referida moradia”²².

18. Valores atualizados conforme índice IGP-DI (FGV) do Banco Central do Brasil.

19. Processo nº 45.194/69. Fonte: DES-P/G prefeitura Municipal de São Paulo.

20. Id. nota 18.

21. Id.

22. Laudo constante no processo nº 45.194/69, datado de 02-03-1973. Fonte: DESAP/G Prefeitura Municipal de São Paulo.

23. Idem nota 18.

24. Id.

25. Id.

26. Id.

A justiça determinou, em 1974, pagamento de indenização no valor de Cr\$ 9.913,00 (R\$ 35.569,00, atual²³). Houve ainda uma apelação e o valor final determinado ficou em Cr\$ 13.250,00 (R\$ 42.146,43 atual²⁴).

O imóvel de Domingos Brucci (**Q**), também em área considerada pública, teve as benfeitorias avaliadas em Cr\$ 3.900,00 (correspondente a R\$ 20.144,00 em valores atualizados²⁵). Houve apelação e a decisão judicial determinou o pagamento de indenização no valor de Cr\$ 8.769,00 (R\$ 48.328,75, atuais²⁶) para a edificação. Domingos Brucci alegava que havia comprado o imóvel de um dos membros da Sociedade Civil Parque Vila Prudente. No processo de desapropriação constam dois autos, o primeiro de desobediência e o segundo de desocupação. O de desocupação, datado do dia 21-03-1972, se refere a recusa de Domingos Brucci de deixar o imóvel sob a alegação de que não foi proporcionado tempo hábil para mudar-se. No auto, registrava-se ainda a advertência de que retornariam

IMAGEM 49: Fotografia Imóvel O. Fonte: Prefeitura Municipal de São Paulo. DESAP/G.

“acompanhados de força policial” para efetuar a desocupação do imóvel. No de desocupação, datado de 29-03-1972, informava a efetivação da desocupação do imóvel²⁷.

Nos processos não há fotografia dos imóveis **M, N, P e Q**. A seguir analisamos os processos dos imóveis desapropriados em nome de Mário Iano e Kentaro Tangan.

Os imóveis **R e S** localizados na rua Inhamuns, mas com acesso também pela rua Tocachi, tiveram o processo de desapropriação efetuado em nome de Mário Iano. Em 1971, enquanto tramitava o processo de desapropriação, a prefeitura alegou que o terreno da edificação era municipal, pois tratavam-se de “Terrenos Devolutos, no bairro da Mooca”. Assim, propunha indenizar apenas as benfeitorias realizadas e ofertado o valor de Cr\$ 18.800,00.

Mário Iano recorreu à justiça alegando a propriedade do terreno e solicitando indenização equivalente. No decorrer do processo apareceu Antônio Bitencourt Sobrinho também reclamando a posse do lote. As disputas arrastaram-se durante as décadas de 1970 e 1980, sendo vencidas por Mario Iano, com indenização equivalente ao valor determinado na primeira instância, em 1976, de Cr\$ 246.839,00 – equivalentes a R\$ 438.559,00²⁸.

Na ficha de descrição do imóvel era informado o uso de residência coletiva, sendo que ambas as casas eram alugadas. Estimava-se a idade do imóvel em 30 anos – ou seja, construído por volta de 1940.

Nas fotografias é possível observar que os acessos continham mureta de proteção contra enchentes, sendo que a da última casa, imagem 51, era mais alta. Isso demonstra que as edificações próximas ao córrego sofriam com as enchentes. Ainda, na imagem 51 é possível observar o descampado que era a região do atual Jardim Avelino – região que teve o desenvolvimento mais recente, após a construção da avenida Anhaia Mello – e também onde atualmente encontra-se o Parque Ecológico da Vila Prudente.

Kentaro Tangan era proprietário dos imóveis **T e U** localizados na rua Tocachi. A idade das edificações foi estimada em cerca de 30 anos, datando de 1940. Para estes lotes também foi alegado tratar-se de terra devoluta. Assim, em 1970 foi ofertada indenização apenas para as benfeitorias, e não para os terrenos, no valor de Cr\$ 19.000,00. O proprietário recorreu e a justiça, em 1972, reconheceu a aquisição do terreno e a posse, determinando o pagamento de indenização no valor de Cr\$ 129.524,00 – R\$ 700.950,45 em valores atualizados.

27. Documentos constantes no processo nº45.195/69. Fonte: DE-SAP/G Prefeitura Municipal de São Paulo.

28. Idem nota 18.

IMAGEM 50: Fotografia casa R. Fonte: Prefeitura Municipal de São Paulo. DESAP/G.

IMAGEM 51: Fotografia casa S. Fonte: Prefeitura Municipal de São Paulo. DESAP/G.

IMAGEM 52,

IMAGEM 53,

IMAGEM 54: Fotografias da casa U. Fonte: Prefeitura Municipal de São Paulo. DESAP/G.

A ficha dos imóveis de **T** e **U** informava o uso de cortiço. Na imagem 52 aparece um pouco do imóvel **T** (à esquerda na fotografia), porém, restaram apenas fotografias do **U** no processo. A quantidade de portas que é possível ver nas imagens parece indicar tratar-se de uma edificação de habitação coletiva. O muro e a escada de acesso que aparecem na imagem 54 indicam que a área era suscetível à enchente, sendo que o muro servia de contenção das águas. O pouco que aparece nesta imagem das margens do córrego revela que havia mato bastante alto, quase na mesma altura do muro.

O processo de desapropriação de Domingos Brucci nos permite constatar que havia incompatibilidades entre o loteamento oficial registrado na prefeitura, e suas respectivas áreas destinadas à espaço livre público, e os lotes de fato comercializados. Nos documentos presentes nesse processo não é possível aferir se é procedente a alegação do expropriado.

Nos processos de Mario Iano e Kentaro Tangan é possível verificar as incertezas a respeito da propriedade das terras próximas as margens do Córrego da Mooca, na altura dos limites entre Vila Prudente e Vila Ema. Sobre essas pairava a alegação de serem provenientes de terras devolutas, argumento esse derrotado pelos títulos de propriedade apresentados pelos expropriados.

As recorrentes alegações por parte da prefeitura de que os imóveis desapropriados encontravam-se em terra pública revelam que a política de desapropriação praticada era rigorosa a respeito da determinação das propriedades quando se tratava de pagamento de indenizações. Ao mesmo tempo, demonstram também a falta de controle, por parte da prefeitura, em relação à ocupação da cidade, uma vez que as possíveis invasões eram identificadas somente nessas situações de demanda por desapropriações.

A promessa de resolução dos problemas de enchente, que o projeto da avenida sobre o córrego representava, possivelmente contribuiu para que os terrenos e casas nas proximidades fossem valorizadas, impedindo que a população desalojada adquirisse imóveis nas imediações ou pudesse pagar aluguel.

Nesse contexto, a Escola de samba Príncipe Negro passou a sofrer com a saída de seus componentes do bairro. Os ensaios que aconteciam nas ruas, como vimos, passaram a sofrer discriminação e serem objetos de reclamação dos novos moradores que chegavam à região. Ao mesmo tempo, a Escola tentava estabelecer-se em espaços alugados, mas essas possibilidades também se tornavam mais difíceis, conforme os imóveis da região eram valorizados.

4. DESTAQUES DE LUXO:
Período da disputa (1983-1994)

Super escolas de samba S/A, super alegorias
Escondendo gente bamba, que covardia
Bum bum paticumbum prugurundum
Nosso samba minha gente é isso aí
Bum bum paticumbum prugurundum
Contagiando a Marquês de Sapucaí
BUM-BUM PATICUMBUM PRUGURUNDUM - BETO SEM
BRAÇO E ALUÍZIO MACHADO. IMPÉRIO SERRANO, 1982

Pois no samba tem
Quem com grana vem
Dizendo que vai ganhar
E se a moda pega
Nossa moda vai pegar
Quem não pode com mandinga
Não carrega patuá
Não suporto mais
O samba perdendo a tradição
No morro começaram a dizer
Que o carnaval é produto-exportação
Mas o Vai-Vai na avenida
Diz no pé e dá um show de empolgação
Mostrando que o samba verdadeiro
É o que se faz de um tamborim
E um surdo de marcação
SE A MODA PEGA - NAMUR E MACALÉ DO CAVAQUINHO.
VAI-VAI, 1983,

No início da década de 1980, tanto no carnaval paulistano quanto no carioca – em decorrência do início das transmissões de TV dos desfiles do Rio de Janeiro e da oficialização dos desfiles paulistanos, na década de 1960 – assistiu-se a enredos críticos ao gigantismo alcançado pelas escolas de samba. Os desfiles da cidade do Rio de Janeiro, que serviam de paradigma para as demais localidades onde havia escolas de samba, cada vez mais, convertiam-se em um dos mais importantes produtos para a atração de turistas em nível internacional (MOURA, 1986).

Durante a década de 1960, os desfiles das escolas de samba do Rio de Janeiro começaram a ser transmitidos em *flashes* pela extinta TV Continental. Em 1972, aumentou-se o tempo de transmissão com o advento da televisão em cores e em 1984, com a inauguração do sambódromo carioca, passou-se a ter um espaço que já previa a infraestrutura para a cobertura de TV. Visando incrementar a audiência, as emissoras de TV introduziram seus artistas contratados nos desfiles, passando, inclusive, a destaca-los durante as

transmissões. Também em 1984, começaram as transmissões dos desfiles de São Paulo, ainda realizados na Avenida Tiradentes.

Desde então, a concepção visual dos desfiles passou a ser dimensionada para a televisão além da apreciação a partir das arquibancadas, fazendo com que as alegorias e as fantasias fossem cada vez maiores. No caso do Rio de Janeiro, o aumento de tamanho dos elementos plásticos do desfile justificava-se pela dimensão e distância das arquibancadas do sambódromo recém-inaugurado.

Nesse período de importantes transformações no carnaval de Escolas de Samba, a Príncipe Negro via-se em dificuldades de manter-se na Vila Prudente, devido às transformações pelas quais passava o bairro. Para isso, a construção da avenida Professor Luís Ignácio de Anhaia Mello foi determinante. O eixo do Córrego da Mooca, sobre o qual a avenida foi construída, deixou de ser os “fundos” dos bairros que estavam ao longo de suas margens, com ocupação de galpões industriais na região da Vila Prudente e predomínio de residências nas regiões do Parque Vila Prudente, Jardim Independência e Vila Ema. Como principal consequência, esse eixo deixou de reunir os terrenos e imóveis menos valorizados, passando a ser uma área valorizada para a exploração imobiliária.

Muitos moradores ficaram sem condições de se manter na região, dado o aumento do custo de manutenção dos imóveis e dos aluguéis, e mudaram-se para bairros mais periféricos. Nesse contexto, o Príncipe Negro da Vila Prudente sofria com a diminuição do número de componentes, haja vista a ligação da escola com a população negra que deixava o bairro e a não inserção dos novos moradores que chegavam à região.

O bairro tinha uma outra agremiação rival, a Cabeções da Vila Prudente, a qual se encontrava em situação semelhante. Assim, no ano de 1983, as diretorias das duas agremiações tiveram a ideia de unir as instituições, juntando os componentes de ambas e tendo assim uma agremiação mais forte para a disputa do carnaval paulistano. Nascia, então, a União Independente da Vila Prudente que, entretanto, não foi um consenso e também sofreu com a rivalidade existente entre os integrantes do Príncipe Negro e do Cabeções.

4.1. A TV e o carnaval-espetáculo (1985-1990)

O início das transmissões televisivas dos desfiles das escolas de samba de São Paulo, em 1985, foi determinante para o acirramento das desigualdades entre as agremiações privilegiadas pela televisão e as que participavam das demais divisões do carnaval. As transmissões foram disponibilizadas apenas para o primeiro grupo, então denominado Grupo I, e a maioria das escolas que o compunham não quiseram dividir com as demais o dinheiro referente aos direitos de transmissão (BARONETTI, 2015).

Como a televisão privilegia o aspecto visual dos desfiles, a maior parte do investimento passou a ser destinado à confecção dos carros alegóricos e das fantasias. Estas últimas, passaram a ser comercializadas a preços equivalentes aos luxuosos materiais nelas empregados e, portanto, se tornaram inacessíveis ao consumo de quem não tinha condições financeiras de adquiri-las. Assim, muitos dos componentes negros e pobres deixaram de poder participar dos desfiles das agremiações do primeiro grupo.

Em sua coluna na Folha de São Paulo, em 1983, o arquiteto e jornalista Sílvio Lancellotti comentava os efeitos da TV nos desfiles do carnaval carioca:

Que me perdoem os apaixonados – mas a ex-festa autêntica das escolas de samba, a ex-maior festa da história e do planeta já se transformou, infelizmente, na maior obviedade nacional.

Por culpa de seu gigantismo e da televisão.

Mais ou menos de dez anos para cá, a televisão tomou conta da veneranda celebração brasileira. Impôs suas condições ao Carnaval e, pior ainda, impôs ao Carnaval seu estilo pedante e diluidor (LANCELOTTI, FOLHA DE SÃO PAULO, 15-02-1983).

Lancellotti prosseguia criticando os repetitivos chavões das transmissões e o destaque dado às supostas celebridades da TV. Além disso, destacava o fato dos passistas passarem a estar mais preocupados com as câmeras de TV do que com o desfile propriamente dito, ou com a plateia que ocupava as arquibancadas.

Em São Paulo, as discussões a respeito da transmissão passavam pela mudança do dia dos desfiles do primeiro grupo que, realizados no domingo, coincidiam com o desfile carioca. Sugeria-se a mudança do dia do desfile para o sábado ou para a segunda-feira e Domingos Mantelli, presidente da Paulistur – empresa municipal na época responsável

pelo diálogo com as agremiações para organização do carnaval –, em entrevista à Folha de São Paulo, defendia a mudança, argumentando sobre a possibilidade de mais patrocínios:

Elas [as Escolas de Samba] teriam um grande espetáculo para oferecer aos anunciantes e, certamente, muitos se interessariam em patrocinar o evento. Então, nada mais justo que aquelas [emissoras de TV] que fossem veiculá-lo dessem uma contribuição para as escolas de samba cobrirem seus gastos. Quase sempre gastam, no mínimo, o dobro da subvenção oficial (MANTELLI, FOLHA DE SÃO PAULO, 16-02-1983, p.13)

À Paulistur interessava, inclusive, a possibilidade de atrair turistas para o carnaval, como já acontecia, pelo menos desde de a década de 1960, no Rio de Janeiro. Segundo a Folha de São Paulo havia apurado, os dirigentes das agremiações não se entusiasmavam muito pela mudança para o sábado:

Eles temem o esvaziamento das apresentações das pequenas escolas e dos blocos, uma vez que o público e a imprensa poderiam ficar satisfeitos com o desfile das escolas do grupo 1 no sábado, perdendo o interesse pelo desfile das escolas do grupo 2, e dos blocos, nos dias subsequentes (FOLHA DE SÃO PAULO, 16-02-1983, p. 13)

Manoel Vitório Alves (conhecido como Mestre Feijoadá), mestre de bateria da Mocidade Alegre, se dizia contrário à mudança, a qual, segundo ele, prejudicaria de imediato as “escolas pequenas” e a longo prazo, as “escolas grandes”¹:

Lutamos muito para o Carnaval paulista chegar onde está. E se não conseguimos maior divulgação pelo País, é porque a própria imprensa paulistana prefere dar maior destaque ao Carnaval do Rio. Alguns jornais reservam seus melhores espaços para os bailes dos clubes, colocando em espaços secundários a festa do povo, nas ruas (MESTRE FEIJOADA, FOLHA DE SÃO PAULO, 16-02-1983).

1. Observa-se que tanto a imprensa quanto os sambistas faziam uso corrente dos termos ‘escolas grandes’ e ‘escolas pequenas’, admitindo, portanto, a hierarquização e desigualdade crescente entre as agremiações.

De opinião semelhante, Antônio Carlos Tadeu, diretor de bateria da Vai-Vai (até os dias atuais), argumentava:

O nosso carnaval é bom. As pessoas que falam mal não o conhecem. Então a minha sugestão é para que essa gente peça aos responsáveis pelo Carnaval do Rio que transfiram o desfile

carioca para o sábado. Assim fica tudo resolvido (MESTRE TADEU, FOLHA DE SÃO PAULO, 16-02-1983).

Dado o agigantamento do carnaval e o consequente aumento das despesas – conforme a fala de Mantelli, sobre o fato das escolas gastarem “o dobro da subvenção oficial” – ganhava muita força o argumento do aumento das verbas decorrente da expansão dos patrocínios. Tanto que, apesar dos possíveis prejuízos aos demais grupos apontados pelos próprios sambistas, estes acabaram por aceitar a mudança de dia para o sábado em São Paulo, no carnaval de 1987.

A verba proveniente das transmissões de televisão também acarretou uma cisão na organização das Escolas de Samba. Desde 1976, elas estavam reunidas numa única entidade, a UESP, responsável pela organização do concurso e interface com a prefeitura. Na UESP, as decisões eram tomadas em assembleias, sendo que todas as Escolas de Samba filiadas tinham igual direito de voto, independente do grupo em que se encontrassem. Das disputas em torno do dinheiro fornecido pela televisão, nasceu a Liga das Escolas de Samba de São Paulo, entidade que passou a organizar e representar, a partir de 1986, apenas o primeiro grupo, o qual passou a ser denominado Grupo Especial, concentrando, portanto, todo o novo recurso financeiro (BARONETTI, 2015).

Com o aumento das desigualdades entre as agremiações, especialmente o distanciamento do primeiro grupo em relação as outras divisões, a possibilidade de participar do desfile de uma Escola de Samba do grupo especial passou a incorporar também um critério financeiro em vez do caráter de identificação, simpatia ou pertencimento a uma agremiação. A esse respeito, comenta o etnólogo e musicólogo Alberto Ikeda, no documentário *Lavapés, ancestralidade e permanência* (2017):

Quando a gente vê todo esse glamour do desfile de Escolas de Samba, a gente só vê naquele domingo, no dia principal (sábado e domingo, no caso do Rio, ou sexta e sábado, no caso de São Paulo). A gente não sabe na segunda feira daquele componente que não sai em cima do carro alegórico, que só consegue, hoje em dia, sair numa Escolas de Samba empurrando carro alegórico, porque ele não tem condições de pagar oitocentos, mil reais, por uma fantasia de uma ala. Ou ele vai para um setor mais técnico: ele vai ser ritmista da bateria... alguns setores ainda comportam uma presença negra, mas aqueles setores em que há maior brilho, no

carro alegórico, uma coisa assim, ele é proibido para o negro. O negro está fora. Está alijado mesmo. Ali é o espaço do brilho, dos atores, dos cantores famosos, que vão se projetar mundialmente, das modelos (ALBERTO IKEDA, 'LAVAPÉS: ANCESTRALIDADE E PERMANÊNCIA', 2017).

A exclusão do negro a partir da condição de adquirir uma fantasia de destaque para desfilar em uma agremiação do primeiro grupo, conforme argumenta Ikeda, não é uma situação que possa ser generalizada. Entretanto, quando estes espaços nas escolas estão em disputa, acaba-se por privilegiar quem tem maiores condições financeiras.

Com o acirramento das desigualdades entre as agremiações, as instituições fundadas nas novas periferias mais distantes da cidade encontravam dificuldades de se consolidarem ou de ascender de grupo. Além disso, mesmo antigas agremiações, ainda ligadas a um outro modo de fazer o carnaval antes das transformações que ocorreram entre a oficialização e o início das transmissões de televisão, encontravam semelhantes problemas.

Por outro lado, as agremiações fundadas depois da oficialização e sem relação com comunidades negras, conseguiam rápida ascensão e resultados positivos quando alcançavam o grupo especial. Era o caso de Escolas como Mocidade Alegre e Rosas de Ouro, as quais tinham facilidades na obtenção de patrocínios junto a comerciantes brancos de seus respectivos bairros, ou mesmo, bom relacionamento com o poder público. No caso da Rosas de Ouro, seu fundador e então presidente Eduardo Basílio, foi diretor de empresas municipais e administrador regional durante gestões do prefeito Paulo Maluf (BARONETTI, 2013, p.111). Basílio, aliás, foi nomeado o primeiro presidente da Liga das Escolas de Samba, quando de sua criação em 1986. Ambas as agremiações, desde que chegaram ao primeiro grupo ainda na década de 1970, se mantiveram disputando, as primeiras posições.

Apesar desse acirramento das desigualdades entre as agremiações, três tradicionais escolas negras conseguiam manter-se no Grupo Especial disputando as primeiras posições: Camisa Verde e Branco, Nenê de Vila Matilde e Vai-Vai.

No ano de 1985, a então periférica Nenê de Vila Matilde conquistava seu 10º campeonato e foi convidada a desfilar no sambódromo carioca, no dia do desfile das campeãs (até hoje, foi a única Escola de fora do Rio de Janeiro que desfilou no sambódromo carioca). A Nenê desfilou no sambódromo paulista e no carioca um samba enredo crítico ao racismo

em relação ao índio e ao negro:

Vai, nenê
Embalando a alegria
E no canto da águia guerreira
Toda altaneira, cai na folia
Quando o cacique rodou a baiana
O Juruna vestiu a camisa, gravata e paletó
Mas o branco soberano
Só explorando
Até que o índio disse óh
Óh óh óh
Até que o índio disse óh
Macobeba, no rádio e televisão
Destrói a arte e a imaginação
Negro também quer
Poder falar alto
Rodar a baiana
Chegar no planalto
Hoje, para orgulho de nossa nação
Negros e brancos e índios são irmãos
Reivindicando seus direitos
Se unindo em mutirão!

Óh! Meu senhor...
Devolva minhas terras, por favor
Nosso canto e dança
Desponta nossa alegria
Driblando a inflação
É o nosso dia-a-dia.

O DIA EM QUE O CACIQUE RODOU A BAIANA AÍ, ÓH – ALA JOVEM E PAULINHO DA MATILDE. NENE DE VILA MATILDE, 1985.

O enredo da Nenê incorporava pautas dos movimentos sociais, como a reforma agrária, acesso dos negros e índios aos espaços de poder e a demarcação de terras, no contexto da ascensão dos movimentos populares de crítica à ditadura militar.

Em suas respectivas localidades de origem, Camisa Verde e Branco e Vai-Vai disputavam a identificação com os bairros da Barra Funda e Bexiga, respectivamente, cujas narrativas dominantes faziam referência a “bairros italianos” (OLIVEIRA, 2014). Assim, no ano de 1987, o Camisa Verde e Branco desfilou o enredo *Barra Funda, Estação Primeira*, o qual apresentava tanto a presença imigrante quanto a presença negra no bairro:

Barra Funda
Era a menina que dormia
Onde as águas do Rio Tietê brincou
Um belo dia o imigrante a despertou

Com muito sacrifício
 Aprendeu ofício
 Trabalhando com afinho prosperou
 Inocenciando a malandragem
 No largo da banana estava a fina flor
 Na caipira, no bozó, jogo de ronda
 Ela tirou onda fez a fé ganhou
 Bairro de encantos e magia
 Do samba, futebol, feitiçaria
 Prosseguiu a sua marcha gloriosa
 Nessa boa terra da garoa
 Café, cana de açúcar e algodão
 Plantado no roçado dava à toa ...
 A saudade é tão presente
 Ao lembrar dá para chorar
 O circo, o teatro, o baile a fantasia
 No bonde se podia namorar
 Senhora emancipada, é Estação Primeira
 Assiste o progresso do lugar
 Eh! Lá vem o trem, eu já vou
 Amanhã eu tenho encontro na saída do metrô
 BARRA FUNDA ESTAÇÃO PRIMEIRA – ADILSON VICTOR,
 MAURO DINIZ E NEOCI. CAMISA VERDE E BRANCO, 1987.

O samba, com o qual a escola conquistou o vice-campeonato no ano de início das transmissões do desfile paulistano pela TV Globo, narra as transformações do bairro da Barra Funda, sem deixar de lado a lendária malandragem do Largo da Banana, além do “samba, futebol e feitiçaria” (futebol de várzea e casas de religiões afro-brasileiras), normalmente deixadas de fora nas narrativas oficiais sobre o bairro da Barra Funda. Apesar disso, há uma importância maior atribuída à presença do imigrante italiano, o qual “despertou” a Barra Funda, a “menina que dormia” – o que pode ser entendido como parado no tempo ou sem evoluir.

O início das transmissões televisivas também coincide com a sequência de bons resultados do Vai-Vai. A escola conquistou o tricampeonato em 1986, 1987 e 1988. O enredo de 1986, no contexto da instauração da Assembleia Nacional Constituinte, exaltava a esperança:

Espero que a Nova República
 Melhore a situação
 Fazendo valer sua força
 No combate à inflação
 Quero ver pulso firme
 Contra a corrupção
 E um salário justo
 Para toda nação

DO JEITO QUE A GENTE GOSTA – WALTER BABÚ, ALEMÃO
DO VAI-VAI E CHUVEIRO. VAI-VAI, 1986.

O enredo fazia votos de que a Nova República pudesse combater as mazelas do país,
enquanto quatro anos depois, no carnaval 1990, a agremiação viria a comemorar os seus
60 anos no Reino das Bananas, conquistando a quarta colocação:

O índio quer a tribo numa boa
Cantar, sorrir à toda
Iluminado pelo astro-rei
Levar a vida muito mais feliz
Plantar, regar os campos
Os pirilampos, brilhando na mata
Banho de cascatas, curtir a maré, (pois é)
E conviver com o jacaré
Mas pra me levar no bico
Tem que ter filosofia
Não tem carona no trenzinho da alegria
"Alegria", "alegria"
Tem que ter filosofia
Não tem carona no trenzinho da alegria
De repente lá no céu, surgiu uma águia
Estranho papel
Com um papo futurista
Dando uma de turista, só na aba do chapéu
Trazendo enlatados, levando minério
Cortando a madeira, é um caso sério

Bota a ala das baianas pra rodar
Que eu quero ver
Se por baixo desse pano
Tem azeite de dendê
E o Crieléo
Trazendo paz e harmonia
É esperança, é preto e branco
No balance da bateria
Tem fuzuê, zum, zum, zum gente bamba
Cambalacho no cacho... Poeira
Vai-Vai que passa sacudindo a bananeira
Vai-Vai que passa sacudindo.

60 ANOS NO REINO DAS BANANAS – ADEMIR, NECK'S E
SHOWXÃO. VAI-VAI, 1990.

Assim, quatro carnavais depois do desfile de 1986, no qual trouxe uma expectativa positiva
em relação a Nova República, a escola adotava um tom crítico e debochado. A República
era apresentada submetida aos interesses imperialistas da "águia / estranho papel". O
samba elege o índio como personagem central, que deseja viver em um país livre de

falcatruas (“carona no trenzinho da alegria”) e com a preservação do meio ambiente (“conviver com o jacaré”).

Samba e futebol: uma nova relação

O fim da década de 1980 marca também o estabelecimento de uma nova relação das Escolas de Samba com o futebol. Se, no início do século XX, as primeiras agremiações tinham uma importante ligação com clubes de futebol de várzea, surgiram a partir desse período diversas novas agremiações diretamente ligadas às torcidas organizadas dos clubes de futebol profissional e sem relação com a ideia de pertencimento a um bairro.

Essa história remonta ao ano de 1972, quando o Vai-Vai – em seu último desfile como cordão – convidou a torcida organizada Gaviões da Fiel², para encerrar o desfile, dentro do enredo que falava sobre a identidade nacional, incluindo assim o futebol, conforme relata Osvaldinho da Cuíca:

O sucesso foi grande, pois era a primeira vez que São Paulo via a festa dos estádios invadir a passarela do samba. Animados pela boa repercussão, os corintianos pressionaram a diretoria do Vai-Vai para que a ala saísse novamente no ano seguinte e no outro.... Parecia nascer uma nova tradição dentro da escola. (CUÍCA & DOMINGUES, 2009, p.79)

Entretanto, em 1975 foi vetada a saída da ala dos Gaviões da Fiel no desfile do Vai-Vai, posto que a diretoria não estava de acordo com a crescente ligação do nome da escola à torcida organizada do Corinthians (CUÍCA & DOMINGUES, 2009, p.79). Assim, no mesmo ano, foi fundado oficialmente o Bloco Carnavalesco Gaviões da Fiel Torcida, o qual passou a disputar a existente divisão de blocos carnavalescos do concurso de carnaval da cidade.

A associação do Bloco ao clube de futebol, o mais popular de São Paulo, fez com que a Gaviões da Fiel mantivesse uma hegemonia de 13 anos vencendo o carnaval de blocos de fantasias. Esse sucesso e crescimento do Bloco permitiu que a agremiação almejasse troca de categoria no carnaval e, em 1989, tornou-se Escola de Samba.

Dentro da modalidade Escola de Samba, a Gaviões da Fiel também obteve rápida ascensão ao Grupo Especial, o que incentivou a fundação de outras agremiações ligadas a torcidas organizadas de grandes clubes de futebol paulistas. Isso, de certa maneira, introduziu um novo fator de desequilíbrio nas diversas divisões do carnaval. As escolas de torcida

2. Fundada em 1969, o Grêmio Gaviões da Fiel Torcida surgiu a partir da reunião de um grupo de torcedores do Spot Clube Corinthians Paulista, com a finalidade de acompanhar e participar das decisões do Clube de Futebol. Segundo Osvaldinho da Cuíca, que compôs o primeiro samba oficial do Bloco Gaviões da Fiel Torcida, “há uma história sobre a passagem de do Gaviões da Fiel a escola de samba que dá conta de que esta teria sido fruto de uma manobra dos comandantes de Camisa Verde e Branco (Inocêncio Mulata), Mocidade alegre (Juarez da Cruz) e Rosas de Ouro (Eduardo Basílio) para abalar a superioridade que o Vai-Vai ostentava [na disputa dos concursos de carnaval] na segunda metade da década de 80”. (DOMINGUES e CUÍCA, 2009).

organizada conseguiam angariar mais recursos, beneficiando-se da ligação com os clubes de futebol e, conseqüentemente, usufruíam da popularidade dos mesmos.

O sambódromo como o cenário de TV

O crescimento da importância do investimento e do patrocínio acompanhava os desdobramentos do que acontecia no carnaval do Rio de Janeiro, onde as transmissões televisivas data da década de 1960. No início dos anos 1980, discutia-se por lá a construção de um lugar específico para os desfiles de Escolas de Samba. As discussões converteram-se em projeto durante o mandato de Leonel Brizola, governador eleito no contexto da abertura política e da realização de eleições diretas para governadores em 1982.

Quanto ao local para implantação, foi escolhida a Rua Marquês de Sapucaí, que já sediava os desfiles desde o carnaval de 1978. Encomendado ao arquiteto Oscar Niemeyer, e tendo o vice-governador Darcy Ribeiro à frente da execução do projeto, estabeleceu-se uma polêmica em torno da presença da Praça da Apoteose no final da passarela, em desacordo com a caráter linear e sequencial de um desfile de Escolas de Samba. Apesar do “argumento oficial” de que “às escolas, se oferecia um novo espaço”, que deveria ser ocupado “com criatividade”, o jornalista Roberto M. Moura comentava:

O País vivia sua transição na direção da abertura. Paradoxalmente, o Carnaval enfrentava uma decisão autoritária e impositiva. O que Darcy Ribeiro quis fazer com as escolas de samba não recomenda um antropólogo. É a mesma coisa que visitar uma comunidade indígena e, em vez de registrar, tentar “melhorar” as suas danças e rituais (MOURA, 1986, p.80).

Com a Praça da Apoteose – que Moura (1986) apelidara de Praça do Apocalipse, foi inaugurado o Sambódromo do Rio de Janeiro no carnaval de 1984, servindo de inspiração para que sambistas e governantes municipais de outras cidades brasileiras que já tinham estruturado um carnaval de Escolas de Samba, preparassem projetos similares.

4.2. A união e a desestruturação: União Independente da Vila Prudente (1983-1994)

Imaginário da fusão

Como vimos, no início da década de 1980, consolidavam-se as transformações decorrentes da oficialização e diversas novas agremiações relacionadas aos novos contingentes que ingressavam no carnaval de Escolas de Samba, alcançavam as primeiras divisões do carnaval e nelas se mantinham. Por sua vez, as Escolas mais antigas, fundadas antes da oficialização, ligadas às comunidades negras, encontravam dificuldades de alcançar bom desempenho dentro da hierarquia do carnaval.

Foi nesse contexto que, no ano de 1982, as diretorias das Escolas Príncipe Negro e Cabeções de Vila Prudente decidiram-se pela fusão das duas agremiações como forma de construir uma agremiação competitiva dentro do carnaval paulistano. As transformações pelas quais passavam os desfiles de Escolas de Samba demandavam o crescimento do número de componentes e aumento dos investimentos. Assim, a fusão entre as duas Escolas aparecia como a solução para a manutenção de suas comunidades do bairro de Vila Prudente no primeiro grupo do carnaval, posto que as duas agremiações, quando subiam ao grupo 1, não conseguiam firmar-se.

A ideia de fusão das duas agremiações vizinhas e rivais não era uma novidade e aparecia em uma reportagem da Folha de São Paulo no ano de 1978, que tratava sobre o enredo da Cabeções:

Sua grande rival é a escola de samba “Príncipe Negro”, também localizada em Vila Prudente, um bairro pontilhado por fábricas de papel e pequenas tecelagens. Ocorreram algumas brigas entre as duas e há dois anos o delegado da região chamou os dois presidentes das escolas e pediu para que elas se fundissem numa; os presidentes concordaram mas alguns velhos sambistas se opuseram à ideia. Atualmente, embora a rivalidade ainda exista, elas coexistem pacificamente no bairro (FOLHA DE SÃO PAULO, 27-01-1978, p.45)

Do excerto, podemos perceber que ainda persistia, no fim da década de 1970, a imagem do bairro fabril. Além disso, sob a ditadura militar, um delegado de polícia sugeria a

fusão de Escolas de Samba, o que pode ilustrar a situação de interferência e censura nas organizações culturais.

Algumas matérias do jornal Folha de São Paulo já sugeriam a fusão de Escolas como forma de fortalecer não só as agremiações, mas também, o próprio carnaval de Escolas de Samba da cidade. Em uma matéria sobre o número pequeno de espectadores nos desfiles do grupo 2, intitulada “Lugares vazios até a meia-noite”, o presidente da Paulistur sugeria a fusão de escolas:

O desfile das escolas de samba do segundo e do terceiro grupo, pecam para o presidente da Paulistur, Armando Simões Neto, pela pobreza do espetáculo que oferecem:

“Sabe qual a solução” – pergunta Simões Neto, que logo responde à própria pergunta. É a fusão de algumas escolas. Aí ficariam apenas grandes escolas e grandes espetáculos. Afinal o público não quer ficar, até seis horas da manhã, para ver um desfile pobre e pequeno” (FOLHA DE SÃO PAULO, 08-02-1978, p.8)

A fala de Simões Neto representava o entendimento por parte da prefeitura de que os desfiles deviam se constituir, exclusivamente, em um “grande espetáculo” e não mais em uma manifestação ou festa popular. Em seguida, a reportagem dava o contraponto com a opinião do motorista do presidente da Paulistur, segundo o qual, “se o desfile de manhã for igual a esse eu não quero perder”. Ficava evidente a preocupação por parte da prefeitura com o caráter de espetáculo dos desfiles em detrimento da realização de uma festa popular acessível, como vimos no texto sobre o início das transmissões de TV.

União

Em meados da década de 1980, alguns componentes da Príncipe Negro – entre eles Rossimara Vieira Isaias - mudaram-se para a Cidade Tiradentes devido às dificuldades de manter residência na Vila Prudente, em uma movimentação que naquele momento passou a ser comum na região: a população negra deixava o bairro, conforme avançava a construção da Avenida Professor Luís Ignácio de Anhaia Mello:

Da vila mesmo acho que eu sou a última. O resto foi tudo para as COHABs da vida. Se perdeu muita gente por aí (RITA MARIA ACÁCIO DA SILVA, 18-08-2019).

Rita é uma das poucas pessoas que participavam da Príncipe Negro e que permaneceram morando no mesmo local, na rua Coelho Barradas, onde a agremiação realizou os seus ensaios a maior parte do tempo em que esteve na Vila Prudente. A saída de componentes da Escola do bairro desestruturou a agremiação que já enfrentava a situação de não ter um espaço para realização dos ensaios e demais atividades.

No carnaval de 1982, a Príncipe Negro desfilou pela última vez no primeiro grupo. Entretanto, a agremiação não conseguiu realizar um desfile satisfatório para manter-se e ficou com a última colocação, sendo rebaixada. A Cabeções de Vila Prudente havia desfilado pelo grupo 2 e ficou na sétima colocação.

A Cabeções de Vila Prudente tem a sua origem no rancho carnavalesco criado em 1949 pelos funcionários da Companhia Industrial de Papéis e Papelões, localizada às margens do Córrego da Mooca. Fundado oficialmente como bloco carnavalesco em 1968, o Cabeções de Vila Prudente se tornou Escola de Samba no ano de 1972. Quando de sua fundação, a agremiação possuía uma sede na rua Cavour, 319. Posteriormente, o mesmo grupo que fundou o rancho, criou um clube de futebol, o Búfalo A.C., o qual passou a ocupar a sede da rua Cavour. Assim, em 1972, a Escola aparecia listada entre as Escolas de Samba para as quais a Secretaria de Turismo tinha um projeto de venda de terrenos para construção de suas sedes³ (FOLHA DE SÃO PAULO, 06-08-1972).

A Cabeções conseguiu desfilar por três vezes no primeiro grupo, nos anos de 1974, 1979 e 1981, sendo rebaixada em todas essas ocasiões. No carnaval de 1981, a escola foi desclassificada por apresentar-se com número de componentes inferior ao mínimo exigido. Entretanto, naquele ano a agremiação desfilou com o samba *Do Iorubá ao Reino de Oyó*, que se tornou muito popular, sendo executado em diversas rodas de samba. A obra entrou no álbum produzido pelo sambista Leandro Learth como um dos doze melhores sambas de enredo da história do carnaval paulistano, em 2012.

Dada a dificuldade de disputarem melhores posições no primeiro grupo, as diretorias das duas Escolas acertaram uma união, na tentativa de constituir uma agremiação mais forte no bairro de Vila Prudente para disputa do carnaval. Assim, no ano de 1983, a União Independente da Vila Prudente desfilou pelo grupo 2 e conquistou a ascensão ao primeiro grupo.

Eu nasci depois, em 65. Daí pra cá [o Príncipe Negro] veio só crescendo, né? Cresceu, cresceu e ficou aquela disputa: Príncipe

3. A Secretaria de Turismo havia encaminhado à EMURB uma proposta para a venda de terrenos de sua propriedade, principalmente na Marginal Tietê, para que as Escolas de Samba pudessem construir suas instalações. A matéria listava as seguintes agremiações: Vai-Vai, Fio de Ouro, Flor de Maio do Tucuruvi, Folha Azul dos Marujos, Imperador do Ipiranga, Acadêmicos do Ipiranga, Nenê de Vila Matilde, Brasil de Cachoeirinha, Unidos de Vila Maria, Unidos do Peruche, Primeira de Santo estevão, Príncipe Negro de Vila Prudente, Acadêmicos do Peruche, Cabeções de Vila Prudente, Camisa Verde e Branco, Estrela Brilhante, Falcão do Morro de Itaquera, Mocidade Alegre, Mocidade Unida do Bom Retiro, Morro da Casa Verde, Nenê de Vila Ede e Escola de Samba de Vila Ede (FOLHA DE SÃO PAULO, 06-08-1972).

IMAGEM 55: Acima, fotografia do campo de futebol do Búfalo A.C. no terreno da Cia. Ind. Paulista de Papéis e Papelões. Fonte: Documentário 'Búfalo A.C. 60 anos'.

IMAGEM 56: Abaixo, fotografia do Rancho Carnavalesco Cabeções. Ao fundo, o edifício da Cia. Ind. Papéis e Papelões. Fonte: Documentário 'Búfalo A.C. 60 anos'.

Negro e Cabeções da Vila Prudente. Subia um, descia outro. Todo ano era essa luta. O Cabeções era um pouco mais pra frente.

Aí, acabou o Príncipe Negro, que ... não sei o que aconteceu, ninguém quis mais levar à frente. Cabeções também não progredia, nem o Príncipe Negro também não progredia. (RITA DA SILVA, 18-08-2019)

Entretanto, segundo as memórias dos componentes da Príncipe Negro que participaram da União Independente, a rivalidade entre as duas escolas originárias era latente:

Aí tinha outra escola aqui do bairro também que chamava Cabeções da Vila Prudente. As duas escolas, as diretorias, se uniram para fazer... para unir as escolas.

Aí foi o fim da primeira Príncipe Negro. Porque se uniu com Cabeções. Aí virou União Independente.

Aí o Príncipe não tinha mais. A turma que gostava da escola, teve muita gente que foi também... que nem eu mesmo. Quando se uniu, por dois anos, eu continuei saindo no União Independente. Mas aí depois, eu via que... sabe? Nós éramos da mesma bateria, tinha a bateria que era dos cabeções e tinha a bateria que era do Príncipe Negro. Aí sabe, não pegou, não chegou a encaixar e aí muita gente foi saindo. Teve muita gente que ficou sem sair em lugar nenhum (ADEMIR GOMES DA SILVA, 18-05-2019).

Houve essa junção. E isso fez com que as duas Escolas, por um período né, tivessem terminado. E retomaram [retorno da Príncipe Negro e da Cabeções] por essa questão de camisa, de bandeira. É que a maioria dos componentes - que a escola de samba são os componentes - não aceitaram essa união que se tornou uma outra escola, que se tornou a União Independente da Vila Prudente (ROSSIMARA VIEIRA ISAIAS, 26-01-2019).

Os depoimentos de Ademir e Rossimara confirmam que a fusão foi uma medida imposta aos componentes pelas respectivas diretorias das agremiações. Entretanto, outros depoimentos confirmam que também diversos membros da Príncipe Negro acreditavam nesta tentativa de fortalecimento da Escola e estavam dispostos a superar as rivalidades

existentes:

Já cheguei a costurar pra União, que na última hora a roupa das baianas não saia, sentei e fui costurar. Costurei e saí de baiana, rodei, rodei a baiana (SANDRA REGINA SALES, 24-08-2019).

Eu nunca desfilei na Cabeções. Mas, na Príncipe, na União eu desfilei muito, até o fim da linha (RITA MARIA ACÁCIO DA SILVA, 18-08-2019).

Sempre desfilei quando era Príncipe Negro e quando foi União. Quando juntou com o Cabeções, eu desfilei. Mas eu não saia como rainha, saía mais em ala. Só um ano que eu saí como Princesa [*da bateria*]. Mas foi mais em ala. (MEIRE ACÁCIO, 18-08-2019)

Havia, portanto a tentativa de retomada das relações de sociabilidade, construídas na Príncipe Negro na nova agremiação. Entretanto, há de se considerar que as rivalidades alimentavam as disputas pelos lugares e postos nos desfiles, como no caso de Meire, que desfilava como rainha da bateria na Príncipe Negro, mas, na União, passou a desfilar “mais em ala”.

Do núcleo familiar de Rossimara, muitos deixavam de morar na região da Vila Prudente e, com isso, tinham dificuldades de participar inclusive da nova agremiação. Segundo sua irmã, Rosinéia Vieira Rodrigues, mesmo a junção com a Cabeções não conseguia resolver o problema da diminuição do número de componentes.

E essa união não deu certo, essa escola que foi fundada nessa união das duas, não deu certo. Aí refundou-se a Príncipe Negro com os mesmos componentes e a Cabeção de Vila Prudente também que é atuante hoje em dia.

A debandada das pessoas foi por causa disso. Porque uniu com o pessoal da Cabeções da Vila Prudente. E foi uma coisa da minoria da diretoria, foi como uma bomba, sabe. Aí para o próximo carnaval já ia unir.

O pessoal até tentou, mas muita gente se afastou. A gente continuou. Mas, ali foi morrendo. Foi morrendo a escola: muitas desavenças, aquelas coisas tudo (ROSINÉIA VIEIRA RODRIGUES,

31-03-2019).

Rossimara, quando se mudou para a Cidade Tiradentes passou a produzir fantasias e adereços e até mesmo a recrutar componentes para desfilar pela Vila Prudente. Porém, para ela e seu grupo, parecia que a ligação da agremiação com o bairro estava em crise. Além da redução do número de integrantes devido às mudanças, principalmente da população negra, os novos moradores que se instalavam no bairro, não se integravam à Escola. Conforme o relato de Rossimara Isaias, apresentado no capítulo 3, “nos últimos anos a vizinhança” não respeitava a agremiação enquanto uma instituição cultural do bairro de Vila Prudente, e nem era considerado o fato da Escola estar presente na região antes da chegada desses novos moradores (ROSSIMARA VIEIRA ISAIAS, 02-10-2016).

Apesar do resultado positivo no carnaval de 1983, quando a União Independente venceu o grupo 2 e conquistou a vaga para desfilar no primeiro grupo, a união entre as agremiações não era consenso. No acervo da UESP constam duas atas de posse de diretoria da Príncipe Negro no período de existência da União Independente. Uma do ano de 1984, informa o afastamento do presidente Messias Travas e a posse do vice, Alcides Lemos Silva. Também, há uma cópia da ata de posse da diretoria do Príncipe Negro no ano de 1989, com carimbo de registro no 3º Cartório de Pessoas Jurídicas – São Paulo, do dia 22 de dezembro daquele ano, nomeando Eurypes Estanislau de Andrade como presidente.

Assim, no ano de 1984, a União Independente de Vila Prudente desfilou pelo primeiro grupo enquanto, como uma dissidência, a Príncipe Negro desfilou pelo grupo de escolas aspirantes. Com a 8ª colocação entre as 10 escolas, a agremiação conseguiu permanecer no grupo 1, feito nunca alcançado pela Cabeções e pela Príncipe Negro. Já esta última, também ficou em 8º lugar, entre 19 escolas, no grupo de aspirantes e não conseguiu a ascensão.

Uma matéria da Folha de São Paulo do ano de 1984 fazia uma breve descrição das agremiações integrantes do Grupo I do carnaval daquele ano, às vésperas do desfile, e referiu-se de maneira positiva a “União de Vila Prudente” (sic), como agremiação originária de uma fusão:

Este também é o primeiro ano da escola no grupo 1. Seus componentes, no entanto, possuem vasta experiência de avenida, pois a União nasceu de uma fusão entre as escolas de samba Cabeções de Vila Prudente e Príncipe Negro, esta fundada em

1964. Campeã do grupo 2 em 83, a escola conta com o apoio dos lojistas do bairro e a simpatia dos moradores da Vila Prudente, representados agora por uma única e forte agremiação. (FOLHA DE SÃO PAULO, 04-03-1984)

A União Independente desfilou também no ano de 1985 pelo grupo 1, mas foi rebaixada. A Escola não mais retornou ao primeiro grupo e foi caindo pelas divisões do carnaval até o ano de 2010, quando aparece o último registro da agremiação nas competições do carnaval paulistano.

Em 2005 foi fundada a Raízes da Vila Prudente, reunindo ex componentes da Cabeções e da Príncipe Negro e em 2006 participou do grupo de aspirantes. No ano de 2013, a Cabeções de Vila Prudente retomou as atividades e voltou a participar das competições em 2015.

Dissidência e mudança

Parte da família de Rossimara – seus pais e seus irmãos – haviam mudado para a Cidade Tiradentes. Outros parentes, como o irmão de sua mãe, Ademir Gomes da Silva, permaneceram morando no bairro vizinho, Vila Ema. Ademir recorda a tentativa de retomada da Príncipe Negro na Vila Prudente, principalmente durante a gestão do presidente Eurypes Estanislau de Andrade:

Teve um outro presidente, que foi patrão do meu irmão (meu irmão trabalhou na oficina dele), resolveu voltar tudo de novo com a escola.

Esse presidente era o Eurypes. Ele montou tudo de novo. Começou a pegar, ensinar os moleques tocar, tinha eu, meu irmão, um colega nosso também que agora é falecido, chamava Tonico.

Aí começou a escola a subir aqui. Porque esse presidente era muito inteligente o Eurypes. Ele fazia os carros tudo direitinho, fazia tudo iluminado.

Aí chegou um dia que ele faleceu, o Eurypes. Ai a escola ainda saiu uns dois anos, com outras pessoas. Aí depois, começou a cair de novo. Começou a cair esse segundo Príncipe. E aí já estava quase acabando aqui (ADEMIR GOMES DA SILVA, 18-05-2019).

Esse foi o período em que a família de Rossimara assumiu a direção da Príncipe Negro e, para eles a escola parecia cada vez mais distante da Vila Prudente:

E aí foi quando a escola começou a cair com as outras pessoas. Aí junto com meu irmão, o 'Grim', que estava junto com o Euryptes desde o comecinho... E estava cada vez indo mais para baixo, mais para baixo, mais para baixo.

Aí resolveu trazer aqui [Vila Ema]. Mas aqui também não dava para nós sair, porque aqui o bairro é mais.... Aí a minha mãe não deixou, falou assim: "não, não, aqui os vizinhos..."

Aí pegou e falou uma coisa: "vamo levar lá pra Tiradentes". Aí juntou meu cunhado, que é o pai da Inhana. O pai da Inhana é desde o comecinho, desde o primeiro Príncipe que ele era do Príncipe Negro.

E foi quando resolveu levar pra lá a escola. Aí chegou lá [na Cidade Tiradentes], começou a fazer as coisinhas de dentro, começou a crescer, a escola subiu.

E eles estão até hoje lá. Aqui os componentes já tinham sumido tudo. Componente daqui não foi ninguém pra lá. Não foi ninguém. Foi mais uma vizinha nossa que gostava de sair na ala das baianas, os garotos, mas o restante não foi ninguém pra lá. Só foi nós e a escola pra lá.

Chegou lá, começou a crescer e está até hoje lá. Aí nós chegamos até o grupo 1, nós chegamos lá da Tiradentes. Agora que deu uma abaixadinha, mas... (ADEMIR GOMES DA SILVA, 18-05-2019).

Ademir não completa as duas frases: " aqui é mais..." e "os vizinhos não....". Porém, dá a entender que, assim como os novos moradores da Vila Prudente, a vizinhança da Vila Ema também rejeitaria a agremiação. Também, segundo seu relato, quando a Escola mudou para a Cidade Tiradentes, os antigos componentes da Vila Prudente não foram desfilar mais. Por outro lado, Rossimara e sua família residente na Cidade Tiradentes, recrutavam componentes para desfilar pela Vila Prudente:

Na época em que a Inhana assumiu a presidência eu estava afastada da escola. Eu fiquei uns cinco anos afastada da escola, por causa de serviço. Vivi uma vida toda lá aí queria respirar outros ares.

Aí eu voltei quando ela assumiu a escola. Porque mesmo ela assumindo a presidência da escola, a escola continuou lá [na Vila Prudente].

Depois, com o tempo que a gente viu que não era viável a gente daqui indo para lá. E a maioria dos componentes era daqui que a gente levava para lá. Então era muito transtorno.

E estava tipo que morrendo a escola porque era as pessoas acabaram se afastando por causa de unir uma escola com a outra. E as pessoas de raiz começaram a se afastar. Muitos morreram, que nem meu pai mesmo.

E aí minha mãe teve essa ideia da Inhana Presidente e depois de está trazendo para cá. Ai logo nessa época que ficou nessas de ir tudo para lá, para desfilar lá, nessa época que eu estava afastada da escola.

Eu só voltei quando eles pegaram e trouxeram a escola para cá. Aí eu voltei a desfilar, desfilei como rainha da bateria. Desfilei uns dois anos como rainha da bateria, depois vi que precisava mais na parte da direção, aí já comecei a dirigir, ser diretor de harmonia, a fazer outras coisas (ROSINÉIA VIEIRA RODRIGUES, 31-03-219).

Pelos depoimentos, podemos concluir que os componentes das escolas de samba reproduziam tanto a hierarquia de Escolas – como já vimos, as referências às Escolas “grandes” e “pequenas” – mas, também, uma hierarquia entre os bairros: moradores da Vila Prudente não queriam desfilar pela Cidade Tiradentes, entretanto, o contrário acontecia.

Rosimara, comenta o enfraquecimento da ligação da Príncipe Negro com a Vila Prudente, principalmente por conta da saída do bairro dos moradores que constituíam a Escola:

Mas a história resumida é a mesma: a Escola continuou lá [na Vila Prudente]. Mas o que faltava para a Escola? O principal, que a Escola foi perdendo, seus componentes.

Tiradentes na época não tinha [estrutura de transporte], foi logo no fundamento da Cohab Cidade Tiradentes. Uns moravam no Bonifácio⁴ e, para essa região, não tinha estrutura para você ir de condução, para ir lá para os ensaios todos finais de semana [na Vila Prudente]. E condições financeiras também, que às vezes não

4. COHAB José Bonifácio, Distrito de José Bonifácio, bairro de Itaquera.

tinha dinheiro de condução, não tinha transporte particular.

Nisso, a Escola ainda ficou alguns anos, nós morando já aqui na Cidade Tiradentes, levando pessoas, além de a gente para ir desfilar lá, continuar com a Escola na Vila Prudente. A gente levava moradores daqui para ir desfilar lá, porque lá já não tinha mais [muitos componentes]. Porque ao redor, os componentes a maioria se foram... então os componentes de lá mesmo acabaram se afastando, entendeu?

E foi nessa época que surgiram várias outras escolas, e aí, a Escola mais perto da minha casa é tal. Aí eu vou para outra escola, a escola mais perto da minha casa, porque ficaria mais fácil de o transporte passar. Então foram vários acontecimentos que trouxeram a Escola para cá.

As coisas foram acontecendo. Para não morrer a história da Escola, a gente que era daqui [da Cidade Tiradentes] foi fazendo as coisas e levando para lá. E chegou uma hora, não lembro bem quem foi: 'Vamos tentar trazer a Escola definitivamente para cá'? Respeitando a história, toda essa história dentro do carnaval que era na Vila Prudente, mas, agora vamos fazer, formatar isso que é da Cidade Tiradentes, que a Escola agora é da Cidade Tiradentes, que a Cidade Tiradentes merece?

E foi meio que natural. Teve uns conflitos, mas foi caminhando para cá (ROSSIMARA VIEIRA ISAIAS, 02-10-2016).

A resposta de Rossimara para a pergunta por ela mesmo formulada: "Mas o que faltava para a escola? O principal, que era os componentes", explica muito do processo de desintegração da Príncipe Negro na Vila Prudente. Os componentes foram se espalhando pelas diversas novas periferias da cidade no decorrer da década de 1980. Por mais que tentassem manter os laços de sociabilidade proporcionados pela resistência da agremiação, através da frequência aos ensaios, as barreiras impostas pela expansão da cidade, como a tarifa e condição do transporte público, acabavam por derrotar qualquer força de vontade.

As duas agremiações, União Independente e Príncipe Negro da Vila Prudente desfilaram em paralelo entre os carnavais de 1984 e 1993. Permaneciam na União Independente componentes que não aceitavam a dissidência da Príncipe Negro, o que pode ser ilustrado

pelo croqui de uma alegoria para o carnaval de 1993⁵, a qual apresentava o nome das duas agremiações originadoras da “União”.

Em 1994, o Príncipe Negro deixa de fazer parte, oficialmente, da União Independente da Vila Prudente e a direção da escola, sediada na Cidade Tiradentes, pode então legalizar a mudança de bairro da agremiação, passando a assumir o nome de Príncipe Negro da Cidade Tiradentes.

Os integrantes da área onde a Príncipe Negro realizava os ensaios, no entorno da Coelho Barradas, na Vila Prudente, não participaram da dissidência da Príncipe Negro em Cidade Tiradentes:

Aí o “Grim” que é o tio da Inhana, da Néia [Rosinéia, irmã de Inhana] e do Romão pegou os papel... não sei se ele pegou as papeladas lá na UESP, né? Eu não sei qual foi o trâmite que eles usaram pra transferir de Príncipe Negro de Vila Prudente para Príncipe Negro da Tiradentes.

Aí fizeram uma nova fundação, teve um outro departamento... aí acabou, nunca mais... (RITA MARIA ACÁCIO DA SILVA, 18-08-2019).

Quando o Príncipe Negro foi para a Tiradentes eu não desfilei mais. Nós ficamos aqui na Raízes (MEIRE ACÁCIO, 18-08-2019).

Agora está lá na Tiradentes, então eu não fui mais. É só quando era aqui, era na... a quadra era lá perto da prefeitura (que eu trabalho na prefeitura, agora já quero aposentar mês que vem).

Tem Raízes também, que eu vou sair de baiana. Eu estou com um pouco de idade, então vou sair de baiana. Eu era cabrocha da Príncipe Negro. Cabrocha, saia na frente da bateria (SANDRA REGINA SALES, 24-08-2019).

5. É obrigatório que as agremiações entreguem previamente o projeto e um roteiro do desfile a ser realizado. Esse material tem função de auxiliar os julgadores e também permitir a fiscalização para verificar ineditismo das peças apresentadas.

Dos depoimentos de Rita, Meire e Sandra, ex-componentes da Príncipe Negro que permaneceram na Vila Prudente, percebe-se que a relação com a agremiação estava vinculada às relações de sociabilidade ancoradas e identificadas com o bairro. Elas desfilavam pela Vila Prudente e não encontravam motivos para desfilar pela Cidade Tiradentes, independentemente de a agremiação ainda manter o nome, em uma tentativa de preservar o vínculo com a história da fundação no bairro de Vila Prudente.

No gráfico a seguir, é mostrada a trajetória da Príncipe Negro e da União Independente da Vila Prudente⁶, escola constituída a partir da junção entre Príncipe Negro e Cabeções.

Podemos observar que enquanto a agremiação esteve na Vila Prudente, conseguia manter-se principalmente no segundo grupo. No decorrer da década de 1980, o número de Escolas de Samba aumentou consideravelmente, como vimos no capítulo 2. Desde que foi para a Cidade Tiradentes, o máximo que a agremiação conseguiu alcançar foi a terceira divisão, permanecendo a maior parte do tempo na quarta divisão, dentre as sete atuais do carnaval paulistano.

6. A União Independente da Vila Prudente desfilou de 1983 a 2010. Nos anos 2000 a Escola permaneceu nas últimas divisões do carnaval. No gráfico, indicamos apenas o período em que a Príncipe Negro fazia parte da União Independente.

5. DISPERSÃO:
Sambódromo - 'Túmulo do samba'?

Era linha de frente na ala de cuíca
Anhembi, Tiradentes, São João
Adorava contar como era bonita
A avenida antes da televisão
Sua cuíca era ferro com ronco de trovão
Por minha parte, Xogum tava sempre
Com a razão

GUIA CRUZADA. DOUGLAS GERMANO, ÁLBUM: GOLPE DE VISTA, 2016.

A década de 1990 apresenta desdobramentos importantes para a transformação dos desfiles de Escolas de Samba. Desde do início das transmissões televisiva dos desfiles paulistanos do primeiro grupo, no ano de 1984, intensificou-se a demanda por um espaço preparado para receber a infraestrutura da TV. Xogum, personagem cujas memórias são contadas no samba citado acima, tem saudades dos desfiles de Escolas de Samba realizados na rua, que em São Paulo passaram pela Avenida São João, Vale do Anhangabaú e Avenida Tiradentes, antes de serem confinados no Sambódromo do Anhembi.

Além disso, a experiência da construção dos sambódromos do Rio de Janeiro (1984) seria reproduzida em outras capitais que também tinham desfiles de Escolas de Samba, como Vitória (1987), Manaus (1994) e Porto Alegre (2004).

Entretanto, o ideal de confinamento da folia paulistana era bem antigo e remonta, pelo menos, à década de 1930. Nesse período, quando os cordões carnavalescos paulistanos começaram a desfrutar de maior aceitação e, portanto, estavam menos sujeitos à repressão policial, também foi um período em que houve a tentativa de retirada do carnaval das ruas da cidade, levando-o para espaços como a Cidade da Folia e ao Parque Shangai, conforme vimos no capítulo 2.

A mudança dos desfiles da rua para o sambódromo marca um distanciamento entre as Escolas de Samba das primeiras divisões e a cidade, bem como, um acirramento das desigualdades entre as escolas do primeiro grupo e das demais divisões. As escolas do Grupo Especial, que já concentravam a verba dos direitos de transmissão e também os patrocínios decorrentes da exposição na televisão, passaram a poder explorar um espaço com infraestrutura mais adequada, inclusive para a finalização das alegorias e adereços antes dos desfiles. Por sua vez, as agremiações das últimas divisões lutavam em busca de espaços para ensaios e confecção dos desfiles.

O período da inauguração do sambódromo é próximo da época em que se deu a mudança

oficial da Escola de Samba Príncipe Negro para a Cidade Tiradentes, no início da década de 1990. Desde então, ela não mais conseguiu ascender ao Grupo Especial. Dessa maneira, a distância física entre a Escola e o Sambódromo pode ser comparada a distância em que a agremiação se encontra da primeira divisão, oscilando nos últimos grupos do carnaval. Da mesma forma, na Cidade Tiradentes, a distância da moradia dos integrantes da Escola em relação ao centro da cidade é muito maior. Tais distâncias são compartilhadas por outras agremiações surgidas nos bairros periféricos da cidade e que são a maioria nesses últimos grupos.

5.1. O Sambódromo do Anhembi

Na abertura do carnaval 1989, a prefeita recém-eleita Luiza Erundina anunciou a intenção de construir um sambódromo. Para alguns, tal iniciativa era vista como uma tentativa populista de enfrentar a oposição de alguns dirigentes das Escolas de Samba de São Paulo liderados por Eduardo Basílio – presidente da Rosas de Ouro, que era ligado a Paulo Maluf (BARONETTI, 2015, p.141). O projeto de um lugar definitivo para os desfiles, do ponto de vista da municipalidade, tinha como principal argumento reduzir os custos e transtornos da montagem e desmontagem de arquibancadas temporárias em avenidas da cidade¹.

Segundo veiculou a Folha de São Paulo, havia propostas de se realizar os desfiles no recém reformado Autódromo de Interlagos², mas, em 1990, atribuíu-se ao vereador Pedro Dallari, líder do governo na Câmara Municipal, a proposta de se construir o Sambódromo nas proximidades do Anhembi:

Segundo Dallari, o aproveitamento do Campo de Marte para o Sambódromo passaria por uma negociação com o Ministério da Aeronáutica, que administra a área. Para ele, o Campo de Marte poderia ser aproveitado não apenas para o Sambódromo. Como sua área é muito grande, ele seria utilizado como um enorme parque. A prefeitura deve propor que a atividade do Campo de Marte seja transferida para o Aeroporto de Congonhas, segundo Dallari, que se tornou ocioso depois da construção do Aeroporto de Cumbica (FOLHA DE SÃO PAULO, 31-03-1990).

Teria partido de Eduardo Basílio, presidente da Rosas de Ouro e então presidente da Liga das Escolas de Samba, a sugestão e o lobby para utilizar a área junto ao Complexo do Anhembi, pois “beneficiaria Basílio, já que sua escola estava localizada próximo ao parque”³ (BARONETTI, 2015).

Na época do projeto, o Sindicato dos Arquitetos de São Paulo questionou oficialmente a obra, conforme matéria veiculada na Folha de São Paulo em 19-08-1990. Criticava-se a ausência de concurso e a encomenda do projeto a Niemeyer (autor do projeto do sambódromo carioca) e também se alegava a falta de um debate público a respeito tanto da necessidade real da obra, quanto de sua localização. O presidente do Sindicato na época, Wilson Ribeiro dos Santos Junior, declinava da cópia de um modelo carioca porque “O carnaval de São Paulo é mais livre, tem apelo mais popular e não pode ficar confinado.

1. Em reportagem da Folha de São Paulo, em 23/02/1990, a prefeita Luiza Erundina afirmava que “90% da verba do Carnaval” eram gastas com “montagem das arquibancadas e ornamentação da avenida”. Acervo digital: <https://acervo.folha.com.br>.

2. A gestão Luiza Erundina havia reformado o Autódromo de Interlagos, inclusive com utilização também de investimentos privados, sendo que essa parceria com a iniciativa privada, a prefeitura pretendia aplicar também na construção do Sambódromo.

3. Eduardo Basílio, que possuiu cargos na gestão anterior a de Erundina, fazia oposição a prefeita (BARONETTI, 2015, p.141). Sua Escola, a Rosas de Ouro, possui, até hoje, quadra e barracão junto a Ponte da Freguesia do Ó, na Marginal Tietê, sendo, ao lado de Mocidade Alegre e Unidos do Peruche (ambas junto a Ponte do Limão), a Escola com instalações mais próximas do Complexo do Anhembi.

Ele tem que estar onde o povo circula” (FOLHA DE SÃO PAULO, 19-08-1990, p.5).

O sambódromo foi inaugurado em 1991, com o desfile do Grupo Especial, numa passarela ainda inacabada e que sofreu com as chuvas nos dias de desfile. Nas palavras de Maria Aparecida Urbano, em entrevista a Belo (2008):

“(...) o samba foi jogado lá no Anhembi. Porque ali era uma várzea. Era um terreno vazio que não tinha valor nenhum. Era um terreno excluído. Marginal. E nessa Marginal foi feito aquele prédio enorme para fazer exposições, só. Para a frente ali, não tinha nada. Então, vamos jogar toda negrada lá. Aí o que fizeram? Fizeram uma passarela. Isso foi no governo da Erundina. Ainda bem! Porque a gente pleiteava tanta coisa. Quando foi renovado o Anhangabaú a gente pretendia que fosse ali, que tivesse um espaço grande para que as escolas no carnaval desfilassem e depois ficasse livre esse vão todo. Não, mas no centro da cidade vai atrapalhar, vamos jogar lá. Ninguém pensou que lá não tem ônibus, não tem transporte mesmo, de jeito nenhum, é difícil mesmo o acesso. Não tem um bar, não tem lanchonete, não tem nada ali. Mas ainda bem que conseguimos esse espaço” (URBANO *apud* BELO, 2008).

O projeto do sambódromo carioca, inserido no centro da cidade, próximo à Praça Onze (espaço considerado originário do samba), é bem servido de transporte público, comércio e serviços em seu entorno. Já o paulista foi inserido em um complexo de convenções e eventos cujo o acesso se dá, prioritariamente, via automóveis, além de não contar, nas redondezas, com nenhuma instalação de serviços ou comércio⁴.

Além de desonerar a prefeitura de montar e desmontar anualmente arquibancadas, a construção do sambódromo favoreceu trabalho da imprensa na cobertura dos desfiles, principalmente, o realizado pela televisão, pois a iluminação, por exemplo, pode ser regulada de acordo com as necessidades de filmagem, podem ser construídas estruturas permanentes para instalação de câmeras, equipamentos de som e etc.

Ambos os projetos guardam semelhanças no que diz respeito à intensificação do confinamento dos desfiles e apartamento em relação à população. Porém, ainda assim, no caso do sambódromo paulista, essa situação é agravada. Se no centro do Rio de Janeiro, a montagem dos desfiles, com a concentração na Avenida Presidente Vargas,

4. A estação de metrô mais próxima do Sambódromo do Anhembi, a Tietê, está a cerca de 2,2km de distância, enquanto o sambódromo carioca dispõe da estação de trem e metrô Central do Brasil, e de um terminal de ônibus, à cerca de 800 metros, além de diversas linhas de ônibus na Avenida Presidente Vargas (concentração) e na Rua Frei Caneca (dispersão).

ainda permite que os contingentes sem condições de adquirir um ingresso para os desfiles assistam parcialmente à formação ou ao “esquenta” das escolas, em São Paulo nem isso é possível. Os componentes vêm em ônibus cedidos pela prefeitura e desembarcam dentro do complexo do Anhembi, o qual, por sua vez, no período carnavalesco, é cercado de tapumes que impedem toda a visão da montagem e preparação dos desfiles.

No caso de São Paulo, ainda, esse confinamento dos desfiles no Sambódromo concorreu para que as demais manifestações carnavalescas, ou o “clima de carnaval” desaparecessem das áreas centrais da cidade⁵. A esse respeito, comenta Evaristo de Carvalho:

O povo vai na quadra, apanha as alas nos ônibus, levam as alas para o sambódromo. Descarrega na contração. Vai para dispersão, depois que desfila, sobe no ônibus, vai para quadra, tira a fantasia, põe a roupa e vai embora. Não tem carnaval (EVARISTO DE CARVALHO, ‘SAMBA À PAULISTA: FRAGMENTOS DE UMA HISTÓRIA ESQUECIDA’, 2007).

A fala de seu Carlão do Peruche complementa:

Carnaval não existe mais. Se você falar para mim que tem desfile de Escola de Samba, eu aceito. Carnaval, não. Pegam-nos aqui na quadra da Escola, leva você para a concentração do Anhembi. Acabou o desfile lá, 65 minutos, voltamos para quadra. Olha, nós que estamos no sambódromo, estamos confinados, para não falar preso, aí. Dá um pulo na Ipiranga com Avenida São João, hoje é sábado de carnaval, vai lá: não tem nada! (CARLOS ALBERTO CAETANO (CARLÃO DO PERUCHE), ‘SAMBA À PAULISTA: FRAGMENTOS DE UMA HISTÓRIA ESQUECIDA’, 2007).

Das falas acima podemos depreender que, além do já comentado apartamento dos desfiles das Escolas de Samba em relação à cidade, o confinamento no Sambódromo denota um caráter de festa controlada, em oposição ao conceito de festa popular, constantemente atribuído aos desfiles carnavalescos. Assim, um folguedo originalmente de comunidades negras e de caráter popular, submete-se à reiteração da determinação dos lugares e condições sob as quais a cidade as atividades dos negros podem ser realizadas, quase sempre, sob confinamento e controle. Sobre esse lugar delegado ao negro no carnaval, a música *Voz Ativa* (1992) do grupo de RAP Racionais MCs, cuja letra trata do racismo estrutural, aponta:

5. Nos últimos anos têm se investido no carnaval de rua da cidade sob a modalidade blocos de rua, que são formações mais espontâneas e efêmeras.

(...)
 Nossos irmãos estão desnorteados
 Entre o prazer e o dinheiro desorientados
 Mulheres assumem a sua exploração
 Usando o termo mulata como profissão
 É mal...
 Modelos brancas no destaque, as negras onde
 estão?
 Desfilam no chão em segundo plano
 Pouco original, mais comercial a cada ano
 O Carnaval era a festa do povo
 Era, mas alguns negros se venderam de novo
 Brancos em cima, negros em baixo
 Ainda é normal, natural
 400 anos depois, 1992, tudo igual
 Bem-vindos ao Brasil colonial e tal
 Precisamos de nós mesmos essa é a questão
 DMN, meus irmãos, descrevem com perfeição,
 então
 Gostarmos de nós, brigarmos por nós
 Acreditarmos mais em nós
 Independente do que os outros façam
 Tenho orgulho de mim, um rapper em ação
 Nós somos negros sim, de sangue e coração
 Mano Ice Blue, me diz:
 Justiça é o que nos motiva
 A minha, a sua, a nossa voz ativa
 VOZ ATIVA. LP: ESCOLHA O SEU CAMINHO. RACIONAIS
 MCS, 1992.

A letra da música dos Racionais MCs, além da referência ao lugar destinado ao negro no carnaval, critica a posição dos negros que atuavam ao lado de quem defende a exploração comercial do carnaval, no trecho: *"mas alguns negros se venderam de novo"*. Porém, é preciso considerar que tanto a luta pela oficialização como a construção de um espaço definitivo para os desfiles, embora apresentem questões e conflitos importantes para o futuro das Escolas de Samba, são conquistas muito caras aos sambistas que atuaram nessas causas, conforme a conclusão de Maria Aparecida Urbano acima, "ainda bem que conseguimos esse espaço".

Houve a tentativa de reaproximar as agremiações dos primeiros grupos à cidade através da participação das primeiras colocadas nos desfiles dos bairros. Entretanto, o público invadiu os desfiles, na tentativa de participar. Houve inclusive, cobertura negativa do fato por parte da imprensa, condenando a ação popular:

Ainda houve uma última tentativa de se desfilar pelas ruas da cidade. Em 1996, após a apuração do carnaval, as escolas de samba mais bem classificadas do Grupo Especial e do Grupo I desfilaram em diversos locais da cidade. Foi uma tentativa de aproximar as escolas de samba do grande público. A escola Gaviões da Fiel desfilou na Avenida dos Metalúrgicos, na Cidade Tiradentes. O público compareceu e nem esperou a apresentação acabar para se misturar aos passistas durante os desfiles. A Polícia Militar, percebendo que o cordão de isolamento feito por ela foi rompido, soltou então bombas de gás lacrimogênio para dispersar a multidão (...) O jornal tentou justificar a ação da polícia com a manchete sensacionalista “Desfile vira arrastão” (DIÁRIO POPULAR, 22/02/1996) (...)

Reações semelhantes ocorreram nos bairros de Vila Maria, onde desfilou a Vai-Vai, campeã de 1996, Freguesia do Ó, onde desfilou a Rosas de Ouro. Nesses locais, a multidão não só ficou observando o desfile, como entrou no meio das alas e atrás, na tentativa de não ser apenas espectador, mas novamente participar dos desfiles (BARONETTI, 2015, p.157)

Depois do início das transmissões televisivas e consequente agigantamento das Escolas de Samba - com progressivo aumento dos preços das fantasias – o confinamento dos desfiles no sambódromo definiu o apartamento entre população e as Escolas de Samba da primeira divisão ou entre cidade e agremiações dos primeiros grupos.

Excluídos do sambódromo

Atualmente o carnaval de Escolas de Samba de São Paulo possui 7 divisões, sendo as três primeiras reunidas na Liga das Escolas de Samba, desfilando no sambódromo, e as demais, reunidas na UESP, desfilando no Butantã e na Vila Esperança:

Grupo Especial (Liga)

Grupo de Acesso 1 (Liga)

Grupo de Acesso 2 (Liga)

Grupo Especial de Bairros (UESP)

Grupo de Acesso 1 de Bairros (UESP)

Grupo de Acesso 2 de Bairros (UESP)

Grupo de Acesso 3 de Bairros (UESP)

Até o carnaval 2017 a UESP era responsável pelo então Grupo I (atual Acesso 2), único grupo da entidade que desfilava no Sambódromo do Anhembi. A migração das escolas desse grupo da UESP para a Liga foi uma movimentação cuja principal justificativa seriam as tratativas a respeito da privatização do Complexo do Anhembi e a suposta necessidade do futuro concessionário de dialogar com apenas uma entidade representante das Escolas de Samba (<https://www.srzd.com/carnaval/sao-paulo/mudanca-estrutural-no-carnaval-de-sp-liga-incorpora-grupo-1-da-uesp-agora-acesso-2/>).

Os grupos coordenados pela UESP reúnem as agremiações que desfilam nos bairros, atualmente Butantã (Grupos Especial de Bairros) e Vila Esperança (demais grupos). Também, concentram maioria das Escolas de Samba localizadas nos bairros mais afastados da cidade.

Nesses bairros longínquos, o papel das agremiações é diferente do que se observa nos bairros mais consolidados e melhor servidos de infraestrutura e investimentos. Frangiotti (2007), ao estudar a Escola de Samba Valença Perus, da periferia norte da cidade, aponta que as atividades da Escola não se limitam às ações relacionadas ao carnaval, mas também, se inserem em programas assistenciais: na ocasião da pesquisa, a Valença estava cadastrada como ponto de distribuição do programa estadual de fornecimento de leite:

O presidente do Valença solicitou a participação no programa, cedendo espaço da quadra, pois no bairro existem muitas famílias carentes e a Escola, estando num local central, facilita o acesso das pessoas. O leite é recebido por ela e armazenado no freezer do botequim (FRANGIOTTI, 2007, p.50).

A agremiação apropriou-se de uma área pública sob viadutos no centro de Perus (FRANGIOTTI, 2007, p.40-1) e, apesar da situação fundiária irregular, cobria uma deficiência ou ausência de estrutura física do Governo do Estado na localidade.

Esse exemplo da Valença ilustra a recorrência da situação fundiária irregular por parte das Escolas de Samba, apesar da conquista da subvenção estatal regular:

No grupo especial, por exemplo, das 14 escolas, 9 ocupam áreas

IMAGEM 59: Localização das agremiações na cidade por divisão do carnaval. Edição sobre base CESAD FAUUSP.

públicas com suas quadras; no caso dos barracões, apenas uma está instalada em área privada. O acesso [*segundo grupo*] não é muito diferente, mas já começa a revelar uma dura realidade que fica ainda mais grave quando se analisam os grupos 1, 2, 3 e 4: das oito escolas, seis estão com as quadras em áreas públicas, uma paga aluguel e uma não tem quadra, o que é um complicador da disputa. Nas categorias inferiores, são poucos os casos de escolas que podem contar com quadra e barracão (CENSO DO SAMBA PAULISTANO, 2014, p.27).

As agremiações que de alguma maneira conquistam uma quadra de ensaios e podem desenvolver atividades que permitem não depender apenas da subvenção, têm mais facilidade de ascender dentro da hierarquia do carnaval, ainda que estejam distantes dos bairros mais centrais.

É o caso da Escola de Samba Estrela do Terceiro Milênio, fundada em 1998 no bairro do Grajaú. A agremiação, que tem Milton Leite como patrono (atual presidente da Câmara dos Vereadores de São Paulo), conseguiu uma rápida ascensão dentro das divisões do carnaval paulistano e hoje encontra-se no Grupo de Acesso 1. A Escola possui uma ampla quadra de ensaios e força política, graças a presença do vereador Milton Leite. Entretanto, a existência de uma agremiação nas primeiras divisões com sede tão distante do sambódromo é uma exceção no carnaval paulistano.

Apesar da mídia abordar quase que exclusivamente o carnaval de Escolas de Samba do Grupo Especial realizado no sambódromo, os desfiles nos bairros têm significativa presença de público, conforme é possível observar na imagem 60. Por sua vez, os desfiles dos grupos de acesso no sambódromo (imagem 61) costumam ter baixa presença de público, o que pode ser justificado pela cobrança de ingresso – enquanto os desfiles dos bairros são gratuitos – mas, principalmente, devido às dificuldades de acesso ao sambódromo por meio do transporte público.

Os desfiles na Vila Esperança são realizados na Avenida Alvinópolis, ao lado da estação Vila Matilde do metrô e, contando ainda com várias linhas de ônibus, tanto do lado da Avenida Alvinópolis quando do lado da Radial Leste. Já o sambódromo do Anhembi está a cerca de 2Km da estação Tietê do metrô e apenas duas linhas de ônibus circulam pela avenida Olavo Fontoura (acesso ao sambódromo). Porém, nos dias de desfiles, a avenida

IMAGEM 60: Desfile das Escolas de Samba na Vila Esperança, 03-02-2008. Fonte: Centro de Memória e Documentação UESP.

IMAGEM 61: Desfile de Escola de Samba no Sambódromo do Anhembi no antigo Grupo I (atual Acesso 2), 03-03-2014. Fonte: Acervo pessoal.

é interditada.

Por conta da distância e isolamento, no sambódromo também são encontradas dificuldades para consumo de bebidas e alimentos. Quem vai assistir aos desfiles lá fica limitado ao consumo nos comércios internos ao complexo. Nos desfiles no bairro, há a proximidade de bares, padarias e barracas no entorno dos desfiles.

Os desfiles do Grupo 1 da UESP (atual Especial de Bairros) também já foram realizados por alguns anos no Autódromo de Interlagos (2005-2011). Porém, depois de muitas reclamações por parte das Escolas de Samba, por conta da distância, dificuldades de acesso e falta de público para assistir, os desfiles passaram a ser realizados no Butantã, na Avenida Eliseu de Almeida.

A Príncipe Negro desfilou nos anos de 2005, 2007, 2008, 2011 no Autódromo de Interlagos, atravessando uma distância de cerca de 45Km para transporte de carros alegóricos e componentes. Ainda assim, em 2005 a escola obteve o terceiro lugar e ascendeu de grupo. Em 2007 e 2008 conseguiu boas colocações, embora, houvessem dificuldades de convencer e levar os componentes para desfile no autódromo (BELO, 2008).

Embora longe do foco da mídia, os desfiles dos grupos da UESP mobilizam um grande número de componentes e propiciam visibilidade às Escolas de Samba em diversos bairros da cidade, sob uma perspectiva diferente do caráter de espetáculo midiático do Grupo Especial. Na produção desses desfiles ainda resiste um fazer comunitário, conforme aponta Alberto Ikeda (no documentário *Lavapés, ancestralidade e permanência*, 2017):

Nas escolas de samba menores, aí você pode pegar desde o Grupo II [atual Grupo Especial de Bairros], os Blocos, os que estão aí desfilando nos outros dias, nos bairros, ali você consegue perceber um fazer comunitário, sabe? Ali ainda é importante, ali tem muitas famílias que ficam juntas, sai mãe, sai pai, sai filho e tal, e se preserva o espírito comunitário, mais do que o aspecto artístico, eu sempre vejo que o mais importante não é a questão do samba, do desfile propriamente dito. É um momento em que você congrega as pessoas, esse caráter congregacional de fazer com que as pessoas se sintam irmanadas com outros da mesma condição, ou porque são familiares consanguíneos, a chamada família extensa, ou porque se relaciona com parentes, com a

comunidade propriamente dita e, sobretudo porque aquela pratica é uma memória ancestral: quando ele está ali naqueles momentos ele está se relacionando não só com os iguais naquele presente momento, mas também com o passado, porque o pai fez aquilo, o avô, fez aquilo, a avó fez aquilo(...)

Então a memória das pessoas é muito importante porque ela possibilita que você faça reflexões entre tempos distintos e isso pode trazer a reflexão crítica. Senão a gente vai sendo tragado por essas visões que são construídas, e aí perde o senso crítico (ALBERTO IKEDA, 'LAVAPÉS: ANCESTRALIDADE E PERMANÊNCIA', 2017).

Portanto, por ser mais acessível que o desfiles do sambódromo, o carnaval de Escolas de Samba realizado nos bairros é fundamental para a continuidade do folguedo popular. É nele que é possível reproduzir e atualizar o fazer dos ancestrais, conforme lembra Ikeda. As estruturas organizacionais, diferentes da profissionalização dominante no Grupo Especial, são mediadas, em sua maioria, pelos laços familiares e comunitários. Dessa perspectiva, pode-se afirmar que, embora distantes do sambódromo, essas agremiações estão mais integradas à cidade.

5.2. Cidade Tiradentes como cidade negra

No lado frio da civilização do asfalto, toparam com as piores condições de ser e estar no mundo. Os processos de favelização e periferização, no contexto das cidades, expressam muito bem o fracasso que foi e é o Brasil pós-abolição na vida dos negros.

AMAILTON MAGNO AZEVEDO, SAMBA: UM RITMO NEGRO DE RESISTÊNCIA. REVISTA DO INSTITUTO DE ESTUDOS BRASILEIROS, Nº70, 2008.

Cidade Tiradentes é um bairro localizado no limite leste do município de São Paulo, no qual foram construídos diversos conjuntos habitacionais durante a década de 1970. Foi destino de muitas pessoas que buscavam a aquisição da casa própria e também que sofreram desapropriações em diversas regiões da cidade.

O bairro foi o local onde parte da família de Rossimara Vieira Isaias conseguiu estabelecer residência e também abrigou a Escola de Samba Príncipe Negro, após a saída deles da Vila Prudente.

Cidade Tiradentes aparece constantemente na bibliografia que trata da urbanização de São Paulo e da formação das periferias como caso paradigmático da política de criação de conjuntos habitacionais periféricos para a população pobre. Caracterizam esses locais a deficiência de infraestrutura, principalmente de transportes e serviços de apoio à moradia.

A expansão da região leste da cidade, através de ocupações urbanas precárias, loteamentos clandestinos, favelas e conjuntos habitacionais, no decorrer da década de 1970, foi um dos principais modelos de crescimento da periferia da cidade. Ao mesmo tempo, nesse período, ocorria uma importante mudança na forma dos movimentos sociais, até então pautados, predominantemente, por questões trabalhistas. A falta de condições de habitabilidade na ocupação desses novos territórios da cidade emergia como uma importante forma de articulação da população (BARONE, 2013).

Segundo o IBGE Cidade Tiradentes é uns dos distritos da cidade de São Paulo com o maior número de autodeclarados negros (CENSOS 2001 e 2010) e constantemente é mencionado pela bibliografia como território negro. Assim, o Príncipe Negro não conseguiu permanecer na Vila Prudente, bairro identificado como de imigrantes europeus, e foi conseguir fixar-se em um bairro onde a presença negra não é omitida, na extrema periferia da cidade.

O sertão

Era só mato, o sertão. Fazenda Santa Etelvina,
Sítio dos Cunha, aqui era Sítio Bento Cunha,
Sítio dos Pereiras, Vilma Flor, tudo isso, tinha.

MARCÍLIA SODRÉ, 'UMA CIDADE CHAMADA TIRADENTES',
2012, 2:05 MIN.

No início do século XX, as terras onde se localiza atualmente o distrito municipal de Cidade Tiradentes eram um conjunto de fazendas e sítios – como ilustra o excerto acima, depoimento de Marcília Sodré no documentário *Uma Cidade Chamada Tiradentes* (2004). Localizadas junto às nascentes do Rio Aricanduva, sediavam desde pequenas propriedades agrícolas até fazendas industriais.

Dentre elas, a fazenda Santa Etelvina era propriedade de Antônio Proost Rodovalho (Coronel Rodovalho) no final do século XIX. O Coronel Rodovalho foi fundador e participou de diversas instituições agrícolas, comerciais e financeiras nacionais⁶. Construiu um ramal ligando a Estação Lajeado (atual Guaianazes, na Estrada de Ferro Central do Brasil) à fazenda Santa Etelvina (REIS e SIQUEIRA, 2014), pelo qual teriam circulado bondes até a década de 1940 (JOSÉ DE SOUZA MARTINS in <http://www.estacoesferroviarias.com.br/g/guaianazes.htm>).

No conjunto de plantas do Mappa Topographico do Municipio de São Paulo Sara Brasil, de 1930 aparecem registrados os trilhos do Ramal de Santa Etelvina, terminando na fazenda, na área onde atualmente é o Terminal de ônibus Metalúrgicos.

Na imagem aérea de 1954 é possível identificar uma série de núcleos agrícolas entre Lajeado e a Fazenda Santa Etelvina, sendo que nesta aparecem vastas áreas de mata. Como na Fazenda Santa Etelvina desenvolvia-se a atividade de serraria, havia áreas de mata nativa e áreas de plantio para comercialização das madeiras. Além da serraria, na região haviam olarias desde os tempos do Coronel Rodovalho. Muito da produção de lenha da Santa Etelvina e da Fazenda do Carmo alimentavam as olarias de Lajeado e do entorno (SILVA, 2008). A presença do ramal de Santa Etelvina demonstra que na primeira metade do século XX a região da Fazenda Santa Etelvina tinha a linha férrea da Central do Brasil como principal acesso.

A região onde foi instalado o complexo habitacional de Cidade Tiradentes, em meados do século XX possuía uma ocupação de trabalhadores das pequenas propriedades agrícolas e fazendas de produção de madeira e carvão. Entretanto, as redes econômicas e de

6. Antônio Proost Rodovalho (1838-1913) foi fundador e participou das diretorias do Banco Comercial de São Paulo, Caixa Econômica e Monte de Socorro na Província de São Paulo (futura Caixa Econômica Federal). Também participou da diretoria das Companhia de Estradas de Ferro Ituana e da São Paulo-Rio de Janeiro e foi presidente da Câmara Municipal entre 1866 e 1870 (DONATO, 1990; CARONE, 2001).

IMAGEM 62: Ramal de Santa Etelvina e nascente do Rio Aricanduva. Edição sobre base Sara Brasil, 1930. Fonte: Prefeitura do Município de São Paulo, Geosampa.

IMAGEM 63: Ramal de Santa Etelvina e nascente do Rio Aricanduva. Edição sobre bfoto aérea de 1954. Fonte: Prefeitura do Município de São Paulo, Geosampa.

deslocamentos presentes na região, com características de subúrbio de transição entre o urbano e o rural, estavam muito aquém das necessidades que a construção dos conjuntos habitacionais vieram estabelecer.

A construção da cidade

A Fazenda Santa Etelvina e as demais terras do entorno foram compradas pela Companhia de Habitação de São Paulo (COHAB) na década de 1970. A COHAB foi criada em 1965, inserida no Sistema Financeiro da Habitação (SFH). O SFH e o Banco Nacional da Habitação (BNH) haviam sido criados em 1965 com o objetivo de viabilizar a política habitacional através de empréstimos do governo federal diretamente para os municípios (BARONE, 2013, p.71).

O BNH tinha por objetivo enfrentar a demanda por habitação popular, mas converteu-se em um mecanismo de transferência de recursos para o setor privado da construção civil. No decorrer da década de 1970, o Banco passou a diversificar sua atuação visando à ampliação do retorno do capital investido. Assim, passou a atuar na provisão de habitação para faixas de renda mais altas e também em grandes obras de infraestrutura. No campo da habitação, portanto, passou a atender as faixas de renda intermediárias, as quais davam maior retorno financeiro (TANAKA, 2006; BARONE, 2013)

Visando reincluir a provisão de habitação popular nas prioridades do BNH e do SFH, o Plano Nacional da Habitação, de 1963, entre outras medidas, regulamentou a utilização do FGTS como forma de pagamento da casa própria. Nesse contexto, visando reduzir os custos da produção da habitação popular, a COHAB passou a buscar grandes glebas rurais na periferia da cidade, de preço mais baixo, posto que o preço dos terrenos era um dos fatores que mais oneravam a produção de moradias. Essas aquisições se davam por meio de compra, venda ou troca de terrenos (BARONE, 2013, p.72).

O estoque de terras da COHAB foi intensamente constituído nas gestões dos prefeitos Olavo Setúbal e Reynaldo de Barros, entre os anos de 1976 e 1981, sendo que 68% localizavam-se na Zona Leste da cidade (LAVOS, 2015).

Em 1975 começaram a ser entregues as unidades habitacionais do Conjunto Prestes Maia e a do Conjunto Juscelino Kubitschek. O Prestes Maia era constituído por casas unifamiliares, os denominados embriões (casas térreas implantadas em lotes e que podiam ser ampliadas). O Juscelino Kubitschek era formado tanto por embriões como por

edifícios habitacionais multifamiliares de 6 pavimentos. Os conjuntos do complexo Santa Etelvina, começaram a ser entregues partir de 1984, também constituídos, pelos dois tipos de habitação.

Existem relatos de que no Conjunto Prestes Maia, quando de sua inauguração, os moradores tiveram que enfrentar a deficiência ou total ausência de infraestrutura básica. A moradora Nanci Barbosa teve seu depoimento registrado no documentário '*Uma cidade chamada Tiradentes*', no qual recorda que "não tinha nada, não tinha asfalto, não tinha luz, principalmente" (NANCI BARBOSA. UMA CIDADE CHAMADA TIRADENTES, 4'12"-16", 2012).

Já os conjuntos do complexo Santa Etelvina teriam sido entregues com a infraestrutura (arruamento, asfalto, energia elétrica e rede de água e esgoto). Porém, a conexão com outros sistemas, como à rede de transportes, escolas, creches e hospitais eram muito abaixo da demandada. Além disso, embora os conjuntos previssem áreas institucionais de lazer (praças) e áreas comerciais, estas não se encontravam devidamente finalizadas ou ocupadas. No caso das praças, muitas eram apenas espaços gramados ou de terra, enquanto os edifícios comerciais aguardavam a realização das licitações para ocupação. Assim, os conjuntos eram entregues desprovido de equipamentos de apoio às moradias, conforme aponta Nakano, sem "todos os atributos que efetivam uma área urbanizada como cidade" (NAKANO, 2002, p.95).

No início da ocupação do bairro, os moradores precisaram se organizar em associações reivindicatórias que tiveram intensa atuação nos anos 1980. Uma das primeiras e mais significativas lutas, foi a reivindicação da instalação de creches⁷ (LAVOS, 2015, p.60, 78). O comércio começou a ser realizado através de kombis ou barracas improvisadas pelos próprios moradores em áreas de maior trânsito de pessoas no bairro.

À implantação dos conjuntos habitacionais, juntaram-se as habitações existentes desde a época das fazendas e sítios da região, conjuntos habitacionais construídos sob a modalidade mutirão e também ocupações sob a forma de autoconstrução.

Os denominados mutirões autogeridos ganharam destaque como modalidade de habitação popular em São Paulo durante a gestão da prefeita Luiza Erundina (1989-1992). Caracterizavam-se por uma parceria entre a prefeitura e os movimentos de moradia organizados, na qual os futuros moradores eram responsáveis pelo trabalho na construção de suas casas e dos equipamentos comunitários dos novos bairros. Nesse

7. Lavos aponta a recorrência do padrão na história da urbanização dos bairros periféricos: "Mesmo num bairro todo produzido pelo Estado, como Cidade Tiradentes, não houve planejamento dos equipamentos públicos. A criação de escolas e postos de saúde, terminais de ônibus e demais serviços públicos foi resultado de um embate direto dos moradores, organizados em torno dos Núcleos Eclesiais de Base, movimento da Igreja Católica nos anos de 1980" (LAVOS, 2015, p. 78).

sentido, a atuação da população organizada “se estende, portanto para a produção do espaço urbano” (MARICATO, 1978, p.79).

Diversas áreas remanescentes dos conjuntos implantados foram invadidas por moradores de maneira independente ou também organizados em movimentos de moradia. Esses moradores lutam, até os dias atuais, para adquirir a propriedade dos terrenos junto à COHAB. Esse foi o caso de um grupo de nove famílias do qual Nadia dos Santos fazia parte:

Tudo que as famílias queriam, como eu quero até hoje, é que a COHAB seja sensível e negocie o local onde tá minha casa. Porque eu não quero ficar morando clandestinamente, sem pagar. Não é isso, eu quero pagar. Só que pra isso, eu preciso ter oportunidade na negociação. E isso nunca nos foi dado. (NADIA DOS SANTOS. ‘UMA CIDADE CHAMADA TIRADENTES’, 13’12”-29”, 2012).

Assim, em Cidade Tiradentes, os moradores viviam experiências distintas de moradia no bairro que iam do condomínio vertical às habitações precárias em ocupações. De comum, compartilhavam a carência de infraestrutura de transportes e de equipamentos básicos de ensino e saúde.

Crescimento populacional e população negra em Cidade Tiradentes

Entre CENSOS 1980 e 1991, o distrito de Cidade Tiradentes teve a maior taxa de crescimento da cidade, 24,55%, alavancada pela inauguração dos conjuntos habitacionais no decorrer da década de 1980. Outro distrito da zona leste onde também havia sido construída uma COHAB, José Bonifácio⁸, vinha em seguida, com 14,21%. As taxas de ambos os distritos eram muito superiores aos índices dos distritos que vinham na sequência – Anhanguera, 7,95% e Jaraguá, 6,33%, no limite noroeste da cidade, Vila Andrade⁹ com 5,93%, na região sudoeste, Iguatemi (vizinho de Cidade Tiradentes e José Bonifácio) com 5,67%, e Parelheiros com 5,24% no limite sul. Nesse mesmo período, o distrito de Vila Prudente, do qual a família de Rossimara havia saído em direção a Cidade Tiradentes, teve taxa negativa de -0,79%¹⁰.

No intervalo 1990-2000, a taxa de crescimento de Cidade Tiradentes se manteve alta, em 7,89%, porém, passava a ser a segunda mais alta do município. O distrito de Anhanguera¹¹ liderava com a taxa de 13,38%. Na sequência, vinham Parelheiros, 7,07%, Vila Andrade,

8. A COHAB José Bonifácio foi construída a partir de 1975 e entregue sem saneamento básico e outros serviços de apoio a moradia (NAKANO, 2002).

9. Na Vila Andrade está localizada a Favela de Paraisópolis desde a década de 1950, a qual teve sua ocupação intensificada durante as décadas de 1970 e 1980.

10. Fonte: IBGE – censos demográficos de 1980, 1991, 2000 e 2010.

11. O distrito de Anhanguera, no limite noroeste do município, teve sua ocupação intensificada a partir da década de 1980, ao longo da Rodovia Anhanguera. Nessa década é um dos distritos que vem liderando as taxas de crescimento do município com ocupação constituída predominantemente por autoconstrução.

6,28%, Grajaú, 6,22% e Iguatemi, com 6,08%. Exceto a Vila Andrade, todos os distritos que lideravam as taxas de crescimento no intervalo considerado estavam localizados nos extremos periféricos Norte, Sul e Leste. Na zona oeste, entretanto, o distrito de Raposo Tavares, no limite da cidade, apresentava taxa de crescimento de 1,07%.

Para o intervalo 2000-2010, Cidade Tiradentes apresentou taxa de crescimento de 1,04%. Se nos intervalos anteriores a Cidade Tiradentes e outros distritos periféricos lideravam as taxas de crescimento populacional. Os dados indicam que a partir da década de 2000 o bairro atingiu um patamar de ocupação, equilibrando sua taxa de crescimento. A tabela a seguir apresenta a lista dos distritos com taxa de crescimento da população acima de 1% para esse período:

Taxa de crescimento populacional 2000-2010			
1	VILA ANDRADE	oeste	5,60
2	VILA LEOPOLDINA	oeste	3,92
3	MORUMBI	oeste	3,10
4	CAMBUCI	centro	2,55
5	PARELHEIROS	sul	2,46
6	BOM RETIRO	centro	2,45
7	IGUATEMI	leste	2,29
8	VILA SÔNIA	oeste	2,18
9	TREMEMBÉ	norte	1,88
10	JARDIM ÂNGELA	sul	1,86
11	MOOCA	leste	1,81
12	REPÚBLICA	centro	1,79
13	SANTO AMARO	sul	1,69
14	SANTA CECÍLIA	centro	1,64
15	JAGUARÉ	oeste	1,62
16	MOEMA	sul	1,58
17	PARI	centro	1,56
18	BRÁS	leste	1,52
19	JOSÉ BONIFÁCIO	leste	1,49
20	TATUAPÉ	leste	1,45
21	SÃO RAFAEL	leste	1,42
22	BELÉM	leste	1,29
23	ITAIM BIBI	sul	1,29
24	PERUS	norte	1,27
25	PEDREIRA	sul	1,25
26	JARDIM SÃO LUÍS	sul	1,14
27	LIBERDADE	centro	1,11
28	CAPÃO REDONDO	sul	1,10
29	CIDADE TIRADENTES	leste	1,04
30	BARRA FUNDA	oeste	1,04
31	SAÚDE	sul	1,03

TABELA 1 - FONTE: FONTE: IBGE – CENSOS DEMOGRÁFICOS DE 1980, 1991, 2000 E 2010.

Diferente do que ocorreu nas duas medições anteriores, os quatro distritos que lideram a taxa de crescimento populacional não são áreas da extrema periferia da cidade. Isso indica o quanto, nesse período, a política habitacional alavancou o mercado imobiliário, estimulando empreendimentos direcionado principalmente para a classe média, em bairros que, nos períodos anteriores vinham apresentando taxas de crescimento negativas. Distritos que concentram habitações de alto padrão, como Morumbi, Itaim Bibi e Moema aparecem à frente dos distritos periféricos nos quais está concentrada a população pobre. Eram bairros com crescimento negativo.

Antes da inauguração de Cidade Tiradentes, no censo de 1981, o distrito de Brasilândia, na Zona Norte da cidade, figurava no censo de 1981 como a maior concentração de população negra na cidade, 42,4% da população da localidade (ROLNIK, 1989; OLIVEIRA, 2008). No censo de 1991, após a inauguração dos conjuntos do complexo, Cidade Tiradentes passou a ser o distrito com maior presença de negros¹², 49% de autodeclarados.

Nas duas últimas décadas, novas pesquisas têm se pautado pelo questionamento dos modelos centro-periferia para análise de indicadores sociais e demográficos. Danilo França, em sua pesquisa sobre segregação residencial por raça e classe, aponta o fato das classes altas também passarem a morar em “enclaves fortificados” distantes do centro. Por outro lado, há muito tempo, temos “favelas e bolsões de pobreza em áreas nobres” (FRANÇA, 2013, p.2).

O intervalo entre os censos 1991 e 2000 foi tratado por Reinaldo José de Oliveira (2008) segundo a perspectiva racial. O autor aponta que houve desterritorialização e reterritorialização da população negra nas periferias da cidade, o que pode ser observado nos mapas de distribuição da população negra nas medições de 1991 e 2000. É possível observar que houve redução da população negra em distritos como Vila Matilde, Itaquera e Parque do Carmo na zona leste, Pirituba na zona norte, Campo Limpo na zona sul. Ao mesmo tempo, aumentou a concentração em São Miguel e São Mateus na zona leste, Tremembé, Anhanguera e Perus nos limites norte e noroeste, Cidade Dutra e Jabaquara, na zona sul. Isso indica um processo de ida da população negra para periferias ainda mais distantes no decorrer da década de 1990.

França articula as categorias classe e raça para quantificar a segregação residencial na Região Metropolitana de São Paulo. Foram elaborados mapas indicando a concentração residencial de brancos e negros das classe “superior”, “média” e “baixa”, em 2000 e

12. O termo “negro” contempla pretos e pardos autodeclarados segundo o IBGE.

2010. Cidade Tiradentes aparecia com baixa concentração de brancos e negros da classe “superior”. Para os segmentos médios, apresentava baixa concentração de brancos, porém, alta de negros. O mesmo se repetia em relação aos segmentos de classe “baixa”, com o bairro apresentando baixa concentração de brancos e alta de negros.

O mapeamento realizado por França demonstra que a segregação na região metropolitana de São Paulo se dá também por raça, e não apenas por classe social. Assim, os negros, mesmo de “classe superior”, estão excluídos dos bairros centrais e estão presentes significativamente nas periferias. Já os brancos, tanto das “classes superior” como da “classe média”, estão concentrados nos bairros centrais.

Quando olhamos para os dados do Censo 2010 sobre a distribuição da oferta de emprego na cidade de São Paulo, fica evidente uma relação centro-periferia na qual os bairros periféricos, com alta concentração da população negra, apresentam baixa oferta de empregos formais. Nesse contexto, o distrito de Cidade Tiradentes, com 55,4% de negros constitui a parte da cidade que abriga entre 0,1 e 2,3% das ofertas de emprego formal. Além disso, a região leste 2, onde está localizado o distrito, apresenta taxa de desemprego de 18,6%, segundo medição da fundação SAEDE em 2019.

A cidade dos expulsos

Segundo Lavos (2015), os conjuntos habitacionais de Cidade Tiradentes foram ocupados predominantemente por três perfis distintos de moradores: os provenientes de situações ainda mais precárias de moradia, os que tiveram residência desapropriadas e os que tentavam, a qualquer custo, sair da situação de aluguel.

A concentração em Cidade Tiradentes de pessoas provenientes de situações precárias de moradia, ou vítimas de desalojamentos e desapropriações, analisadas em conjunto com os dados raciais do censo, nos permite observar que as políticas de desapropriação e reintegração atingiram principalmente a população negra, reiterando a expulsão para as novas periferias cada vez mais distantes.

A história de desalojamento está presente na trajetória de Rossimara Vieira Isaias e dos componentes da Escola de Samba Príncipe Negro:

A Escola não veio só porque minha família mudou pra cá. Vários componentes da Escola de Samba Príncipe Negro que moravam naquela região ali da Vila Prudente, Vila Ema, Parque São Lucas,

Vila Diva, foram mudando para cá. Uns porque foram perdendo as casas por falta de pagamento IPTU o outros por divergência familiares, muitas famílias morando no mesmo local, teve vários motivos ali (ROSSIMARA VIEIRA ISAIAS, 02-10-2016).

A mudança da agremiação de Vila Prudente para a Cidade Tiradentes ocorreu devido à perda de seus componentes em seu bairro de origem, no contexto dos processos de mudanças urbanas e valorização pelos quais passava a Vila Prudente. Assim, os processos de valorização de bairros onde a infraestrutura de transportes melhorava a conexão com as regiões centrais também aparece como um fator de expulsão para a Cidade Tiradentes.

O desalojamento também está presente na história de Jair Cardoso Neto, o Pai Jair de Odé. Ele chegou a Cidade Tiradentes no ano de 1984 e fundou o Ilê Axé Omo Odé – cuja história contaremos adiante. Jair Cardoso, morava de aluguel na Vila Esperança, em uma casa que foi desapropriada para construção da Estação de Metrô Vila Matilde. Além disso, ele fundou um terreiro de candomblé que foi desalojado para a construção de outra estação, a do Metrô Penha:

Eu morava na Vila Esperança e fundei, montei o barracão onde é o metro Penha. Eu morava na Rua Alvinópolis, que hoje em dia é creche, fizeram vários jardins ali.

Você descia na Estação Vila Matilde, que era trem, não tinha metrô, e aí naquela rua paralela tinha várias casas. E numa dessas casas que eu morava. Só que o terreiro era um pouco mais pra frente, no lado de cima da Radial, na rua Júlio Colaço, travessa da Radial Leste. Era Conde Frontin o nome da rua.

Foi desapropriação. Eles tiraram algumas casas pra fazer a estação do metrô. Tiraram algumas porque não faz só a estação, tem algumas coisas além. E essa desapropriação, como era aluguel, é indenizado o dono, não o inquilino.

Aí vim aqui pra Tiradentes e estou aqui até hoje. Metade da minha idade já (JAIR CARDOSO NETO, 21-12-2019).

Rosimara e Jair compartilham a experiência do desalojamento de suas residências e, também, das instituições das quais participavam ou organizavam, que foram desterritorializadas e recriadas na Cidade Tiradentes.

A despeito das dificuldades de acesso e precariedade de infraestrutura e serviços, a possibilidade de casa própria, para essas pessoas, se apresentava como uma vantagem em relação à situação anterior em que se encontravam.

Lá na Vila Prudente - eu falo isso pela minha família - uma das casas se perdeu pela passagem da avenida [Anhaia Mello] e tal. E aí mudou para outro bairro, porque o valor que eles pagaram no espaço [indenização] não daria pra comprar lá próximo, no mesmo local. Então, veio pra cá.

Vieram outras famílias. Minha mãe que já tinha outra casa, não quis ficar com a família dela e resolveu buscar aqui na Cidade Tiradentes o espaço que era dela, pra falar: dela! Que não era de herança, que [não] tinha que ser [junto com] várias pessoas, entendeu?

Dentro dessa história tem várias histórias assim: perderam a casa por não conseguir pagar IPTU, porque você ficava [junto com a] família ali, o terreno era grande, moravam várias famílias. Parou de pagar o IPTU, não conseguia ficar, porque o IPTU da Vila Prudente é muito caro.

Aqui na Cidade Tiradentes, por ser um bairro considerado de classe média baixa, aqui a gente já não paga IPTU. Você tem a condição de adquirir sua casa própria, né?

Eu mesmo me casei aqui na Cidade Tiradentes e consegui minha primeira casa própria aqui. Eu tenho duas filhas casadas e que estão nessa mesma linha, moradoras aqui (ROSSIMARA VIEIRA ISAIAS, 02-10-2016).

Em contraponto à Vila Prudente, a Cidade Tiradentes é apresentada como o lugar onde é possível morar, onde é possível adquirir a casa própria, e onde os filhos podem também constituir família e morar próximo, adquirindo também suas respectivas casas.

Sobre as adversidades e falta de infraestrutura no bairro, os relatos sobre a chegada ao conjunto habitacional mencionam a falta de serviços e equipamentos de apoio aos moradores recém-chegados ao bairro:

No começo, o carro do gás... tinha aquela fama do bairro violento.

O carro do cigarro também não podia. E a gente não tinha

comércio. Tinham construído as padarias, mas, era tudo fechado. Nós comprávamos na perua. A mesma perua que vendia cãndida, vendia pão, vendia carne. Agora a perua passa vendendo só material de limpeza. Mas era o que nós tínhamos.

Os moradores, quem moravam na esquina faziam uma barraquinha. Então já começava a vender algumas coisinhas ali na esquina mesmo. Mas os carros vinham porque a fama começou a crescer. Transporte era uma linha. Eu cheguei a andar até lá no [supermercado] Negreiros pra pegar um ônibus pra Penha¹³. Nós tínhamos só, primeiro pro Glicério, depois pra Penha, depois pra Vila Carrão, mas era o [ônibus que ia para o] cemitério, não era o metrô (JAIR CARDOSO NETO, 21-12-2019).

Os moradores recém chagados à cidade Tiradentes tiveram que improvisar de muitas maneiras para superar as dificuldades e carências do novo bairro, como no caso do comércio realizado pelas Kombis.

A questão dos transportes na região também era muito mencionada na imprensa ao longo da década de 1980 e 1990. Há vários registros sobre a condição de lotação e o tempo gasto nos deslocamentos entre o bairro e os locais de trabalho, quase sempre, muito distantes, em outras regiões da cidade (falava-se em três ou quatro horas gastos no percurso entre casa e trabalho). Uma matéria da Folha de São Paulo de 1986 tratava da “carência de ônibus”:

Os cerca de cinco mil moradores do conjunto Castro Alves, em Cidade Tiradentes, bairro da Zona Leste a cerca de 40Km da praça da Sé (centro de São Paulo) já perderam a conta dos abaixo-assinados que enviaram à Companhia Municipal de Transporte Coletivo (CMTc) pedindo mais linhas de ônibus para facilitar seu deslocamento até os locais de trabalho, geralmente no outro extremo da cidade. Somente no mês passado, junto com outros moradores do bairro, eles enviaram oito pedidos à empresa. E a resposta para todos eles foi a mesma: não há condições de atender. A cada mês a CMTc recebe cerca de sessenta pedidos de criação de novas linhas – 40% da Zona Leste, 30% da sul, 18% da norte e 12% da oeste. Mas não há carros e pessoal para criar essas linhas.

13. O percurso entre a região do Terminal Metalúrgicos, onde Jair Cardoso mora, e o supermercado na Estrada do Iguatemi é de cerca de 4km.

IMAGEM 64,

IMAGEM 65: Comércio por kombi em 1985. Fonte: 'Uma cidade chamada Tiradentes', 2004.

Ao mesmo tempo, as empresas particulares querem se desfazer das rotas que servem a periferia, por serem deficitárias (FOLHAS DE SÃO PAULO, 28-07-1986, p.13).

Chama atenção o número alto de solicitações concentrado na zona leste, o que certamente evidencia o impacto da inauguração dos conjuntos habitacionais no limite leste da cidade.

Lavos (2015) relaciona os problemas de transporte ao caráter do emprego dos moradores do extremo leste da cidade. A autora afirma que no extremo leste não estavam concentrados trabalhadores da indústria – mesmo no auge da industrialização, na década de 1970¹⁴ – e nem os trabalhadores do crescente setor de serviços, como ocorreu na zona sul da cidade. No extremo leste, estavam concentrados os trabalhadores “ligados à experiência do subemprego nas cadeias produtivas e das empregadas domésticas” (LAVOS, 2015, p.69).

A falta de transporte era uma das lacunas significativa no bairro planejado pela COHAB. A política de moradia de então expressava o problema de se projetar habitação popular sem nenhuma relação com a distribuição de empregos na cidade. Além, disso, conforme informado na reportagem acima, a política de transporte público estava submetida aos interesses financeiros das empresas particulares responsáveis por uma parcela do serviço maior que a da CMTC.

Sobre a situação da urbanização do bairro na época de sua chegada, Jair Cardoso recorda que o arruamento do conjunto foi entregue com todas as ruas asfaltadas. Porém, como vimos, a situação não era comum a todo o bairro, posto que era constituído por diversas modalidades de ocupação que iam dos conjuntos habitacionais construídos pelo Estado, passava pelos mutirões, as residências que permaneceram da época do subúrbio semi-rural e também compreendia as ocupações e favelas.

Muita gente falava: “ah eu vim logo pra Tiradentes, amassei muito barro”. Mentira! Não tinha barro. Já entregaram pra gente com asfalto.

O único lugar que tinha barro era Inácio Monteiro que era ocupações, o mutirão. Então, se você for lá pra cima, subir Barro Branco, tinha um espaço que como era mutirão, aquela coisa da Erundina, era barro mesmo. Mas aqui na Avenida dos Metalúrgicos já era asfaltada, e as travessas todas asfalto (JAIR CARDOSO NETO, 21-12-2019).

14. O bairro de São Miguel Paulista era o único da região que concentrava trabalhadores da indústria, inclusive do ABC (LAVOS, 2015, p.69).

Apesar da variedade das modalidades de habitação, a carência de transportes, comércio e áreas de lazer dos setores construídos pelo estado contribuiu para difundir a imagem de bairro precário de maneira geral. A fama que permaneceu foi a do bairro de ruas de barro, o que alimenta a estigmatização e as situações de preconceito em relação aos moradores:

E eu senti muito isso, porque quando a minha primeira filha entrou na faculdade e ela falava de onde ela era.

No começo ela ficou em choque porque você fala: “ah, eu sou da Cidade Tiradentes”, é um outro mundo, é um outro público. Eu falei: “Gracie, você não tem que mudar sua visão, você tem que mudar a visão das pessoas”. Não adianta você não falar. Você tem que mostrar que não.

A professora dela fez uma brincadeira, falou assim: “eu fui fazer um trabalho no bairro e lá é no barro. Se você fosse no terminal...”, brincou. Aí a coleguinha dela, que já sabia que ela morava aqui, falou: “Nossa! A Gracie é de lá”. A professora pediu mil desculpas. Mas, é essa a visão que ainda se tem da Cidade Tiradentes, e olha, uma pessoa instruída, que é professora. E ela sofreu esse constrangimento. São coisas complicadas (ROSSIMARA VIEIRA ISAIS, 02-10-2016).

A situação de preconceito também se evidencia quando os moradores buscam emprego, sendo que é usual a estratégia de omissão do endereço real.

Nascido em Cidade Tiradentes, bairro da Zona Leste de São Paulo, Caio Araújo, de 23 anos, nunca trabalhou formalmente e está em busca do primeiro emprego com carteira assinada para auxiliar nas despesas de casa e conseguir maior independência financeira. Ele chegou a cursar o primeiro ano de psicologia, mas teve a bolsa de estudos cortada e não pôde arcar com os custos da mensalidade. Um dos empecilhos para concorrer a uma vaga foi seu endereço. Geralmente ele precisa omitir ou mentir sobre o local onde mora para concorrer a uma vaga por dois motivos: o preconceito do mercado com moradores da periferia e a distância, já que muitas empresas se recusam a arcar com o benefício do vale-transporte (PORTAL G1, 21-06-2019).

Assim, além do enfrentamento das adversidades de residirem em um bairro onde é preciso lutar para conquistar condições de habitabilidade, as pessoas que vivem na Cidade Tiradentes enfrentam a estigmatização do bairro por moradores de outras localidades da cidade.

O Ilê Axé Omo Odé

Como vimos, Jair Cardoso Neto chegou à Cidade Tiradentes em 1984, após deixar a região da Vila Matilde por conta dos processos de desapropriação para construção da linha vermelha do Metrô.

Eu nasci no Tatuapé, então, sempre fui Zona Leste mesmo. Filho de mineiro com baiano, mas, sou paulista, paulistano.

E aí sempre morei em Vila Matilde, Vila Esperança, Penha, até que surgiu a inscrição das COHABs, porque como nós pagávamos aluguel, e aqui é casa própria.

A Tiradentes tinha o cinturão verde, era muita folha, tinha lago, nascentes, era tudo que eu precisava quanto à espiritualidade. Nós cultuamos a natureza pela questão dos segredos de candomblé. Aí vim em 1984, bem no início mesmo. Começou a entregar em maio, junho, e em setembro eu já estava aqui (JAIR CARDOSO NETO, 21-12-209).

Quando da chegada de Jair, o bairro possuía essas características convenientes para a atividade religiosa. Ele foi morar numa casa do tipo embrião, nos limites da urbanização do bairro.

Fui morar próximo ao Posto de Saúde Glória, final da Avenida dos Metalúrgicos, quando ela termina, à direita, segunda travessa. E era bem perto do mato. Porque não tinha essas ocupações que tem hoje.

Minha casa era a penúltima casa da Tiradentes, atravessou a rua, é Ferraz [de Vasconcelos]. Eu estou bem na divisa mesmo. Tem a casa da esquina, depois é a minha, e aí é divisa.

Mas era totalmente mato fechado. Tanto é que agora a gente as vezes está passando, você vê uma cobra passando na rua, ou um calango, saruê, coisas assim. Porque as pessoas ocuparam o

espaço e tirou espaço dos animais. Eles não têm muito para onde ir.

E moro no mesmo lugar até hoje. Só que quando eu cheguei não tinha barracão. Eles entregavam pra gente embriões. Eram dois cômodos sem muro nenhum. E aí, nós começamos a tocar na mata mesmo, até poder fazer os muros, porque tinha que fazer parceria com os vizinhos. E fizemos os muros e colocamos primeiro uma lona, depois telha e começamos a tocar nele.

Hoje não. Hoje tem dois andares, já dá pra dividir o religioso e o social (JAIR CARDOSO NETO, 21-12-2019).

A troca de favores com os vizinhos e a atuação política no bairro aparecem como fundamental para a implantação da casa religiosa. Assim, ele pode abrigar em sua residência as reuniões do terreiro de candomblé. Jair afirma não terem ocorrido problemas com a vizinhança para a implantação do barracão:

Eram duas ou três casas só, eu fui o segundo ou terceiro morador. Eu tomava conta da casa dos vizinhos, até que eles mudavam. Mas eu nunca tive problema com barulho, com vizinhos, lei do psiu, não. Porque, como eu trabalho direto com o social, né?

Nós já tivemos aqui alguns subprefeitos que faziam encontros inter-religiosos, então a gente sempre teve. Até agora, desde 2014, na gestão da Lu Alckmin¹⁵, nós assinamos convênio; toda vez que vai buscar doação, ela chama os três para ir junto: o Frei Robson que é de uma associação que ele tem vários CATs, onde acolhe moradores em situação de rua, Pastor Alexandre da Igreja Betel, ali em frente ao [supermercado] Extra, e eu.

Então nós somos chamados de trio e sempre a gente recebe doação junto, ela faz questão de fotografar os três, de contar a história. Porque teve um ano que teve uma denúncia das doações de roupa. Todo metrô, estação têm as caixas, aí as pessoas disseram: "mas vai pra onde, é vendido isso"? Aí ela chamou os três, chamou a Globo, retiramos juntos e repassamos juntos.

Mas a gente não tem problema nenhum com outras religiões.

Deus é um todo. O estado é laico, entre aspas (JAIR CARDOSO NETO, 21-12-2019).

15. Maria Lúcia Alckmin era a primeira dama do estado e presidente do Fundo social de Solidariedade do Estado na gestão Geraldo Alckmin (2011-2018).

No discurso de Jair é possível observar o entendimento de que a sua atuação política é importante para que a sua atuação religiosa seja respeitada. Em 1990, a instituição religiosa foi oficializada com o nome de Casa Cultural e Religiosa Afro Brasileira Ilê Axé Omo Odé. Atualmente, existem um bloco de afoxé e uma associação cultural e social ligados a ela:

Agora passou a ser Associação Ilê Axé no documento. Porque o nome era muito comprido e se você chegar atrás de algum projeto, dependendo de quem vai te atender: “macumba”, aí ele já vai engavetar.

Associação já tem um outro olhar, associação cultural. Têm cursos profissionalizantes e tem bloco de afoxé, desde 1990.

Só que o meu bloco de afoxé primeiro desfilava junto com outros, desfilava junto com o Omo Dadá, com o Afro 2, com o *Ogbon*, com outros grupos, porque eu só fazia parcerias com eles. E a partir de 2015 foi quando a UESP me convidou para fazer a abertura do Grupo II¹⁶. E é bom porque primeiro eu tinha só transporte e agora não, eu tenho também uma verba para pagar as costureiras, para fazer os abadá, acaba sendo geração de renda (JAIR CARDOSO NETO, 21-12-2019).

O comentário de Jair em relação à utilização do termo ‘associação’ ao atual nome oficial da instituição, revela também uma estratégia de enfrentamento do preconceito em relação às organizações religiosas de matriz africana. Demonstra que a discriminação ocorre mesmo quando há reconhecimento da instituição por parte do Estado, como mencionado no relato sobre a doação de roupas efetuada pelo governo estadual via instituições religiosas.

O racismo e preconceito estão presentes na trajetória religiosa de Jair desde os tempos da Vila Esperança. Ele recorda de uma experiência de intolerância na casa religiosa onde foi iniciado, na década de 1970:

Eu fui iniciado na Vila Matilde. Era a Vila Esperança. Porque é muito junto, né.

Tinha um terreiro de magia. No início a gente vem de Umbanda e aí o Pai de Santo, no caso o meu avô de santo, era de magia negra, ele fazia grandes amarrações, todo mundo achava que talvez ele até sumisse do caixão quando morresse.

Você vê: ele foi preso porque raspou Iaô, olha a ignorância, né?

16. Antes do início dos desfiles organizados pela UESP, a avenida passa por um ritual de “limpeza” realizado por blocos de Afoxé. Esse ritual era realizado também pela Liga das Escolas de Samba, para os desfiles das primeiras divisões. Entretanto, ela deixou de realizar há alguns anos.

Ele estava com treze Iaôs recolhidos. Parou a novela das onze da Globo pra mostrar. Foi preso ele e a esposa. Em 1977 isso. Eu tinha um ano de santo.

Minha sorte que eu não estava. Mas aí os Iaôs foram todo mundo para a delegacia da Penha. Soltaram os Iaôs, porque o marido de uma das senhoras chegou em casa e não achou a esposa e aí denunciou. Era crime mexer, né? Primeiro eles fechavam os terreiros (JAIR CARDOSO NETO, 21-12-2019).

As experiências de racismo alimentam a militância de Jair em diversas frentes de atuação. Ele relata participar, com o Afoxé, de diversos eventos políticos:

(...) E [participação em] algum movimento negro também, marcha que a gente vai: ou Marcha das Mulheres, ou Zumbi, Consciência Negra. Então sempre a gente procura tá levando um pouco da nossa experiência enquanto movimento mesmo.

Porque eu me identifico como negro. A pele não é tão escura, mas o meu beijo, o nariz, não dá pra dizer que sou moreninho. Já sofri muito racismo na época da minha juventude. Minha primeira namorada foi negra e aí o racismo era ao contrário: uns diziam o porquê que ela estava namorando um branco. E naquele tempo tinha o baile que só entrava o branco, o Baile que só entrava o negro. Na Vila Matilde mesmo, era o juizado tentando tirar a gente, tinha que se esconder no banheiro, debaixo do balcão.

Você vê, isso não tá nem tão longe. Eu nasci em 1953, eu tinha uns 16 anos em 1969, década de 1970, tinha que se esconder. É o tal do racismo.

Por isso que eu uso dreads, trança. Porque meu cabelo nem é tão crespo. Eu faço questão de estar mostrando sempre identidade. É a Lei 10.639. Não vai sair do papel se a educadora aprendeu que é uma coisa do demônio, que é do mal, então jamais ela vai ensinar para o seu aluno. Então o que falta? Uma formação com educadores, alguns religiosos, alguém com experiência maior, mesmo que não seja acadêmico, mas que explique que a história da África não é do demônio (JAIR CARDOSO NETO, 21-12-2019).

Desse excerto entende-se que Jair Cardoso, e o seu Ilê Axé Omo Odé, estão engajados no enfrentamento do racismo. Nas suas palavras, o enfrentamento do racismo passa pela luta para a aplicação da Lei 10.639, citada. A lei federal de 2003 determinava a obrigatoriedade de ensino de “história e cultura afro-brasileira” dentro da grade curricular do ensino fundamental e do médio. Entretanto, conforme o entendimento expresso por Jair, a lei ainda não saiu do papel.

Atualmente, o Ilê Axé Omo Odé mantém uma parceria com a Escola de Samba Príncipe Negro. Jair Cardoso recorda ter conhecido a agremiação devido ao carnaval de rua realizado na Cidade Tiradentes na década de 1990:

Tinha uma época que tinha carnaval de rua e vinham outras escolas desfilar aqui, na época do vereador Dito Salim. Então tinha carnaval como tinha no [bairro] Pêssego, tinha nos bairros.

Eu não cheguei a desfilar na Vila Prudente não. Nós começamos aqui porque aí dependendo de quando sobe, nós já desfilamos junto no Butantã, já desfilamos no Anhembi – porque parece que um ano ou dois a Príncipe subiu e desfilamos lá também – mas, sempre assim, parceria. Eu sempre faço questão de ter uma ala de adulto e uma de criança. E fica naquela harmonia ali, tentando ajudar um e outro.

Minha mãe desfilou com a gente até ano passado, com 98 anos. Ela foi até o último ano dela desfilar. E desfilava as vezes em três ou quatro escolas, uma energia muito boa. Nós saíamos na Combinados de Sapopemba, na Príncipe Negro e nos dois afoxés: Afoxé Omo Dadá no sábado e o nosso Afoxé no domingo. Então nós tínhamos livre mesmo só a terça feira, que é o dia da apuração (JAIR CARDOSO NETO, 21-12-2019).

A proximidade entre as duas instituições, Ilê Axé Omo Odé e Príncipe Negro e a parceria firmada fez com que Jair deixasse de participar de outras agremiações, para priorizar a atuação na Escola da Cidade Tiradentes.

Quando a Combinados está num outro grupo que não é o mesmo dia da Príncipe, eu desfilo com eles, mas se for o mesmo dia, eu dou prioridade pra Príncipe porque é o meu bairro. Tenho toda uma amizade com o Bel da Combinados, mas, se tiver que optar

por uma ou outra, não é justo eu abrir mão da Príncipe. Porque ela faz meus estandartes, sabe? Se precisar um costurar a roupa do outro, a gente se ajuda muito enquanto bastidores mesmo. Não é só aquela coisa da avenida. Sabe que os bastidores... é difícil.

Nós tivemos um projeto de percussão, nós formamos 25 mulheres, e a maioria era da Príncipe. Porque tem a questão do machismo ainda, porque a mulher não toca surdão, eles acham que a mulher tem que ter aqueles instrumentos pequenos, né? E você vai em alguns grupos aí que é só mulher que toca. E ela toca qualquer instrumento, não precisa nem ser lésbica ou gay pra tocar um instrumento grande. Hoje elas conseguem. Mas em algumas escolas ainda tem aquela: “não, mulher só vai tocar mesmo [instrumentos pequenos]” (JAIR CARDOSO NETO, 21-12-2019).

Jair contribui também com componentes para a Escola, entre estes, muitas crianças. Pelo depoimento, percebe-se também que a parceria entre as instituições está ancorada no bairro. A prioridade na participação da agremiação local visa o fortalecimento da imagem de ambos os grupos, o que se expressa na ajuda mútua na confecção de fantasias e estandartes.

O Príncipe Negro da Cidade Tiradentes

Quando a Escola de Samba Príncipe Negro se mudou oficialmente para Cidade Tiradentes no início da década de 1990, os ensaios se davam na rua, nas proximidades da residência dos pais de Rossimara, conforme recorda sua irmã Rosinéia, também moradora do bairro:

Nessa época eu conhecia mais ou menos o pessoal do carnaval. Voltei para a escola de samba e conheci meu marido que já era amigo da Inhana, da minha mãe, que era o mestre de bateria. Meu pai, quando começou aqui na Tiradentes colocou ele como mestre de bateria, porque até então, aquela época que começou aqui, eu não lembro exatamente o ano, era muito novo, não tinha outras escolas de samba aqui. O pessoal ia para as outras escolas de samba grande, os poucos que iam. E era muito difícil de condução, muito difícil tudo.

Então começou com aqueles gatos pingados ali na pracinha do 65,

meu pai fazia os ensaios, o meu marido como diretor de bateria. Aí ia chamando um e outro, aí ficavam umas 3 ou 4 pessoas tocando aquele surdo, aí foi indo, foi indo...

Aí ia outro porque o pai tinha um bar ali na pracinha. Aí o pessoal foi se animando e aí foi indo (ROSINÉIA VIEIRA RODRIGUES, 31-03-2019).

A 'pracinha do 65' é um espaço livre na Avenida dos Metalúrgicos de frente para o Mercado Municipal de Cidade Tiradentes e próximo do Terminal Metalúrgicos. É onde, atualmente, está instalado o Instituto Pombas Urbanas¹⁷, o qual também já abrigou os ensaios da Escola.

Conforme as atividades da Escola ficavam mais evidentes, os moradores iam se interessando, segundo recorda Rosinéia:

A escola foi muito bem no começo, as pessoas se interessavam mais. Com o tempo eles acabam se desinteressando porque aqui, o pessoal das lojas não apoiava muito. Pensavam: "ah, um bando de maloqueiro, um bando de ..." né? Porque a gente não tinha recurso nenhum, quando começou não tinha recurso nenhum.

Era aquele negócio quando via a gente fazendo carro alegórico. Uma vez a gente acabou fazendo carro alegórico em cima de um carrinho de cachorro quente. E era aquela coisa, a gente catava muita reciclagem. Catava no lixo mesmo. E assim foi indo.

Quando o povo começou a ver, quando viam os carros montados, as fantasias, aí cada vez mais foi juntando gente e assim foi (ROSINÉIA VIEIRA RODRIGUES, 31-03-2019).

17. Instituto Pombas Urbanas é uma ONG com eixo de atuação na área cultural, especialmente teatro, mas que também desenvolve trabalhos e parcerias nas áreas de Direitos Humanos, Saúde e Educação. Está na Cidade Tiradentes desde 2004. É constituído por três coletivos culturais: Núcleo Teatral Filhos da Dita, Cia Teatral Aos Quatro Ventos e Grupo de Circo Teatro Palombar.

No depoimento acima é possível perceber as dificuldades enfrentadas pela Escola nesse segundo início no bairro. Parte da estigmatização já relatada quando a Escola estava na Vila Prudente reaparece na lembrança da falta de apoio por parte dos comerciantes da Cidade Tiradentes.

Atualmente, a Escola de Samba Príncipe Negro tem sua sede e barracão em um terreno ocupado no final de uma rua sem saída, a Rua Orieste Ristori, uma travessa da Avenida dos Metalúrgicos, nas proximidades do Hospital Municipal de Cidade Tiradentes. Para os ensaios, a Escola compartilha também o espaço do Instituto Pombas Urbanas. A sede da

Escola conta com um bar e estrutura de apoio, construídos pelos próprios componentes

A Escola é reconhecida, localmente, pela administração municipal, inclusive, convidada a participar de diversos eventos oficiais do bairro. Na página oficial da Escola em uma rede social aparecem eventos como seminários da Secretaria de Saúde, inauguração de árvore de natal do bairro, entre outros. Na página da Prefeitura Regional da Cidade Tiradentes, consta a homenagem à Escola em comemoração do seu cinquentenário em 2014:

O Grêmio Recreativo e Cultural Escola de Samba Príncipe Negro foi fundado no dia 23 de fevereiro de 1964, na Vila Prudente. Em 1996, Rossimara Vieira Isaías, mais conhecida como Inhana, que é filha de Romão Vieira das Neves, o Zinho, um dos fundadores da Escola, migrou para Cidade Tiradentes com a família e alguns outros moradores da Vila Prudente, transformando o Príncipe Negro na primeira escola de samba oficialmente constituída do bairro.

Ao completar 50 anos, em 2014, o Príncipe Negro recebeu uma homenagem do Bloco da Nega Zilda, criado no Centro Cultural Arte em Construção, do Instituto Pombas Urbanas, vizinho da Praça do 65, que a Escola utiliza como local de ensaios, e onde fica também o bar em que é guardada parte dos instrumentos da bateria. (www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/subprefeituras/cidade_tiradentes/noticias/?p=46432)

Entretanto, mesmo com esse reconhecimento por parte do poder público, a agremiação ainda não dispõe de uma sede em um lugar de sua propriedade, com infraestrutura e instalações adequadas. Essa situação de precariedade é comum a diversas agremiações das divisões inferiores do carnaval paulistano.

Príncipe Negro e a cidade negra

As histórias de desterritorialização, expulsão e desalojamentos reunidas na Cidade Tiradentes carregam também um importante aspecto da trajetória do negro na cidade de São Paulo. Dessa maneira, é nesse bairro que a Escola de Samba Príncipe Negro pode ostentar uma identidade negra.

Além da Príncipe Negro, o bairro conta com outras organizações culturais pautadas pela

IMAGEM 66: Foto aérea da Cidade Tiradentes com principais equipamentos no entorno da sede do P'ncipe Negro:

- 1- Sede Príncipe Negro
- 2- Terminal Cidade Tiradentes
- 3 - CEU Água Azul
- 4- Hospital Municipal de Cidade Tiradentes
- 5- Praça do 65 e Centro Cultural Arte em Formação (Instituto Pombas Urbanas)

IMAGEM 67: foto área das Instalações da Sede do Príncipe Negro:

- 1- Rua Oreste Ristori
- 2- Área coberta
- 3 - Carro alegórico

questão cultural e política negra. Uma das casas que restaram da antiga Fazenda Barro Branco abriga um centro cultural no qual funciona atualmente a Casa de Cultura Hip Hop Leste. Também, foi inaugurado em 20 de novembro de 2009 o Parque Linear da Consciência Negra, a partir da atuação política do ativista negro Valter Hylário.

Nesse contexto, enquanto na Vila Prudente a Escola de Samba Príncipe Negro não conseguiu estabelecer uma relação de identificação com o bairro, na Cidade Tiradentes foi possível a integração. Rossimara relata que a mudança de bairro proporcionou uma nova maneira da Escola se relacionar com o território que a abriga. No início da década de 1980, quando os componentes da agremiação chegaram na Cidade Tiradentes, puderam participar da construção das alternativas de sociabilidade do bairro:

Você vê porque essa história é muito bonita. Porque o bairro era novo e a Escola veio se enraizar num bairro que estava começando, veio logo no comecinho.

É engraçado: a condição financeira das pessoas influencia no que elas têm como cultura, no que elas têm como lazer, aqui eu acho que é assim: um ponto de lazer a mais. Fala: “Ah vamos lá que é um lugar de diversão”.

Nem vejo assim que a grande massa não veja a parte cultural da coisa, mas, é mais um ponto de lazer.

E lá na Vila Prudente, eles achavam: “Como você vai achar que isso é cultura? Jamais! Isso daqui é uma coisa que nos incomoda. A gente não quer isso como referência para o nosso bairro”! (ROSSIMARA VIEIRA ISAIAS, 10-12-2016).

Em um bairro como a Vila Prudente, onde a narrativa oficial priorizou a versão da constituição do bairro a partir da maciça presença de imigrantes de origem europeia, não era possível aceitar o convívio de manifestações culturais diversas, que pudessem pôr em xeque essa hegemonia. Assim, a agremiação sofria, inclusive com o racismo, conforme entende-se do relato de Rossimara. As atividades dos negros de uma Escola de Samba não poderiam ser associadas a identidade do bairro de imigrantes brancos.

Rossimara prossegue falando sobre o pioneirismo da agremiação no bairro de Cidade Tiradentes, o reconhecimento e importância adquirida:

Mas, no começo, foi difícil, foi complicado. O pessoal não sabia da história, tanto que os componentes daqui a gente teve que

explicar também um por um.

Foi uma coisa assim, nem sei como explicar. Eu participei disso e agora eu tenho o maior orgulho, porque falou em Cidade Tiradentes, falou em carnaval, não desrespeitando nenhuma entidade, jamais - e eu tenho um respeito muito grande pela nossa história, que é a história da Príncipe Negro por todo essa história de Escola de Samba. Mas, quem falou de carnaval, quem fez a raiz de carnaval aqui na Cidade Tiradentes, foi a Príncipe Negro. Porque a gente não tinha nada, eram muitos poucos componentes, muita gente queria [*participar*] mas não sabia nada, não tinha o mínimo contato com carnaval. (ROSSIMARA VIEIRA ISAIAS, 10-12-2016)

A Príncipe Negro foi a Escola de Samba pioneira da Vila Prudente, porém, depois da saída de lá, foi instalar-se em um novo bairro no qual também foi a primeira agremiação carnavalesca. Na Cidade Tiradentes a Escola pode voltar a ser uma instituição reconhecida, ainda que na escala local, do bairro.

Porque uma Escola de Samba consegue atingir muitas pessoas, e ela tem que estar num berço que a acolha num bairro que a acolha de verdade, porque a Escola de Samba ela tem esse vínculo com o bairro que ela está, ela tem que ter essa raiz com o bairro. E lá na Vila Prudente já não tinha mais isso. Era assim, poucos componentes que ainda tinham lá, que por amor, porque gostava não queria que tirasse.

Mas, depois que trouxe, que a Escola ganhou vida de novo, ganhou tudo de novo, que eles viram que a Escola de Samba estava sendo bem representada aqui, que a origem da Escola de Samba não mudou, que as tradições, que o respeito a todos que passaram pela Príncipe Negro desde a época de 1964, continuava. Que a gente sempre deixou bem claro que o bairro abraçou realmente Escola de Samba, entendeu, que a Escola de Samba Príncipe Negro, o bem que ela começou pra Cidade Tiradentes. Então, isso tudo fez com que o pessoal aí começasse a [aceitar]. Tanto que a gente tem componentes de lá que hoje vem pra cá, são poucos, a minoria, a grande massa é daqui, mas a gente conseguiu fazer essa mudança

de bairro (ROSSIMARA VIEIRA ISAIAS, 02-10-2016).

O convite para a participação da agremiação em eventos oficiais realizados no bairro e o sentimento de pertencimento, ou enraizamento, expresso na fala de Rossimara, nos permitem identificar a reconquista do prestígio da agremiação no contexto local, a despeito do maior destaque alcançado pela escola no passado, na Vila Prudente.

As diversas instituições ligadas a identidade negra localizadas no bairro, evidenciam a expulsão da população negra para essas novas periferias desprovidas de urbanidade. Nessas localidades, essas organizações – trazidas de outros lugares da cidade, recriadas ou reinventadas – passam a desempenhar um papel fundamental para que a sobrevivência seja possível, a partir da promoção da sociabilidade.

Sem querer, acabaram unindo várias populações negras de São Paulo. Cidade Tiradentes é a memória do negro. A partir da consciência desse fato, criamos uma identidade cultural criativa.

(VALTER HYLÁRIO, FOLHA DE SÃO PAULO, 21-09-2003)

Nesse sentido, a trajetória da Príncipe Negro se constitui na “memória do negro”, conforme a fala de Valter Hylário. A memória da agremiação é a memória do desalojamento e da expulsão da população negra, entretanto, também é a história da reinvenção, da resignificação e do protagonismo do negro na constituição das periferias da cidade.

APURAÇÃO

A história da Escola de Samba Príncipe Negro nos permite observar uma série de aspectos da trajetória da população negra ao longo da evolução urbana da cidade de São Paulo. Um grupo de moradores negros de um bairro que até a década de 1950 era periférico, reunidos em torno de um time de futebol, fundaram uma Escola de Samba em meados da década de 1960.

Os moradores negros eram identificados com o bairro da Vila Prudente, conforme a agremiação aparecia na imprensa, principalmente durante a década de 1970, registrando, assim, a presença da população negra no bairro. Nessa década também, a região passava por uma significativa transformação, a construção da Avenida Professor Luís Ignácio de Anhaia Mello sobre o Córrego da Mooca.

A construção da avenida concorreu para que boa parte dos componentes da agremiação deixassem o bairro em direção a periferias mais distantes. A agremiação também deixou o bairro acompanhando parte de seus componentes que foram morar na Cidade Tiradentes. esse processo permite observar, na história do Príncipe Negro a periferização tanto da população negra quanto das Escolas de Samba negras.

A partir da sobreposição da localização das Escolas de Samba na mancha urbana da metrópole, diferenciadas por divisão do carnaval, foi possível observar que as últimas divisões são constituídas predominantemente por agremiações localizadas nas periferias mais distantes da cidade. Por sua vez, a maioria das agremiações dos primeiros grupos localizam-se nos bairros mais próximos do centro ou nos anéis de expansão mais antigos da cidade. Além disso, atualmente, não existem agremiações carnavalescas sediadas na região sudoeste, a qual concentra os bairros de classe alta.

Os bairros centrais, tradicionalmente reconhecidos como reduto negro – Barra Funda, Bixiga e Glicério – apenas nos dois primeiros as agremiações têm conseguido se manter nas primeiras divisões do carnaval (Vai-Vai e Camisa Verde e Branco). Ainda assim, há alguns anos a Camisa Verde e Branco está na segunda divisão e não consegue retornar ao primeiro grupo e o Vai-Vai caiu pela primeira vez na sua história para a segunda divisão no ano de 2019. A agremiação do Glicério, a Lavapés, desde a década de 1980, tem ocupado as últimas divisões do carnaval.

Podemos também distinguir o conjunto de agremiações mais antigas e tradicionais, ligadas à comunidade negra, no qual incluiríamos – além de Vai-Vai e Camisa verde e Branco – Unidos do Peruche e Morro da Casa Verde. Nesse contexto, a partir da década de

2000, Nenê de Vila Matilde, Camisa Verde e Branco, Unidos do Peruche e Morro da Casa Verde passaram a ter grandes dificuldades de se manter no primeiro grupo. Nenê de Vila Matilde, a partir da década de 2010 também passou a ter dificuldades.

Ao mesmo tempo, as agremiações fundadas após a oficialização, estruturadas a partir de outros segmentos sociais – e não necessariamente comunidades ou bairros com presença negra – têm dominado o primeiro grupo. Evidentemente que assim como a posição do Vai-Vai no primeiro grupo, conquistando inclusive alguns campeonatos nos últimos anos, não permite generalizar a situação de crise das agremiações que poderiam ser classificadas como negras, da mesma forma, existem diversas agremiações pós oficialização que também encontram dificuldades de se manterem nas primeiras divisões.

Ainda assim, é possível observar que as escolas que têm conseguido os maiores patrocínios e investimentos para a confecção de seus desfiles e, conseqüentemente, mais visibilidade nas mídias, são justamente as agremiações não ligadas às comunidades negras, o que permite afirmar que a situação do Vai-Vai no primeiro grupo é uma exceção.

Podemos afirmar, portanto que o declínio das agremiações negras dentro da hierarquia do carnaval foi um processo lento, principalmente por conta da capacidade de resistência do Vai-Vai, da Nenê e da Camisa Verde e Branco. Esse processo atravessou as décadas de 1990 e 2000. Por sua vez, a ascensão das novas agremiações 'brancas', comparativamente, foi um processo muito mais rápido, que se deu no decorrer da década de 1970 e início da década de 1980.

Nesse contexto, a trajetória do Príncipe Negro da Vila Prudente para a Cidade Tiradentes coincide com um declínio da Escola dentro da hierarquia do concurso de carnaval. Desde 1970, dois anos após a oficialização do concurso de Escolas de Samba em São Paulo, quando a Príncipe Negro ascendeu à segunda divisão do carnaval paulistano, até 1982, quando iniciou-se o processo de mudança para a Cidade Tiradentes, a agremiação manteve-se principalmente na segunda divisão, conseguindo por três vezes a ascensão ao primeiro grupo.

Durante a década de 1970 e início da década de 1980, enquanto a Príncipe Negro permanecia na Vila Prudente, conseguia manter-se principalmente no grupo intermediário, conquistando três ascensões ao primeiro grupo. O período dessas ascensões coincide com a criação da quarta divisão do carnaval. A União Independente da Vila Prudente, enquanto era oficialmente uma fusão entre Príncipe Negro e Cabeções, conseguiu manter-se no

segundo grupo.

Na Vila Prudente, o processo de desenvolvimento do bairro, além de silenciar a presença negra, concorreu para a expulsão desse contingente. Nesse contexto, a construção da Avenida Professor Luís Ignácio de Anhaia Mello foi um importante indutor da transformação do bairro. O antigo loteamento periférico, que permaneceu com difícil acesso via transporte público até o primeiro quarto do século XX, viu o Córrego da Mooca, soterrado pela construção da avenida, transformar-se em um importante eixo da expansão leste da cidade.

Os relatos e documentos de desapropriação analisados informam que a ocupação da região das margens do Córrego da Mooca remonta às primeiras décadas do século XX. Entre as casas de aluguel de propriedade das indústrias e outros locatários menores, também houve famílias negras que adquiriram lotes na região, estabelecendo residências que lá permaneceram até que aconteceram as desapropriações e os consequentes desalojamentos.

Apesar do projeto da avenida ter atingido áreas da favela da Vila Prudente, as fontes pesquisadas nos permitem afirmar que a população negra desalojada, nesse caso, diferente de outros projetos e planos semelhantes, não era constituída por pessoas em situação de pobreza extrema ou condições improvisadas de moradia. Essas pessoas pagavam alugueis ou eram proprietárias dos imóveis.

A história da Escola de Samba Príncipe Negro também nos permitiu verificar que houve uma concentração da população negra na região da rua Coelho Barradas. Essa população constituiu relações de sociabilidade e interação com o bairro bastante sólidas. Essas relações foram atacadas e desestruturadas à medida que o bairro se ‘desenvolia’.

A ideia de desenvolvimento, presente no Plano de Melhoramento do Córrego da Mooca, que deu origem à avenida, trazia em si um modelo de cidade que conflitava com a forma de ocupação desenvolvida pelas pessoas residentes na Coelho Barradas, antes da abertura da via. Conforme novos moradores eram atraídos para o bairro, as atividades da Escola de Samba Príncipe Negro realizadas na rua, passaram a não ser vistas com bons olhos.

Por sua vez, essa mesma ideia de desenvolvimento convive, e até mesmo beneficia as manifestações étnicas brancas. Isso pode ser observado no fato da presença de imigrantes europeus na Vila Prudente – italianos, russos e lituanos – sempre fazer parte das narrativas

dominantes sobre a constituição do bairro.

Existe um caráter racial na constituição da cidade, o qual, através dos planos e projetos de desenvolvimento, não condiz com as manifestações e formas de fazer a cidade manifestadas pela população negra. O modelo de cidade hegemônico é carregado de padrões pretensamente universais, que valoriza e incentiva manifestações étnicas desenvolvidas por elementos brancos.

Esses planos e projetos também revelam o caráter autoritário do estado brasileiro, que não inclui nos debates a população. Na história da construção da avenida e soterramento do Córrego da Mooca, não há registros de consultas públicas sobre as áreas de intervenção e desapropriação, ou mesmo, sobre a aplicação dos recursos financeiros levantados.

A população que primeiramente ocupou os locais que vieram a ser objeto de intervenção urbana é mencionada como vítima dos problemas que os planos intencionam atacar. Entretanto, as desapropriações e consequentes expulsões não permitiram que elas usufríssem dos supostos melhoramentos do bairro.

Para além das relações de sociabilidade, esse tipo de obra demonstra que o referido discurso técnico da eficiência, sempre acompanhado de uma suposta neutralidade política universalista, não enxerga a população negra e não reconhece outras maneiras de constituição e interação com o espaço urbano, como podemos observar no contraste entre as solicitações dos parlamentares pelo aprofundamento do canal do Córrego da Mooca e os relatos de pesca e recolhimento de água dos cursos d'água da região.

O caso da Vila Prudente também nos permite verificar que, conforme um bairro vai sendo assimilado como "mais central" e, portanto, "menos periférico", são autorizadas ou desautorizadas determinadas manifestações culturais. Ou seja, quanto mais "central"¹ é um bairro, mais as narrativas recorrem a identificação com a cultura europeia – no caso da Vila Prudente, passou-se a utilizar as culturas do leste europeu e o samba, por exemplo, foi rejeitado.

Ainda assim, a atuação cultural foi a maneira encontrada pelos moradores negros daquele bairro para resistência e permanência naquele território por um período. A organização em uma Escola de Samba aparece, portanto como uma forma de disputar o território, frente aos planos urbanos e seus argumentos técnicos. Enquanto a manifestação cultural desfrutava de algum reconhecimento, foi possível permanecer na Vila Prudente.

1. Emprego a definição de bairro central relacionada à constituição de uma imagem que permita ao bairro disputar de maneira competitiva a atração dos investimentos em desenvolvimento urbano. Assim, a partir da melhoria do acesso pela construção da avenida Anhaia Mello (e que teve desdobramentos até a chegada do metrô no bairro), a Vila Prudente pode ser considerada de fácil acesso ao centro da cidade e, portanto, integrada a metrópole. Esse entendimento está em oposição ao de periferia como local 'à margem' ou de difícil acesso e, conseqüentemente, ainda não integrado.

Assim, conforme a Vila Prudente se tornava mais central, era negada a possibilidade de associação da imagem do bairro à Escola de Samba Príncipe Negro. Por outro lado, Cidade Tiradentes, bairro onde a agremiação fixou-se, é constantemente apontado como o lugar das manifestações classificadas como “periféricas”. O bairro é apresentado como importante local de manifestações culturais ligadas à população negra, principalmente o Hip Hop. Mas não é só isso, ONGs, companhias de teatro, dança e etc., nasceram ou foram instalar-se no bairro e desenvolvem trabalhos a partir da perspectiva da periferia.

Poderíamos observar, portanto, que periferia deixa de ter um significado exclusivamente espacial e passa a definir o lugar de determinadas manifestações culturais, se entendermos que há uma classificação de manifestações culturais “centrais” ou “protagonistas” e manifestações “periféricas” ou “à margem”. Nesse contexto, manifestações culturais da população negra são empurradas duplamente para as margens: tanto para os limites periféricos da cidade – acompanhando a expulsão da população negra para a periferia – quanto para fora dos eventos, circuitos ou espaços culturais oficiais da cidade.

Entre a fundação da Príncipe Negro na Vila Prudente e sua mudança para a Cidade Tiradentes, o número de divisões do carnaval paulistano dobrou, passando de três para seis. Quando a Escola se mudou oficialmente para a Cidade Tiradentes, não conseguiu mais ir além da terceira divisão.

O período de crise da Príncipe Negro é o período em que os componentes da escola deixaram o bairro de Vila Prudente em direção a outras periferias mais distantes da cidade. É importante lembrar que esse período, na década de 1980, coincide com uma importante transformação do carnaval de escolas de samba da cidade: o início das transmissões de TV. Como vimos, esse foi um marco que determinou o acirramento da hierarquização e desigualdade entre as divisões do carnaval, com o grupo especial desfrutando exclusivamente dessa nova fonte de rendimentos.

Assim, a forma de fazer carnaval da agremiação, estruturada desde sua fundação, nas relações de sociabilidade entre os componentes, não permitiu que ela pudesse competir com as Escolas que utilizavam outros meios para a construção do carnaval, como a captação de recursos via patrocínios e outras relações comerciais.

Há de se considerar que as relações constituídas entre a agremiação e o bairro, com ensaios realizados na rua, na Vila Prudente, foram reconstruídas na Cidade Tiradentes. Entretanto, essas relações não surtiem os mesmos efeitos.

Com a entrada da televisão na história do carnaval, houve mudanças também na cobertura da imprensa em relação às Escolas de Samba. Se, como vimos, na década de 1970 e início dos anos 1980, a imprensa considerava em sua cobertura as agremiações das diversas divisões do carnaval, a partir de meados dos anos 1980, passou a tratar quase que exclusivamente do primeiro grupo. Nesse contexto, enquanto a Príncipe Negro estava na Vila Prudente, ainda aparecia na cobertura jornalística. Quando foi para a Cidade Tiradentes, desapareceu.

Os desfiles a partir da quarta divisão do carnaval, desde a inauguração do sambódromo em 1992, passaram a ser realizados em bairros afastados do centro. Ao longo dos anos foram realizados em diversos bairros como Vila Esperança, Vila Prudente, e Itaquera na Zona Leste; Vila Maria, na Zona Norte; Butantã e Pinheiros na Zona Oeste; e Autódromo de Interlagos na Zona Sul.

Na década de 1990 também houve a realização de desfiles de Escolas de Samba na Cidade Tiradentes. Tratava-se dos chamados desfile de apoteose, ou seja, realizados depois dos desfiles oficiais e que não eram julgados. Reuniam-se Escolas de diversas divisões e assim, as agremiações do Grupo Especial também desfilavam nos bairros.

No ano de 1996, como vimos, os desfiles realizados na Cidade Tiradentes ganharam destaque na imprensa por conta das invasões promovidas pela população que queria participar, em vez de serem apenas espectadores. O episódio pode ser ilustrativo do desejo da população do distante bairro da Cidade Tiradentes de participar de um desfile de Escola de Samba do grupo especial.

Podemos analisar a Príncipe Negro nessas duas hierarquias – urbana e do carnaval – ou seja, uma Escola sediada na extrema periferia e posicionada nas últimas divisões do carnaval. Nesse contexto, a agremiação tem uma importância local, reconhecida inclusive institucionalmente – como vimos, ela é convidada a participar de eventos oficiais no bairro de Cidade Tiradentes.

Por sua vez, esse reconhecimento não se reflete na possibilidade da agremiação conquistar melhores posições na hierarquia do carnaval. O populoso bairro de Cidade Tiradentes permite que a Escola disponha de bons números de componentes para o desfile. Porém, a pouca visibilidade do bairro na mídia e nos circuitos culturais oficiais se reflete nas dificuldades da agremiação de obter patrocínios ou recursos extras. Assim, a Escola não consegue competir em pé de igualdade com as agremiações de localidades que desfrutam

de maior visibilidade e, conseqüentemente, de maior investimento no desfile.

Há, portanto, essa dupla marginalização no caso do Príncipe Negro. A Escola, está sediada em um bairro marginalizado da cidade, do ponto de vista das políticas públicas e inserção econômica e isso se reflete em uma posição também marginalizada na hierarquia do carnaval da cidade.

REFERÊNCIAS E FONTES

Bibliografia citada / consultada

ALBERTO, Paulina L. *Terms of Inclusion: Black Intellectuals in Twentieth-Century Brazil*. Chapel Hill: University of North Carolina Press, 2011.

_____. *Termos de Inclusão: Intelectuais negros brasileiros no século XX*. Tradução Elisabeth de A. S. Martins. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2017.

AZEVEDO, Amailton M. *A memória Musical de Geraldo Filme: os sambas e as microáfricas em São Paulo*. Tese (doutorado). São Paulo: PUC, 2006.

_____. *Protagonistas negros do samba de São Paulo: vida comunitária, arte e racismo*. In: *Revista de História e Estudos Culturais*, Vol.14, ano XIV nº2, 2017.

_____. *Samba: um ritmo negro de resistência*. In: *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros* n.70. São Paulo, 2018.

BARONE, Ana Claudia C. *Periferia como questão: São Paulo na década de 1970*. In: *Revista da Pós*, v.33. São Paulo, jun. 2013.

BARONETTI, Bruno Sanches. *Da oficialização ao sambódromo: Um estudo sobre as escolas de samba de São Paulo (1968-1996)*. Dissertação (Mestrado) - FFLCH USP, 2013.

_____. *Transformações da Avenida: História das Escolas de Samba de São Paulo (1968-1996)*. São Paulo: LiberArs, 2015.

BELO, Vanir de Lima. *O enredo do carnaval nos enredos da cidade. Dinâmica territorial das Escolas de Samba em São Paulo*. Dissertação (Mestrado) - FFLCH USP, 2008.

BRASIL, Eric. *Cucumbis Carnavalescos: Áfricas, Carnaval e Abolição (Rio de Janeiro, década de 1880)*. In: *Revista Afro-Ásia*, 49 – pag. 273-312. Centro de Estudos Afro-Orientais da Universidade Federal da Bahia, 2014.

BRITTO, Ieda Marques. *Samba na cidade de São Paulo (1900-1930): um exercício de resistência cultural*. São Paulo: FFLCH-USP, 1986.

Censo do Samba Paulistano 3 ed. São Paulo, São Paulo Turismo, 2014.

CABRAL, Muniz Sodré. *Samba, o dono do corpo*. Rio de Janeiro: Mauad, 1998.

CARONE, Edgard. *A evolução Industrial de São Paulo, 1889-1930*. São Paulo: SENAC, 2001.

CARRIL, Lourdes; PALHETA, Iraci. *Quilombo, favela e periferia: a longa busca da cidadania*. São Paulo: USP, 2006.

CHALHOUB, Sidney. *Cidade Febril: cortiços e epidemias na Corte Imperial*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

COSTA, Haroldo. *Salgueiro 50 anos de glória*. São Paulo: Record, 2003.

CUÍCA, Osvaldinho e DOMINGUES, André. *Os batuqueiros da Paulicéia: Enredo do samba de São Paulo*. São Paulo: Editora Bracarolla, 2009.

DOMINGUES, Petrônio. *A Nova Abolição*. São Paulo: Selo Negro, 2008.

_____. *O “tríduo da loucura”: Campos Elyseos e o carnaval afro-diaspórico*.

In: *Revista Tempo*, v. 19 n.35, p. 117-142, dez. 2013.

_____. *O esporte da raça: o futebol no meio afro-paulista*. Simpósio Negros nas Cidades Brasileiras (1890-1950) – Mesa 3: Movimentos negros e disputas pelo espaço. CEUMA-USP, São Paulo, 2015.

DONATO, Hernani. *100 anos da Melhoramentos: 1890-1990*. São Paulo: Melhoramentos, 1990.

FARIA, Guilherme José Motta. *As transformações temáticas nos desfiles das Escolas de Samba do Rio de Janeiro e os debates sobre autenticidade versus modernidade (1960/2000)*. XXVII Simpósio Nacional de História: Conhecimento histórico e diálogo social. ANPUH, Natal, 2013.

FERNANDES, Dmitri Cerboncini. *A inteligência da Música Popular. A “autenticidade” no samba e no choro*. Tese (doutorado). São Paulo: FFLCH-USP, 2010.

_____. *A Rainha Quelé: Raízes do empretecimento do samba*. In: *Histórias: Questões & Debates*, vol. 63, n.2, p.131-160. Curitiba: UFPR, 2015

FERNANDES, Florestan. *A integração do Negro na sociedade de classes: o legado da “raça branca”*, volume 1 – (5ª edição), São Paulo: Globo, 2008 (e-book).

FERNANDES, Nelson da Nóbrega. *Escolas de Samba: sujeitos celebrantes e objetos celebrados. Rio de Janeiro, 1928-1949*. Rio de Janeiro: Secretaria de Culturas, Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural, Arquivo Geral da Cultura do Rio de Janeiro, Coleção Memória Carioca, Vol. 3, 2001.

FERRARI, Monia de Melo. *A imigração nordestina para São Paulo no segundo governo Vargas(1951-1954) – seca e desigualdades regionais*. São Carlos: UFSCar, 2005.

FERREIRA, Abílio (org.). *Tebas: o negro arquiteto na São Paulo escravocrata*. São Paulo: IDEA, 2018.

FRANÇA, Danilo. *Segregação racial por raça e classe social na região metropolitana de São Paulo (2000-2010)*. ST07: 37º Encontro anual da ANAPOCS, Aguas de Lindóia, 2013.

FRANGIOTTI, Nanci. *O espaço do carnaval na cidade de São Paulo*. Dissertação (Mestrado) – FFLCH USP, 2007.

GESSI, Henna. *O lazer na cidade de São Paulo: a experiência do Parque Shanghai (1937-1968)*. In: VIII Seminário Nacional do Centro de Memória – Unicamp. Campinas, 2016.

GILROY, Paul. *O Atlântico negro: modernidade e dupla consciência*. São Paulo: Ed. 34; coedição: Centro de Estudos Afro-Asiáticos, 2001.

GONZALEZ, L. & HASENBALG, C. *Lugar de negro*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1982.

GUIMARÃES, Antônio Sergio A. *Democracia Racial: o pacto, o ideal, o mito*. XXV ANPOCS. Caxambu, 2001.

HALL, Stuart. *Da Diáspora: Identidades e Mediações Culturais*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

LAVOS, Ana Paula A. de. *Sociabilidade em conjuntos habitacionais produzidos pelo Estado:*

- o caso de Cidade Tiradentes. Dissertação (Mestrado). São Carlos, UFSCar, 2015.*
- MAIA, Francisco Prestes. *Estudo de um Plano de Avenidas para a cidade de São Paulo*. São Paulo: Melhoramentos, 1930.
- MANZATTI, Marcelo Simon. *Samba Paulista, do centro cafeeiro à periferia do centro: estudo sobre o Samba de Bumbo ou samba Rural Paulista. Dissertação (Mestrado) – PUC SP, 2005.*
- MARCELINO, Marcio Michalczuk. *Uma leitura do samba rural ao samba urbano na cidade de São Paulo. Dissertação (Mestrado) – FFLCH USP, 2007.*
- MARQUES, E. C.; TORRES, H. G. *Reflexões sobre a Hiperperiferia: Novas e velhas faces da pobreza no entorno municipal*. In: *Revista Brasileira de Estudos Urbanos*, nº 4, p 49-70, mai. 2001.
- MARTINS, José de Souza. *O Cativo da Terra*. São Paulo: Contexto, 2010.
- MBEMBE, Achile. *Crítica da Razão Negra*. Lisboa: Antígona, 2014.
- MEYER, R. P., GROSTEIN, M. D., BIDERMAN, C. *São Paulo Metrópole*. São Paulo: EDUSP, 2004.
- MORAES, Wilson Rodrigues. *Escolas de Samba de São Paulo*. São Paulo: IMESP, 1978.
- MOURA, Clóvis. *Organizações negras*, In: *São Paulo: o povo em movimento*; Paul Singer e Vinicius Caldeira Brant (orgs.), Petrópolis-RJ, Vozes/Cebrap, 1980.
- MOURA, Roberto M. *Carnaval: da Redentora a Praça do Apocalipse*. Rio de Janeiro, J. Zahar Editor, 1986.
- MUNANGA, Kabengele. *Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: Identidade nacional versus identidade negra*. (5ª Edição) Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.
- NASCIMENTO, Abdias. *O Quilombismo*. Petrópolis: Vozes, 1980.
- NASCIMENTO, Larissa A. C.do. *Entre Sambas e Rezas: vivências, negociações e ressignificações da cultura afro-brasileira no Bexiga. Dissertação (Mestrado). São Carlos, UFSCar, 2015.*
- NAKANO, Anderson Kazuo. *Quatro COHABs da zona leste de São Paulo: território, poder e segregação. Tese (doutorado). São Paulo, FAU USP, 2002*
- OLIVEIRA, Reinaldo José de. *Segregação Urbana e Racial na Cidade de São Paulo: as periferias de Brasilândia, Cidade Tiradentes e Jardim Ângela. Tese (Doutorado). São Paulo, PUC SP, 2008.*
- NOBRE, Eduardo C. *A Atuação do Poder Público na Construção da Cidade de São Paulo: a Influência do Rodoviarismo no Urbanismo Paulistano*. In: *Seminário de História da Cidade e do Urbanismo*, 11, 2010, Vitória. *Anais do XI Seminário de História da Cidade e do Urbanismo*. Vitória: UFES, 2010. p. 1-15.
- OLIVEIRA, Reinaldo José. *Segregação urbana e racial na cidade de São Paulo: as periferias de Brasilândia, Cidade Tiradentes e Jardim Ângela. Tese (doutorado). São Paulo, PUC, 2008.*
- PATERNIANI, Stella Z. *São Paulo cidade negra: branquidade e afrofuturismo a partir de lutas por moradia. Tese (Doutorado). Brasília, UnB, 2018.*

- REIS FILHO, Nestor Goulart. *Vila Prudente e Ipiranga: um século de história conjunta*. São Paulo: Jornal da Tarde. Caderno de Sábado, p.7, 18/05/1991.
- ROLNIK, Raquel. *A cidade e a Lei: legislação, política urbana e territórios na cidade de São Paulo*. São Paulo: FAPESP: Studio Nobel, 1997.
- _____. *São Paulo leste/sudeste – reestruturação urbana da metrópole paulistana. Análise de territórios em transição*. São Paulo: PUC-Campinas/Fapesp/Pólis, 2000.
- _____. *Territórios Negros nas Cidades Brasileiras (etnicidade e cidade em São Paulo e Rio de Janeiro)*. In: Santos, R. (Org.), *Diversidade, espaço e relações étnico-raciais, o negro na geografia do Brasil* (pp. 75-90). Belo Horizonte: Autêntica, 2007.
- SANTOS, Thereza. *Malunga Thereza Santos: a história de vida de uma guerreira*. São Carlos: EdUFSCar, 2008.
- SILVA, Marcio Rufino. *"Mares de prédios" e "mares de gente": território e urbanização crítica em Cidade Tiradentes*. Dissertação (Mestrado). São Paulo, FFLCH USP, 2008.
- SILVA, Marcos Virgílio da. *Debaixo do 'progrêssio': Urbanização, Cultura e Experiência Popular em João Rubinato e outros sambistas paulistanos (1951-1969)*. Tese (Doutorado). São Paulo, FAU USP, 2011.
- _____. *A cidade de São Paulo de acordo com Robert Moses e Geraldo Filme*. In: Congresso da Associação de Estudos Latino-americanos. Barcelona, 2018.
- SILVA, Zélia Lopes da. *A memória dos carnavais afro-paulistanos na cidade de São Paulo nas décadas de 20 e 30 do século XX*. Maringá: Diálogos – Revista do Departamento de História e do Programa de Pós-Graduação em História. Universidade Estadual de Maringá, vol.16, 2012.
- SIMSON, Olga Rodrigues de Moraes von. *Carnaval em branco e negro: Carnaval popular paulistano, 1914-1988*. São Paulo: UNICAMP, 2007.
- SIQUEIRA, Renata Monteiro. *Os negros do Largo da Banana cantados por Geraldo Filme*. In: XV Seminário de História da Cidade e do Urbanismo, Rio de Janeiro, 2018.
- _____. *Viaduto Pacaembú, São Paulo, 1958: significados de uma obra em face do processo de desenvolvimento urbano*. XVIII ENAMPUR, Natal, 2019.
- TANAKA, Giselle M.M. *Periferia: conceito, prática e discursos. Práticas sociais e processos urbanos na metrópole de São Paulo*. Dissertação (mestrado). São Paulo, FAUUSP, 2006.
- TELLES, Edward. *Racismo à brasileira: uma nova perspectiva sociológica*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará: Fundação Ford, 2003.
- TOLEDO, Benedito Lima de. *Prestes Maia e as origens do urbanismo moderno*. São Paulo: Empresa das Artes e Projetos, 1996.
- URBANO, Maria Aparecida. *Carnaval & Samba em evolução - na cidade de São Paulo*. São Paulo: Plêiade, 2006.
- VOROBIEFF, Alexandre. *Identidade e memória da comunidade russa na cidade de São Paulo*. Dissertação (mestrado) - FFLCH USP, 2006.

WEINSTEIN, Barbara. *The color of modernity: São Paulo and the making of Race and Nation in Brazil (radical perspectives)*. Durham: Duke University Press, 2015.

WILLIAMS, Raymond. *Cultura*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

WISSENBACH, Maria Cristina. *Sonhos africanos, vivências ladinas: escravos forros em São Paulo (1850-1880)*. São Paulo: Hucitec, 1998.

ZMITROWICZ, Witold. *Avenidas 1950-2000: 50 anos de Planejamento da Cidade de São Paulo*. São Paulo: EDUSP, 2009.

Áudio

Memória do carnaval paulista: *Entrevista de Geraldo Filme de Souza*. FARO, C. F.; SIMSON, O. V.; PUTTEMAN, P. M. Áudio acervo MIS. São Paulo, 1981.

Memória do carnaval paulista: *Entrevista de Madrinha Eunice*. FELIX, M. A.; PEREIRA, C.A.; SIMSON, O. V. Áudio acervo MIS. São Paulo, 1981.

Memória do carnaval paulista: *Entrevista de Osvaldo Villaça (Mala)*. FARO, C. F.; SIMSON, O. V.; Áudio acervo MIS. São Paulo, 1981.

Vídeo

Búfalo A.C. – 60 anos de glórias, 7:13min. CHIANTELLI, R.; GARCIA, S.R; PIZZO, E.; STOFALETI, A.; ZADRA, N. DigTV, 2012.

Ensaio | Geraldo Filme | 1992, 53:34min., Direção: Fernando Faro, TV Cultura – Fundação Padre Anchieta, São Paulo, 1992.

Lavapés, a resistência do samba, 29:03min. POLTRONIERI, C.R.; RAVAGNANI, B.; SCAQUETTI, G.C. Trabalho de conclusão de curso – 4RTVC, Faculdade Cásper Líbero. São Paulo, 2012.

Lavapés: ancestralidade e permanência, 59:32min., ANDRÉ, C. M.; FRANZOLIN, C.; REICHERT, C.; RIOS, D.; VALENTIN, M. Grupo de Pesquisa Performatividades e Pedagogias – IA Unesp e Coletivo Mapa Xilográfico. São Paulo, 2017.

Samba à Paulista: fragmentos de uma história esquecida. Parte 1, 48:12min., TV Cultura – Fundação Padre Anchieta, São Paulo, 2007.

_____. Parte 2, 48:35min., TV Cultura – Fundação Padre Anchieta, São Paulo, 2007.

_____. Parte 3, 48:43min., TV Cultura – Fundação Padre Anchieta, São Paulo, 2007.

Uma cidade chamada Cidade Tiradentes. 26:04min. JAMRA, T.; LUDMER, L.; SANTIAGO, L.S.; TONE, B.. Secretaria Municipal de Cultura e Secretaria Municipal de Educação. São Paulo, 2004.

VAI-VAI: 80 anos nas ruas. 1h40min. CAPUANO, F. MA7 Filmes: São Paulo, 2015.

Páginas eletrônicas e acervos digitais

AMOVISA: <http://www.amoviza.org.br/>

ANELLI, Renato L. S. Redes de Mobilidade e Urbanismo em São Paulo: Das radiais/perimetrais do Plano de Avenidas à malha direcional PUB. <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/07.082/259>, março, 2007.

ACERVO DIGITAL BIBLIOTECA NACIONAL – HEMEROTECA DIGITAL: <http://bndigital.bn.go-v.br/hemeroteca-digital/>.

ACERVO DIGITAL FOLHA DE SÃO PAULO: <https://acervo.folha.com.br/index.do>.

ACERVO SASP - SOCIEDADE AMANTES DO SAMBA PAULISTA: http://www.carnavalpaulist-ano.com.br/A_CARNAVAIS.asp#.XYembChKiHs

CARTA DO SAMBA: <https://spiritosanto.wordpress.com/2012/11/28/a-carta-do-samba-e-o-i-congresso-nacional-do-samba-de-1962/>

CENTRO DE MEMÓRIA – CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO – SECRETARIA DE DOCUMENTAÇÃO: <http://www.saopaulo.sp.leg.br/memoria/>.

CESAD: <http://www.cesadweb.fau.usp.br/>

CIDADE TIRADENTES E A MEMÓRIA NEGRA. Folha de São Paulo. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff2109200303.htm>.

CIDADE TIRADENTES: O BAIRRO QUE MAIS PARECE UMA CIDADE. Prefeitura de São Paulo. Disponível em: https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/subprefeituras/cidade_tiradentes/historico/index.php?p=94.

FOLHA DA VILA PRUDENTE: <https://www.geoportal.com.br/MemoriaPaulista/>

GEOPORTAL MEMÓRIA PAULISTANA: <https://www.geoportal.com.br/MemoriaPaulista/>

GEOSAMPA: http://geosampa.prefeitura.sp.gov.br/PaginasPublicas/_SBC.aspx

MUSEU DA TV: <http://www.museudatv.com.br/o-carnaval-na-televisao/>

OS 20 DISTRITOS COM OS IDHS MAIS ALTOS E MAIS BAIXOS DE SÃO PAULO. Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/786534/os-20-distritos-com-os-idh-mais-altos-e-mais-baixos-de-sao-paulo>.

VIDAS PERIFÉRICAS. Disponível em: <http://agencia.fapesp.br/vidas-perifericas/8621/>.

VILA ZELINA: <https://vejasp.abril.com.br/cidades/vila-zelina-historia/>

Entrevistas

ADEMIR GOMES DA SILVA: Componente do Príncipe Negro. Entrevista realizada em 18-05-2019, em sua residência na Vila Ema.

DEMÉTRIO DIMITROV: Membro da Associação de Moradores da Vila Zelina – AMOVIZA. Entrevista realizada em 10-01-2020, na Padaria 'A Praça', na Praça da República Lituana.

JAIR CARDOSO NETO: Componente do Príncipe Negro. Pai de Santo fundador da Casa Cultural e Religiosa Afro Brasileira Ilê Axé Omo Odé. Entrevista realizada em 21-12-2019, no Mercado Municipal de Cidade Tiradentes.

MEIRE ACÁCIO: Ex componente do Príncipe Negro e residente desde o nascimento no endereço sede da Escola na Vila Prudente. Entrevista realizada em 18-08-2019, no Bar do Tonico, na Vila Prudente.

RITA MARIA ACÁCIO DA SILVA: Ex componente do Príncipe Negro e residente desde o nascimento no mesmo endereço, na Rua Coelho Barradas, na Vila Prudente. Entrevista realizada em 18-08-2019, na sua residência na Vila Prudente.

ROSINÉIA VIEIRA RODRIGUES: Componente do Príncipe Negro. Entrevistas realizadas em 31-03-2019 e 20-07-2019, em sua residência na Cidade Tiradentes.

ROSSIMARA VIEIRA ISAIAS: Atual presidente do Príncipe Negro. Entrevistas realizadas em 10-12-2016 e 26-01-2019, na sede da agremiação, na Cidade Tiradentes.

SANDRA REGINA DE SALES: Ex componente do Príncipe Negro e residente desde o nascimento no mesmo endereço, na Vila Prudente. Entrevista realizada em 24-08-2019, na sua residência na Vila Prudente.

VANDERLEI DA SILVA: Ex componente do Príncipe Negro e residente na rua Coelho Barradas. Entrevista realizada em sua residência na Vila Prudente.